



TESIS DOCTORAL

**PERFIL DE FORMACIÓN Y LIDERAZGO DE
ENTRENADORES EN EL ÁREA DEL
DEPORTE ADAPTADO - IMPLICACIÓN EN
LA AUTODETERMINACIÓN Y BIENESTAR
DE LOS DEPORTISTAS**

PEDRO RUI INÊS PIRES

CONFORMIDAD DE LOS DIRECTORES

Fdo. Dr. Sergio José Ibáñez Godoy

Fdo. Dra. Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita

Esta tesis cuenta con la autorización del director/a y codirector/a de la misma y de la Comisión Académica del programa. Dichas autorizaciones constan en el Servicio de la Escuela Internacional de Doctorado de la Universidad de Extremadura

**PROGRAMA DE DOCTORADO EN CIENCIAS DEL DEPORTE
2023**



TESIS DOCTORAL

**PERFIL DE FORMACIÓN Y LIDERAZGO DE
ENTRENADORES EN EL ÁREA DEL
DEPORTE ADAPTADO - IMPLICACIÓN EN
LA AUTODETERMINACIÓN Y BIENESTAR
DE LOS DEPORTISTAS**

PEDRO RUI INÊS PIRES

PROGRAMA DE DOCTORADO EN CIENCIAS DEL DEPORTE

2023



TESIS DOCTORAL

**PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE
TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO
ADAPTADO - IMPLICAÇÃO NA
AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS
DESPORTISTAS**

PEDRO RUI INÊS PIRES

CONFORMIDAD DE LOS DIRECTORES

Fdo. Dr. Sergio José Ibáñez Godoy

Fdo. Dra. Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita

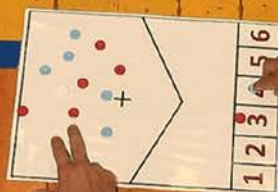
Esta tesis cuenta con la autorización del director/a y codirector/a de la misma y de la Comisión Académica del programa. Dichas autorizaciones constan en el Servicio de la Escuela Internacional de Doctorado de la Universidad de Extremadura

**PROGRAMA DE DOCTORADO EN CIENCIAS DEL DEPORTE
2023**

UNIVERSIDAD DE EXTREMADURA



Perfil de Formação e Liderança de Treinadores na Área do Desporto Adaptado - Implicação na Autodeterminação e Bem-estar dos Desportistas



PEDRO RUI INÊS PIRES

PROGRAMA DE DOCTORADO EN CIENCIAS DEL DEPORTE

Dedicado ...

*A todos os meus atletas por me ensinarem que o desporto não tem fronteiras, e
é de todos e para todos.*

*Ao meu avô, que com a sua personalidade peculiar me ensinou a ter cultura
desportiva*

Á D. Lina, por ser quem era

AGRADECIMENTOS

Esta tese de doutoramento surge como forma de dar visibilidade académica aos atletas com deficiência intelectual do movimento Special Olympics Portugal e da Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) de Castelo Branco. Quando do início da minha atividade profissional e, embora com especialidade em Desporto Adaptado, um dos grandes desafios foi consultar informações de qualidade para desenvolver desportivamente os meus atletas. Depois percebi que o desporto para eles era um veículo de transformação das suas vidas, e observei que a formação dos profissionais que trabalham com estes atletas era uma das fórmulas principais para a evolução destes atletas. Por último, esta tese pretende dar voz ativa aos atletas com deficiência intelectual.

Agradecer à minha família; a minha mãe por me ter ensinado e educado segundo a premissa “Liberdade máxima, responsabilidade máxima”. Para além, por me fazer acreditar em mim e que o talento não é mais que “1% inspiração e 99% transpiração” (Thomas Edison). Ao paizinho mais bonzinho do mundo, por me ter escolhido como filho. E ao meu irmão, por ser a pessoa que mais amo neste mundo, e por ter o dom de me ensinar a partilhar. À minha companheira, por estar sempre ao meu lado em todos os momentos, por me levantar quando caio e por me dar um abraço quando tudo estava bem. À minha avó, por ser sempre ela mesma.

Aos diretores da minha tese Professor Sérgio Ibàñez e Professora Helena Mesquita. Ao professor Sérgio por aceitar o tema e todas as minhas ideias e por me ensinar a colocá-las nas caixas. À professora Helena por ser a pessoa que acreditou em mim sem hesitar, desde o 1º dia que me sentei na sua aula.

À Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) de Castelo Branco, na pessoa da sua Presidente Dra. Maria de Lourdes Pombo, por toda a disponibilidade e motivação e por me ter aberto as portas, dando-me a liberdade suficiente para realizar esta viagem de acordo com os objetivos delineados. Sem este excelente apoio não teria sido possível a concretização deste trabalho.

As diretoras e colegas da APPACDM e a todos os meus amigos, pelas aprendizagens, partilha de ideias e de experiências, solidariedade e amizade.

Ao Special Olympics Portugal por me permitir fazer o estudo com os atletas.

À Rita, Daniel e Diogo por serem os meus amigos de sempre e para sempre. Ao ti Gil e ti Lina por serem os meus tios emprestados. E ao mais recente membro da família à Amelinha pelo seu sorriso. Fazes rir o tio mais vezes. Ao Sir pelos ensinamentos que me transmitiu.

A todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização dos 5 estudos desta tese de doutoramento. E a todos e todas que de alguma forma contribuíram com conselhos, ideias e inovações.

AGRADECIMENTOS INSTITUCIONAIS

O trabalho foi desenvolvido na Universidade da Extremadura, na Faculdade Ciências de Desporto no Grupo de Otimização do Treino e Rendimento Desportivo.



Agradecer a minha entidade patronal a Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) de Castelo Branco, pela disponibilidade demonstrada ao longo deste período.

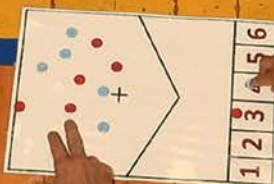


Agradecer à Universidade da Beira Interior, bem como ao Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD) pelo acolhimento da estância internacional



Facultad de Ciencias del Deporte
Universidad de Extremadura

fcd



INDICES

PROGRAMA DE DOCTORADO EN CIENCIAS DEL DEPORTE

Índice

ÍNDICE	I
ÍNDICE DE TABELAS	VII
ÍNDICE DE FIGURAS	IX
ÍNDICE DE ABREVIATURAS.....	XI
RESUMO.....	3
RESUMEN	6
ABSTRACT.....	9
CAPÍTULO 1. INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 2. MARCO TEÓRICO	29
2.1. DESPORTO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	29
2.1.1. ORIGEM.....	29
2.1.2. ORGANIZAÇÃO DO DESPORTO ADAPTADO EM PORTUGAL.....	31
2.1.3. CLASSIFICAÇÃO DESPORTIVA.....	34
2.2. DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E <i>SPECIAL OLYMPICS</i>	36
2.2.1. DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	36
2.2.2. <i>SPECIAL OLYMPICS</i> - ENQUADRAMENTO GERAL	38
2.3. FORMAÇÃO EM DESPORTO ADAPTADO	40
2.3.1. FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE DESPORTO ADAPTADO EM PORTUGAL	41
2.3.2. FORMAÇÃO ACADÉMICA NO DESPORTO ADAPTADO EM PORTUGAL	44
2.3.2.1. <i>CTESP</i>	48
2.3.2.2. <i>LICENCIATURAS</i>	49
2.3.2.3. <i>MESTRADOS</i>	50
2.3.2.4. <i>DOCTORAMENTOS</i>	51
2.3.3. DESPORTO ADAPTADO NA FORMAÇÃO DE TREINADORES EM PORTUGAL	52
2.4. DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DE DESPORTO ADAPTADO.....	59
2.4.1. <i>FORMAÇÃO E PERFIL DOS PROFISSIONAIS DE DESPORTO ADAPTADO</i>	59
2.4.2. ESTILOS DE DECISÃO E PLANIFICAÇÃO DE DESPORTO ADAPTADO	61
2.4.4. PAPEL DO DESPORTO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS ATLETAS COM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	63

CAPÍTULO 3. OBJETIVOS.....	69
3.1. ORIGEM E PLANEAMENTO DA INVESTIGAÇÃO	69
CAPÍTULO 4. INSTRUMENTOS	78
4.1. DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS.....	78
CAPÍTULO 5. DESENVOLVIMENTOS DOS ESTUDOS.....	91
5.1. OBJETIVO I: SINTETIZAR E COMPREENDER AS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS QUALITATIVAS PUBLICADAS ANTERIORMENTE ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA DO TREINADOR DE DESPORTO ADAPTADO (TDA).....	91
5.1.1. ESTUDO I: DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA DOS TREINADORES DE DESPORTO ADAPTADO: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA DE EVIDÊNCIAS QUALITATIVAS ..	91
5.1.1.1. JUSTIFICAÇÃO	91
5.1.1.2. MÉTODO.....	91
5.1.1.3. RESULTADOS.....	95
5.2. OBJETIVO II: IDENTIFICAR AS VIAS DE FORMAÇÃO E O PERFIL DO TREINADOR DE DESPORTO ADAPTADO QUE EXERCEM AS SUAS FUNÇÕES COM ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL.	117
5.2.1. ESTUDO II: FORMAÇÃO E PERFIL DOS TREINADORES DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL: INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL..	117
5.2.1.1. JUSTIFICAÇÃO	117
5.2.1.2. MÉTODO.....	117
5.2.1.3. RESULTADOS.....	121
5.3. OBJETIVO III: IDENTIFICAR OS ESTILOS DE DECISÃO E PLANIFICAÇÃO DOS TREINADORES DE DESPORTO ADAPTADO QUE EXERCEM AS SUAS FUNÇÕES COM ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL.....	125
5.3.1. ESTUDO III: ESTILO DE DECISÃO E PLANIFICAÇÃO DOS TREINADORES DO SPECIAL OLYMPICS PORTUGAL: INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL	125
5.3.1.1. JUSTIFICAÇÃO	125
5.3.1.2. MÉTODO.....	129
5.3.1.3. RESULTADOS.....	129
5.4. OBJETIVO IV: IDENTIFICAR A AUTOPERCEÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DO TDADI, BEM COMO A PERCEÇÃO DOS ATLETAS SOBRE OS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DO TREINADOR.....	134
5.4.1. ESTUDO IV: AUTOPERCEÇÃO E PERCEÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DOS TREINADORES DOS SPECIAL OLYMPICS PORTUGAL	134
5.4.1.1. JUSTIFICAÇÃO	134

5.4.1.2. MÉTODO.....	135
5.4.1.3. RESULTADOS.....	139
5.5. OBJETIVO V: CARATERIZAR OS ATLETAS RELATIVAMENTE ÀS SUAS DETERMINANTES MOTIVACIONAIS, BEM COMO NO QUE DIZ RESPEITO ÀS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS BÁSICAS, SATISFAÇÃO COM A VIDA E AFETOS DOS ATLETAS COM DI.....	144
5.5.1. ESTUDO V: RELAÇÃO DA FORMAÇÃO FORMAL NA LIDERANÇA DOS TREINADORES E NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL	144
5.5.1.1. JUSTIFICAÇÃO	144
5.5.1.2. MÉTODO.....	144
5.5.1.3. RESULTADOS.....	149
5.6. RESULTADOS GERAIS DOS ESTUDOS QUE COMPÕEM OS OBJETIVOS DA TESE DE DOUTORAMENTO	153
CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO.....	164
6.1. OBJETIVO I: SINTETIZAR E COMPREENDER AS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS QUALITATIVAS PUBLICADAS ANTERIORMENTE ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA DO TREINADOR DE DESPORTO ADAPTADO (TDA).....	164
6.2. OBJETIVO II: IDENTIFICAR AS VIAS DE FORMAÇÃO E O PERFIL DO TREINADOR DE DESPORTO ADAPTADO QUE EXERCEM AS SUAS FUNÇÕES COM ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.	166
6.3. OBJETIVO III: IDENTIFICAR OS ESTILOS DE DECISÃO E PLANIFICAÇÃO DOS TREINADORES DE DESPORTO ADAPTADO QUE EXERCEM AS SUAS FUNÇÕES COM ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	168
6.4. OBJETIVO IV: IDENTIFICAR A AUTOPERCEÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DO TDADI, BEM COMO A PERCEÇÃO DOS ATLETAS SOBRE OS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DO TREINADOR.....	170
6.5. OBJETIVO V: CARATERIZAR OS ATLETAS RELATIVAMENTE ÀS SUAS DETERMINANTES MOTIVACIONAIS, BEM COMO NO QUE DIZ RESPEITO ÀS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS BÁSICAS, SATISFAÇÃO COM A VIDA E AFETOS DOS ATLETAS COM DI.....	172
6.6. DISCUSSÃO GERAL DOS ESTUDOS	175
CAPÍTULO 7. CONCLUSÕES E APLICAÇÕES PRÁTICAS.....	184
7.1. CONCLUSÕES E APLICAÇÕES PRÁTICAS	184
7.1.1. OBJETIVO I: SINTETIZAR E COMPREENDER AS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS QUALITATIVAS PUBLICADAS ANTERIORMENTE ACERCA DO DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA DO TREINADOR DE DESPORTO ADAPTADO (TDA).....	184

7.1.2. OBJETIVO II: IDENTIFICAR AS VIAS DE FORMAÇÃO E O PERFIL DO TREINADOR DE DESPORTO ADAPTADO QUE EXERCEM AS SUAS FUNÇÕES COM ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.	185
7.1.3. OBJETIVO III: IDENTIFICAR OS ESTILOS DE DECISÃO E PLANIFICAÇÃO DOS TREINADORES DE DESPORTO ADAPTADO QUE EXERCEM AS SUAS FUNÇÕES COM ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	186
7.1.4. OBJETIVO IV: IDENTIFICAR A AUTOPERCEÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DO TDADI, BEM COMO A PERCEÇÃO DOS ATLETAS SOBRE OS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DO TREINADOR.....	187
7.1.5. OBJETIVO V: CARACTERIZAR OS ATLETAS RELATIVAMENTE ÀS SUAS DETERMINANTES MOTIVACIONAIS, BEM COMO NO QUE DIZ RESPEITO ÀS NECESSIDADES PSICOLÓGICAS BÁSICAS, SATISFAÇÃO COM A VIDA E AFETOS DOS ATLETAS COM DI.	189
7.2. CONCLUSÕES GERAIS DOS ESTUDOS QUE COMPÕEM OS OBJETIVOS DA PRESENTE TESE DE DOUTORAMENTO	190
CAPÍTULO 8. FORÇAS, LIMITAÇÕES E PERSPETIVAS DE FUTURO.....	198
8.1. PONTOS FORTES, LIMITAÇÕES E PERSPETIVAS PARA O FUTURO	198
CAPÍTULO 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	204
CAPÍTULO 10. ARTIGOS COMPLETOS.....	222
10.1. ESTUDO I: DESENVOLVIMENTO DA CARREIRA DOS TREINADORES DE DESPORTO ADAPTADO: REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA DE EVIDÊNCIAS QUALITATIVAS	222
10.2. ESTUDO II: FORMAÇÃO E PERFIL DOS TREINADORES DE ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: INFLUENCIA DA FORMAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL	236
10.3. ESTUDO III: ESTILO DE DECISÃO E PLANIFICAÇÃO DOS TREINADORES DO SPECIAL OLYMPICS PORTUGAL: INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL.....	248
10.4. ESTUDO IV: AUTOPERCEÇÃO E PERCEÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DOS TREINADORES DOS <i>SPECIAL OLYMPICS</i> PORTUGAL.....	259
10.5. ESTUDO V: RELAÇÃO DA FORMAÇÃO FORMAL NA LIDERANÇA DOS TREINADORES E NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS ATLETAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL.....	269
CAPÍTULO 11. ANEXOS.....	282
ANEXO 1- ESTABELECIMENTO DE ENSINO SUPERIOR POR CICLO DE ESTUDOS (NÚMERO DE CURSO POR CICLO) RELACIONADOS COM AS CIÊNCIAS DO DESPORTO E COM A FORMAÇÃO EDUCACIONAL GERAL EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	282
ANEXO 3- ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR COM UC RELACIONADAS COM O DESPORTO ADAPTADO NO CICLO DE ESTUDO DE LICENCIATURA	289

ANEXO 4- ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR COM UC RELACIONADAS COM O DESPORTO ADAPTADO NO CICLO DE ESTUDO MESTRADO	294
ANEXO 5- ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR COM UC RELACIONADAS COM O DESPORTO ADAPTADO NO CICLO DE ESTUDO DOUTORAMENTO	298
ANEXO 6- ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR COM FORMAÇÕES ESPECIALIZADAS NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO	300
ANEXO 7- COACHES TRAINING PROFILE QUESTIONNAIRE	303
ANEXO 8- COACHES' ORIENTATION QUESTIONNAIRE.....	310
ANEXO 9- STYLE DECISION OF SPORT QUESTIONNAIRE.....	313
ANEXO 10- PLANNING STYLE OF SPORT QUESTIONNAIRE.....	314
ANEXO 11- ESCALA DE LIDERANÇA NO DESPORTO - VERSÃO AUTO-PERCEÇÃO	315
ANEXO 12- ESCALA DE LIDERANÇA NO DESPORTO – VERSÃO PERCEÇÃO	318
ANEXO 13- BEHAVIORAL REGULATION IN SPORT QUESTIONNAIRE	321
ANEXO 14- PSYCHOLOGICAL NEEDS IN EXERCISE SCALE.....	322
ANEXO 15- SATISFACTION WITH LIFE SCALE.....	323
ANEXO 16- POSITIVE AND NEGATIVE AFFECTS SCALE (PANAS).....	324
ANEXO 18- CERTIFICADO BIOÉTICA 238/2019	326
ANEXO 19- PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO SOP	327
ANEXO 20- CONSENTIMENTO INFORMADO	328

*PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS*

Índice de Tabelas

TABELA 1- CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DO PROGRAMA DOUTORAL.....	16
TABELA 2- RELAÇÃO ENTRE OS OBJETIVOS PLANEADOS E OS ESTUDOS REALIZADOS	20
TABELA 3- CLASSIFICAÇÃO DESPORTIVA FORMAS DE AVALIAÇÃO E CRITÉRIO	36
TABELA 4- TIPO DE ESTABELECIMENTO DE ENSINO SUPERIOR COM CURSOS SUPERIORES RELACIONADOS COM AS CIÊNCIAS DO DESPORTO E COM FORMAÇÃO EDUCACIONAL GERAL EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA	45
TABELA 5- RELAÇÃO DA CARGA HORÁRIA DAS DIFERENTES COMPONENTES DE FORMAÇÃO E RENOVAÇÃO DA CÉDULA DE TREINADORES.....	53
TABELA 6- DESPORTO ADAPTADO: SUBUNIDADES E CARGA HORÁRIA	54
TABELA 7- UNIDADE DE FORMAÇÃO DE DESPORTO ADAPTADO: OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS.....	55
TABELA 8- SUBUNIDADE DAS COMPETÊNCIAS DE SAÍDA E CRITÉRIOS DE EVIDENCIA DO GRAU I	57
TABELA 9- SUBUNIDADE DAS COMPETÊNCIAS DE SAÍDA E CRITÉRIOS DE EVIDENCIA DO GRAU II	58
TABELA 10- DEFINIÇÃO DOS MODELOS DE TREINADORES: FORMAÇÃO E PERFIL.....	80
TABELA 11- DEFINIÇÃO DOS MODELOS DE TREINADORES: DECISÃO E PLANIFICAÇÃO	82
TABELA 12- DEFINIÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA.....	84
TABELA 13- DESCRIÇÃO DOS INSTRUMENTOS BRSQ; BPNES; SWLS E PANAS ...	85
TABELA 14- DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS DE PESQUISA E CRITÉRIOS DE ELEGIBILIDADE COM BASE NO ACRÓNIMO SPIDER	92
TABELA 15- CARACTERÍSTICAS DESCRITIVAS DOS ESTUDOS INCLUÍDOS	98
TABELA 16- AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DOS ESTUDOS INCLUÍDOS.....	106
TABELA 17- CATEGORIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS DA FORMAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL	119
TABELA 18- VALOR F, SIGNIFICÂNCIA E H ²	123
TABELA 19- CATEGORIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS DA FORMAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL	127
TABELA 20- PROCEDIMENTO PARA A RECOLHA DE DADOS.....	127
TABELA 21- RESULTADOS DA ANÁLISE DAS DIFERENÇAS ENTRE OS ESTILOS DE DECISÃO E PLANIFICAÇÃO DOS TDADI	132

TABELA 22-VALOR P, P-VALUE E H2 CONSOANTE A FORMAÇÃO FORMAL. (1) FORMAÇÃO TÉCNICA; (2) EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO; (3) FORMAÇÃO DA ÁREA DA DEFICIÊNCIA 142

TABELA 23-DEFINIÇÃO DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO ESTUDO: LSS; BRSQ; BPNES; SWLS E PANAS 147

TABELA 24-ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS COM A FORMAÇÃO FORMAL. FORMAÇÃO DOS TREINADORES: FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA / CIÊNCIAS DO DESPORTO; FORMAÇÃO NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA; FORMAÇÃO TÉCNICA. 150

TABELA 25-VALOR P, P-VALUE E H2 CONSOANTE A FORMAÇÃO FORMAL. (1) FORMAÇÃO TÉCNICA; (2) FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO; (3) FORMAÇÃO NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA..... 151

Índice de Figuras

FIGURA 1- DESENVOLVIMENTO CONCEPTUAL SOBRE AS PESSOAS COM CONDIÇÃO DE DEFICIÊNCIA	32
FIGURA 2- ORGANIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS PARALÍMPICOS E SURDOLÍMPICOS	33
FIGURA 3- ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO SPECIAL OLYMPICS.....	33
FIGURA 4- ORGANIZAÇÃO DESPORTO ADAPTADO EM PORTUGAL.....	34
FIGURA 5- ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR COM UC RELACIONADAS COM O DESPORTO ADAPTADO	47
FIGURA 6- ESTABELECIMENTOS DE ENSINO COM UC RELACIONADAS COM O DESPORTO ADAPTADO NOS CTeSP	48
FIGURA 7- ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR COM UC DE DESPORTO ADAPTADO NO MESTRADO	50
FIGURA 8- ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR COM UC DE DESPORTO ADAPTADO NO MESTRADO	51
FIGURA 9- DOUTORAMENTOS E PÓS-GRADUAÇÕES ESPECIALIZADAS NO DESPORTO ADAPTADO.....	52
FIGURA 10- ESQUEMA DO MODELO 3+1 Cs PASSO A PASSO (JOWETT & LAVALLEE, 2007).....	70
FIGURA 11- PLANEAMENTO DOS OBJETIVOS DA TESE.....	75
FIGURA 12- INSTRUMENTOS DA TESE POR ARTIGOS	87
FIGURA 13- FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE SELEÇÃO DE ESTUDOS	96
FIGURA 14- MODELO CONCEPTUAL SOBRE O PERCURSO DE FORMAÇÃO E PROFISSIONAL DO TREINADOR DE DESPORTO ADAPTADO	109
FIGURA 15- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE O PERFIL COM A FORMAÇÃO FORMAL.....	121
FIGURA 16- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO COM A FORMAÇÃO FORMAL.....	122
FIGURA 17- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE O PERFIL COM A FORMAÇÃO NÃO FORMAL	122
FIGURA 18- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE A FORMAÇÃO COM A FORMAÇÃO NÃO FORMAL	123
FIGURA 19- CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS PERFIL E FORMAÇÃO DOS TDADI	124
FIGURA 20- PARTICIPANTES NO ESTUDO RELATIVO AO ARTIGO III	126

FIGURA 21- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE OS ESTILOS DE DECISÃO COM A FORMAÇÃO FORMAL. FORMAÇÃO DOS TREINADORES: EDUCAÇÃO FÍSICA / CIÊNCIAS DO DESPORTO (EF/CD); FORMAÇÃO NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA (FD); FORMAÇÃO TÉCNICA (FT).	130
FIGURA 22- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE OS ESTILOS DE PLANIFICAÇÃO COM A FORMAÇÃO FORMAL. FORMAÇÃO DOS TREINADORES: EDUCAÇÃO FÍSICA / CIÊNCIAS DO DESPORTO (EF/CD); FORMAÇÃO NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA (FD); FORMAÇÃO TÉCNICA (FT). * $<.05$	130
FIGURA 23- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE OS ESTILOS DE DECISÃO COM FORMAÇÃO NÃO FORMAÇÃO FORMAL. NÚMERO DE AÇÕES: NENHUM; 1 AÇÃO; [2-3] AÇÕES; [4-5] AÇÕES; 6+ AÇÕES.....	131
FIGURA 24- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE OS ESTILOS DE PLANIFICAÇÃO COM FORMAÇÃO NÃO FORMAÇÃO FORMAL. NÚMERO DE AÇÕES: NENHUM; 1 AÇÃO; [2-3] AÇÕES; [4-5] AÇÕES; 6+ AÇÕES.....	131
FIGURA 25- CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS DO ESTILO DE DECISÃO E ESTILOS DE PLANIFICAÇÃO DOS TREINADORES DOS SPECIAL OLYMPICS PORTUGAL	133
FIGURA 26- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE OS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA NA VERSÃO AUTOPERCEÇÃO COM A FORMAÇÃO FORMAL DOS TREINADORES. FORMAÇÃO DOS TREINADORES: EDUCAÇÃO FÍSICA / CIÊNCIAS DO DESPORTO (EF/CD); FORMAÇÃO NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA (FD); FORMAÇÃO TÉCNICA (FT). * $<.05$	140
FIGURA 27- ESTATÍSTICA DESCRITIVA DA RELAÇÃO ENTRE OS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA NA VERSÃO PERCEÇÃO COM A FORMAÇÃO FORMAL DOS TREINADORES. FORMAÇÃO DOS TREINADORES: EDUCAÇÃO FÍSICA / CIÊNCIAS DO DESPORTO (EF/CD); FORMAÇÃO NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA (FD); FORMAÇÃO TÉCNICA (FT). * $<.05$	141
FIGURA 28- CORRELAÇÕES ENTRE AS VARIÁVEIS DO COMPORTAMENTO DE LIDERANÇA DOS TREINADORES NA VERSÃO AUTOPERCEÇÃO E PERCEÇÃO	143
FIGURA 29- RESULTADOS GERAIS DA TESE POR OBJETIVOS E ARTIGOS	159
FIGURA 30- DISCUSSÃO GERAL DA TESE POR OBJETIVOS E ARTIGO	180
FIGURA 31- CONCLUSÃO GERAL DA TESE POR OBJETIVOS E ARTIGOS.....	194

Índice de Abreviaturas

ANDD'S	Associação Nacionais de Desporto	FPDD	Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência
ANDDEMOT	Associação Nacional de Desporto para Deficientes Motores	FT	Formação Técnica
ANDDI	Associação Nacional de Desporto para o Desenvolvimento Intelectual	LPDS	Liga Portuguesa de Surdos
ANDDVIS	Associação Nacional de Desporto para Pessoas com Deficiência Visual	LSS	Leadership Scale for Sport
BPNES	Psychological Needs in Exercise Scale	PANAS	Positive and Negative Affects Scale
BRSQ	Sport Questionnaire	PCAND	Paralisia Cerebral- Associação Nacional de Desporto
CASP	Critical Appraisal Skills Programme Qualitative	PRISMA	Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses
COI	Comité Paralímpico Internacional	PSSQ	Planning Style of Sport Questionnaire
COQ	Coaches' Orientation Questionnaire	QPFT	Coaches' Training Profile Questionnaire
CPP	Comité Paralímpico de Portugal	SDSQ	Style Decision of Sport Questionnaire
CTSP	Cursos Técnicos Superiores Profissionais	SO	Special Olympics
DA	Desporto Adaptado	SOI	Special Olympics International

*PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS*

DI	Deficiência Intelectual	SOP	Special Olympics Portugal
DSM	Diagnostic and Statistical Manual of Disorders	SPIDER	Sample, Phenomenon of Interest, Design, Evaluation and Research type
ECTS	European Credit Transfer System	SWLS	Satisfaction with Life Scale
EF/ CD	Educação Física / Ciências do Desporto	TDA	Treinador de Desporto Adaptado
ENTREQ	Enhancing Transparency in Reporting the Synthesis of Qualitative Research	TDADI	Treinadores de Desporto Adaptado de atletas com Deficiência Intelectual
FD	Formação na área da deficiência	UC	Unidades Curriculares

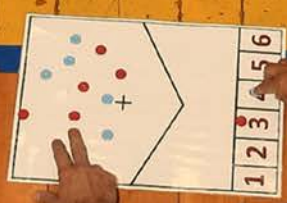
ABREVITIRAS ESTATÍSTICAS

r	Coeficiente de correlação amostral
<	Menor a.
±	Isso significa que adicionamos e subtraímos o valor à direita do sinal bem como à esquerda deste sinal, para obter dois diferentes valores. Assim, $x \pm y$ nos fornece $(x + y)$ e $(x - y)$
≤	Menor ou igual a.
E	Erro máximo da estimativa
F	variável estatística de Fisher, a qual é uma função definida pelo quociente entre duas estimativas de variâncias supostas independentes
n	Número de sujeitos na amostra
p	Significância
r _s	Coeficiente de correlação ordinal de Spearman dos valores observados
$z_{\alpha/2}$	Valor crítico correspondente ao intervalo de confiança
α	Alfa de Cronbach
η ²	Efeito do índice do tamanho
σ	Desvio padrão
\bar{x}	Média

*PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS*

Facultad de Ciencias del Deporte
Universidad de Extremadura

fcd



RESUMO / RESUMEN / ABSTRACT

*PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS*

RESUMO

O principal objetivo da presente Tese de Doutorado é identificar o perfil de formação e liderança de treinador na área de desporto adaptado e implicação na autodeterminação e bem-estar dos desportistas com condição de deficiência intelectual. Desta forma operacionalizaram-se cinco Objetivos Gerais e onze Objetivos Específicos: 1 Sintetizar e compreender as evidências empíricas qualitativas publicadas anteriormente acerca do desenvolvimento da carreira do Treinador de Desporto Adaptado; objetivo 1.1: Desenvolvimento de um modelo conceptual sobre o percurso de formação e profissional do Treinador de desporto adaptado. Este conjunto de objetivos deram origem o estudo I que aborda o desenvolvimento da carreira dos treinadores de Desporto Adaptado: revisão sistemática de literatura de evidências qualitativas. Relativamente às conclusões foram utilizados nove estudos, utilizando a síntese temática para sintetizar e compreender as competências necessárias durante o desenvolvimento da carreira dos treinadores de desporto adaptado. A sistematização operacionalizou-se com os resultados dos estudos incluindo, onde foi perceptível indagar que o percurso do treinador se efetua em fases distintas que integram mutuamente entre elas e são referentes à progressão de aprendizagem na formação da carreira do treinador.

O Objetivo Geral 2 foi identificar as vias de formação e o perfil do treinador de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual. Estabeleceram-se três objetivos específicos. Objetivos Específicos 2.1: Examinar a relação da formação formal no perfil e formação dos treinadores de desporto adaptado de atletas com deficiência intelectual. Objetivos Específicos 2.2: Examinar a relação da formação não formal no perfil e formação dos treinadores. Objetivo Específico 2.3: Analisar as correlações existentes entre o perfil e a formação. Este grupo de objetivos concretizou-se na realização do estudo II intitulado de Formação e perfil dos treinadores de atletas com Deficiência Intelectual: Influencia da Formação Formal e Não formal. Os resultados revelam que os treinadores apresentam um perfil misto, onde predomina o perfil crítico, inovador e dialogador. No parâmetro da formação todos os treinadores utilizam a formação académica como fonte mais recorrente.

Quanto ao Objetivo Geral 3 foi identificar os estilos de decisão e planificação dos treinadores de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual. Neste contexto foram delineados três objetivos específicos. Objetivos Específicos 3.1: Examinar a relação da formação formal nos estilos de decisão e planificação do treinador de atletas com deficiência intelectual. Objetivo Específicos 3.2: Examinar a relação da formação não formal nos estilos de decisão e planificação dos treinadores. Objetivos Específicos 3.3: Analisar as correlações existentes entre os estilos de decisão e planificação dos treinadores. Todos estes objetivos foram consagrados no estudo III com o título de Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal: Influência da formação formal e não formal. Os resultados demonstram que os treinadores do Special Olympics Portugal possuem um amplo espectro de estilos de atuação no treino, predominando os estilos de decisão democrático e planificação flexível. Esta situação implica que os treinadores desta área são mais reflexivos, necessitando de adaptar as suas metodologias para trabalhar com os atletas e procurar novas soluções, de forma a adaptarem o treino às necessidades efetivas dos desportistas.

No Objetivo Geral 4 analisaram-se os comportamentos de liderança dos treinadores que trabalham com atletas com deficiência intelectual. Para este efeito, definiu-se como objetivo principal identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança dos treinadores, bem como a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador. Para aprofundar esta temática desenvolveram-se três Objetivos Específicos 4.1: Examinar a relação entre a autoperceção dos comportamentos de liderança com a formação formal dos treinadores. Objetivos Específicos 4.2: Examinar a relação entre a perceção dos comportamentos de liderança com a formação formal dos treinadores. Objetivo Específicos 4.3: Analisar as correlações existentes entre a autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança. Esta formulação de objetivos originou o estudo IV com o título de Autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança dos treinadores dos Special Olympics Portugal: influência da formação formal. Perante os resultados obtidos constata-se que nas versões analisadas, os treinadores de atletas com deficiência intelectual apresentam mais comportamentos de liderança nas dimensões de reforço, treino instrução e suporte social. Os treinadores com formação específica na área da

deficiência têm comportamentos mais adequados às características necessidades específicas dos atletas.

O último objetivo 5 é centrado nos atletas com deficiência intelectual, sendo assim desenvolvido o estudo V “Relação da formação formal na liderança dos treinadores e na autodeterminação e bem-estar dos atletas com deficiência intelectual”. A finalidade principal do Objetivo Geral 5 foi caracterizar os atletas relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com deficiência intelectual. Em termos específicos, analisamos a relação entre a formação formal dos treinadores e necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com deficiência intelectual. Consta-se que na liderança os treinadores percebem-se como uma liderança tendencialmente mais para o reforço e treino-instrução. Os resultados revelam que os atletas têm uma motivação autónoma para o desporto, privilegiam a autonomia proporcionada pela atividade desportiva. Estas premissas permitem que os atletas apresentem valores elevados de satisfação com a vida e afetos positivos. Em suma, o desporto para os atletas com deficiência intelectual tem um efeito transformador, não só no contexto desportivo como social.

Como conclusão geral da Tese é essencial que a formação na área do desporto adaptado seja mais acessível a todos para difundir o conhecimento e melhorar todo o processo em torno do desporto adaptado. Deste modo, não é necessário efetuar uma separação e segregação de uma particularidade desportiva, mas sim incluí-la na globalidade da esfera formativa do desporto. Isto iria permitir, que o desporto adaptado fosse difundido e aplicado de uma forma eficaz, minimizando os custos de uma formação específica.

RESUMEN

El objetivo principal de esta Tesis Doctoral fue identificar el perfil de formación y liderazgo de los entrenadores en el ámbito del deporte adaptado y su implicación en la autodeterminación y bienestar de los deportistas con discapacidad intelectual. Así, se operacionalizaron cinco Objetivos Generales y once Objetivos Específicos. Objetivo General 1, Sintetizar y comprender la evidencia empírica cualitativa previamente publicada sobre el desarrollo profesional del Entrenador de Deportes Adaptados. Objetivo Específico 1.1: Desarrollo de un modelo conceptual sobre la formación y trayectoria profesional del Entrenador de Deportes Adaptados. Este conjunto de objetivos dieron origen al estudio I, que aborda el desarrollo profesional de los entrenadores de deportes adaptados: revisión bibliográfica sistemática de pruebas cualitativas. En cuanto a las conclusiones, se utilizaron nueve estudios, empleando la síntesis temática para sintetizar y comprender las competencias necesarias durante el desarrollo profesional de los entrenadores de deporte adaptado. La sistematización se operacionalizó con los resultados de los estudios incluidos, en los que fue posible investigar que el itinerario del coach tiene lugar en distintas fases que se integran mutuamente y se refieren a la progresión del aprendizaje en el desarrollo de la carrera del coach.

El objetivo principal del Objetivo General 2 fue identificar las trayectorias formativas y el perfil de los entrenadores de deporte adaptado que trabajan con deportistas con discapacidad intelectual. Se establecieron tres objetivos específicos. Objetivo Específico 2.1: Examinar la relación de la formación formal en el perfil y formación de entrenadores de deporte adaptado de atletas con discapacidad intelectual. Objetivo Específico 2.2: Examinar la relación de la formación no formal en el perfil y formación de entrenadores. Objetivo Específico 2.3: Analizar las relaciones existentes entre perfil y formación. Este conjunto de objetivos se materializó en la realización del estudio II titulado Formación y perfil de los entrenadores de deportistas con Discapacidad Intelectual: Influencia de la Formación Formal y No Formal. Los resultados revelan que los formadores tienen un perfil mixto, en el que predomina el perfil crítico, innovador y dialogante. En el parámetro de la formación, todos los entrenadores utilizan la formación académica como fuente más recurrente.

El propósito del Objetivo General 3 fue identificar los estilos de decisión y planificación de los entrenadores de deportes adaptados que trabajan con deportistas con discapacidad intelectual. En este contexto, se trazaron tres objetivos específicos. Objetivo Específico 3.1: Examinar la relación entre la formación formal en los estilos de toma de decisiones y planificación de los entrenadores de deportistas con discapacidad intelectual. Objetivo Específico 3.2: Examinar la relación entre la formación no formal en los estilos de toma de decisiones y planificación de los entrenadores. Objetivo Específico 3.3: Analizar las correlaciones entre los estilos de toma de decisiones y planificación de los entrenadores. Todos estos objetivos se plasmaron en el estudio III con el título *Estilos de decisión y planificación de los entrenadores de Special Olympics Portugal: la influencia de la formación formal y no formal*. Los resultados muestran que los entrenadores de Special Olympics Portugal tienen una amplia gama de estilos de entrenamiento, con predominio de los estilos democrático de toma de decisiones y flexible de planificación. Esta situación implica que los entrenadores de esta área sean más reflexivos, necesitando adaptar sus metodologías para trabajar con los atletas y buscar nuevas soluciones, con el fin de adaptar el entrenamiento a las necesidades efectivas de los atletas.

En el Objetivo General 4 se analizaron los comportamientos de liderazgo de los entrenadores que trabajan con deportistas con discapacidad intelectual. Para ello, el objetivo principal fue identificar la autopercepción de los comportamientos de liderazgo de los entrenadores, así como la percepción de los deportistas de los comportamientos de liderazgo de los entrenadores. Para profundizar en este tema, se desarrollaron tres objetivos específicos. Objetivo Específico 4.1: Examinar la relación entre las autopercepciones de los entrenadores sobre los comportamientos de liderazgo y su formación formal. Objetivo Específico 4.2: Examinar la relación entre las percepciones de los entrenadores sobre los comportamientos de liderazgo y su formación formal. Objetivo Específico 4.3: Analizar las correlaciones entre las autopercepciones de los entrenadores y las percepciones sobre los comportamientos de liderazgo. Esta formulación de objetivos dio lugar al estudio IV, titulado *Autopercepción y percepción de los comportamientos de liderazgo de los entrenadores de Special Olympics Portugal: influencia de la formación reglada*. A la vista de los resultados obtenidos, encontramos que, en las versiones analizadas, los entrenadores de

deportistas con discapacidad intelectual mostraron más conductas de liderazgo en las dimensiones de refuerzo, entrenamiento, instrucción y apoyo social. Los entrenadores con formación específica en el ámbito de la discapacidad tienen comportamientos más adecuados a las características y necesidades específicas de los deportistas.

El último Objetivo General 5 se centró en los atletas con discapacidad intelectual, por lo que se desarrolló el estudio V: "Relación de la formación formal en liderazgo y autodeterminación de los entrenadores y el bienestar de los atletas con discapacidad intelectual". La finalidad principal del Objetivo General 5 fue caracterizar a los deportistas en cuanto a sus determinantes motivacionales, así como en cuanto a las necesidades psicológicas básicas, la satisfacción vital y los afectos de los deportistas con discapacidad intelectual. En concreto, analizamos la relación entre la educación formal de los entrenadores y las necesidades psicológicas básicas, la satisfacción vital y los afectos de los deportistas con discapacidad intelectual. Se constata que en el liderazgo los entrenadores se perciben a sí mismos como líderes tendiendo más hacia el refuerzo y el coaching-instrucción. Los resultados revelan que los deportistas tienen una motivación autónoma por el deporte y favorecen la autonomía que les proporciona la actividad deportiva. Estas premisas permiten a los deportistas mostrar altos valores de satisfacción vital y afectos positivos. En resumen, el deporte para los atletas con discapacidad intelectual tiene un efecto transformador, no sólo en el contexto deportivo sino también en el social.

Como conclusión general de la Tesis, es esencial que la formación en el ámbito del deporte adaptado sea más accesible a todos para difundir el conocimiento y mejorar todo el proceso en torno al deporte adaptado. Así pues, no es necesario separar y segregar un deporte concreto, sino incluirlo en la globalidad del ámbito formativo del deporte. Esto permitiría difundir y aplicar el deporte adaptado de manera eficaz, minimizando los costes de la formación específica.

ABSTRACT

The main objective of this Doctoral Dissertation is to identify the profile of training and leadership of coaches in the area of sports and its implication in the self-determination and well-being of athletes with intellectual disabilities. Thus, five General Objectives and eleven Specific Objectives. General objective 1 To synthesize and understand the qualitative empirical evidence previously published on the career development of the Adapted Sports Coach. Specific Objectives 1.1: Development of a conceptual model on the training and professional path of the Adapted Sports Coach. This set of objectives originated the study I which addresses the career development of Adapted Sports Coaches: systematic literature review of qualitative evidence. Regarding the conclusions nine studies were used, using the thematic synthesis to synthesize and understand the competencies needed during the career development of adapted sport coaches. The systematization was operationalized with the results of the studies including, where it was possible to investigate that the coach's career is carried out in distinct phases that mutually integrate each other and refer to the learning progression in the coach's career development.

The General Objective 2 was to identify the training paths and the profile of the adapted sports coaches who work with athletes with intellectual disabilities. Three specific objectives were established 2.1: To examine the relation of formal formation in the profile and formation of adapted sport coaches of athletes with intellectual disabilities. Specific Objectives 2.2: To examine the relation of non-formal formation in the profile and formation of coaches. Specific Objectives 2.3: To analyse the existing correlations between profile and formation. This group of objectives was materialized in the realization of the study II entitled Formation and profile of the trainers of athletes with Intellectual Disability: Influence of the Formal and Non-formal Formation. The results reveal that the trainers have a mixed profile, where the critical, innovative and dialoguing profile predominates. In the training parameter all the coaches use academic training as the most recurrent source.

The General Objective 3 was to identify the decision and planning styles of adapted sports coaches who work with athletes with intellectual disabilities. In this context, three Specific Objectives were outlined 3.1: To examine the

relationship of formal training in the decision and planning styles of coaches of athletes with intellectual disabilities. Specific Objectives 3.2: To examine the relationship of non-formal training in the decision and planning styles of coaches. Specific Objectives 3.3: To analyse the correlations between the decision and planning styles of coaches. All these objectives were enshrined in study III under the title of Decision-making and Planning Styles of the Special Olympics Portugal coaches: the influence of formal and non-formal training. The results show that the Special Olympics Portugal coaches have a wide range of training styles, with a predominance of democratic decision styles and flexible planning. This situation implies that the coaches in this area are more reflective, needing to adapt their methodologies to work with the athletes and seek new solutions, in order to adapt the training to the effective needs of the athletes.

In General Objective 4 the leadership behaviours of coaches working with athletes with intellectual disabilities were analysed. For this purpose, the main objective was to identify the self-perception of the coaches' leadership behaviours, as well as the athletes' perception of the coaches' leadership behaviours. To explore this theme further, three specific objectives were developed. Specific Objectives 4.1: To examine the relationship between coaches' self-perceptions of leadership behaviours and their formal training. Specific Objectives 4.2: To examine the relationship between coaches' perceptions of leadership behaviours and their formal training. Specific Objectives 4.3: To analyse the correlations between coaches' self-perceptions and perceptions of leadership behaviours. This formulation of objectives led to the study IV entitled Self-perception and perception of leadership behaviours of Special Olympics Portugal coaches: influence of formal training. In view of the results obtained, it was found that in the versions analysed, the coaches of athletes with intellectual disabilities showed more leadership behaviours in the dimensions of reinforcement, training, instruction and social support. The coaches with specific training in the area of disability have more adequate behaviours for the specific characteristics and needs of the athletes.

The last General Objective 5 is focused on athletes with intellectual disabilities, and thus study V "Relationship between formal training in coaches' leadership and self-determination and well-being of athletes with intellectual disabilities" was developed. The main purpose of objective 5 was to characterize

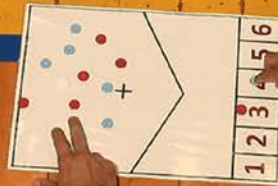
the athletes regarding their motivational determinants, as well as regarding the basic psychological needs, life satisfaction and affections of athletes with intellectual disabilities. Specifically, we analysed the relationship between the formal education of coaches and the basic psychological needs, life satisfaction and affections of athletes with intellectual disabilities. It is found that in leadership coaches perceive themselves as leadership tending more towards reinforcement and coaching-instruction. The results reveal that the athletes have an autonomous motivation for sport, and that they privilege the autonomy provided by the sport activity. These premises allow athletes to present high values of life satisfaction and positive affections. In short, sport for athletes with intellectual disabilities has a transforming effect, not only in the sporting but also in the social context.

As a general conclusion of the Dissertation, it is essential to make training in the area of adapted sport more accessible to all in order to spread knowledge and improve the whole process around adapted sport. Thus, it is not necessary to separate and segregate a particular sport, but to include it in the globality of the training sphere of sport. This would allow adapted sport to be disseminated and applied in an effective way, minimising the costs of specific training.



Facultad de Ciencias del Deporte
Universidad de Extremadura

fcd



CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

Capítulo 1. Introdução

A presente tese de doutoramento encontra-se perspectivada em dois grandes pilares os treinadores de desporto adaptado e os atletas com condição de deficiência intelectual. Quanto aos treinadores o principal objetivo, centrou-se em compreender e mapear o processo de aprendizagem dos treinadores de desporto adaptado, bem como perceber a tipologia e a formação destes profissionais. Com o intuito de conferir praticidade ao desenvolvimento da tese, pretendemos ainda analisar a forma como este tipo de treinadores tomam as suas decisões, planificam e exercem os seus comportamentos de liderança. Relativamente aos atletas, é essencial perceber a forma como percecionam a liderança do treinador, assim como determinar o grau de autodeterminação, necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos.

Todo este paradigma investigativo foi centrado no treino para pessoas com deficiência intelectual nos *Special Olympics* Portugal, uma vez que é o local onde desenvolvo a minha atividade profissional e Bentzen et al. (2020) salientam a carência neste campo investigativo relativamente à patologia anteriormente mencionada. A inclusão ativa de pessoas com condição de deficiência intelectual, foi um dos desideratos principais auxiliando na integração global de todo o desenvolvimento do processo da tese. Por último, a unificação do constructo teórico da tese de doutoramento foi efetuada com a construção de um modelo de treino eficaz para atletas com deficiência intelectual, baseado no modelo de Jowett e Lavallee (2007).

Conforme o atual regulamento de doutoramento da Universidade da Extremadura, a presente tese foi concebida em formato compêndio de publicações, e intitulada como "*Perfil de Formação e Liderança de Treinadores na Área do Desporto Adaptado Implicação na Autodeterminação e Bem-estar dos Desportistas*", composta por 5 artigos onde o doutorando é o primeiro autor e correspondente em todos eles. De salientar o facto, de todos os processos inerentes à tese, e consequentemente aos artigos elaborados, terem sido aprovados pela comissão de bioética da Universidade da Extremadura com o número de registo 238//2019.

Para o desenvolvimento e elaboração da tese de doutoramento elaborou-se um cronograma (Tabela 1 **Tabela 1-** Cronograma das atividades do programa doutoral)

com o intuito de organizar o processo de trabalho de forma coerente e de acordo com os objetivos traçados. A figura 1, encontra-se organizada de acordo com a duração do programa doutoral, onde é detalhado o trabalho desenvolvido em cada ano letivo perante as atividades colocadas no suporte administrativo da universidade denominada de RAPI. Em termos gerais efetivou-se a participação em 12 congressos (3 por convite); a publicação de 6 *short paper* ou resumo em livros de congresso, e a conclusão de todas as atividades de carácter obrigatório do programa doutoral.

Tabela 1- Cronograma das atividades do programa doutoral

Ano letivo 2017-2018	
<i>Atividades do programa doutoral</i>	-Seminário sobre “Navegação web of science” -Sessões clínicas com investigadores convidados -Elaboração do relatório de atividades. -Artigo intitulado “Educação Física para todos: Visão de alunos sem condição de deficiência”. Boletim SPEF n.º 41, 99-111.
<i>Publicações</i>	- Short paper intitulado “Da Teoria à Prática: Formação de Profissionais em Desporto Adaptado”. Revista científica da federação portuguesa de desporto para pessoas com deficiência, nº5 (suplemento), 33.
<i>Congressos</i>	-I Congresso de Atividade Física Adaptada da Cidade da Porto, Porto, poster intitulado “Da Teoria à Prática: Formação de Profissionais em Desporto Adaptado”. -II Congresso do Comité Paralímpico de Portugal, Braga, apresentação oral intitulada “Da teoria à prática: Estágio Curricular em Desporto Adaptado”.
<i>Desenvolvimento da tese</i>	-Elaboração e aprovação do projeto de tese
Ano letivo 2018- 2019	
<i>Atividades do programa doutoral</i>	-Elaboração do relatório de atividades.

<i>Publicações</i>	<p>-Artigo em livro de resumos no âmbito 2º Fórum de Desporto da REDESPP intitulado “Formação de profissionais em Desporto Adaptado”.</p> <p>-Short papers no Journal of Human Sport & Exercise intitulados “Training and leadership profile in adapted sport coaches and the implication in athletes with intellectual disabilities”,1571-1573; “Adapted sports: An experience for initial skills development of sport professionals” e “Self-Determined Motivation and Subjective Well-being of Adapted Sport Athletes Members of Special Olympics”, 1473- 1476.</p>
<i>Congressos</i>	<p>- XV Seminário Internacional de Educação Física, Lazer e Saúde (Siefilas)/ IV BUDO Congress, Castelo Branco, apresentações orais intituladas “Training and leadership profile in adapted sport coaches and the implication in athletes with intellectual disabilities”; “Adapted sports: An experience for initial skills development of sport professionals”, 1574-1576, e “Self- Determined Motivation and Subjective Well-being of Adapted Sport Athletes Members of Special Olympics”</p>
<i>Desenvolvimento da tese</i>	<p>- 2º Fórum de Desporto da REDESPP, Leiria, apresentação oral intitulada “Formação de profissionais em Desporto Adaptado”.</p> <p>- II Jornadas Doctorales de la Universidad de Extremadura, Cáceres, poster intitulado “Perfil y Liderazgo de Entrenadores en el Área del Deporte Adaptado. Implicación en la Autodeterminación y Bienestar de los deportistas”.</p> <p>- Recolha dos dados, numa primeira fase aos treinadores e posteriormente aos atletas.</p> <p>-Formação da equipa de recolha de dados onde se incluiu um membro com deficiência intelectual.</p>

Ano letivo 2019-2020

<i>Atividades do programa doutoral</i>	-Elaboração do relatório de atividades. -Realização da estância doutoral na Universidade da Beira Interior
<i>Publicações</i>	- Artigo em livro de resumos no âmbito I Congresso Internacional de Innovación em el Deporte intitulado “Perfil de Modelo e Formação do Treinador de Desporto Adaptado”.
<i>Congressos</i>	-I Congresso Internacional de Innovación em el Deporte, Cáceres, apresentação oral intitulada “Perfil de Modelo e Formação do Treinador de Desporto Adaptado”
<i>Desenvolvimento da tese</i>	- Finalização da recolha dos dados - Tratamento dos dados -Preparação do estudo I e estudo II.

Ano letivo 2020-2021

<i>Atividades do programa doutoral</i>	-Elaboração do relatório de atividades.
<i>Publicações</i>	- Publicação do estudo I e II em revistas JCR -Artigos em livro de resumos no âmbito Iº International Congress cieqv intitulados “Training and profile of athletes with intellectual disabilities coaches: Influence of formal and non-formal training” e “Decision and planning styles of athletes with intellectual disabilities coaches: Influence of formal and non-formal training”.
<i>Congressos</i>	-Iº International Congress cieqv, Rio Maior, comunicação oral intitulada “Training and profile of athletes with intellectual disabilities coaches: Influence of formal and non-formal training”. - Iº International Congress cieqv, Rio Maior, comunicação oral intitulada “Decision and planning styles of athletes with intellectual disabilities coaches: Influence of formal and non-formal training”

	-Convite de participação numa aula aberta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais no âmbito da unidade curricular de Atividade Física Adaptada
	- Convite de participação no 2ºCiclo de Webinares “Intervenção Pedagógica nos diversos contextos das atividades físicas e desportivas” promovida pela Escola Superior de Educação de Beja, comunicação efetuada sobre “A Intervenção Pedagógica no Desporto Adaptado”
Desenvolvimento da tese	- Preparação dos artigos III, IV e V

Ano 2021-2022

<i>Atividades do programa doutoral</i>	-Elaboração do relatório de atividades.
<i>Publicações</i>	-Publicação do estudo III, IV e V em revistas SJR
<i>Congressos</i>	-III Congresso de Atividade Física Adaptada da Cidade da Porto, Porto, comunicação oral intitulado “Desenvolvimento da Carreira dos Treinadores de Desporto Adaptado: Revisão Sistemática de Literatura de Evidências Qualitativas”.
	- Convite de participação numa aula aberta na Universidade da Beira Interior no âmbito da unidade curricular de Planeamento do Treino, comunicação intitulado “Treino em Desporto Adaptado”
<i>Finalização do programa doutoral</i>	Redação da tese de doutoramento

Todas os artigos da tese de doutoramento encontram-se ordenados cronologicamente, com o intuito de estruturar logicamente e coerentemente todo este processo de concretização dos objetivos. Neste sentido, o presente documento tem como finalidade compreender o processo de formação dos treinadores e a forma como gerem o seu processo de treino, nomeadamente

entre termos da decisão, planificação e comportamento de liderança. Para além dos aspetos mencionados, foram analisadas as perceções dos atletas com condição de deficiência intelectual sobre o comportamento de liderança do treinador. Ainda relativamente aos atletas foi avaliado o seu grau de autodeterminação, necessidades psicológicas básicas, bem-estar subjetivo, satisfação com a vida e afetos.

Como forma de conferir coerência e unidade à tese, os desideratos anteriormente mencionados encontram-se enquadrados com o objetivo de construir um modelo de treino eficaz para atletas com deficiência intelectual, sendo que para este efeito foram seguidas as recomendações de Jowett e Lavallee (2007). Em termos práticos os estudos encontram-se estruturados da seguinte forma:

- Estudo I: Conhecimento do treinador de desporto adaptado
- Estudo II: Formação e Perfil do treinador de desporto adaptado
- Estudo III: Decisão e Planificação do treinador de desporto adaptado
- Estudo IV: Autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança do treinador
- Estudo V: Grau de autodeterminação, necessidades psicológicas básicas, bem-estar subjetivo, bem-estar subjetivo, satisfação com a vida e afetos dos atletas com deficiência intelectual.

A Tabela 2 mostra os estudos que compõem a tese de doutoramento, especificando a qualidade da revista, o factor de impacto e o quartil. **Tabela 2-** Relação entre os objetivos planeados e os estudos realizados

Relação entre os objetivos planeados e os estudos realizados					
Objetivo	Tipo	Estudo	Índice	F.I	Q

		Pires, P., Ramalho, A., Antúñez, A., Mesquita, H., & Ibáñez, S. J. (2021). Career Development of Adapted Sports Coaches: Systematic Review of Qualitative Evidence Literature. <i>International journal of environmental research and public health</i> , 18(12), 6608. https://doi.org/10.3390/ijerph18126608	JC R	4.61 4 (2021)	Q 1
Objetivo 1	Revisão sistemática				
		Pires, P., Batista, M., Marinho, D. A., Antúñez, A., Mesquita, H., & Ibáñez, S. J. (2021). Training and Profile of Special Olympics Portugal Coaches: Influence of Formal and Non-Formal Learning. <i>International Journal of Environmental Research and Public Health</i> , 18(12), 6491. MDPI AG. Retrieved from http://dx.doi.org/10.3390/ijerph18126491	JC R	4.61 4 (2021)	Q 1
Objetivo 2	Perfil e Formação dos treinadores				
		Pires, P., Batista, M., Mesquita, H., & J. Ibáñez, S. . (2022). Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal: Influência da formação formal e não formal. <i>Cuadernos de Psicología del Deporte</i> , 22(2), 236–246. https://doi.org/10.6018/cpd.483551	SJR	0.29 (2021)	Q 3
Objetivo 3	Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores				
		Pires, P., Batista, M., Mesquita, H., & Ibáñez, S. J. (2022). Autoperceção e perceção dos	SJR	SF	Q 4
Objetivo 4	Autoperceção e perceção dos				

	comportamentos de liderança dos treinadores dos Special Olympics Portugal. E-balonmano.Com, 18(1), 55-64.			
	Liderança dos treinadores e na	Pires, P. R. I., Batista, M., Mesquita, H., & Ibáñez, S. J. (2022). Relación de la formación reglada con el liderazgo y la autodeterminación de los entrenadores y el bienestar de los deportistas con discapacidad intelectual (Relationship of formal training on coaches' leadership and self-determination and well-being of athletes with intellectual disabilities). Retos, 46 480–489. https://doi.org/10.47197/retos.v46.93064		
Objetivo 5	autodeterminação e bem-estar dos atletas com deficiência intelectual		SJR	0.31 9 (202 1) 3

Em termos organizacionais, foram elaborados 11 capítulos com a seguinte estrutura: (I) Introdução; (II) Marco Teórico (III) Objetivos gerais e específicos dos estudos; (IV) Instrumentos; (V) Estudos desenvolvidos (objetivos, método e resultados); (VI) Discussão dos estudos realizados; (VII) Conclusões e aplicações práticas (VIII) Pontos fortes da investigação, limitações dos estudos e perspetivas futuras; (IX) Referências bibliográficas; (X) Estudos completos incluídos no compêndio de publicações; e (XI) Anexos. De realçar que do capítulo III até ao VII no final de cada um se encontra uma figura ilustrativa do que foi tratado em cada capítulo. Como forma de conferir continuidade e sequência, estas figuras realizaram-se seguindo as linhas base do modelo 3+1 cs (Jowett & Lavalley, 2007), permitindo uma compreensão acessível ao modelo de treino eficaz para atletas com deficiência intelectual presente no capítulo VII.

No Capítulo I, Introdução, realizou-se uma contextualização geral da linha de orientação desta investigação, bem como a explicação sumária sobre a teoria

macro selecionada para conferir coerência e unidade a todo o trabalho. Esta teoria auxiliou na conceção dos objetivos o que conseqüentemente deu origem aos 5 estudos.

O Capítulo II, marco teórico, sustenta e enquadra os temas a serem desenvolvidos ao longo de todo o trabalho, dando sustentabilidade às opções tomadas ao longo do processo investigativo. Estruturalmente este capítulo encontra-se elaborado em torno de 3 grandes temas: Desporto para atletas com condição de deficiência, Deficiência Intelectual e *Special Olympics* e Desenvolvimento profissional no Desporto Adaptado. Especificamente no tema Desporto para atletas com condição de deficiência abordaram-se as seguintes sub-temáticas: origem do desporto adaptado; organograma organizacional do desporto adaptado em termos nacionais e internacionais; Classificação desportiva. Relativamente ao tema a Deficiência Intelectual e *Special Olympics* definiu-se o conceito de deficiência intelectual e detalhou-se a filosofia do movimento *Special Olympics*. No último tema aprofundamos o Desenvolvimento profissional no Desporto Adaptado construído através de 6 sub-temáticas: Formação e perfil dos profissionais de desporto adaptado; Estilos de decisão e planificação dos profissionais de desporto adaptado; Comportamentos de Liderança dos treinadores no desporto adaptado; Papel do desporto na autodeterminação e bem-estar dos atletas com condição de deficiência intelectual.

No Capítulo III, objetivos, encontra-se a definição dos objetivos que originaram a publicação dos 5 estudos. Neste capítulo, os objetivos estão encontram-se organizados sequencialmente e consoante a elaboração dos 5 artigos, o que auxilia a compreensão holística da tese de doutoramento e as suas e as metas. Para além dos objetivos, no presente capítulo formulamos também o problema de onde decorre a formulação dos. No planeamento do problema realçou-se a importância do tema proposto para o estudo e enquadrou-se o assunto do estudo academicamente perante o paradigma investigativo atual. Após este processo definiram-se os objetivos gerais e específicos contextualizados com os 5 estudos realizados. Os objetivos gerais apresentam a ideia geral do trabalho e a sua finalidade, e os objetivos específicos traçaram os processos necessários para a concretização dos estudos.

No Capítulo IV, instrumentos, descrevem-se os instrumentos utilizados em cada estudo investigativo. Na apresentação dos instrumentos é descrito o objetivo do mesmo, bem como a forma com está estruturado. Neste capítulo, ainda são detalhadas e enumeradas as dimensões de cada instrumento. De salientar que foram descritas as orientações seguidas para a elaboração da revisão sistemática.

O Capítulo V, desenvolvimento dos estudos, encontra-se organizado de forma sequencial seguindo os objetivos da tese e os estudos realizados. Em cada objetivo / estudo é justificada a pertinência do estudo, a metodologia utilizada e os resultados de cada um. Os estudos I, II e III são referentes aos treinadores; o estudo IV retrata a autopercepção e percepção de liderança dos treinadores; e o estudo V é relativo aos atletas.

Quanto ao Capítulo VI, discussão, este está estruturado de acordo com objetivos / estudos desenvolvidos ao longo do trabalho investigativo. Inicialmente é apresentada a discussão elaborada para cada objetivo/ estudo, e numa segunda etapa são integradas todas as discussões e conseqüentemente realizada uma discussão integrada de todos os objetivos/estudos. No final do capítulo encontra-se uma figura (Figura 29) que resume a linha de raciocínio seguida no desenvolvimento dos 5 estudos.

O Capítulo VII, conclusões e aplicações práticas, está estruturalmente dividido em duas fases. Na primeira, as conclusões e aplicações práticas encontram-se divididas por objetivos / estudo, e na segunda parte, realizou-se uma conclusão geral integrada e efetuou-se uma proposta de um modelo de treino eficaz para atletas com condição de deficiência intelectual, seguindo as recomendações do modelo 3+1 cs (Jowett & Lavallee, 2007).

O Capítulo VIII é foca os pontos fortes, limitações dos estudos e perspectivas para futuros estudos, seguindo a sequência da elaboração dos objetivos/ estudos.

No Capítulo IX, referências bibliográficas, onde são descritas todas as referências utilizadas ao longo da presente tese de doutoramento.

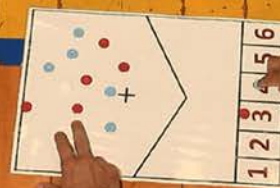
O Capítulo X, artigos completos, apresenta todos os 5 artigos com o layout das revistas onde se encontram publicados.

Por último, no Capítulo XI, Anexos, encontram-se documentos relevantes, que auxiliam na fundamentação do trabalho apresentado. Neste caso

apresentam-se: tabelas sobre a formação formal no contexto português; instrumentos completos; consentimento informados; certificado da estância doutoral e certificado de bioética.

Facultad de Ciencias del Deporte
Universidad de Extremadura

fcd



CAPÍTULO 2

MARCO TEÓRICO

Capítulo 2. Marco Teórico

2.1. Desporto para pessoas com Deficiência

2.1.1. Origem

O desporto, como hoje o entendemos, tem origem na história da atividade física e do movimento humano. Nos primórdios da Humanidade (3000 a.C. até 500 a.C.), o processo de seleção natural baseava-se na força e na resistência física necessárias às atividades de sobrevivência. Os indivíduos com algum tipo de deficiência eram segregados e alvo de práticas discriminatórias (Guttman, 1976).

Desta forma, e após os sucessivos avanços na história dos direitos das pessoas com deficiência, começou-se a desmitificar a imagem deste tipo de população, conquistando assim apoios a nível de reabilitação, educação e desporto (Scholz & Chen, 2017).

Formalmente o desporto adaptado (DA) terá começado na Alemanha em 1918, com o intuito de amenizar os horrores da Primeira Guerra Mundial. Em 1932, em Glasgow, foi fundada uma associação de jogadores de golfe onde existiam atletas com deficiências físicas, nomeadamente com amputações (Tweedy & Vanlandewijck, 2009).

No entanto, foi com o findar a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) que se deu o efetivo desenvolvimento do desporto adaptado, uma vez que se tornava imperativo dar resposta aos soldados mutilados (Thomas & Smith, 2008). Partindo deste contexto, o médico neurologista alemão Ludwig Gutmann e seus colegas do hospital de Stoke Mandeville obtiveram inúmeros sucessos, através da reabilitação de ex-combatentes recorrendo a jogos desportivos com cadeira de rodas. Guttman, defendia baseado na sua experiência profissional enquanto médico (1943 a 1980), que o desporto para as pessoas com condição de deficiência era um instrumento essencial para a reabilitação dos lesados de guerra (Carvalho, 2017). Em 1948, o neurologista alemão cria, no Hospital de Stoke Mandeville, um evento desportivo de âmbito nacional para atletas paraplégicos onde participaram 16 atletas ingleses nas modalidades de: arco e flecha, tiro ao lanço e lançamento do peso (Thomas & Smith, 2008).

Em 1952, este evento atinge dimensão internacional, sendo o projeto base para o aparecimento dos 1^{os} Jogos Paralímpicos de Roma em 1960 (Carvalho, 2017). A iniciativa de Gutmann et al, foi decisiva para tornar a oferta desportiva acessível a todos, tendo sido reconhecido o trabalho de Gutmann nesta área com a atribuição do título de *Sir* pela coroa britânica. O Papa João XXIII considerava-o mesmo como o “Coubertin das pessoas com deficiência” (Tweedy & Vanlandewijck, 2009). Ao longo do desenvolvimento identitário do desporto adaptado foram criadas várias entidades internacionais tais como: (Carvalho, 2017; Tweedy & Vanlandewijck, 2009; Thomas & Smith, 2008):

- 1924, Comité internacional de Desportos para Surdos. Em 2001, passou-se a designa os Jogos de Verão por Surdolímpicos;
- 1968, Movimento *Special Olympics* Internacional (SOI);
- 1978, Associação Internacional de Desporto para a Paralisia Cerebral;
- 1981, Federação Internacional de Desporto para Cegos;
- 1986, Federação Internacional de Desporto para a Deficiência Intelectual;
- 1989, Comité Paralímpico Internacional (COI).

No contexto português, o desporto para pessoas com deficiência desenvolveu-se entre 1972 e 2014, compreendendo 5 fases (Carvalho, 2017):

- Fase 1: O desporto adaptado desenvolveu a sua atividade no Centro de Medicina de Reabilitação de Alcoitão e no Hospital Ortopédico de Sant’Ana. Em 1972, Portugal participou pela primeira vez nos paralímpicos com uma equipa de basquetebol em cadeira de rodas, evento que decorreu em *Heidelberg* Alemanha;
- Fase 2: Após o 25 de abril (Estado Democrático), o desporto adaptado em Portugal enquadrou-se na Direção Gral dos Desportos;
- Fase 3: Em 1984 a Federação das Associações Portuguesas de Paralisia Cerebral, organiza o primeiro quadro competitivo e recreativo de âmbito nacional. Em 1984, Portugal participa nos Jogos Paralímpicos de Nova Iorque.
- Fase 4: Em 1988 é criada a Federação Portuguesa de Desporto para as Pessoas com Deficiência, constituída pelas Associações Nacionais de Desporto por Área da Deficiência (Intelectual; Surdos; Cegos; Paralisia Cerebral e Deficiência Motora).

- Fase 5: Em 2008, é criado o Comité Paralímpico de Portugal (CPP), tendo sido as federações por modalidade integradas neste organismo.

De salientar, que os *Special Olympics* Portugal (SOP) é outro movimento para atletas com deficiência intelectual e constitui-se como membro extraordinário do Comité Olímpico Português (COP). Em 2010, o desporto adaptado também é consagrado formalmente nas atividades do Desporto Escolar, a funcionar nas escolas públicas portuguesas, através da criação de grupos-equipas de desportos adaptado na modalidade de boccia (Carvalho, 2017).

2.1.2. Organização do Desporto adaptado em Portugal

Organograma

Qualquer organização focada na promoção ou desenvolvimento do desporto, a definição da sua política desportiva revela-se essencial pois, permite à organização estabelecer objetivos (Bravo & Silva; 2014; Houlihan & White, 2002), tanto em termos de desenvolvimento qualitativo como quantitativo de um ou mais desportos ou disciplinas (Houlihan & White, 2002; Callède, 2002). Assim, a política desportiva de uma federação constitui-se como elemento preponderante, na medida em que o seu objetivo é estimular e desenvolver a prática desportiva (Nagel et al. 2015). A formulação de uma política aparece como uma abordagem inovadora (Winand et al. 2013; Houlihan 2005, Viollet et al., 2016) pois implica o estabelecimento de uma visão a médio prazo, incluindo objetivos, um plano de ação e o envolvimento de recursos para alcançar todos os desideratos (Bayle, 2010).

A principal preocupação conceptual na criação de uma organização desportiva tem a ver com as características e as especificidades dos atletas envolventes, para conseguir desenvolver estruturalmente a organização (Shilbury & Ferkins, 2015). O envolvimento dialético entre os objetivos e políticas desportivas, traduz-se efetivamente por uma estrutura principal que se subdivide em estruturas continentais e locais (Bayle, 2010).

Nesta medida, a organização do desporto para pessoas com condição de deficiência evoluiu consoante o desenvolvimento social e conceptual deste tipo de população (DePauw & Gavron, 2005; Smith et al., 2005). Para além deste

aspecto, é necessário considerar as particularidades de cada tipologia de deficiência. (Wicker & Breuer, 2014). A Figura 1 demonstra o desenvolvimento conceptual, ao longo dos tempos, sobre a forma como a sociedade encara as pessoas com condição de deficiência: exclusão, segregação, integração e inclusão. Especificando, a exclusão refere-se a um período da história em que a deficiência não era considerada e simplesmente ignorada (Silva, 2009.). A segregação como a própria figura 1 indicia, refere-se a separar as pessoas com condição de deficiência da sociedade (Silva, 2009.). O conceito de integrar significa que as pessoas com condição de deficiência se teriam de adequar à sociedade dominante; enquanto a inclusão visa aceitar as diferenças, valorizar cada pessoa, conviver dentro da diversidade humana (Silva, 2009.).

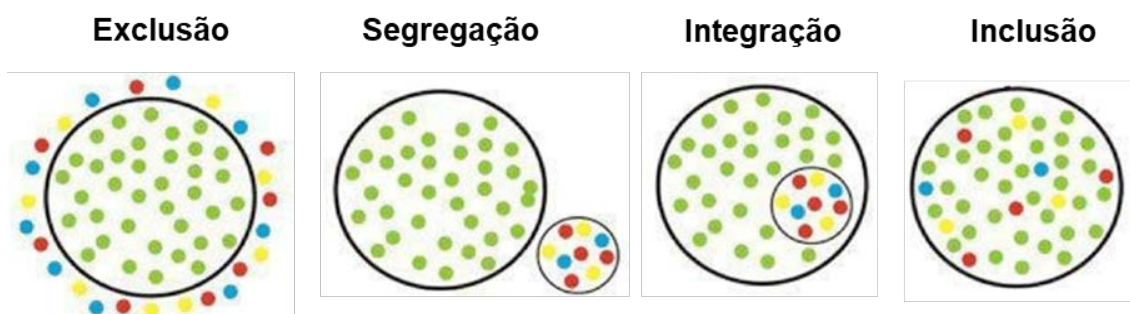


Figura 1- Desenvolvimento conceptual sobre as pessoas com condição de deficiência

No desporto com deficiência, e devido á complexidade das tipologias da deficiência, existem 3 tipos de movimentos desportivos: Paralímpico, *Special Olympics* e Surdolímpicos, como refere Legg (2018). Segundo este autor o movimento Paralímpico e Surdolímpicos (**Figura 2**) fazem parte da mesma estrutura orgânica, enquanto os *Special Olympics* apresentam uma estrutura diferente das demais (Figura 3). Em termos de tipologias os paralímpicos congregam todos as tipologias da deficiência; os Surdolímpicos apenas deficiência auditiva; e os *Special Olympics* permitem a participação de qualquer patologia com défice cognitivo associado (Legg, 2018).

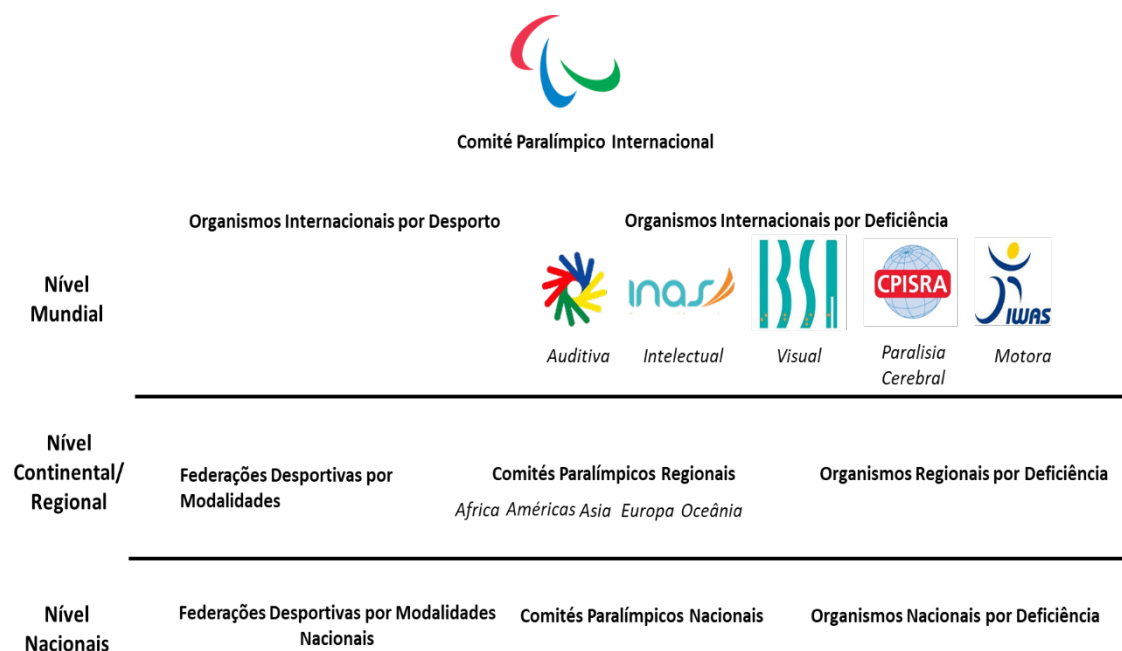


Figura 2- Organização dos Movimentos Paralímpicos e Surdolímpicos



Figura 3- Organização do Movimento *Special Olympics*

Quanto a Portugal, o país segue as linhas internacionais referentes ao organograma dos movimentos anteriormente apresentados (Carvalho, 2017).

Especificando, o Comité Paralímpico Português tem uma ligação direta com as respetivas federações de modalidades, bem como com as Associação Nacionais de Desporto (ANDD) por área de Deficiência, sendo este organismo responsável pela participação portuguesa na missão dos Jogos Paralímpicos.

Por sua vez, a Federação Portuguesa de Desporto para Pessoas com Deficiência (FPDD), consagra na sua origem as ANDD: LPDS (Liga Portuguesa

de Surdos); ANDDI (Associação Nacional de Desporto para o Desenvolvimento Intelectual); ANDDVIS (Associação Nacional de Desporto para Pessoas com Deficiência Visual); PCAND (Paralisia Cerebral- Associação Nacional de Desporto); e a já extinta ANDDDEMOT (Associação Nacional de Desporto para Deficientes Motores).

Por sua vez, os *Special Olympics* em Portugal é membro extraordinário do Comité Olímpico Português (Figura 4).



Figura 4- Organização desporto adaptado em Portugal

2.1.3. Classificação Desportiva

A classificação desportiva no desporto adaptado tem como objetivo promover a equidade no desporto e uma estruturação na competição, com o intuito de minimizar o impacto da deficiência na performance desportiva independentemente das condições adjacentes à tipologia da deficiência (Tweedy & Vanlandewijck, 2011).

Entre as décadas de 1970 e 1980, procedeu-se a uma primeira classificação desportiva, muito baseada no modelo médico que predominava nesta altura (Tweedy & Vanlandewijck, 2011). Em termos genéricos, esta classificação tornou-se insuficiente, uma vez que era ineficaz no agrupamento das deficiências consoante as funcionalidades específicas (Sherrill, 1999).

Com a transição do modelo médico para um modelo mais baseado na funcionalidade do indivíduo, o atleta passa a ser avaliado pelo seu potencial de ação e não apenas pela sua patologia e grau de lesão (Cardoso & Gaya, 2014; Tweedy & Vanlandewijck, 2011). No entanto, este sistema de classificação

vigorou até aos jogos Paralímpicos de Barcelona (1992), pois os atletas acabavam por ser classificados através da sua experiência e julgamentos dos classificadores (Cardoso & Gaya, 2014; Tweedy & Vanlandewijck, 2011).

Em 2003, o Comité Olímpico Internacional desenvolveu uma estratégia para criar um sistema de classificação preciso, fiável, consistente e credível (Tweedy & Vanlandewijck, 2011). A intensão resultou na publicação, em 2007, do Código de Classificação do COI, que visa uniformizar a jurisdição, terminologia, elegibilidade, procedimentos operacionais, deturpação de capacidade, e certificação dos classificadores (<https://www.paralympic.org/classification-code-compliance>).

Fundamentalmente, este código encontra-se em consonância com o modelo biopsicossocial agregando a avaliação médica, funcional e por modalidade. Neste contexto, e fruto da especificidade de cada modalidade, as federações das mesmas têm um sistema de classificação específico para o enquadramento das respetivas tipologias da deficiência (Cardoso & Gaya, 2014; Tweedy & Vanlandewijck, 2011). A Tabela 3 ilustra a forma de efetuar a classificação desportiva consoante a tipologia de deficiência.

Tabela 3- Classificação Desportiva formas de avaliação e critério

	Surdolímpicos	Special Olympics	Paralímpicos		
	<i>Auditiva</i>		<i>Intelectual</i>	<i>Motora</i>	<i>Visual</i>
Forma de avaliação	Médica	Psicológica Modalidade	Psicológica Modalidade	Teste Marquesa Modalidade Competição	Médica
					<i>B1</i> Amputados Paralisia Cerebral ou
Critério	Perda auditiva em menos de 55 Db no melhor ouvido, avaliados em 3 tons 500;1000 e 2000 Hertz	Atestado de DI Habilidades técnicas Idade	Teste de QI de inteligência Comportamento adaptativo Avaliações técnicas	lesão cerebral adquirida Lesionados vertebro- medulares <i>Les autres</i> (outras deficiencias motoras)	Campo visual inferior a 5 graus <i>B3</i> campo visual a 5 graus e inferior a 20 graus

2.2. Deficiência Intelectual e *Special Olympics*

2.2.1. Definição de Deficiência Intelectual

No meio científico a deficiência intelectual tem sido desenvolvida e regulamentada por documentos e associações internacionais, como o *Diagnostic and Statistical Manual of Disorders – DSM-V* (Manual Diagnóstico e Estatístico de desordens Mentais) (2013) e a *American Psychiatric Association* (Associação Americana de Deficiência Mental).

Estima-se que aproximadamente uma em cada cem pessoas apresenta deficiência intelectual (Maulik et al., 2011). Etiologicamente a deficiência intelectual (DI) é uma patologia heterogénea, uma vez que a multiplicidade de

causas para a sua origem pode ocorrer através de diversos fatores (Maulik et al., 2011). Em termos genéricos, a deficiência intelectual tem origens em causas, como as condições genéticas, perinatais, pós-natais e ambientais, que impossibilitam o desenvolvimento normativo da atividade cerebral (American Psychiatric Association, 2013).

Conceptualmente a definição de deficiência intelectual encontra-se alinhada com uma série de descritores que foram utilizados ao longo do tempo; atraso mental, deficiência mental, deficiências de desenvolvimento e deficiências de aprendizagem (Burns, 2018). O termo “deficiência intelectual” torna-se globalmente aceite e adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001) e pelas Nações Unidas (ONU, 2006). Do ponto de vista do diagnóstico, existem três critérios essenciais que coexistem em simultâneo, a ter em conta (American Psychiatric Association, 2013):

1. Défices nas funções intelectuais;
2. Défices em pelo menos 2 áreas do funcionamento adaptativo (habilidades da vida quotidiana);
3. Início durante o período de desenvolvimento;

Em geral, as pessoas com DI apresentam dificuldades ao nível da atenção, da concentração e memorização (Santos, 2019). Além do mencionado, a autora anteriormente referida, realça que apresentam limitações no desenvolvimento da linguagem e no repertório social, afetando assim o processo de ensino-aprendizagem e no relacionamento com os demais. Relativamente ao processo de ensino-aprendizagem, os indivíduos com DI necessitam mais tempo para aquisição da aprendizagem, maior número de tentativas e repetições (Schalock & Verdugo, 2002). Todos estes mecanismos devem ter em consideração as necessidades específicas de cada indivíduo (Werner, 2015). Neste contexto, torna-se evidente que esta tipologia de deficiência, por norma, revela dificuldades na abstração e sistematização das aprendizagens e transposição para a sua vida do quotidiano (Simões et al., 2016; Werner, 2015). Schalock et al. (2019) referem que existem atualmente três abordagens alinhadas para melhor compreender a DI: modelo multidimensional do funcionamento humano (Luckasson & Schalock, 2012), modelo biopsicossocial (OMS, 2004) e paradigma de apoios (Thompson et al., 2009) que se enquadram

numa visão mais integrada da DI. Esta visão integrada, contempla a interação das dimensões do funcionamento humano, sistemas de suporte e resultados pessoais tal como referem Luckasson e Schalock (2012), podendo ser aplicada às funções clínicas e práticas profissionais, implementação e avaliação dos recursos, ao nível dos apoios providenciados individualmente e ao nível dos serviços, tal como o desporto, assim como na mudança das várias políticas públicas em relação aos direitos destas pessoas. Os mesmos autores salientam ainda que um modelo de funcionalidade que integra a multidimensionalidade do funcionamento humano, implica uma melhor compreensão dos fatores pessoais e ambientais e dos direitos humanos, que vão influenciar o funcionamento humano nos diversos papéis que desempenham na sociedade, incluindo o desporto (Buntinx & Schalock, 2010; Schalock et al., 2018), podendo ser utilizado por organizações desportivas e outras (Shogren & Turnbull, 2010; Thompson et al., 2014).

2.2.2. *Special Olympics*- Enquadramento geral

O plano de ação global da Organização Mundial de Saúde para a deficiência 2014-2021, refere que existem mais de 1000 milhões de pessoas com condição de deficiência em todo o mundo, isto é, 15% da população mundial ou 1 em cada 7 pessoas (OMS, 2015).

O desporto apresenta-se como uma atividade com enormes benefícios fisiológicos, psicológicos e sociais para indivíduos com DI (Brooker et al., 2015; Son et al., 2016). A ideia anteriormente exposta, é reforçada pela Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência especificamente no artigo 30º, onde se encontra refletido que o desporto é uma atividade importante, tanto para a participação social como para a qualidade de vida.

Desta forma, o movimento *Special Olympics* (SO) tem como missão proporcionar atividade física e desportiva a crianças, jovens e adultos com deficiência intelectual (Myśliwiec & Damentko, 2015). O movimento foi criado em 1968 nos Estados Unidos da América por iniciativa de Eunice Kennedy-Shriver, tendo em 1971 o Comité Olímpicos dos EUA aprovado oficialmente a utilização da palavra "*Olympics*" e em 1977 o Comité Olímpico Internacional reforçou este repto (Burns, 2018).

Formalmente, o SO apoia cerca de 3.9 milhões de atletas em cerca de 170 países, em torno de 36 modalidades, organizando a cada quatro anos os *Special Olympics World Games* (Jogos de Verão) e o *Special Olympics World Winter Games* (Jogos de Inverno) (Special Olympics Annual Report, 2020).

No que respeita às condições de participação o movimento permite a iniciação desportiva com 8 anos de idade, devendo o atleta possuir um atestado de deficiência intelectual, bem como um consentimento médico para participar nas modalidades do âmbito dos SO (Special Olympics, 2022). Um dos aspetos mais característicos do *Special Olympics* é o facto de não exigir nenhuma marca pessoal para a participação em eventos nacionais e internacionais. Para além destes aspetos, em diversas modalidades existem adaptações às regras das modalidades de forma a se adequarem às necessidades específicas da população com DI (Myśliwiec & Damentko, 2015). A premissa anteriormente mencionada é possível, pois o movimento não se encontra sobre a égide das Federações Internacionais de Modalidade (Burns, c2018).

No *Special Olympics* todos os atletas são reconhecidos pelo seu desempenho, independentemente da sua habilidade funcional, com o intuito de criar uma competição equitativa entre todos os participantes (Special Olympics, 2022). Desta forma, todos os atletas são enquadrados através do processo de *divisioning*, onde o participante ou a sua equipa compete num grupo com as mesmas habilidades. As divisões são criadas através da pontuação das habilidades específicas para cada modalidade, não sendo permitido exceder a diferença de 15% dessa pontuação (Special Olympics, 2022). Em termos práticos, um nadador que efetue a prova de 25 metros livres em 20 segundos, não irá nadar na mesma série que outro competidor com um tempo de 1 minuto. Assim, antes da prova oficial o treinador tem de enviar para a organização do evento a marca do atleta, sendo o desportista durante o evento submetido ao processo de *divisioning*. Depois da decisão do treinador em efetuar a opção de conservar a marca fornecida por si à organização ou a marca do *divisioning*, o nadador irá ser enquadrado num grupo competitivo consoante a sua habilidade não podendo exceder esse tempo em 15% para não ser desclassificado. Para além do procedimento anteriormente descrito os atletas ainda são agrupados por género e idade (Special Olympics, 2022).

Ao estabelecer o quadro de competição, os atletas são divididos em 5 níveis de habilidade (nível 1 a 5), em que o nível 1 enquadra atletas com performances mais elevadas e o nível 5 performances menos elevada. Tanto nos desportos coletivos como individuais cada grupo competitivo tem no mínimo 3 atletas e no máximo 8, e todos os desportistas recebem medalhas (Special Olympics, 2022). Outra das especificidades dos SO é o facto de incluir o *Unified Sport*, uma categoria onde competem desportistas com e sem deficiência intelectual (Special Olympics, 2022).

O *Special Olympics* tem desenvolvido iniciativas globais, para além da prática desportiva, com o intuito de melhorar e qualificar a prática desportiva dos seus atletas, treinadores em contextos adjacentes ao movimento (Burns, 2018). Estes programas visam um desenvolvimento holístico com intervenção nas áreas de saúde, bem-estar e desportiva (Myśliwiec & Damentko, 2015; Pereira, 2022).

2.3. Formação em Desporto Adaptado

O treinador tem como função otimizar e maximizar as potencialidades da equipa e/ou do atleta. (MacDonald et al., 2014).

Os estudos realizados sobre a formação do treinador têm sido fundamentais na disseminação de conhecimentos, nomeadamente sobre os saberes necessários para estes exercerem eficazmente o cargo (Cushion et al., 2003), no entanto a limitação de investigações de estudos primários e de revisão na área do desporto adaptado é uma realidade que não devemos ignorar (Gamonales et al., 2018). Investigadores como Irwin et al. (2004) defendem que a identificação do conhecimento do treinador é o mecanismo conceptual para o seu desenvolvimento, sendo um processo fundamental na sua evolução. Para os treinadores, as fontes mais significativas de conhecimentos são as aprendizagens com cariz mais prático (tutoria), uma vez que os auxilia na reflexão prática no exercício da função. Werthner e Trudel (2006), sobre este assunto, reforçam que estudos sobre os processos de aprendizagem dos treinadores, são elementos fundamentais no desenvolvimento de um trabalho mais eficaz. Concluindo que o processo é idiossincrático, tendo de se considerar tanto os saberes formais como os informais.

Assim, Ibáñez et al. (2019) realçam a necessidade de futuras investigações aprofundarem a teoria e a prática sobre o papel do treinador. Neste contexto, a identificação do conhecimento dos treinadores (Irwin et al., 2004) e o processo de aprendizagem do treinador (Werthner et al., 2006), são paradigmas que, segundo os autores referidos, carecem de maior profundidade científica e por isso reúnem preocupações relevantes para a produção de uma revisão sistemática de literatura.

Perante os argumentos anteriormente referidos, esta investigação torna-se revelante tanto no contexto da formação formal como informal. Na perspectiva da formação formal, Haegele et al. (2015) efetuaram um estudo de revisão sobre atividade física adaptada (n=181) entre os anos de 2004 e 2013, onde alertam para o facto de as investigações analisadas carecerem de estruturas conceptuais e teóricas. Quanto à formação informal, o estudo torna-se basilar tanto para treinadores como para as instituições de formação, visto que é sugerido uma reformulação dos conteúdos dos cursos de formação, de forma a incluírem recursos adicionais (MacDonald et al., 2014).

Nesta perspectiva, a falta de conhecimentos e formação específica por parte dos profissionais para intervirem com população com condição de deficiência (Moran & Block, 2010; Robertson et al., 2011) constitui um obstáculo na progressão e desenvolvimento da área do DA.

2.3.1. Formação de Profissionais de Desporto Adaptado em Portugal

A evolução do desporto adaptado nacional, tem colocado em evidência a urgência de uma reflexão profunda sobre as necessidades específicas de formação de profissionais qualificados nesta área desportiva (Celestino & Pereira, 2016). A formação destes profissionais é de vital importância para uma evolução sustentada do desporto adaptado, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e para um desporto cada vez mais de todos e para todos (Celestino & Pereira, 2016).

Os benefícios da atividade física e da prática desportiva são reconhecidos como elementos preponderantes para a qualidade de vida de pessoas com deficiência (Allan et al., 2019; Komenda et al., 2021). No entanto, em Portugal é preocupante que apenas 0.4% da população com deficiência pratique de forma

regular ou competitiva alguma modalidade (Saraiva et al., 2013). É necessário perceber e compreender as razões deste facto, com o objetivo de aumentar as condições de participação desportiva de atletas com deficiência (Saraiva & Cruz-Santos, 2015). A literatura internacional aponta algumas possíveis explicações para o baixo envolvimento desportivo: barreiras arquitetónicas; falta de informação; dificuldades de transporte; ausência de materiais/equipamentos apropriados e falta de apoio da família/amigos (Bragaru et al., 2013; Schijndel-Speet et al., 2014). As barreiras anteriormente referidas também são identificadas como dificuldades sentidas pelos profissionais da área do desporto adaptado em Portugal (Saraiva et al., 2013; Saraiva & Cruz-Santos, 2015).

No entanto, aliado as estas lacunas do desporto adaptado, a formação específica na área é entendida como um dos entraves principais para um atendimento eficaz às necessidades específicas de atletas com deficiência (MacDonald et al., 2014; Moran & Block, 2010; Robert et al., 2011). Para além deste aspeto, as competências necessárias para desempenhar eficazmente o papel de treinador têm centrado as preocupações dos treinadores do desporto regular (Gilbert & Trudel, 2004; Townsend et al., 2015), mas quando nos reportamos ao caso específico do desporto adaptado a investigação neste âmbito é ainda muito escassa (Duarte & Culver, 2014).

Perante o contexto anteriormente exposto, parece-nos pertinente analisar a formação formal, existente em Portugal, na área do desporto adaptado, tanto na formação académica como na formação de treinadores. Em termos genéricos, a formação formal, é entendida como requerendo diretrizes de admissão, frequência obrigatória, currículos normalizados e culmina com uma certificação (Feu et al., 2010; Nelson et al., 2006).

Para a nossa investigação sobre este assunto foi utilizada uma estratégia de pesquisa, que no caso da formação académica teve a ver com a consulta do site da Direção-Geral do Ensino Superior (<https://www.dges.gov.pt/guias/indmain.asp>) e que no caso da formação de treinadores a consulta ao Decreto Lei nº 106/2019 e aos referencias de formação geral de apoio ao curso de treinadores do programa nacional de formação de

treinadores, concebidos pelo tutela responsável, Instituto Português do Desporto e Juventude (<https://ipdj.gov.pt/manuais-de-apoio-cursos-de-treinadores>).

Após definidas as estratégias de pesquisa, prosseguimos para os critérios de elegibilidade, que no caso da formação académica definimos as seguintes etapas:

- 1- Pesquisar todas os estabelecimentos de ensino superior portugueses (Universidades, Politécnicos Públicos e Instituições de Ensino Superior Privadas);
- 2- Verificar quais os estabelecimentos de ensino superior com cursos relacionados com as ciências do desporto e com a formação educacional geral em Ciências da Educação Física;
- 3- Averiguar os ciclos de estudo existentes nos estabelecimentos de ensino superior que cumprissem o critério 2;
- 4- Verificar a existência de UC relacionadas com o desporto adaptado através dos nomes das Unidades Curriculares (UC) com as seguintes palavras-chaves: “Desporto Adaptado”, “Atividade motora ou física adaptada”, “Paralímpicos”, “Necessidades Educativas Especiais”, “Deficiência” e “Inclusão”. De salientar que, as UC com a designação de “populações especiais” foram excluídas, porque este tipo de designação envolve outro tipo de populações (diabetes, problemas cardíacos, obesidades entre outras)

A extração dos dados foi efetuada de forma independente, realizada por dois revisores, tendo em consideração os critérios de pesquisa (Triguero et al., 2019). Desta forma, as UC selecionadas foram inseridas em tabelas elaboradas para sintetizar as informações obtidas e colocadas em anexo. Nesta fase, as discrepâncias acerca dos dados extraídos foram resolvidas através da mediação de um terceiro revisor (Anguera, 1990).

Relativamente à análise dos dados obtidos, esta encontra-se organizada da seguinte forma:

- Estabelecimentos do ensino superior com UC relacionadas com a área do desporto adaptado;
- Cursos Técnicos Superiores Profissionais (CTeSP - que em Portugal fazem parte da oferta formativa dos Institutos Politécnicos) com UC relacionadas com a área do desporto adaptado;

- Licenciaturas com UC relacionadas com a área do desporto adaptado;
- Mestrados com UC relacionadas com a área do desporto adaptado;
- Doutoramentos com UC relacionadas com a área do desporto adaptado;
- Formações especializadas na área do desporto adaptado.
- Em todos os ciclos de estudo realizou-se uma análise consoante a representatividade dos créditos *europa credit transfer system* (ECTS). Os ECTS são conferidos a um determinado curso com o intuito, de descrever a carga horária académica necessária à sua conclusão (Comissão Europeia, 2017). Isto é, representa o volume de trabalho que cada estudante deve desenvolver em cada UC, em tarefas como: trabalho prático, aulas teóricas, seminários, trabalho autónomo, em casa ou na biblioteca, exames e demais atividades de avaliação (Comissão Europeia, 2017). Este sistema possibilitou uniformizar o sistema de codificação das UC na Europa, permitindo a criação de programas inteligíveis e fáceis de comparar (Comissão Europeia, 2017). Em termos gerais, os CTeSP e mestrados têm 120 ECTS e as licenciaturas e doutoramentos 180 ECTS.

2.3.2. Formação académica no Desporto Adaptado em Portugal

De acordo com a tabela 2 e a figura 5, podemos constatar que existem 30 estabelecimentos de ensino superior com cursos relacionados com as ciências do desporto e com formação educacional geral em Ciências da Educação Física distribuídos por diferentes distritos do país, à exceção dos distritos de Aveiro, Portalegre e Açores (Figura 5). Destes 30 estabelecimentos de ensino superior 13 são Institutos Politécnicos públicos, 10 são Instituições de Ensino Superior privadas e 7 são Universidades públicas (Tabela 4).

Tabela 4- Tipo de estabelecimento de ensino superior com cursos superiores relacionados com as ciências do desporto e com formação educacional geral em Ciências da Educação Física

Instituição de Ensino Superior	Distrito	Tipo
Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação de Bragança (IPBragança-ESEB)	Bragança	Politécnico
Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior de Educação (IPBeja-ESE)	Beja	Politécnico
Escola Superior de Educação de Fafe (ESE-Fafe)	Braga	Privado
Universidade de Braga (UBraga)	Braga	Universidade
Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia (UÉvora-ECT)	Évora	Universidade
Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação de Castelo Branco (IPCastelo Branco-ESECB)	Castelo Branco	Politécnico
Universidade da Beira Interior (UBI)	Castelo Branco	Universidade
Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (UCoimbra-FCDEF)	Coimbra	Universidade
Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação de Coimbra (IPCoimbra-ESEC)	Coimbra	Politécnico
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes (ISManuel Teixeira Gomes)	Faro	Privado
Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação e Comunicação (UAlgarve-ESEC)	Faro	Politécnico
Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto (IPGuarda-ESECD)	Guarda	Politécnico

Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (IPLeiria-ESECS)	Leiria	Politécnico
Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana (ULisboa-FMH)	Lisboa	Universidade
Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões (UAutónoma)	Lisboa	Privado
Universidade Europeia (UEuropeia)	Lisboa	Privado
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULusófona)	Lisboa	Privado
Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo (ISLisboa e Vale do Tejo)	Lisboa	Privado
Universidade do Porto - Faculdade de Desporto (UPorto-FD)	Porto	Universidade
Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Educação (IPPorto-ESE)	Porto	Politécnico
Universidade da Maia (UMaia)	Porto	Privado
Escola Superior de Desporto e Educação Jean Piaget (ESDE Jean Piaget)	Porto, Lisboa e Viseu	Privado
Instituto Politécnico da Maia - Escola Superior de Ciências Sociais, Educação e Desporto (IPMaia-ESCS)	Porto	Privado
Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro (ISCE do Douro)	Porto	Privado
Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Desporto de Rio Maior (IPSantarém-ESDRM)	Santarém	Politécnico
Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Educação (IPSetúbal-ESE)	Setúbal	Politécnico
Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Desporto e Lazer (IPViana do Castelo-ESDL)	Viana do Castelo	Politécnico

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Escola de Ciências da Vida e do Ambiente (UTAD-ECVA)	Vila Real	Universidade
Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Educação de Viseu (IPViseu- ESEV)	Viseu	Politécnico
Universidade da Madeira - Faculdade de Ciências Sociais (UMadeira-FCS)	Madeira	Universidade
Total		30

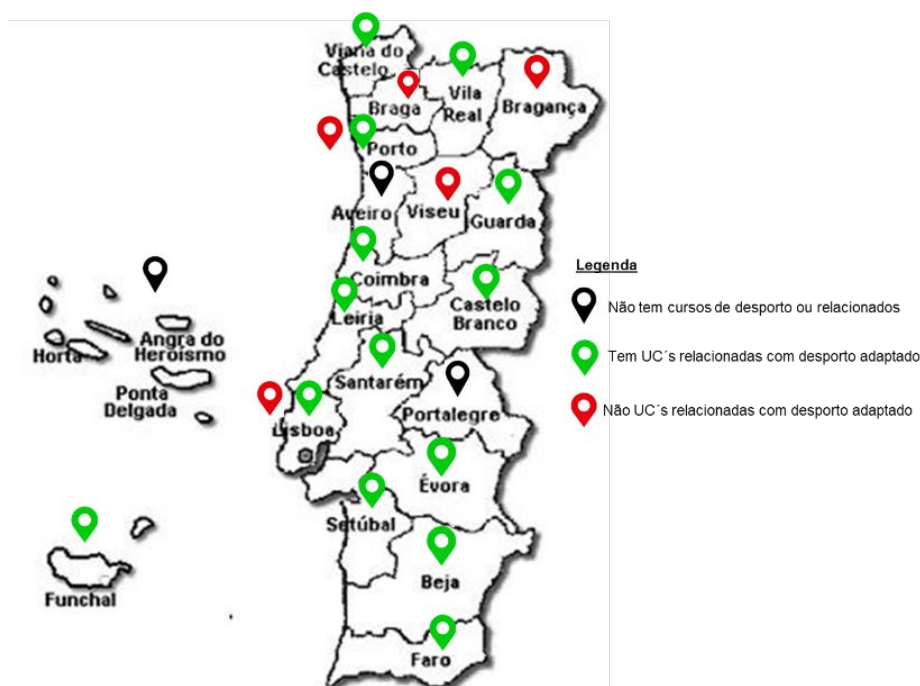


Figura 5- Estabelecimentos de ensino superior com UC relacionadas com o desporto adaptado

No que respeita aos ciclos de estudo das ciências do desporto e com formação educacional geral em Ciências da Educação Física constata-se que existem 20 cursos de CTeSP; 54 cursos de licenciaturas onde se incluem as especialidades; 55 cursos mestrado com a inclusão de especialidade; 21 cursos de doutoramento e especialidades e 5 formações especializadas na área do desporto adaptado (Anexo 1).

Quanto aos estabelecimentos de ensino superior que no seu plano de estudos contemplam UC enquadradas nos critérios de elegibilidade definidos, podemos contatar que das 30 analisadas, 22 instituições de ensino superior têm

alguma UC relacionada com o desporto adaptado nos seus ciclos de estudos e 8 não têm qualquer UC de desporto adaptado.

Esta realidade confirmar-se nos distritos de Braga (Escola Superior de Educação de Fafe e Universidade de Braga); Porto (Instituto Politécnico da Maia - Escola Superior de Ciências Sociais, Educação e Desporto); Lisboa (Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões; Universidade Europeia e Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Bragança (Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação de Bragança) e Viseu (Instituto Politécnico de Viseu - Escola Superior de Educação de Viseu).

2.3.2.1. CTeSP

Da análise efetuada os CTeSP (Anexo 2) constata-se que dos 20 cursos analisados, apenas 3 (15%) estabelecimentos de ensino superior têm unidades curriculares da área do desporto adaptado, todas obrigatórias, como é o caso do Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto; do Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo e do Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro (Figura 6). A denominação das UC centra-se na designação de Desporto(s) Adaptado(s), tendo em média 5,33 ECTS. Os outros 17 cursos não contemplam qualquer UC relativa à temática do desporto adaptado,



Figura 6- Estabelecimentos de ensino com UC relacionadas com o desporto adaptado nos CTeSP

2.3.2.2. LICENCIATURAS

No ciclo de estudos da licenciatura e suas especialidades/ ramos/ menores/ menores verificamos que em 54 cursos (28 (48.15%) deles contemplam UC relacionadas com o desporto adaptado (Anexo 3) e 26 (não têm qualquer UC relacionada com a temática (Figura 7). Relativamente à designação das UC estas variam entre: Olimpismo e Paralimpismo; Atividade Motora Adaptada; Necessidades e Educativas Especiais; Desporto(s) Adaptado(s); Didática das Atividades Físicas Adaptadas; Bases da Atividade Física Adaptada; Metodologia da Atividade Física Adaptada; Inclusão e Necessidades Educativas Especiais e Atividades Supervisionadas em Atividade Física Adaptada. É de destacar, que no Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Desporto de Rio Maior e Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Educação as UC relacionadas com a área do desporto adaptado são optativas. Na Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia e na Escola Superior de Desporto e Educação Jean Piaget têm uma UC de desporto adaptado optativa e outra obrigatória.

Em termos globais as licenciaturas têm 180 ECTS, correspondendo a um total de 9720 ECTS dos estabelecimentos de ensino superior com licenciaturas na área das ciências do desporto e formação educacional geral em Ciências da Educação Física. Deste modo, as UC de desporto adaptado incluindo as optativas, perfazem um total de 1.70% dos ECTS do total dos cursos (54) com uma média de 4.85 ECTS. Analisando sem a inclusão das UC de opção constata-se que as UC de desporto adaptado correspondem a 1.39% dos ECTS do total da licenciatura, com uma média de 3.95 ECTS.

É ainda relevante referir que apenas a Universidade da Maia, a Escola Superior de Desporto e Educação Jean Piaget, a Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia e Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação de Castelo Branco contemplam duas ou mais unidades curriculares enquadradas com a área do desporto adaptado. De referir que este último estabelecimento de ensino superior, é a única instituição do país com uma oferta específica na área do desporto adaptado no ciclo de estudos da licenciatura com o *minor* em Desporto para pessoas com deficiência em que as UC específicas representam 27.78% do total dos ECTS.

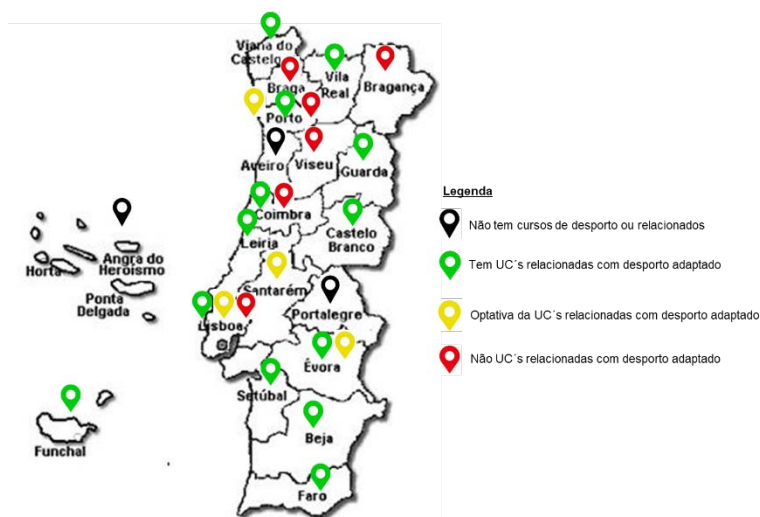


Figura 7- Estabelecimentos de ensino superior com UC de desporto adaptado no mestrado

2.3.2.3. MESTRADOS

Relativamente aos mestrados relacionados com a área do desporto em Portugal (Anexo 4), verifica-se que são 55 mestrados no total, incluindo ramos/percursos/ especialidades. Quando analisamos as UC relacionadas com o desporto adaptado, observa-se que apenas 12 (21.82%) cursos apresentam UC acerca do tema e que 43 mestrados (78.18%) não tem qualquer UC sobre a temática mencionada (Figura 8).

Os 12 mestrados referidos são ministrados no: Instituto Politécnico de Castelo Branco –Escola Superior de Educação; Universidade da Beira Interior; Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física; Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana; Universidade do Porto - Faculdade de Desporto; Escola Superior de Desporto e Educação Jean Piaget de Vila Nova de Gaia, Viseu e Almada, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Escola de Ciências da Vida e do Ambiente; Universidade da Madeira - Faculdade de Ciências Sociais. De salientar que, no Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação de Castelo Branco (Mestrado em Atividade Física), Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (Mestrado em Exercício e Saúde em Populações Especiais e Mestrado em Treino Desportivo) e Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana (Mestrado em Reabilitação Psicomotora) embora exista uma UC sobre a temática do desporto adaptado que é de carácter optativo.

Quanto aos ECTS e considerando que os mestrados analisados têm 120 ECTS num total de 6600, apenas 164 ECTS são de UC relativas ao desporto adaptado incluindo as de opção e que sem estas os valores dos ECTS baixam para 138. Em média, as UC de desporto adaptado têm em média 7.1 ECTS considerando as optativas, e 5.68 sem as optativas. Apenas as Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto (Anexo 4) têm mais de uma UC relacionada com a área de estudo do desporto adaptado. Apenas na Universidade do Porto-Faculdade de Desporto inclui um mestrado específico na área Mestrado em Atividade Física Exercício e Saúde Especialização Atividade física adaptada onde 68.33% dos ECTS são dedicados a esta área específica.

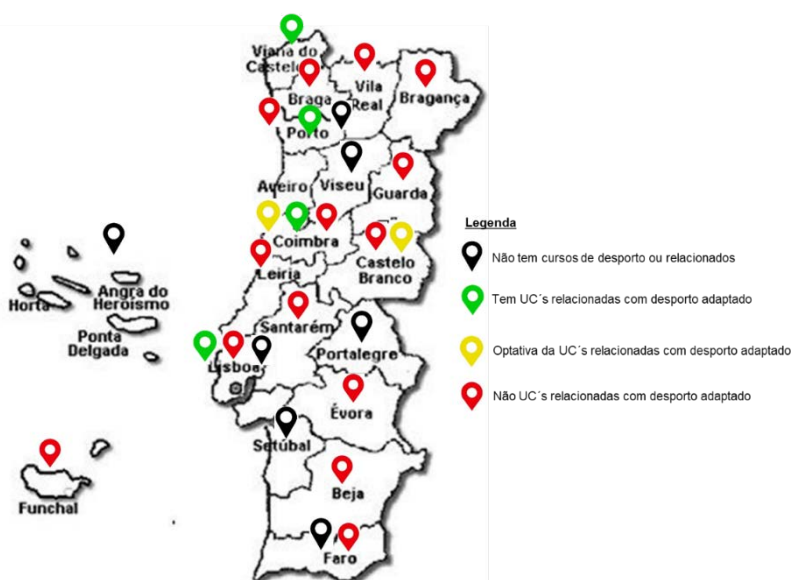


Figura 8- Estabelecimentos de ensino superior com UC de desporto adaptado no mestrado

2.3.2.4. DOUTORAMENTOS

No 3º ciclo de estudos, doutoramento, estes são apenas ministrados nos estabelecimentos de ensino superior com a designação de Universidade. Em Portugal existem 21 doutoramentos e especialidades, onde apenas 2 estão relacionados com o desporto para pessoas com condição de deficiência (5%). Estes doutoramentos específicos são ministrados nas Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana e Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (Anexo 5).

Para além deste facto, ainda consideramos interessante verificar as pós-graduações (a que chamamos Curso Especializado) nos estabelecimentos de ensino superior no âmbito do desporto adaptado. Verificamos que existem

apenas 2: na Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (funciona online e de 2 em 2 anos) e no Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

Em suma, podemos concluir, que em todos os ciclos de estudos, apenas existem 5 cursos dedicados à área do desporto adaptado, significando apenas 3% num universo de 150 cursos e especialidades (Anexo 6).



Figura 9- Doutoramentos e Pós-Graduações especializadas no desporto adaptado

2.3.3. Desporto adaptado na formação de treinadores em Portugal

Em Portugal, a formação de treinadores organiza-se através da atribuição de 4 graus em consonância com o regime Jurídico da Formação desportiva no Quadro da

Formação Profissional, estabelecido pelo Decreto-Lei n.º 407/99, e com o Decreto-Lei n.º 396/2007, de 31 de dezembro, que estabelece o regime Jurídico do sistema Nacional de Qualificações. Desta forma, a formação é constituída por três componentes; a geral, a específica da modalidade e o estágio, tendo os treinadores obrigatoriamente todos os anos à de realizarem ECTS para a renovação da cédula (Tabela 5). De notar, que para a renovação 1 ECTS corresponde a 25h de trabalho.

Tabela 5- Relação da carga horária das diferentes componentes de formação e renovação da cédula de treinadores

	<i>Componente Geral</i>	<i>Componente Específica</i>	<i>Estágio</i>	<i>Total de horas</i>	<i>Renovação</i>
<i>Grau I</i>	40h	40h	600h	680h	2.5 ECTS
<i>Grau II</i>	60h	60h	800h	920h	3 ECTS
<i>Grau III</i>	90h	90h	1.100h	1.280h	4 ECTS
<i>Grau IV</i>	135h	135h	1.500h	1.770h	5 ECTS

O Decreto-Lei nº 248-A/2008, posteriormente revogado pela Lei nº 40/2012 caracteriza os diferentes graus de formação de treinadores da seguinte forma:

- Grau I: Corresponde à base da pirâmide hierárquica em termo profissionais, assumido este a orientação nas etapas iniciais da formação desportiva e a coadjuvação do treinador de Grau II. Na formação da componente geral as unidades de formação centram-se na Ética no Desporto, no Funcionamento do Corpo Humano, em Primeiros Socorros e Antidopagem e no Desporto Adaptado.

- Grau II: Atua num patamar intermédio de formação desportiva, fomentando conhecimentos sólidos de planeamento, implementação, orientação e avaliação do processo de treino e da competição. Na formação da componente geral as unidades de formação centram-se na Teoria e Metodologia do Treino Desportivo, Pedagogia e Didática do Desporto, Fisiologia do Desporto, Psicologia do Desporto, Nutrição no Desporto, Traumatologia do Desporto, Antidopagem, Ética no Desporto e Desporto Adaptado.

- Grau III: Um nível elevado na hierarquia, tendo como principais objetivos orientar participantes em etapas avançadas de desenvolvimento; coordenar equipas dos graus I e II e coadjuvar treinadores com o grau IV. Na formação da componente geral as unidades de formação abarcam a Biomecânica do Desporto, Gestão e Organização do Desporto e *Coaching* do Treino Desportivo.

- Grau IV: É o grau mais elevado na hierarquia dos treinadores, permitindo orientar atletas de alto rendimento; coordenar equipas técnicas profissionais com treinadores de grau I, II e III; e coordenar equipas técnicas pluridisciplinares. Na formação da componente geral as unidades de formação abarcam Desporto,

Sociedade e Cultura, Gestão e Organização do Desporto e *Coaching* do Treino Desportivo.

As informações das tabelas 4, 5, 6 e 7 foram integralmente retiradas do Programa Nacional de Formação de Treinadores- Referenciais de Formação Geral dos Cursos de Treinadores de Desporto, versão 2020 com edição da tutela Instituto Português do Desporto e Juventude. Relativamente à matriz curricular do curso de treinadores, a unidade curricular em formação de desporto adaptado é consignada aos graus I e II e inserida na componente geral representando 5% do total de horas desta componente.

Assim, no grau I e II a UC de desporto adaptado tem 2 horas dividida em 4 subunidades (Tabela 6).

Tabela 6- Desporto Adaptado: subunidades e carga horária

Treinadores Grau I			
<i>Subunidades</i>	<i>Horas</i>	<i>Horas teóricas</i>	<i>Horas práticas</i>
1. O direito ao desporto das pessoas com deficiência / incapacidades	20 min	20 min	0 min
2. Competências motoras fundamentais	40 min	20 min	20 min
3. Adaptação	20 min	20 min	0 min
4. Jogos adaptados e inclusivos	40 min	40 min	0 min
<i>Total</i>	<i>2 horas</i>	<i>1h40min</i>	<i>20 min</i>
Treinadores Grau II			
1. Inclusão no desporto	30	30 min	0 min
2. Desenvolvimento motor atípico	30	30 min	0 min
3. Estratégias de adaptação de avaliação e registo	30	30 min	0 min
4. Jogos inclusivos	30	0 min	30 min
<i>Total</i>	<i>2 horas</i>	<i>1h30min</i>	<i>30 min</i>

Segundo o manual de referenciais, ainda são definidos objetivos gerais e específicos para a unidade curricular de formação de desporto adaptados (Tabela 7), bem como as competências de saída e critérios de evidência para

cada subunidade para o grau I (Tabela 8) e II de formação de treinadores (Tabela 9).

Tabela 7- Unidade de formação de desporto adaptado: Objetivos gerais e específicos

Treinadores Grau I	
	Proporcionar aos futuros treinadores conhecimentos contributivos para:
<i>Objetivos Gerais</i>	<p>a) O reconhecimento do direito à participação e inclusão no desporto, das pessoas com deficiência, tanto no âmbito do desporto de participação como de rendimento;</p> <p>b) A identificação e desenvolvimento de estratégias básicas de adaptação e de intervenção no que respeita às competências motoras fundamentais / básicas das pessoas com deficiência.</p> <p>-Identificar fatores facilitadores e barreiras à igualdade de oportunidades de participação no desporto das pessoas com deficiência nomeadamente no âmbito das atitudes e dos recursos;</p> <p>-Identificar limitações comuns de desempenho no que respeita às competências motoras fundamentais / básicas;</p> <p>-Aplicar estratégias básicas de adaptação no que respeita às competências motoras fundamentais / básicas;</p> <p>-Conhecer estratégias de adaptação elementares, facilitadoras do desenvolvimento e das aquisições motoras, para orientar e avaliar os praticantes com deficiência.</p>
<i>Objetivos específicos</i>	
Treinadores Grau II	
<i>Objetivos Gerais</i>	a) Desenvolver a capacidade de análise, de interpretação e de crítica sobre o processo de

Objetivos específicos

inclusão, as tendências e condicionantes da sua evolução;

b) Proporcionar conhecimentos facilitadores do desenvolvimento de competências motoras e de estratégias de adaptação e de inclusão na atividade desportiva.

-Identificar a diferença entre incluir como meio para atingir a igualdade de oportunidades e incluir como um fim a atingir;

-Conhecer mitos e crenças que influenciam a participação e a inclusão social das pessoas com deficiência;

-Conhecer modelos de apoio necessários à inclusão Desportiva;

-Distinguir as limitações mais comuns de desempenho no que respeita às competências motoras fundamentais nos diferentes tipos de deficiência;

-Reconhecer a existência de limitações à atividade desportiva comuns aos diferentes tipos de deficiência.

-Conhecer os fundamentos da classificação desportiva das pessoas com deficiência identificando as suas limitações;

-Dominar estratégias de adaptação no âmbito da planificação, orientação e avaliação, facilitadoras da participação e da inclusão.

Tabela 8- Subunidade das competências de saída e critérios de evidencia do Grau I

Treinadores Grau I	
<i>O direito ao desporto das pessoas com deficiência / incapacidades</i>	
<i>Competência de saída</i>	Reconhecer a inclusão como um meio para atingir a igualdade de participação social ativa nomeadamente no âmbito desportivo. Identificar fatores facilitadores assim como barreiras à participação da pessoa com deficiência. Emprega corretamente os termos em estudo.
<i>Crítérios de evidência</i>	Identifica em diversas situações elementos que constituem fatores facilitadores e barreiras à participação da pessoa com deficiência.
<i>Competências motoras fundamentais</i>	
<i>Competência de saída</i>	Planificar situações de aprendizagem que visam a deslocação no espaço, a mobilidade, as mudanças de posição do corpo e o controlo de objetos. Avaliar competências
<i>Crítérios de evidência</i>	Elabora uma sequência de aprendizagem para um dos grupos de movimentos em função de diferentes tipos de problemas.
<i>Adaptação</i>	
<i>Competência de saída</i>	Identificar formas básicas de adaptação.
<i>Crítérios de evidência</i>	Aplica / Emprega corretamente as regras de adaptação a um jogo que implique deslocamentos, equilíbrio ou o controlo de objetos.
<i>Jogos adaptados e inclusivos</i>	
<i>Competência de saída</i>	Identificar dificuldades de movimento simulando a existência de uma deficiência. Organizar situações simples que permitam evoluir no desempenho.
<i>Crítérios de evidência</i>	Demonstra de forma clara e precisa as dificuldades de movimento.

Identifica corretamente os elementos facilitadores de participação nas situações vivenciadas.

Tabela 9-Subunidade das competências de saída e critérios de evidencia do Grau II

Treinadores Grau II	
<i>Inclusão no desporto</i>	
<i>Competência de saída</i>	Identificar e selecionar exemplos de situações representativas dos termos em estudo.
<i>Critérios de evidência</i>	Identifica o modelo e a estrutura de apoio necessária. Aplica corretamente os conceitos de funcionalidade e incapacidade e, de inclusão. Identifica as necessidades de apoio ao nível do individuo e ao nível da estrutura de apoio.
<i>Desenvolvimento motor atípico</i>	
<i>Competência de saída</i>	Identificar as alterações ao desenvolvimento. Identificar as mudanças operadas na classificação desportiva e sabe perspetivá-las no contexto da inclusão. Promove a desmistificação da deficiência e a aceitação no grupo de que a incapacidade do ponto de vista desportivo é apenas uma limitação no desempenho.
<i>Critérios de evidência</i>	Demonstra competências de avaliação do desenvolvimento das competências motoras do praticante com deficiência.
<i>Estratégias de adaptação de avaliação e registo</i>	
<i>Competência de saída</i>	Identificar formas de adaptação visando a inclusão de um praticante com deficiência num grupo com competências diversas onde existem praticantes com e sem deficiência. Aplica corretamente as adaptações para a participação conjunta de praticantes com e sem deficiência.
<i>Critérios de evidência</i>	Aplica tanto na instrução como no reforço formas de comunicação apropriadas. Demonstra competências de avaliação de praticantes com deficiência.
<i>Jogos inclusivos</i>	

<i>Competência de saída</i>	Organizar situações simples onde é possível a participação conjunta de pessoas com diferentes capacidades nomeadamente de pessoas com deficiência.
<i>Critérios de evidência</i>	Identifica corretamente os elementos facilitadores de participação de todos nas situações vivenciadas. Planeia e implementa jogos para níveis de desempenho muito diversos.

Em suma, o Programa Nacional de Formação de Treinadores-Referenciais de Formação Geral dos Cursos de Treinadores de Desporto, versão 2020, refere que a unidade de formação de desporto adaptado surge pela primeira vez no programa de formação do grau I e II “no sentido de preparar os treinadores para esta vertente do Desporto, a qual se pretende que seja cada vez mais valorizada e tratada com a dignidade e conhecimento requeridos.” (p.10).

2.4. Desenvolvimento profissional de Desporto Adaptado

2.4.1. Formação e perfil dos profissionais de desporto adaptado

O desenvolvimento profissional dos treinadores é uma das temáticas mais escarpadas em estudos que incidam sobre o treino (Gilbert & Trudel, 2004). No entanto, as investigações que recaem sobre o papel do treinador revelam-se débeis na interligação entre a teoria e a prática, visto que os procedimentos conceptuais sobre a formação são ainda insuficientes (Lyle, 2002). No caso do Desporto Adaptado (DA), a necessidade torna-se mais visível, pois questões que explorem assuntos relacionados com a formação do treinador e o treino são quase inexistentes (Townsend et al., 2015). Em Portugal, os *Special Olympics* Portugal (SOP) são uma das principais organizações nacionais para o desenvolvimento do desporto para atletas com deficiência intelectual. E embora os treinadores desempenhem um papel importante no desenvolvimento dos atletas, o processo e mecanismos utilizados pelos *Special Olympics* para o desenvolvimento das competências do treinador carecem de investigação (Townsend et al., 2015; MacDonald, et al., 2014).

Perante este paradigma, Rangeon et al. (2012) analisaram 946 artigos sobre a temática referida, produzidos entre 1970 e 2008, e apenas 4 exploraram a problemática do treino no DA. Paradoxalmente, constata-se uma evolução geral relativamente ao Desporto Adaptado, que não é efetivamente acompanhada pela produção de investigações científicas, nomeadamente em domínios como o treino, o treinador e os programas de formação (McMaster et al., 2012).

Na investigação sobre o perfil do treinador no âmbito do desporto adaptado, a maior parte dos programas formativos são construídos para o desporto normativo não sendo adaptados às necessidades específicas para os treinadores de desporto adaptado (Martin & Whalen, 2014; Cregan et al. , 2007; Ibáñez et al.,2019).Torna-se pertinente o desenvolvimento de investigação científica não só pela escassez de estudos na temática, como também, pela necessidade de compreender os contextos de aprendizagem destes treinadores, com o intuito de analisar o seu percurso formal e não formal de aprendizagem. A falta de recursos de aprendizagem e as lacunas no percurso formativo são de tal forma significativas, que estes adquirem muito do seu conhecimento através da troca de experiências entre pares (McMaster et al., 2012; Cregan et al. 2007; Fairhurst et al., 2016).

Neste contexto, a formação formal é uma atividade que requer diretrizes de admissão, frequência obrigatória, currículos normalizados e culmina com uma certificação (Nelson et al., 2006). A formação não formal é uma atividade educativa sistemática, realizada fora do quadro formal de aprendizagem (Nelson et al., 2006). Os autores referidos mencionam que, embora existam semelhanças entre os dois tipos de aprendizagem, a formação não formal é tipicamente desenvolvida num curto período de tempo sobre uma área específica de conhecimento. De salientar, que dentro contexto do DA são limitadas as investigações que pesquisem os treinadores dos Special Olympics (MacDonald et al.,2014). Como forma de solucionar a problemática mencionada, Feu et al. (2007) propõem que o perfil do treinador seja avaliado numa perspetiva multidimensional, considerando também os conhecimentos e capacidades utilizadas pelo próprio (Feu et al., 2010; 2009). Burkett (2013) refere que, fontes técnicas e desportivas que estão disponíveis sobre a temática treinador e treino tendem a ser concebidas por especialistas ou académicos para satisfazer as

suas próprias necessidades, não sendo acessíveis para os treinadores do desporto adaptado, e muitas vezes não são adequadas para preencher lacunas de conhecimentos para os profissionais.

2.4.2. Estilos de decisão e planificação de desporto adaptado

O estilo de decisão e planificação do treinador são elementos preponderantes e determinantes para aumentar a efetividade e qualidade no processo de treino (Feu, et al, 2007). Desta forma, o planeamento reveste-se como sendo uma premissa essencial para criar e solidificar um projeto desportivo (Buceta, 2004). A planificação do treinador deve ter em consideração a adaptabilidade a situações provocadas pelos atletas, particularidades induzidas pela natureza do exercício e pelo próprio treinador (Bennie, et al, 2017). De salientar, que Ibáñez (1997a) também considera que aspetos contextuais e competitivos são elementos que afetam o treino e consequentemente influenciam estruturalmente os estilos de planificação e decisão. Os estilos de planificação e decisão devem ser percecionados de forma multidimensional, proporcionando a criação de um conjunto de dimensões, com o intuito de melhor compreender a problemática (Feu et al., 2007).

No entanto, existe uma efetiva falta de produção científica numa perspetiva holística do papel do treinador de desporto adaptado (Lee & Porretta, 2013). Perante esta prerrogativa, Bentzen et al. (2020) realizaram uma scoping review com o objetivo de melhorar o avanço do conhecimento nesta área específica, analisando artigos publicados entre 1991 e 2018. Os investigadores concluíram que apenas quatro estudos focavam os conhecimentos específicos nos *adapted sports coach*.

Assim, é urgente um investimento técnico e científico sobre a temática, com o desígnio de auxiliar os treinadores no exercício da sua função profissional (Wareham et al., 2017). Mais especificamente, torna-se imperativo o desenvolvimento de estudos na área do treino em desporto adaptado com o propósito de aumentar a eficácia e qualidade no treino (McMaster et al. 2012).

2.4.3. Comportamentos de Liderança dos treinadores no desporto adaptado

No desporto adaptado parece consensual, que a prática desportiva é um veículo que contribui para aumentar a qualidade de vida dos atletas com condição de deficiência (Chen et al, 2012; Safania & Mokhtari, 2012; Tomasone et al., 2013). Este paradigma, sublinha a importância dos treinadores no desenvolvimento holístico dos atletas (Tawse et al.,2012), dado que, no desporto adaptado, os treinadores devem ser capazes de ajustar as suas metodologias de treino às necessidades específicas de cada atleta (Bloom et al., 2014). Este processo, é um elemento essencial para a construção da relação treinador - atleta (Burkett, 2013; Tawse et al.,2012). Assim, os desportistas parecem sentir uma maior ligação e compromisso com o treinador, quando existe efetivamente uma reciprocidade de objetivos desportivos (Bloom et al., 2014). Os aspetos psicológicos do treino para atletas com deficiência, revelam a importância e a necessidade do treinador em adaptar os seus comportamentos e estratégias, com o intuito de satisfazer as necessidades reais dos seus atletas (Banack et al., 2011; Cregan et al., 2007; Tawse et al., 2012). Deste modo, os comportamentos de liderança são fatores preponderantes para alcançar a excelência e o sucesso no desporto (Weinberg & McDermott, 2002). Em termos genéricos, os estudos sobre a liderança concluem que as perceções dos atletas sobre o comportamento de liderança dos treinadores variam consoante as suas próprias características individuais, bem como os contextos onde se encontram inseridos (Chelladurai, 2007).

Além do referido, os estudos demonstram que os treinadores também são influenciados na sua liderança pelas características específicas dos atletas (Vieira et al. 2014; Silva et al., 2014). Neste campo, Hatamleh et al. (2009) realizaram um estudo, sobre as perceções de atletas com deficiência física e os comportamentos de liderança dos treinadores, e concluíram que os desportistas rejeitam comportamentos autocráticos pois inibem a sua satisfação na prática desportiva. No entanto, não existe um modelo eficaz específico para o treino de atletas com condição de deficiência (Burkett, 2013; Rangeon et al., 2012).

As investigações sobre o desenvolvimento contextual do treino do desporto adaptado ainda são produzidas em número reduzido (Bentzen, 2020;

Burkett, 2013; Rangeon et al., 2012; Pires et al., 2021b; Rodríguez et al. 2015). A este propósito, Pires (2021a) realça a importância de sustentar a produção científica com a operacionalização prática do exercício da função de treinadores. Os autores referem, que este binómio facilitava o processo de ensino aprendizagem dos treinadores e conseqüentemente aumentava a eficácia no processo de treino.

No entanto, os argumentos anteriormente expostos requerem formação específica dos treinadores (McMaster et al., 2012; Feu et al, 2010; Gamonales et al. 2018), o que nem sempre acontece, dado que no âmbito do desporto adaptado são escassos os ambientes de aprendizagem (McMaster et al., 2012; Cregan et al. 2007; Fairhurst et al., 2016). Mais especificamente os treinadores da área do desporto adaptado, necessitam de um conhecimento aprofundado das tipologias da deficiência e das adaptações específicas da modalidade com o intuito de melhorar a performance dos atletas (Pires et al, 2021b).

Até onde se conhece, não existem muitas investigações que abordem os comportamentos de liderança dos treinadores do contexto dos Special Olympics Portugal (SOP), nomeadamente a autoperceção dos treinadores e a perceção dos atletas.

2.4.4. Papel do desporto na autodeterminação e bem-estar dos atletas com condição de deficiência intelectual

Horn (2008) refere que os treinadores são amplamente reconhecidos como um dos agentes sociais mais importantes no panorama desportivo. Perante esta premissa, torna-se fundamental analisar a relação entre treinador-atleta, uma vez que este aspetor é primordial para atletas com deficiência (Bloom et al., 2014; Burkett, 2013; Martin & Whalen, 2014;). Assim, Bloom et al. (2014), consideram que os atletas sentem maior ligação com treinadores que se preocupam com eles dentro e fora da área de jogo, permitindo um treino eficaz e adequado às necessidades particulares do atleta. Nesta perspetiva, Bentzen et al. (2020), consideram essencial o desenvolvimento de um modelo de treino eficaz específico para o desporto adaptado a fim de compreender quais os determinantes para a prática de um treino eficaz (Martin & Whalen, 2014).

No caso do desporto adaptado, este tipo de formação é escasso e dispendioso, o que conseqüentemente leva a uma aprendizagem por tentativa e erro por parte dos profissionais (Douglas et al., 2017; Pires et al., 2021a). Assim, torna-se imperativo a formação e investigação na área do desporto adaptado, com o intuito de adequar o processo de treino às necessidades específicas dos atletas (Gamonaes et al. 2019; Hernández et al.2021; Martins et al, 2022; Pires et al., 2021b).

Deste modo, para satisfazer as necessidades reais dos seus atletas, é essencial o treinador adaptar os seus comportamentos e estratégias (Banack et al., 2011; Cregan et al., 2007; Feu et al, 2010; Tawse et al., 2012). Assim, os comportamentos de liderança são essenciais para alcançar a excelência e o sucesso no desporto (Weinberg & McDermott, 2002). Em termos genéricos, os estudos sobre o tema concluem que as perceções dos atletas sobre a liderança dos treinadores variam consoante as suas próprias características individuais, bem como os contextos onde se encontram inseridos (Chelladurai, 2007). Torna-se assim evidente que, os comportamentos de liderança dos treinadores e as vivências e o bem-estar dos atletas com condição de deficiência são primordiais para obter um treino eficaz e por isso devem ser considerados na formação dos treinadores (Shirazipour et al., 2017; Turnnidge et al., 2012).

Tendo em conta a importância que a relação entre treinador-atleta é necessária analisá-la com base num pressuposto teórico que inclua os antecedentes motivacionais dos atletas e os seus determinantes (Allan et al., 2019; Komenda et al., 2021). Esta perspetiva é corroborada por Frielink (2018), uma vez que considera que a teoria da autodeterminação fornece conhecimentos relevantes sobre o bem-estar das pessoas com deficiência intelectual, permitindo o desenvolvimento globalizante de métodos e programas de intervenção no quotidiano (Verdugo et al. 2013). Formalmente, a teoria da autodeterminação é uma macro teoria sobre a motivação humana e que analisa as causas e as conseqüências do comportamento intrinsecamente motivado (Deci & Ryan, 2000, 2002, 2008). Deste modo, o modelo teórico referido explica que o comportamento humano tem como base *continuum* a motivação que varia entre a amotivação, motivação controlada (motivação extrínseca introjetada e externa) e motivação autónoma (motivação intrínseca e motivação extrínseca integrada e identificada) (Deci & Ryan, 2008). Neste contexto, considera-se

basilar abordar uma micro teoria que deriva da teoria da autodeterminação, a teoria das necessidades psicológicas básicas (Ryan & Deci, 2000, 2017). Esta micro teoria constitui-se como uma das mais explicativa das motivações contemporâneas (Moreno-Murcia et al, 2011). São definidas nesta teoria três necessidades psicológicas básicas: autonomia, competência e relação (Ryan & Deci, 2000, 2017). Assume-se que estas necessidades são universais para todos os seres humanos ao longo da vida, devendo ser um meio para a promoção do bem-estar pessoal, a vitalidade e a saúde mental (Blauwet & Willick 2012, Deci, 2004, Ryan & Deci, 2000, 2017). Tay e Diener (2011) referem que as necessidades psicológicas básicas são preditoras da teoria do bem-estar subjetivo. Esta teoria corresponde à avaliação que um indivíduo faz em cada momento da sua vida, e subdivide-se em duas componentes (Diener et al., 1985, 1999): a componente cognitiva que corresponde à satisfação com a vida e a emocional que diz respeito aos aspetos positivos e negativos (Diener et al., 1985; Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). Moltó e Bruna (2017) realizaram um estudo onde avaliaram a influência da prática desportiva na autodeterminação e satisfação com a vida de 74 pessoas com DI e concluíram que a prática desportiva tem um impacto moderado na autodeterminação e satisfação com a vida dos indivíduos com DI que praticam desporto. Quanto às necessidades psicológicas básicas, Komenda et al. (2021) realizaram uma investigação com 168 atletas com DI durante os *Special Olympics World Winter Games 2017*, onde analisaram a associação entre a autodeterminação e a satisfação com a vida, bem como se esta ligação é medida pela satisfação das necessidades psicológicas básicas. Os autores referidos concluíram que a autodeterminação está associada à satisfação com a vida e que os atletas com maior perceção de competências têm índices mais elevados de satisfação com a vida. Ainda a considerar que a satisfação com a vida, podem ser reguladas por fatores ambientais e intrapessoais como: idade, género, tipologia da deficiência e tipo de desporto (Moltó & Bruna, 2017).

Salienta-se que é fundamental incluir atletas com deficiência, em estudos na área do desporto adaptado, pois muitas vezes são excluídos dos procedimentos investigativos (Everett et al. ,2019; Hernández et al., 2021; Martins et al., 2022). Os autores anteriormente mencionados, sugerem que a utilização de teorias motivacionais é uma ótima forma de dar voz aos atletas com

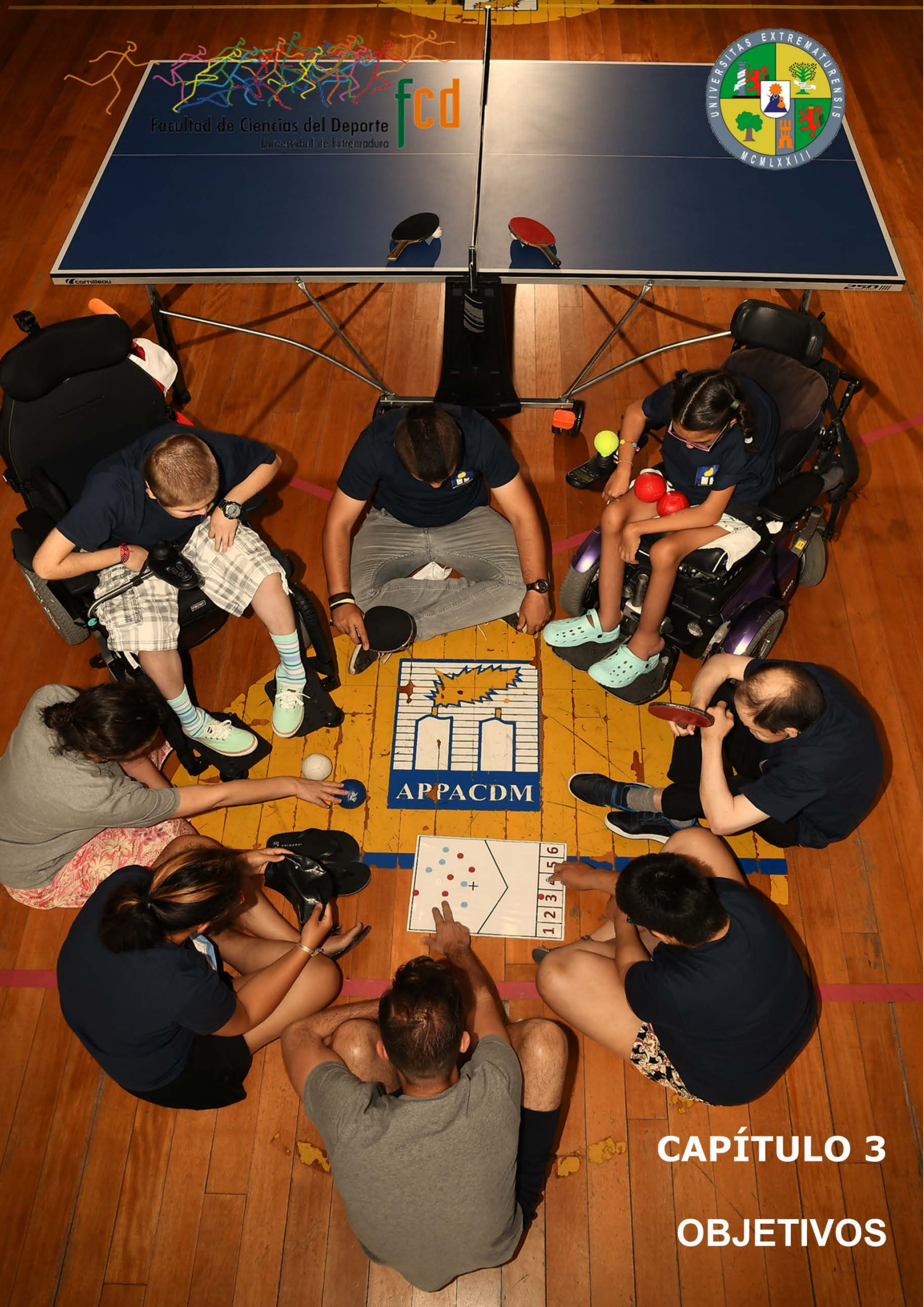
DI, e assim fornecer um ponto de partida para melhorar a formação e o desenvolvimento do desporto adaptado.

Pires et al. (2021a) reforçam a ideia anteriormente exposta, e acrescentam que para se ter uma visão holística sobre a problemática do treino no desporto para atletas com DI, é necessário analisar os aspetos inerentes à formação e liderança do treinador aliados à satisfação e motivação dos atletas.



Facultad de Ciencias del Deporte
Universidad de Extremadura

fcd



CAPÍTULO 3 OBJETIVOS

Capítulo 3. Objetivos

3.1. Origem e planeamento da investigação

A formação é a base para a evolução contextual e paradigmática do desporto adaptado (Moran & Block, 2010; Robertson et al., 2011). Neste âmbito os estudos salientam que, a oportunidade de formação para profissionais que atuam nesta área é muito reduzida, apenas restrito muitas vezes a livros e workshops (McMaster, et al.,2012; Tawse et al., 2012).

Perante este paradigma, Burkett (2013), salienta que existe a necessidade de aumentar os recursos disponíveis no desporto adaptado, uma vez que em termos empíricos existe um desequilíbrio investigativo quando comparado o desporto regular e adaptado. Segundo a autora esta desigualdade ainda é mais acentuada, quando a abordagem científica é efetuada entre os treinadores de desporto regular e adaptado. Embora a produção científica seja reduzida, começam paulatinamente a surgir algumas investigações sobre o treinador de desporto adaptado, no entanto ainda é evidente a falta de um modelo ou estrutura de treino centrada nas necessidades específicas de atletas com deficiência (Gilbert & Rangeon, 2012; Bentzen et al.,2020)

Tendo em conta este pressuposto Bloom e investigadores (2014), sugerem a utilização do modelo 3 + 1 Cs (Jowett & Lavallee, 2007; Jowett, 2017), visto que a finalidade é a adaptação do treinador às necessidades específicas dos atletas. O modelo preconiza que a qualidade da relação entre treinador-atleta fundamental para o treino e sua eficácia, obtendo assim um conhecimento holístico da relação treinador- atleta (Jowett et al, 2012). A relação entre ambos é mediada pelo conhecimento e a liderança dos treinadores, constituindo estas duas premissas um constructo fundamental para a melhoria da competência, satisfação, felicidade e satisfação dos atletas. Jowett (2012) refere que o conhecimento sistemático deste modelo pode torná-lo um instrumento útil na formação do treinador. Em termos conceptuais, este modelo visa medir as relações entre treinadores e atletas a um nível emocional, cognitivo e comportamental. Os quatro constructos que sustentam este modelo são: a proximidade, o compromisso, a complementaridade, e coorientação (Jowett & Lavallee, 2007). Os autores referidos anteriormente definem:

- A proximidade é definida pelos sentimentos interpessoais entre os treinadores e atletas para criação de um vínculo afetivo;

- O compromisso reflete os pensamentos interpessoais dos treinadores e atletas de manter uma relação próxima

- A complementaridade reflete os comportamentos interpessoais de liderança e cooperação entre os treinadores e atletas.

- A coorientação reflete o nível de interdependência dos treinadores e dos atletas em termos de semelhança e compreensão relativamente à sua opinião sobre a qualidade de a sua relação.

De salientar, que a coorientação é o fator que liga as três construções anteriores, uma vez que é definido como o conhecimento e a compreensão partilhada entre treinadores e atletas (Jowett, 2017). A **Figura 1**Figura 10 sistematiza o modelo de treino- eficaz 3+1 Cs, onde se enfatiza a relação treinador- atleta.

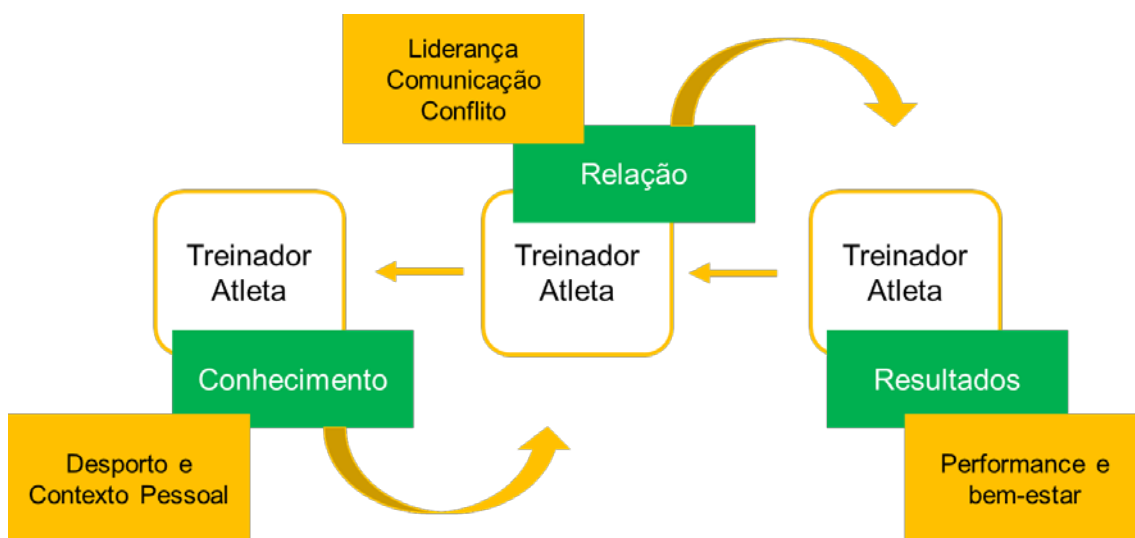


Figura 10- Esquema do modelo 3+1 Cs passo a passo (Jowett & Lavallee, 2007)

Para além deste aspeto, Bentzen et al. (2020) realizam uma *scoping review* sobre o conhecimento do treinador de desporto adaptado, tendo sido identificado como limitações a falta da representação das perspetivas dos atletas na experiência do treino, pequenas amostras (ou seja, menos de 10 participantes) e a exclusão do universo da deficiência intelectual pelas complexidades particulares deste tipo de atletas. Os autores referidos,

mencionam que o panorama do *Special Olympics* tem características mais específicas relativamente ao âmbito paralímpico.

Na deficiência intelectual, o papel do treinador é complexo e exigente, uma vez que o treino requer uma abordagem flexível, com o intuito de ir ao encontro das necessidades específicas deste tipo de desportistas (Burkett, 2013). Desta forma uma especialização centra na temática do desporto adaptado, é um veículo fundamental no desenvolvimento contextual do desporto para esta tipologia de população (Moran & Block, 2010; al., 2011).

Uma revisão do âmbito centrada nos treinadores de desporto adaptado ajudaria no avanço da ciência e na prática do treino de atletas com deficiências de todas as idades e níveis de habilidade (Bentzen et al., 2020). Os autores revelam que mais de metade dos artigos incluíam pequenas amostras (ou seja, menos de 10 participantes) com pouca diversidade.

Além disso, a revisão constatou que a aprendizagem através da educação formal foi discutida por ser de difícil acesso, limitada na disponibilidade, dispendiosa de frequentar, e sem conteúdo específico do desporto adaptado. Os autores sugerem que um modelo conceptual para a eficácia no treino que fosse específico para o desporto adaptado.

3.2. Objetivos da investigação

Os objetivos da investigação foram delineados, com o intuito de construir um modelo de treino eficaz para atletas com deficiência intelectual participantes nos *Special Olympics*. Neste sentido, o objetivo principal é identificar o perfil de formação e liderança na área de Desporto Adaptado, e a implicação na autodeterminação e no bem-estar dos desportistas com condição de Deficiência Intelectual.

Para este efeito, foram estabelecidos cinco objetivos gerais e onze objetivos específicos. Estes objetivos deram origem à realização de cinco artigos, sendo os objetivos gerais e específicos apresentados por estudos:

Objetivo 1: Sintetizar e compreender as evidências empíricas qualitativas publicadas anteriormente acerca do desenvolvimento da carreira do Treinador de Desporto Adaptado (TDA).

Objetivo 1.1: Desenvolvimento de um modelo conceptual sobre o percurso de formação e profissional do TDA.

Objetivo 2: Identificar as vias de formação e o perfil do treinador de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual (TDADI).

Objetivo 2.1: Examinar a relação da formação formal no perfil e formação do TDADI.

Objetivo 2.2: Examinar a relação da formação não formal no perfil e formação do TDADI.

Objetivo 2.3: Analisar as correlações existentes entre o perfil e a formação do TDADI.

Objetivo 3: Identificar os estilos de decisão e planificação dos treinadores de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual.

Objetivo 3.1: Examinar a relação da formação formal nos estilos de decisão e planificação do TDADI.

Objetivo 3.2: Examinar a relação da formação não formal nos estilos de decisão e planificação do TDADI.

Objetivo 3.3: Analisar as correlações existentes entre os estilos de decisão e planificação do TDADI.

Objetivo 4: Identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança do TDADI, bem como a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador.

Objetivo 4.1: Examinar a relação entre a autoperceção dos comportamentos de liderança com a formação formal dos treinadores

Objetivo 4.2: Examinar a relação entre a perceção dos comportamentos de liderança com a formação formal dos treinadores

Objetivo 4.3: Analisar as correlações existentes entre a autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança

Objetivo 5: Caraterizar os atletas relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI.

Objetivo 5.1: Examinar a relação entre a formação formal dos treinadores e as necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI.

Os objetivos gerais foram delineados, utilizando e adaptando os fundamentos o modelo 3+1 Cs como se pode observar na Figura 11. A construção deste modelo terá como base a formação e liderança dos treinadores, e a sua implicação na autodeterminação bem-estar dos atletas.

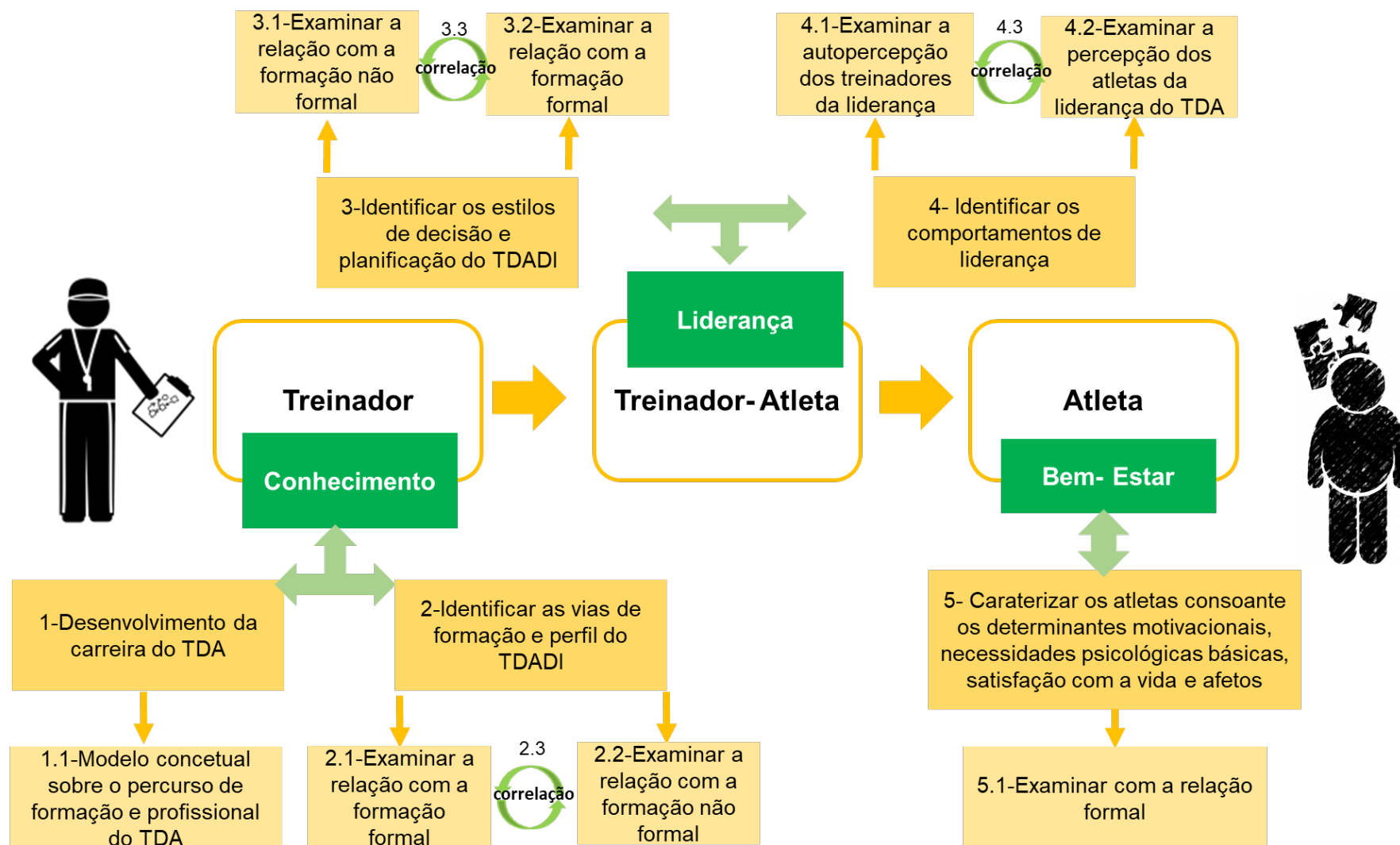
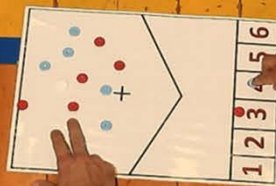


Figura 11- Planeamento dos objetivos da tese



Facultad de Ciencias del Deporte
Universidad de Extremadura

fcd



CAPÍTULO 4

INSTRUMENTOS

Capítulo 4. Instrumentos

4.1. Descrição dos Instrumentos

A metodologia sobre a descrição dos instrumentos foi elaborada de acordo com a construção dos artigos. Com o intuito de compreender a globalidade da problemática de estudo, formação e perfil dos treinadores de desporto adaptado, realizou-se uma revisão sistemática como estudo I. A recolha de dados para os restantes estudos foi efetuada através de inquérito por questionário, sendo este um instrumento de recolha principal para dados quantitativos (Roopa & Rani, 2012). Um questionário permite uma recolha de dados normalizada, e deve ser selecionado consoante o objetivo de estudo (Roopa & Rani, 2012).

A revisão sistemática (**Estudo I**) é uma tentativa de recolher todas as provas empíricas que encaixam em critérios de elegibilidade pré-especificados, a fim de responder a uma questão de investigação específica (Ravindran & Shankar, 2015). A utilização de métodos explícitos e sistemáticos, permite minimizar o enviesamento facilitando o processo de obtenção resultados fiáveis (Ravindran & Shankar, 2015). Embora as revisões não consagrem um instrumento de recolha de dados convencional, mas sim uma metodologia sistemática e definida a seguir, é relevante salientar o processo geral de desenvolvimento da revisão sistemática o estudo. Assim, a revisão sistemática de literatura foi desenvolvida a partir das orientações da *Enhancing Transparency in Reporting the Synthesis of Qualitative research* (ENTREQ) (Tong et al., 2012). De forma complementar, também foram seguidas as recomendações da *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Moher et al., 2009).

No **Estudo II** utilizamos *Coaches Training Profile Questionnaire* (CTPQ) (Anexo 7) e *Coaches' Orientation Questionnaire* (COQ) (Anexo 8), para identificar as vias de formação e o perfil dos treinadores de desporto adaptado.

O CTPQ tem como objetivo averiguar as vias de formação dos treinadores. A validação do questionário foi realizada por Ibáñez, Gozalo e Lorenzo (2010), sendo o instrumento composto por 15 itens com correspondência de 3 procedências do conhecimento teórico de 5 itens cada:

Formação Académica; Formação de Jogador Reciclado e Formação Autodidata.

Em termos de construção, o questionário foi elaborado consoante:

- Experiências enquanto treinador e jogador;
- Metodologia de Treino;
- Conhecimentos adquiridos enquanto jogador, através de cursos de formação ou através de outras pessoas;
- Exercícios aprendidos enquanto jogador ou durante cursos de formação para treinadores;
- Aprendizagem adquirida enquanto atleta, curso de formação de treinadores ou por experiências pessoais.

O protocolo de tratamento das escalas é efetivado da seguinte forma: Jogador Reciclado (1,4,7,13,11); Formação Académica (5,6,8,9,14) e Autodidata (2,3,10,12,15). De salientar, que o questionário é composto por uma escala de *Likert* de 11 pontos (0= totalmente em desacordo e 100= Totalmente em acordo).

O COQ tem como finalidade identificar os perfis dos treinadores. Foi validado por Feu, Ibáñez, Graça, e Sampaio, 2007, sendo composto por 46 itens divididos por 6 tipos de perfis: Tradicional (8 itens); Tecnológico (8 itens), Inovador (8 itens), Colaborativo (8 Itens), Dialogador (6 itens) e Crítico (8 itens).

O questionário foi criado com base em 4 premissas:

- Atitude em relação ao treino;
- Formação do treinador;
- Processo de planeamento;
- Envolvimento do treinador.

O estabelecimento destes perfis obedece a 5 dimensões (Ibáñez, 1996):

- Estilo de treino – Características da liderança dos treinadores no momento de conduzir o treino e a competição;
- Meios e Recursos Materiais – O uso que os treinadores fazem dos meios e recursos disponíveis;
- Clima de treino – Atitudes e estados que o treinador gera ou prefere no treino e na competição;
- Relação com os seus assistentes ou colaboradores – Relação que os treinadores preferem com os seus ajudantes e colaboradores;
- Relacionamento com os seus jogadores – Relação que os treinadores preferem estabelecer com os seus jogadores.

Em termos de protocolo de tratamento de escala, este é calculado da seguinte forma: Tradicional (7,8,10,13,14,15,40); Crítico (1,5,6,18,20,30,36,37); Dialogador (2,12,16,24,25,26,38,46); Inovador (4,11,19,21,27,34,43,44); Tecnológico (3,17,22,23,28,35,42,46) e Colaborador (9,29,31,32,33,39,41).

A Tabela 10 corresponde à definição teórica de cada uma das vias de formação e perfil, tendo sido elaborada com base no marco teórico de Ibáñez (1997b).

Tabela 10- Definição dos modelos de treinadores: Formação e Perfil

	Orientação	Descrição
Formação	Formação académica	Treinadores cujos conhecimentos são adquiridos em instituições formadoras, e a sua experiência no âmbito desportivo resultem fundamentalmente do estudo do treino.
	Formação autodidata	Treinadores que se formam a si mesmos, investigando, inovando e aplicando teorias formuladas por si.
	Formação treinador reciclado	Treinadores que foram jogadores. Tendem a reproduzir os modelos e atitudes que viveram durante a sua experiência como jogadores, selecionando as mais marcantes.
Perfil	Treinador Tradicional	Treinadores que transmitem, como prioridade, modelos de eficácia reconhecida, através de um estilo de ensino diretivo. Preferem um clima de treino sério e tenso onde os jogadores sabem o que têm de fazer e os seus assistentes seguem as suas instruções.
	Treinador tecnológico	Treinadores que baseiam as suas ações no estudo e controlo dos fatores que influenciam o seu desporto. Precisam que os seus auxiliares técnicos sejam especialistas em medir e analisar esses fatores e os seus jogadores devem estar dispostos a colaborar.
	Treinador Inovador	Treinadores caracterizados por estratégias e elementos inovadores na formação. Eles experimentam e introduzem mudanças para procurar maior eficácia, e

	preferem que os seus auxiliares técnicos sugiram novidades para melhorar a formação. Os jogadores são, por vezes, confundidos por tantas mudanças.
Treinador Colaborativo	Treinadores que preferem delegar funções a colaboradores especialistas em diferentes facetas, pois é-lhes difícil ser um especialista em todas as facetas da formação. Eles mantêm um clima de confiança com os jogadores e os assistentes, que são frequentemente os intermediários entre o treinador principal e o jogador.
Treinador de diálogo	Treinadores que tentam controlar através do diálogo todos os elementos que rodeiam a formação, meios de comunicação, gestão, auxiliares técnicos e jogadores para os convencer do trabalho que está a ser feito, promovendo assim um bom clima de treino.
Treinador Crítico	Treinadores que analisam, refletem e criticam o processo de formação que estão a desenvolver e, por conseguinte, não são conformistas. Esta premissa leva-os a criar um clima tenso dentro do trabalho.

No **Estudo III** utilizou-se o *Style Decision of Sport Questionnaire* (SDSQ) (Anexo 9) e o *Planning Style of Sport Questionnaire* (PSSQ) (Anexo 10), para determinar os estilos de decisão e planificação dos treinadores de desporto adaptado que trabalham com atletas com deficiência intelectual. Mais especificamente, o SDSQ determina o estilo de decisão dos treinadores, tendo sido este questionário desenvolvido e validado por Feu, Ibáñez e Gozalo (2007). O instrumento constituído por 12 itens, divididos em três dimensões de perfil de decisores: Autoritário, Permissivo e Democrático. O SDSQ é desenhado tendo em atenção a seguinte composição:

- Decisões sobre os objetivos;
- Decisões no Treino;
- Decisões na Disciplina;
- Decisões sobre a Atividade dos Jogadores;
- Decisões com os Colaboradores.

O protocolo de tratamento da escala é efetuado da seguinte forma: Autoritário (4,7,9,10,11); Democrático (1,3,12) e Permissivo (2,5,6,8).

Para determinar o perfil do estilo de planificação foi utilizado ao *Planning Style of Sport Questionnaire* (PSSQ) que é composto por 15 itens distribuídos por três dimensões de planificadores: Flexível, Rígido e Improvisador (Feu et al., 2007; Ibáñez, 1997b). Este instrumento foi criado e validado por Feu, Ibáñez e Gozalo (2007), partindo de 5 princípios: planificação das sessões; planificação dos exercícios; planificação dos objetivos; planificação geral e planificação da metodologia. Quanto ao procedimento protocolar do tratamento da escala, este é efetuado da seguinte forma: Flexível (1,2,4,13,15); Rígido (5,8,10,11,12) e Improvisador (3,6,7,9,14).

A Tabela 11 corresponde à definição teórica de cada estilo de decisão e planificação, que tem por base o marco teórico de Ibáñez (1997b).

Tabela 11- Definição dos modelos de treinadores: Decisão e Planificação

Orientação	Descrição
Autoritário	Treinadores que estabelecem pessoalmente os objetivos a atingir. Tomam pessoalmente todas as decisões no processo de formação. Tomam pessoalmente todas as decisões sobre controlo e disciplina. O jogador tem de fazer exatamente o que o treinador tem delineado.
Democrático	Treinadores que utilizam o consenso com os jogadores sobre os objetivos a alcançar. Contam com a opinião dos jogadores ao tomar decisões. Envolvem os jogadores no estabelecimento de regras para o controlo da disciplina. Permitem aos jogadores expressarem a sua opinião.
Permissivo	Treinadores que deixam os jogadores estabeleçam os seus próprios objetivos. Os jogadores tomam as suas próprias decisões sobre as estratégias a seguir. Os treinadores não discutem ou repreendem os jogadores para que eles se possam dar bem com todos. Permitem que os jogadores façam o que lhe apetece.

Planificação	Flexível	Treinadores que modificam a sessão agendada se as circunstâncias o tornarem necessário. Modificam os exercícios e tarefas dependendo se os jogadores atingem ou não o objetivo. Modificam os objetivos, de acordo com os eventos que ocorrem. Propõem variações no planeamento de acordo com os eventos que ocorrem durante a época. Variar, se necessário, a metodologia planeada.
	Rígido	Treinadores que não fazem quaisquer alterações na programação das sessões. Não modificam os exercícios planeados. Mantem os objetivos planeados até ao fim. Não mudam nada do que está planeado no início da época. Utilizam sempre a metodologia que foi planeada.
	Improvisador	Treinadores que improvisam nas sessões durante o treino. Improvisam os exercícios a realizar. Não estabelecem objetivos e adaptam-se ao que acontece. Não planeiam no início da época. Utilizam uma metodologia que vem à mente durante o decorrer da época.

De realçar que, os instrumentos correspondes ao estudo II e III são compostos por uma escala *Likert* de 11 pontos (0= totalmente em desacordo e 100= Totalmente em acordo). Na dimensão da análise, é essencial referir que tanto as vias de formação, perfil, estilos de decisão e planificação tendem a ocorrer entre as várias dimensões de treinadores dependendo do panorama contextual onde desenvolvem a sua atividade (Ibáñez, 1996).

No **Estudo IV**, elaborado para determinar a liderança optamos pelo *Leadership Scale for Sport* (LSS) (Anexo 11 e Anexo 12) desenvolvida por Chelladurai e Saleh (1978) e validada em português por Serpa et al. (1988) sob o nome de Escala de Liderança no Desporto. Esta escala avalia a perceção do treinador sobre a sua própria liderança (versão autoperceção) (Anexo 11), a perceção e preferências dos atletas (versão perceção e preferências) (Anexo 12) da liderança dos seus treinadores. Nesta investigação, foi utilizada exclusivamente a escala na sua versão de autoperceção e perceção. A LSS

formalmente apresenta 40 itens para cada versão e o instrumento é composto por uma escala *Likert* de 5 frações (1= nunca; 5= sempre).

A Tabela 12 corresponde à definição dos comportamentos de liderança.

Tabela 12- Definição dos comportamentos de liderança

Designação	Descrição
<u>Liderança</u>	
Treino- Instrução	Carateriza-se pelo comportamento do treinador destinado a melhorar a performance.
Suporte Social	Encontra-se associado à preocupação do treinador com o bem-estar individual dos atletas.
Reforço	O treinador reforça positivamente os seus atletas, reconhecendo e recompensando o seu bom desempenho.
Comportamento Democrático	Treinador promove a participação ativa dos atletas nas decisões relacionadas com os objetivos do grupo.
Comportamento Autocrático	Preconiza a independência do treinador na tomada de decisão e no estabelecimento da sua autoridade.

O **Estudo V** tem como desiderato compreender a relação entre a liderança do treinador (versão perceção dos atletas) com a autodeterminação, necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos.

Foram aplicados os seguintes instrumentos: *Behavioral Regulation in Sport Questionnaire* (BRSQ) (Anexo 13); *Psychological Needs in Exercise Scale* (BPNES) (Anexo 14); *Satisfaction with Life Scale* (SWLS) (Anexo 15) e *Positive and Negative Affects Scale* (PANAS) (Anexo 16). De destacar ainda a utilização da *Leadership Scale for Sport*, que não será aqui desenvolvida uma vez que já foi descrita no Estudo IV.

O BRSQ (Lonsdale, Hodge & Rose, 2008), reflete os tipos de motivação da Teoria da Autodeterminação (amotivação; motivação controlada; motivação autónoma). O questionário é constituído por 24 itens, avaliados através de uma escala de *Likert* de 7 frações (1= discordo totalmente; 7= concordo totalmente). Esta escala está validada para o contexto desportivo na língua portuguesa por Monteiro et al. (2018).

O BPNES (Vlachopoulos e Michailidou, 2006) avalia as necessidades psicológicas básicas em 3 dimensões: autonomia, competência e relação. Este é composto por 12 itens avaliados por uma escala de *Likert* de 5 frações (1= Discordo totalmente; 5= concordo totalmente). Quanto à sua validação para a língua portuguesa, esta foi efetuada por Monteiro et al. (2016).

Para medir a satisfação com a vida recorreremos ao SWLS (Diener et.al, 1985) que foi validado para língua portuguesa por Albuquerque et al. (2010). Estruturalmente é constituído por 5 itens e avaliado através de uma escala *Likert* com 7 frações (1= discordo totalmente; 7= concordo totalmente).

Por último, quando aos afetos positivos e negativos estes foram medidos através da utilização do PANAS (Watson et al.,1988). É composto por 20 itens avaliados por uma escala *Likert* de 5 frações (1=nada; 5= extremamente). Foi validado para língua portuguesa por Galinha e Pais-Ribeiro (2005).

Todos estes instrumentos foram aplicados aos atletas com DI participantes nos *Special Olympics Portugal*. Pela especificidade da população, recorreu-se a uma *smiley face scales* pelo facto de ser um sistema familiar para estes atletas (Knecht et al., 2016) e constituir-se como uma forma de substituição dos rótulos numéricos (Gummer et al., 2019).

A Tabela 13 corresponde à descrição dos Instrumentos BRSQ; BPNES; SWLS e PANAS.

Tabela 13- Descrição dos Instrumentos BRSQ; BPNES; SWLS e PANAS

Designação	Descrição
<u>Autodeterminação (continuum motivacional) - BRSQ</u>	
Amotivação	Completa falta de motivação ou intenção para agir relativamente a um determinado comportamento
Motivação Controlada	Realização de uma atividade pelos resultados que advêm desta
Motivação Autónoma	Realização uma atividade pelo prazer que isso lhes dá e pela atividade em si.
<u>Necessidade Psicológicas Básicas- BPNES</u>	
Competência	Refere-se à experiência de perceções de eficácia pessoal e de mestria na realização de atividades.

Relação	Foca-se no desenvolvimento de laços/ vínculos emocionais significativos.
Autonomia	Permite ao indivíduo experienciar a autodeterminação e a regulação do comportamento autónomo através dos recursos internos.

Bem-estar subjetivo

Satisfação com a vida (SWLS)	Corresponde à avaliação que o sujeito faz em cada momento da satisfação com a vida.
Afetos (PANAS)	Concerne à dimensão emocional e manifesta-se pelos afetos positivos e negativo.

A Figura 12 sistematiza todos os instrumentos utilizados em cada estudo, dentro do padrão da teórica 3+1 cs.

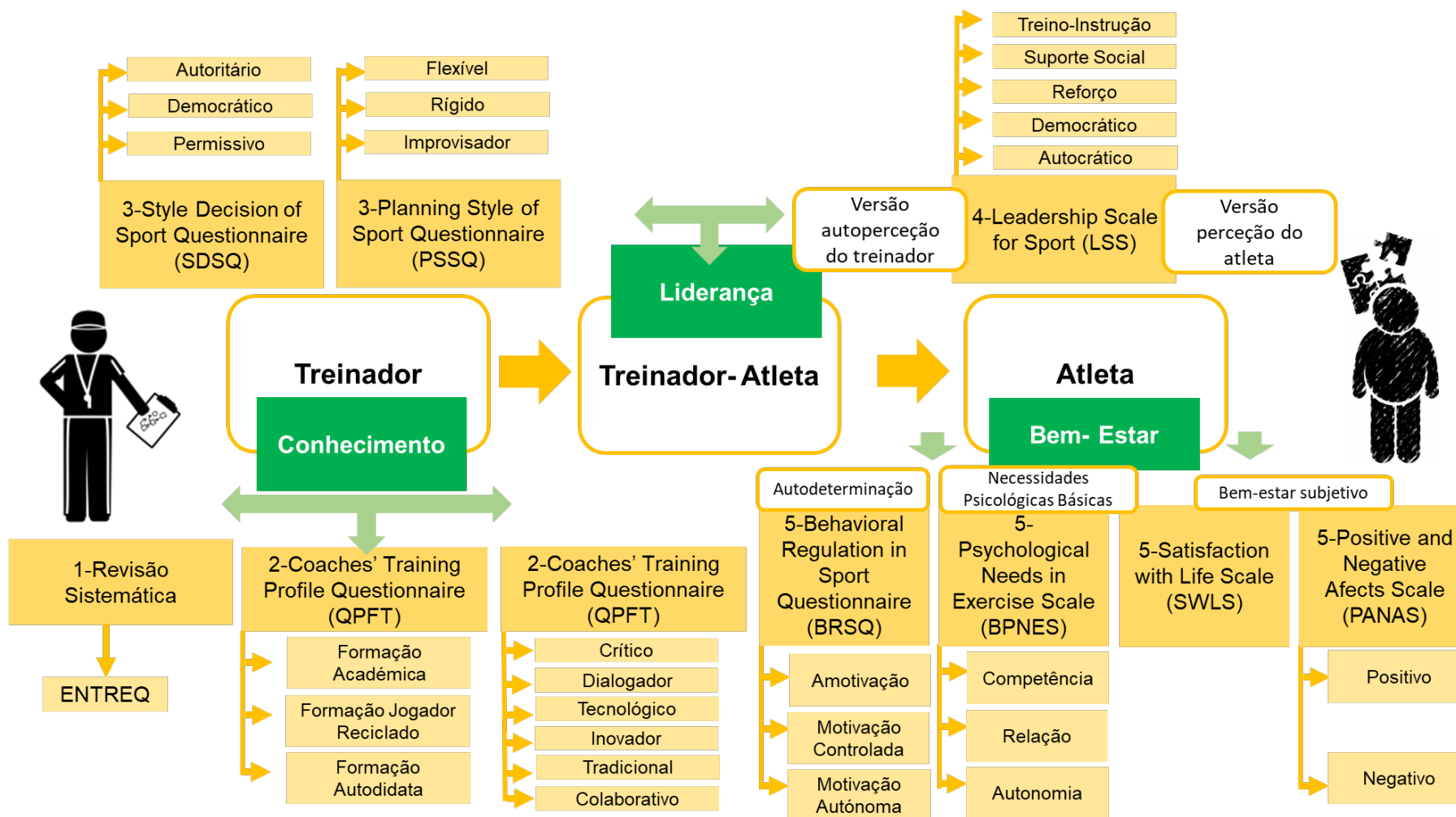
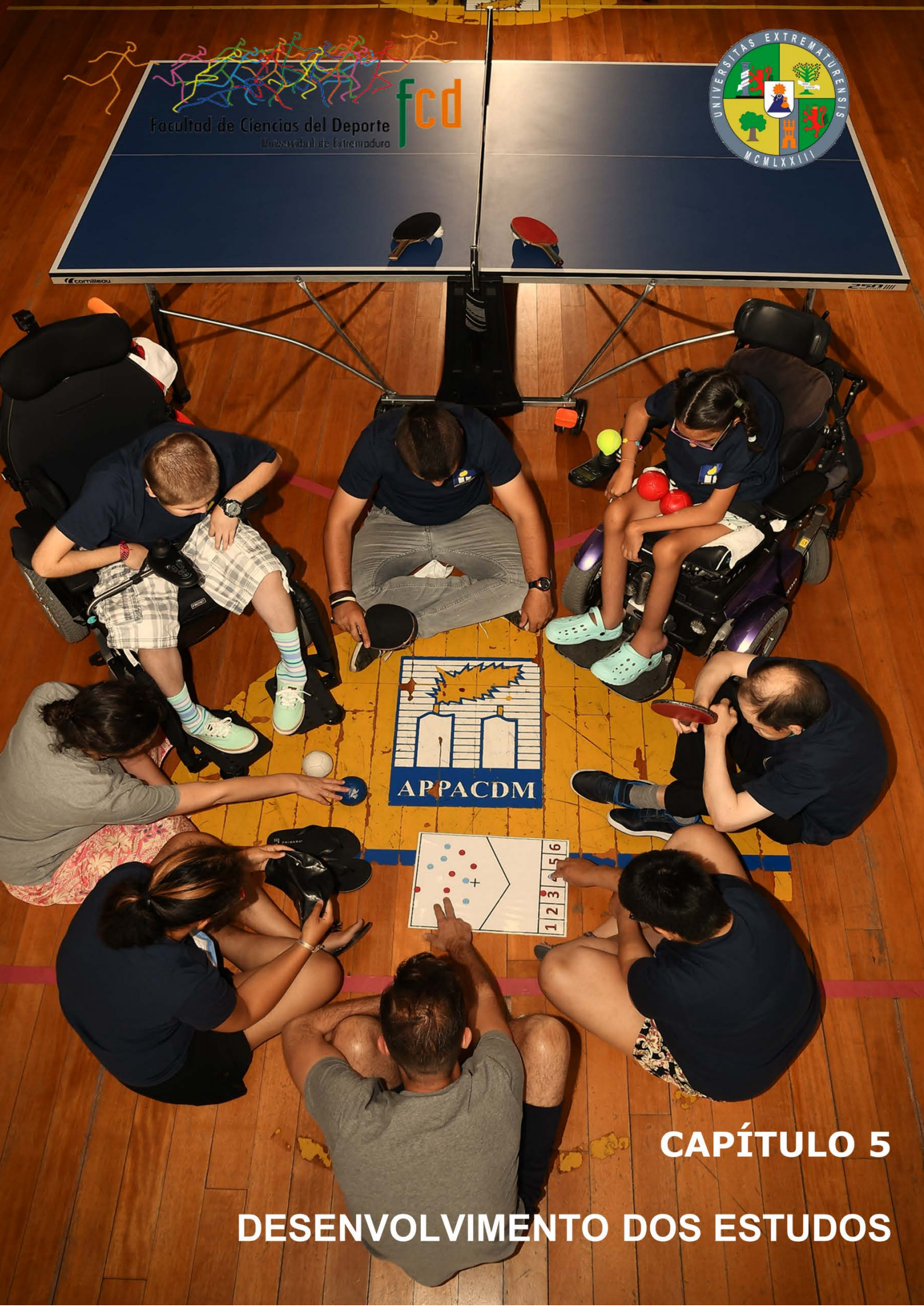


Figura 12- Instrumentos da tese por artigos



Facultad de Ciencias del Deporte
Universidad de Extremadura

fcd



CAPÍTULO 5

DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS

Capítulo 5. Desenvolvimentos dos Estudos

5.1. Objetivo I: Sintetizar e compreender as evidências empíricas qualitativas publicadas anteriormente acerca do desenvolvimento da carreira do Treinador de Desporto Adaptado (TDA).

5.1.1. Estudo I: Desenvolvimento da carreira dos treinadores de Desporto Adaptado: revisão sistemática de literatura de evidências qualitativas

5.1.1.1. Justificação

A falta de conhecimentos e formação específica por parte dos profissionais para intervirem com população com condição de deficiência (Moran & Block, 2010; Robertson et al., 2011) constitui um obstáculo na progressão e desenvolvimento da área do desporto adaptado. Este estudo tem como objetivo sintetizar e compreender as evidências empíricas qualitativas publicadas anteriormente acerca do desenvolvimento da carreira do TDA. Além disso, a presente revisão também teve como objetivo o desenvolvimento de um modelo conceptual sobre o percurso de formação e profissional do TDA.

5.1.1.2. Método

Esta revisão sistemática de literatura foi desenvolvida a partir das orientações da *Enhancing Transparency in Reporting the Synthesis of Qualitative Research* (ENTREQ) (Tong, et al., 2012). De forma complementar as anteriores orientações, também foram seguidas as recomendações da *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA) (Moher et al., 2009).

Crítérios de elegibilidade

Foi utilizada a seguinte estratégia de pesquisa de literatura: procura de estudos em diferentes bases de dados científicos (*Pubmed, Erid, EBSCO, Web of Science, Scopus*), através de palavras-chave associadas aos critérios de elegibilidade definidos ("*coach*"; e "*knowledge*" e "*adapted sport*"). As palavras-chave utilizadas foram pesquisadas em combinação entre elas. Além disso,

foram consultadas as listas de referências bibliográficas dos estudos selecionados para a verificação de outros estudos relevantes. A pesquisa decorreu entre o dia 16 de outubro de 2019 a 26 de fevereiro de 2020. Os critérios de elegibilidade dos estudos foram desenvolvidos a partir da *Sample, Phenomenon of Interest, Design, Evaluation and Research type* (SPIDER), especialmente recomendados para as sínteses de evidências qualitativas (Cooke et al., 2012). Os critérios encontram-se representados na Tabela 14.

Tabela 14-Desenvolvimento das Estratégias de Pesquisa e Critérios de elegibilidade com base no acrónimo SPIDER

<i>SPIDER</i>	<i>Descritores</i>
<i>Sample</i>	Treinadores de Desporto Adaptado (TDA)
<i>Phenomenon of interest</i>	Identificar o processo de formação dos treinadores, bem como o saber e competências no exercício da função
<i>Design</i>	Grupos Focais, Entrevistas, Histórias de vida
<i>Evaluation</i>	Aprendizagem ao longo da carreira de TDA; Desenvolvimento da carreira TDA, Importância Reflexão no TDA; Perceção da Realidade do DA encontram-se relacionadas com a temática do conhecimento.
<i>Research type</i>	Qualitativa

Pesquisa de literatura

A pesquisa do estudo desenvolveu-se a partir de 3 áreas: 1) treinadores ou termos relacionados; 2) Conhecimentos do treinador e mais especificamente 3) na área do desporto adaptado. Neste contexto, a pesquisa operacionalizou-se através da utilização de três palavras-chaves: "*coach*"; e "*knowledge*" e "*adapted sport*". Assim, a revisão sistemática obedeceu ao consenso relativamente à pesquisa, uma vez que este procedimento é utilizado em estudos observacionais, e permite aos revisores estabelecerem um acordo antes de se efetuar a observação (Anguera, 1990).

Seleção dos Estudos

Os estudos foram inseridos no *software EndNote* (Thompson Reuters, San Francisco, CA, UCE), e os duplicados foram removidos através da função “duplicados”. Após esta fase processual os estudos foram selecionados através das seguintes etapas (Ramalho et al, 2018a): na primeira etapa, dois revisores, de forma independente, selecionaram os estudos com base nos seus títulos. Em caso de dúvida, acerca da sua relevância para o objetivo do estudo, foram incluídos para a etapa seguinte. Na segunda etapa, os resumos dos estudos incluídos foram alvo de análise. Os desacordos sobre a exclusão e a inclusão dos estudos para a fase posterior foram resolvidos através da mediação de um terceiro revisor. Na terceira e última etapa, os estudos foram lidos integralmente por dois revisores. As discrepâncias sobre a inclusão dos estudos para a síntese de evidências final foram resolvidas por consenso (Anguera, 1990), entre os três revisores que participaram nas fases anteriores. Os estudos foram incluídos na síntese final tendo em consideração os critérios de elegibilidade definidos.

Extração dos dados

A extração dos dados foi, de forma independente, realizada por dois revisores, tendo em consideração as seguintes categorias: Autores/ País/ Ano; Design; Objetivo; Características da amostra; Recolha de dados; Análise de dados; Resultados/Conclusões (Triguero et al., 2019). Desta forma, os dados dos artigos selecionados foram inseridos numa tabela elaborada para sintetizar as informações obtidas (Pullin & Stewart, 2006). De forma complementar, as citações dos participantes que se encontram transcritas nos estudos selecionados também foram extraídas de forma a estabelecer-se uma compreensão mais generalizada dos dados (Ramalho et al., 2018b). Nesta fase, as discrepâncias acerca dos dados extraídos foram resolvidas através da mediação de um terceiro revisor.

Avaliação da Qualidade

A avaliação da qualidade metodológica dos estudos selecionados foi realizada através do *Critical Appraisal Skills Programme Qualitative* (CASP). Este instrumento possui 10 itens de avaliação que são classificados de: Sim (S); Não especificado (Ne) ou Não (Ñ). Os estudos foram classificados como de "alta

qualidade" se preenchem pelo menos 8 dos 10 critérios, "qualidade média", se preenchem 5-7 dos critérios, e "baixa qualidade" se preencherem 4 ou menos. A avaliação dos estudos foi realizada, de forma independente, por três revisores. As discordâncias no que concerne à classificação dos estudos foram resolvidas pelos revisores por consenso.

Síntese de dados

Foi realizada uma síntese temática (Thomas & Harden, 2008) com objetivo de sintetizar os dados extraídos dos estudos selecionados dando origem a temas descritivos. No entanto, a síntese pretendeu ir além de uma descrição dos dados recolhidos. Nessa perspetiva, a partir dos temas descritivos foram desenvolvidos temas analíticos que permitiram a construção de novas interpretações acerca do desenvolvimento da carreira do TDA, expandindo o conhecimento existente. A nível formal, a síntese temática desenvolveu-se em 3 fases. A primeira fase corresponde à codificação dos temas dos estudos incluídos, de forma independente permitindo a descrição, sintetização e estabelecimento de conceitos chave de cada pesquisa. Após esta etapa procedeu-se ao desenvolvimento dos temas descritivos. Numa primeira instância a análise primária fica muito próxima das conclusões extraídas dos estudos incluídos, assim é necessário o desenvolvimento de temas analíticos que permitem responder aos objetivos do estudo (Thomas & Harden, 2008). Os temas foram desenvolvidos com o intuito de garantir a sua exclusividade e exaustividade (Miles & Huberman, 1994). Todos os procedimentos anteriormente descritos foram elaborados em primeira instância pelo primeiro autor, que realizou o mapa temático. Numa segunda fase, o mapa temático elaborado foi revisto por dois revisores de forma independente e as discordâncias existentes na síntese temática foram resolvidas entre os três revisores, por consenso (Anguera, 1990).

5.1.1.3. Resultados

Resultados da pesquisa

A Figura 13 apresenta uma visão geral do processo de seleção do estudo utilizando o fluxograma *PRISMA*.

A pesquisa inicial identificou 49 títulos na base de dados, tendo sido adicionadas mais 13 investigações relevantes para a revisão. Estes dados foram exportados para a base de dados de referência *software* de gestão (*EndNote*), e quaisquer duplicados (47 referências) foram automaticamente eliminados. Os restantes 47 artigos foram rastreados consoante o título e o resumo, resultando em 34 estudos eliminados da base de dados. No processo final, efetuou-se a leitura integral dos artigos (n=13), tendo sido excluídos 4 estudos por não cumprirem os critérios de inclusão, dado que abordavam temas como: Classificação desportiva (n=1); Relação entre treinador e atleta (n=2) e Educação Física Inclusiva (n=1). Assim 9 artigos foram incluídos na revisão constituindo a base para a elaboração da síntese temática.

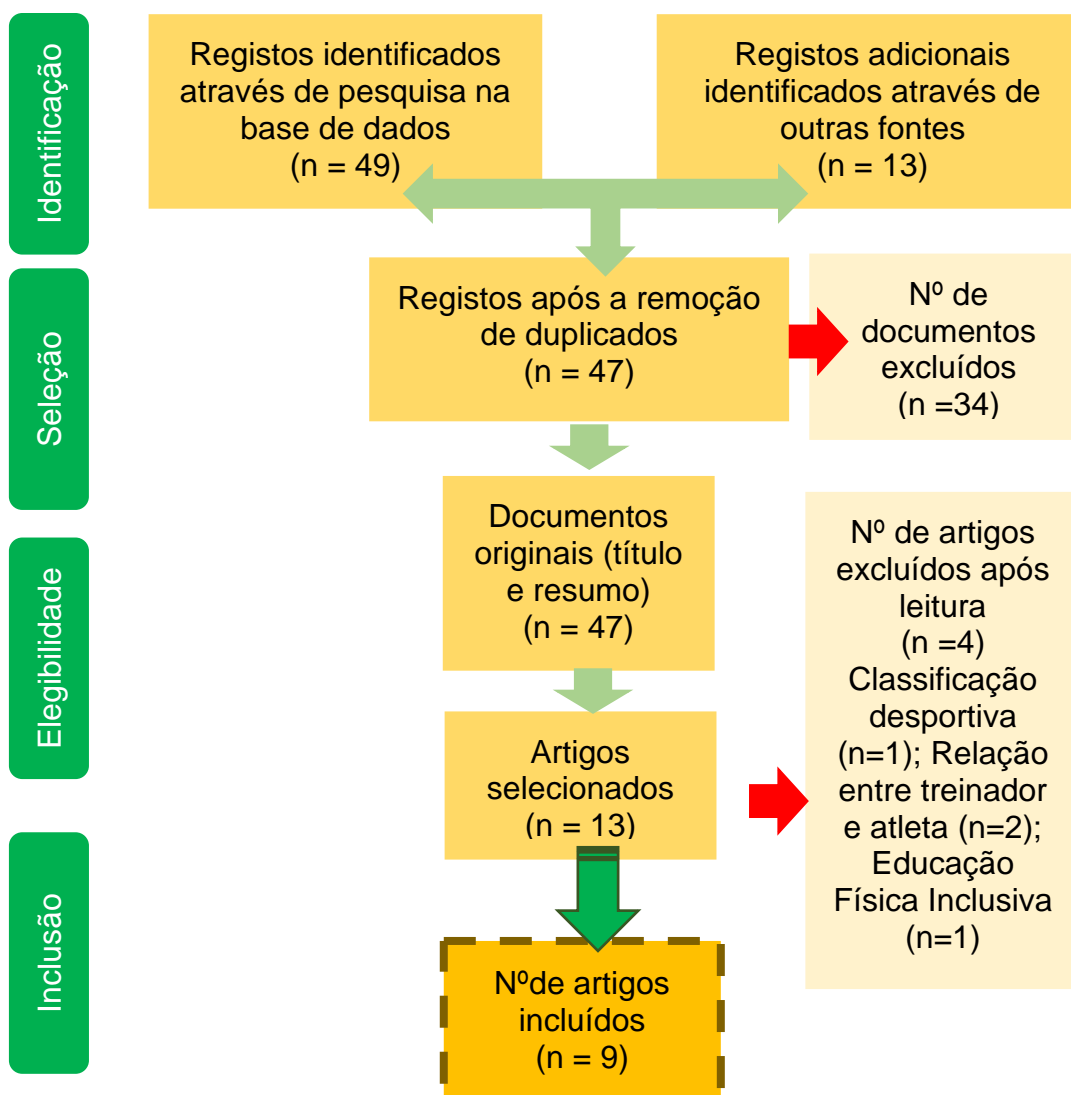


Figura 13- Fluxograma do processo de seleção de estudos

Caraterísticas dos estudos

Na Tabela 15 caracterizam-se os estudos incluídos na revisão, sendo todos eles investigações de matriz qualitativa. Na sua maioria (n=7) são estudos de origem canadiana, à exceção de dois, sendo um referente aos USA e outro à Austrália. No que concerne às características da amostra, devido às particularidades do tema da revisão, encontram-se informações sobre: Número da Amostra (n); Tipo de Treinadores (TT); Faixa Etária (FE); Categoria da Modalidade (CM); Movimento Desportivo (MD) e Tipologia da Deficiência (TD). A dimensão da amostra varia com um n entre 1 e 45, no entanto 8 investigações apresentam uma amostra até 12 participantes e só uma com 5 sujeitos. De realçar que, 4 estudos possuem exclusivamente treinadores masculinos (M) no seu grupo amostral, e apenas uma investigação é direcionada a treinadores do

género feminino (F). Ainda relativamente a aspetos formais, todas as investigações têm em consideração a seleção de treinadores de elite e apenas 2 agrupam treinadores de elite com iniciantes, em que a faixa etária situa-se no intervalo entre os 20 e 72 anos inclusive. Nos aspetos desportivos, os estudos focam-se em modalidades individuais e coletivas (n= 5), seguindo de individuais (n=3) e apenas um dos estudos não especifica a modalidade. O tipo de deficiência é uma temática que não é muito caracterizada, uma vez que grande parte dos estudos (n=7) ou não especifica a patologia ou aborda mais que um tipo de deficiência. O movimento Paralímpico é o movimento desportivo mais visado nos estudos incluídos na revisão (n=8), sendo apenas 1 sobre o *Special Olympics*.

A entrevista em profundidade foi o método mais utilizado, a partir de entrevistas estruturadas e semiestruturadas. As entrevistas semiestruturadas foi o método de recolha de dados mais utilizado (n=5), seguido tanto da entrevista em profundidade (n=2) como das estruturadas (n=2). Relativamente à análise de dados, na sua grande maioria as investigações optaram por utilizar a análise temática (n=8), apenas um optou pela organização e interpretação não estruturada.

Tabela 15- Características descritivas dos estudos incluídos

Autores/ País/ Ano	Design	Objetivos	Caraterística s da amostra	Recolha de dados	Análise de dados	Resultados/Conclusões
Cregan et al. (2007),USA	Qualitativo	Examinar a evolução da carreira e o conhecimento dos treinadores de natação adaptada	n=6 (M) Tipo de Treinadores: Experientes Faixa etária: Não especifica Categoria de Desporto: Individual Movimento desportivo: Paralímpico Deficiência: Visual e Motora	Entrevista Estruturada	Organização e interpretação não estruturada. <u>Procedimentos descritos por</u> <u>-Unidades de significado</u> = <u>Identificadores (tags)</u> <u>-Propriedades</u> <u>- Categorias</u>	- Origem do treinador - Evolução na carreira - Conhecimento em treino e competição.

			n=6 (M/F)			
			Tipo de			
			Treinadores:			
		Compreender o	Experientes			
		desenvolvimento	Faixa etária:			
		o da carreira e	36 aos 58			
		caminhos de	anos			
	Qualitativo	aprendizagem	Categoria:	Entrevista	Análise	- Tornar-se treinador
Douglas et	o	dos treinadores	Individual e	semiestruturada	Temática	- Aprender a treinar
al.(2017),Canada	(Estudo	paralímpicos	Coletivo			- Aprender e ensinar ao
a	de caso)	que já tinham	Movimento			longo da vida
		sido atletas	Desportivo:			
		paraolímpicos	Paralímpico			
			Deficiência:			
			Não específica			

			n=1(F)			
			Tipo de			
			Treinadores:	-Entrevista		
			Experientes	online		
			Faixa etária:	-Teste		- Fontes de
		História de vida	34	Rappaport (linha		conhecimento para
Duarte et al.	Qualitativo	de uma atleta/	Categoria:	do tempo)	Análise	treinadores de TDA
(2014),Canada	(Histórias	treinadora de	Individual	-Entrevista em	temática	- Criação de ambientes
	de vida)	desporto	Movimento	profundidade		colaborativos para a
		adaptado	desportivo:	-Análise de		construção do
			Paralímpico	documentos		conhecimento
			Deficiência:	pessoais		
			Visual e			
			Motora			
			n=6 (M)			
		Explorar as	Treinadores:	Entrevistas	Análise	- Importância da tutoria
Fairhurst et	Qualitativo	perceções dos	Experientes	semiestruturada	temática	como fonte estruturada
al.(2016),Canada		treinadores	Faixa etária	s		de educação e
a		paraolímpicos	=53			desenvolvimento de
		sobre suas				carreira do TDA

MacDonald et al.(2014),Canada	Qualitativo	<p>experiências educacionais e de aprendizagem. formal e informal.</p> <p>Perceber como os treinadores de atletas com deficiência intelectual adquirem o seu conhecimento</p>	<p>Categoria de Desporto: Individual e Coletivo</p> <p>Movimento desportivo: Paralímpicos</p> <p>Deficiência: Não especifica n=45(F/M)</p> <p>Treinadores: Experientes e Iniciantes</p> <p>Faixa etária: 20 e 72</p> <p>Categoria de Desporto: Não Especifica</p> <p>Movimento desportivo:</p>	Entrevistas estruturadas	Análise temática	<p>- Maior aprendizagem é efetuada com os seus pares (troca de conhecimento).</p> <p>- Preferência pelas aprendizagens através de cursos estruturados.</p>
-------------------------------	-------------	---	--	--------------------------	------------------	--

McMaster et al.(2012),Canada	Qualitativo	Examinar as fontes de aprendizagem e as experiências dos treinadores de Desporto Adaptado	<p>Special Olympics</p> <p>Deficiência: Intelectual</p> <p>n= 5 (M/F)</p> <p>Treinadores: Experientes e Iniciantes</p> <p>Faixa etária: 24 e 67</p> <p>Categoria de Desporto: Individual e Coletivo</p> <p>Movimento desportivo: Paralímpicos</p> <p>Deficiência: Não especifica</p>	Entrevistas semiestruturadas	Análise temática	<p>- Utilidade de diversos recursos de aprendizagem</p> <p>- Falta de contextos formais e não formais de aprendizagem no DA.</p>
------------------------------	-------------	---	--	------------------------------	------------------	--

Taylor et al. (2014),Canada	Qualitativo (estudo de caso)	- Explorar a evolução aprendizagem ao longo da vida de um treinador de desporto adaptado	n=1 (M) Treinadores: Experientes Faixa etária: Não especifica Categoria de Desporto: Individual Movimento desportivo: Paralímpicos Deficiência: Motora	Entrevista em profundidade ou biográfica	Análise temática de cariz dedutiva processo familiarização com os dados através da transcrição processo, observando temas, ideias e reflexões	- Importância do conhecimento não-formal (voluntariado) - Importância da aprendizagem formal - Criação de redes de TDA
Taylor et al.(2015),Canada	Qualitativo	Perceber através do processo reflexão, momento de aprendizagem que os ajudaram	n=4 (M) Tipo de Treinadores: Experientes Faixa etária: Não especifica	Entrevistas semiestruturadas	Análise temática dedutiva abordagem contínua de seis etapas	- Cursos de treinadores devem incluir conteúdos sobre aprender a refletir - Maior ligação entre o saber académico e o conhecimento para o desenvolvimento do DA

		para desenvolverem a função	Categoria de Desporto: Individual e Coletivo Movimento desportivo: Paralímpico Deficiência: Não específica n=12 (M/F)			- A reflexão é um veículo importante na aprendizagem
Wareham et al.(2017) Australia	Qualitativo	Visão holística sobre as experiências e desafios dos treinadores de desporto adaptado	Treinadores: Experientes Faixa etária: Não específica Categoria de Desporto: Individual e Coletivo	Entrevistas semiestruturadas	Análise temática	- DA em geral é uma experiência positiva, no entanto têm contextos adicionais aos do Desporto normativo

Movimento

desportivo:

Paralímpicos

Deficiência:

Motora e

Visual

Avaliação da Qualidade dos Estudos

Os estudos são classificados de alta qualidade, quando se encontram no intervalo de 10 a 8 pontos, qualidade média de 7 a 5 pontos e baixa qualidade de 4 a 0 pontos. Quanto ao significado das letras o s o elemento avaliado encontra-se no estudo; Ñ não se encontra no estudo e o Ne não está especificado do estudo.

Os resultados encontram-se detalhadamente expostos na Tabela 16, sendo a maioria dos estudos classificados com qualidade alta e apenas um de qualidade média, uma vez que não fornece justificação sobre os procedimentos, metodologia e recolha de dados utilizados no estudo.

Tabela 16- Avaliação da Qualidade dos estudos incluídos

	Objetivos	Método	Design	Recrutamento	Recolha de dados	Análise de dados	Questões éticas	Análise	Conclusões	Valor da investigação	Classificação da qualidade
Cregan et al. (2007)	S	Ne	S	S	Ñ	S	Ñ	S	S	S	Média Qualidade
Douglas et al. (2017)	S	S	Ñ	S	Ne	S	S	S	S	S	Alta Qualidade
Duarte et al. (2014)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	Alta Qualidade

Fairhurst et al. (2016)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	Alta Qualidade
MacDonald et al. (2014)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	Alta Qualidade
McMaster et al. (2012)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	Alta Qualidade
Taylor et al. (2014)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	Alta Qualidade
Taylor et al. (2015)	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	Alta Qualidade
Wareham et al.(2017)	S	Ne	S	S	S	S	S	S	S	S	Alta Qualidade

Temas analíticos

Formalmente o processo de conceção da síntese temática contabilizou 4 temas e 12 subtemas descritivos: Opção pelo DA (Escolha pelo DA e Não escolha pelo DA); Perceção de treinar atletas do DA (Preconceito Positivo, Preconceito neutro; Preconceito Negativo; Estigma e Falta de Conhecimento); Desenvolvimento da aprendizagem do TDA (Situações de Aprendizagem (Teórico; Prático e Reflexão), Etapas da carreira do TDA (Aprender a ensinar; Aprender a treinar; Aprender com o mentor; Aprender a ser mentor; Aprendizagem ao longo da vida) e Progressão da carreira do TDA (Características do Treinador; Treino; Competição; Fatores Contextuais) e Realidade do TDA (Negativa e Positiva). Neste contexto ainda foram estabelecidos 3 temas analíticos e 8 subtemas agrupados da seguinte forma: Dificuldades do TDA (Dificuldade sociais; Dificuldades de aprendizagem e Dificuldade na execução da função); Oportunidades de aprendizagem (Aprendizagem prática e Aprendizagem específica do DA) e Particularidades do DA (Distinção da tipologia da deficiência, Especialização por modalidade e Especialização por classes). O modelo conceptual sobre o percurso de formação e profissional do treinador de Desporto Adaptado encontra-se na Figura 14.

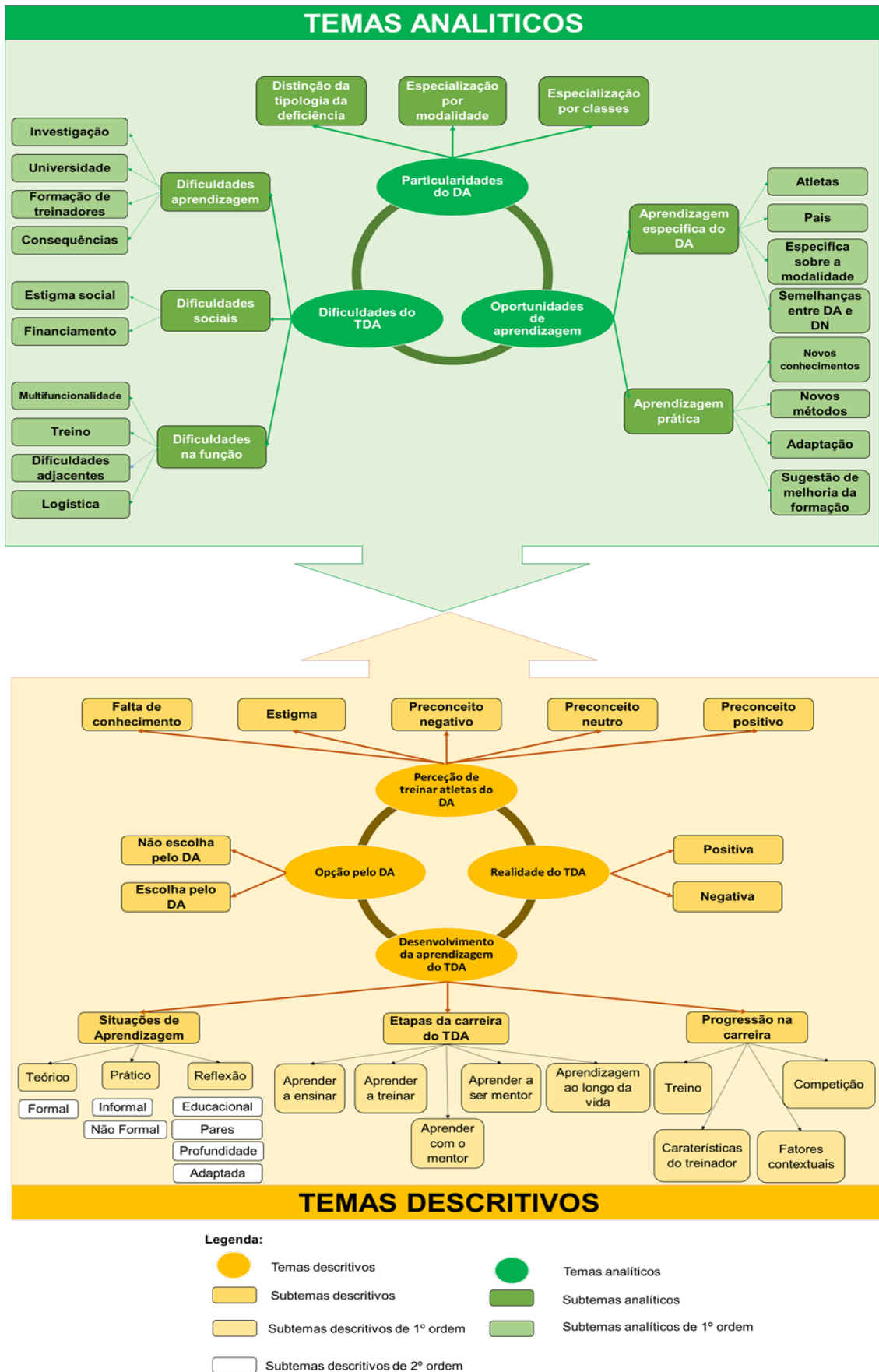


Figura 14-Modelo conceptual sobre o percurso de formação e profissional de treinador de Desporto Adaptado

Temas Descritivos

Opção pelo Desporto Adaptado

Esta temática encontra-se intrinsecamente relacionada com a escolha e não escolha pelo Desporto Adaptado. Deste modo, os treinadores que efetuam a opção pela carreira têm fatores influenciadores para tomarem esta decisão, nomeadamente experiência anterior com pessoas com deficiência, experiência familiar, experiência académica e interesse pela área. Para além das premissas mencionadas, as experiências pessoais revelam-se pressupostos basilares na opção tomada, visto que englobam um conjunto de aspetos importantes onde se destacam as competências pessoais, ter sido atleta de DA, experiências de voluntariado na área, experiências em ultrapassar barreiras ao longo da vida, bem como um contexto ideal para criar oportunidades no âmbito laboral. A não opção pelo Desporto Adaptado encontra-se relacionada essencialmente com: fatores contextuais e de mudança. Os fatores contextuais estão relacionados com os motivos pelos quais os profissionais nunca procuraram esta área de trabalho, enquanto o fator de mudança implicaria uma adaptação a uma nova realidade que os treinadores não estão predispostos.

Perceção de treinar atletas do DA

A perceção de treinar atletas com deficiência delimita-se desde o preconceito positivo até à falta de conhecimento que engloba todo o espectro e multiplicidade do conceito preconceito até à falta de conhecimento. Neste âmbito, os treinadores que detêm conhecimento prévio sobre o DA, como a existência de familiares com deficiência, relação com atletas com deficiência e que gostam de novos desafios, preferencialmente optam por treinar nesta área específica (preconceito positivo). Ainda no lado positivo, os estudos selecionados referem o preconceito neutro, que é referente a treinadores que nunca pensaram sobre a temática do Desporto Adaptado, no entanto assumem qualquer desafio sem reservas. No entanto, os treinadores não discriminam apenas fatores positivos em treinar atletas com DA, existindo assim um conjunto de aspetos negativos associados, nomeadamente o preconceito negativo, estigma e falta de conhecimento. O preconceito negativo é encarado como as dificuldades e barreiras no exercício da função de treinador, uma vez que os recursos para incluir atletas com deficiência são escassos. Quanto ao estigma,

é um fenómeno mais comum nos treinadores de elite, uma vez que têm receio em prejudicar a sua carreira de treinador, e também devido ao facto do Desporto Adaptado ainda ser encarado como um ato de caridade e não pertencente ao desporto de elite. Por último, a falta de conhecimento é uma premissa enquadrada no âmbito negativo, pois é motivada pela falta de interação social entre pessoas com e sem condição de deficiência, o que provoca falta de conhecimento sobre o treino, funcionamento morfológico dos atletas e dificuldades na utilização de terminologia adequada.

Desenvolvimento da aprendizagem do TDA

Este tema compreende as fases processuais que o TDA passa na construção da aprendizagem e consequentemente o desenvolvimento da sua carreira. Este tema é mencionado nos estudos selecionados, através de 3 subtemas que se interligam entre si: Situações de aprendizagem, Etapas da carreira do Treinador de Desporto Adaptado e Progressão na Carreira e evolução.

Neste âmbito, os treinadores de desporto adaptado desenvolvem o seu conhecimento através de três vias: a teórica, a prática e com processos de reflexão. A nível teórico, a aprendizagem é efetuada através de procedimentos formais, nomeadamente conhecimentos que ocorrem tanto nas universidades, como nos cursos de treinadores. A nível prático este encontra-se associado a contextos não formais e informais. Relativamente à perspetiva não formal esta é considerada como um facilitador da aprendizagem prática, uma vez que é adquirida através da participação em congressos, *clinics*, campos de treino e estágios. Quanto à perspetiva informal, é um auxílio essencial no treino, pois advém das aprendizagens adquiridas com os tutores, e no caso do Desporto Adaptado há a considerar aquisições de conhecimentos dos atletas, pais, equipa multidisciplinar, observação do treino e jogo assim como as observações de outros treinadores. O última via corresponde à reflexão, que agrega três aspetos comuns a todos os treinadores e uma específica no caso do Desporto Adaptado. Na perspetiva geral surge a reflexão educacional, que permite a integração dos contextos formais de aprendizagem e a adaptação para a especificidade desta área desportiva. Ainda neste contexto, surge a reflexão com os pares e em profundidade, mas relacionadas com a parte prática da aprendizagem. A

reflexão com os pares reúne processos reflexivos com todos os agentes do treino, nomeadamente com os outros treinadores e atletas, cuja interação pode ocorrer antes, durante e após o treino e manifestada através de processos de observação (verbal ou não verbal). A reflexão em profundidade resume a integração de novos conhecimentos/ aprendizagem que levam à transformação de contextos de trabalho, ou seja, no caso específico dos TDA, deve ainda ser considerada a reflexão adaptada, que consiste na integração de todos os conteúdos de aprendizagem e adaptá-los para responder às necessidades específicas tanto dos atletas como da modalidade.

As investigações incluídas consideram que existem cinco etapas na construção da carreira do TDA, que completam o seu percurso desde a fase inicial até ao exercício da função.

No início do percurso é fundamental o desenvolvimento do conceito aprender a ensinar (1ª etapa), que compreende o período do primeiro contacto com o Desporto Adaptado, para numa 2ª etapa começar a aprender a treinar e que corresponde ao início da especificação na área do treino, bem como na escolha da modalidade(s) em que pretende desenvolver o trabalho. Após a consolidação das duas fases anteriores primeiras etapas, emerge a aprendizagem com os mentores (3ª etapa), onde se começa a efetuar um trabalho de campo, orientado por treinadores com mais experiência profissional, denominados de mentores, que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento da carreira do TDA. A 4ª etapa é maioritariamente para treinadores que já adquiriram conhecimento teórico e prático suficientes para se tornarem mentores. Todos estes processos culminam na aprendizagem ao longo da vida. A última etapa (5ª) do percurso é a globalização de todas as fases da carreira, permitindo uma aprendizagem e autoaprendizagem constantes.

A progressão na carreira é efetuada através do desenvolvimento do treinador em variáveis como características do treinador, o treino e a competição, sendo estas consideradas para todos os treinadores. Para o caso do TDA, os fatores contextuais também são essenciais para todo este processo de evolução. As características dos treinadores estão relacionadas com a formação de base/experiência, atributos do treinador, e estilo de treino. Quanto ao treino é importante ter em consideração, a estrutura do treino e a forma como o treinador implementa as rotinas do treino, como estabelece metas e efetua as

modificações ao plano inicialmente previsto. Durante a competição é essencial analisar as tarefas-chaves que o treinador deve executar pré, durante e pós competição, tendo sempre como referência as características particulares de cada atleta. No âmbito do Desporto Adaptado, ainda há a considerar os aspetos contextuais, o que significa que a reflexão deve consignar referências adaptativas com o intuito responder às necessidades de cada atleta.

Realidade do Treinador de Desporto Adaptado

O tema realidade do treinador é referente ao contexto que o TDA enfrenta ao longo do seu percurso profissional, sendo esta balizada em dois polos, o positivo e o negativo. A realidade positiva encontra-se associada a dois benefícios: o intrínseco, que corresponde ao desenvolvimento pessoal e profissional, e o extrínseco salientado as relações interpessoais (pais e atletas). De salientar, que na área do Desporto Adaptado todos os agentes desportivos ou não, têm um papel preponderante, nomeadamente os pais dos atletas. A realidade negativa advém de 4 fatores, que podem condicionar a participação a atletas com deficiência: acesso à prática, o conhecimento dos profissionais, os fatores psicossociais e o financiamento.

Temas Analíticos

Dificuldades do TDA

O treinador de Desporto Adaptado enfrenta uma série de obstáculos e dificuldades ao longo da sua carreira: dificuldades sociais; dificuldades de aprendizagem e dificuldade na execução da função.

Quanto às dificuldades sociais, estas são relacionadas com o estigma na escolha pela área do DA, o estigma social e as questões financeiras. O estigma na escolha é provocado pela falta de informação e conhecimento sobre o desporto para deficientes, originando conceitos errados sobre o exercício da função, uma vez que muitos profissionais ou futuros profissionais tem receio em trabalhar com este tipo de população pelo desconhecimento e medo do contexto. Quanto ao estigma social surge pelo desconhecimento geral da sociedade sobre a deficiência, alavancado pela falta de investimento educacional de explicar o fenómeno, bem com por uma escassa divulgação, por parte dos órgãos de comunicação, sobre o DA generalizando-se o desconhecimento sobre as

modalidades, os eventos e os atletas. Por fim, as questões relacionadas com o financiamento são um dos principais obstáculos ao crescimento e evolução, uma vez que este é profundamente desequilibrado quando se compara o desporto adaptado com o desporto normativo (DN).

As dificuldades na aprendizagem do TDA são um obstáculo transversal a todas as etapas da carreira, visto que se verifica uma evidente dificuldade na obtenção de informação sobre Desporto Adaptado, tanto a nível investigativo e universitário quanto a cursos de formação de treinadores.

Na investigação científica sobre a temática do DA verifica-se escassez de produção de estudos, o que influencia a criação e produção de novos conhecimentos, bem como o conhecimento especializado em temáticas importantes relativas ao Desporto Adaptado. A nível universitário observam-se lacunas em disciplinas sobre o DA e por isso os conteúdos lecionados apenas focam assunto genéricos e de sensibilização para a realidade. Além do exposto constata-se a existência de poucos cursos meramente focados na formação de profissionais desportivos vocacionados para pessoas com deficiência.

Quanto à formação de treinadores e se tivermos em conta o programa, a carga horária dedicada ao tema do Desporto Adaptado verificamos que é insuficiente e que as formações específicas exclusivamente sobre modalidades adaptadas são quase inexistentes. Neste âmbito, os especialistas nesta área do conhecimento são em número reduzido e tem a função de dominar todos os contextos inerentes ao tema, o que se torna uma tarefa acrescida e de enorme complexidade. A falta de recursos anteriormente descritos, leva os TDA a aprenderem por tentativa e erro, procurar fontes alternativas de conhecimento e adaptar as aprendizagens da educação formal. De salientar que, a comunidade de TDA é pequena quando comparada com os treinadores do desporto normativo, o que não permite uma acentuada troca de experiências entre pares.

No âmbito do exercício da função reconhece-se uma série de obstáculos, multifuncionalidade da função, treino, logística e problemas adjacentes. No âmbito do Desporto adaptado, os treinadores exercem o seu cargo não apenas na vertente desportiva, uma vez que para além do desempenho das funções tem de se preocupar com uma multiplicidade de aspetos, provocados pela falta de estrutura técnica de suporte. Quanto ao treino constata-se falta de equipamentos de adaptados nas instalações desportivas, pouco tempo disponível para treinar

e em muitas ocasiões é difícil incluir atletas com e sem deficiência no mesmo treino, nomeadamente de atletas com mobilidade reduzida. Quanto aos aspetos logísticos verificam-se limitações relativas ao transporte para as competições, falta de acessibilidades nos espaços desportivos e nos locais de alojamento. Estas limitações criam problemas adjacentes aos atletas, nomeadamente na fadiga e ao seu tempo de recuperação.

Oportunidade de aprendizagem no Desporto Adaptado

A área do Desporto Adaptado concentra em si inúmeras possibilidades e oportunidades de obter conhecimento essencial para produzir aprendizagem, visto que é importante para o TDA conhecer a realidade global do atleta. Neste sentido é imperativo, a articulação entre o TDA e a equipa multidisciplinar que acompanha o atleta, de forma a permitir que o treinador obtenha informações significativas sobre aspetos relevantes para aprofundar o conhecimento e efetuar as adaptações necessárias em benefício do atleta.

Do ponto de vista da aprendizagem prática, esta permite ao TDA a aquisição de novos conhecimentos, criação de novas metodologias e aumento da capacidade de adaptação e criatividade para conseguir responder às necessidades das atletas. No que se refere à aprendizagem específica sobre o DA o treinador tem a oportunidade de compreender e entender, as tipologias da deficiência, os graus de funcionalidade dos atletas, o sistema de classificação desportiva e modificação e adaptação de recursos pedagógicos e materiais. Este contexto permite ao TDA um maior desenvolvimento pessoal e profissional que poderia ser ainda mais potenciado com algumas alterações relativas aos aspetos relacionados com a sua formação. A nível formal, os treinadores preferem a aprendizagem de cariz mais prático e direcionada para a resolução de problemas. Do ponto de vista informal, é essencial os estagiários serem dirigidos por mais de um tutor acompanhados por uma equipa multidisciplinar, e com acesso a um maior volume de tempo de treino maior volume de tempo de treino.

A realçar que no âmbito do DA, os atletas têm um papel crucial na aprendizagem, uma vez que são eles que conhecem integralmente os seus limites de funcionalidade. Para este tipo de atletas os treinadores por norma são grandes referências, visto que o desporto é muitas vezes um aliado na mudança das suas vidas, permitindo uma maior autonomia e inclusão social destes atletas.

Nesta perspetiva os treinadores têm um papel fundamental, que extravasa a vertente desportiva e que contribui para que os atletas se tornem mais leais e trabalhadores. Outro suporte essencial e grande fonte de aprendizagem são as famílias, pois estas têm um conhecimento alargado sobre as necessidades reais dos atletas.

Para além do exposto, as oportunidades podem surgir também de uma maior interligação entre o Desporto Adaptado e o Desporto Regular Normativo, de forma a aproveitarem eficazmente os recursos de ambos.

Particularidade do Desporto Adaptado

Para o Desporto Adaptado a especificidade, particularidade e adaptação são conceitos chaves na construção de um ambiente competitivo e justo para todos os participantes. Neste contexto, o TDA necessita de conhecer em profundidade a complexidade deste subsistema desportivo, de forma a maximizar o resultado do seu trabalho. Assim, cada modalidade apresenta as suas particulares no funcionamento conforme a tipologia da deficiência, e ainda pode apresentar especificidades consoante a classe desportiva. De salientar, que o funcionamento da modalidade, bem como o desenvolvimento orgânico da modalidade pode sugerir alterações tendo em conta o movimento desportivo (Paralímpico, *Special Olympics* e Surdolímpicos).

5.2. Objetivo II: Identificar as vias de formação e o perfil do treinador de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual.

5.2.1. Estudo II: Formação e perfil dos treinadores de atletas com Deficiência Intelectual: Influência da Formação Formal e Não formal.

5.2.1.1. Justificação

É imperativo um investimento investigativo sobre o perfil do treinador de desporto adaptado (TDA) com o intuito de desenvolver o treino e a formação (Martin & Whalen, 2014), uma vez que a maior parte dos programas formativos de treinadores são construídos para o desporto normativo não sendo adaptados às necessidades específicas do TDADI (Cregan et al., 2007). De realçar que a elaboração deste estudo foi iniciado durante o período da estância doutoral, que decorreu na Universidade da Beira Interior (Anexo 17).

5.2.1.2. Método

A investigação é descritiva e de corte transversal dos treinadores dos *Special Olympics* Portugal, com a participação de 50 sujeitos. Os dados foram recolhidos através de inquérito por questionário com uma amostra por conveniência (León & Montero, 2008). Todos os procedimentos do estudo foram aprovados pelo conselho de bioética da Universidade antes do início do estudo.

Participantes

No estudo participaram 50 TDADI, 15 do género feminino e 35 do género masculino, com uma média de idade de 40.22 anos. Segundo fonte dos *Special Olympics* Internacional, encontram-se inscritos em Portugal 221 treinadores. Assim, a margem de erro da amostra do estudo é de 12.22% dentro de grau de confiança de 95%. A margem erro da amostra é a diferença entre um resultado amostral e o verdadeiro resultado populacional (Nanjundeswaraswamy & Divakar, 2021). Foi efetuada a seguida fórmula (Equação 1):

$$n = \frac{z\alpha / 2 \cdot \sigma}{E}$$

Equação 1- Cálculo do erro da amostra (Cochran,1963)

De realçar que, $z \alpha/2$ significa o valor crítico correspondente ao intervalo de confiança; σ identifica o desvio padrão populacional da variável estudada; e o E é margem de erro que identifica a diferença máxima entre a média amostral e a verdadeira média populacional.

Instrumento

Neste estudo foram utilizados dois questionários, um para determinar as vias de formação e outro para identificar o perfil do TDADI.

Para identificar as vias de formação utilizamos a *Coaches' Training Profile Questionnaire* (CTPQ) que é composta por 15 itens, divididos em 5 categorias, e estabelece 3 procedências de conhecimento teórico: Formação Académica (FA); Formação de Jogador Reciclado (JR) e Formação Autodidata (FA) (Ibáñez, 1996).

Para determinar o perfil do treinador recorreu-se ao *Coaches' Orientation Questionnaire* (COQ), sendo o instrumento construído por 46 itens com correspondência a 5 perfis de treinadores: Crítico (Cr); Dialogador (D); Tecnológico (T); Inovador (I); Tradicional (T); Colaborativo (C) (Feu, Ibáñez, Graça, e Sampaio, 2007). De salientar, que ambos os instrumentos são compostos por uma escala Likert de 11 pontos (0= totalmente em desacordo e 100= Totalmente em acordo).

Variáveis

Os treinadores foram categorizados, consoante as variáveis independentes formação formal e não formal (Tabela 17). Neste contexto, Gilbert, Côté e Mallett (2006) sugerem investigar empiricamente o percurso de formação formal e as suas áreas de especialidade, referindo ser um contributo no processo global do desenvolvimento do treinador. A variável formação não formal foi categorizada pelo número de ações de formação frequentadas nos últimos três anos, sendo este o período temporal estabelecido no Diário da República Portuguesa através da portaria 141/2020, para a renovação da cédula do título de treinador. Esta categorização sustenta a necessidade de aprofundar

e especificar este tipo de formação (Nelson et al, 2006), dado que na área desporto adaptado estes momentos de aprendizagem são ínfimos (Fairhurst et al., 2016). As variáveis dependente advém da tipologia de treinador subjacentes aos instrumentos relativos alusivos à formação e perfil. De realçar que, que os perfis e a formação foram construídos e definidos recorrendo ao marco teórico de Ibáñez (1997a).

Tabela 17-Categorização das variáveis da formação formal e não formal

Variáveis	Categorização	N	%
Formação Formal	- Educação Física e Ciências do Desporto (EF/CD)	36	72
	- Formação na área da deficiência (FD)	8	16
	- Formação técnica (FT)	6	12
Formação Não- formal	- 1 ação de formação	3	6
	- 2 e 3 ações de formação	21	42
	- 4 e 5 ações de formação	10	20
Formação Não- formal	- 6 e 7 ações de formação	8	16
	- Mais de 7 ações de formação	2	4
	- Nenhuma de formação	6	12

Procedimento

Todos os procedimentos do estudo foram aprovados pelo conselho de bioética da Universidade da Extremadura (nº 238//2019). O recrutamento dos participantes foi efetuado através de métodos múltiplos. Assim sendo, após análise do calendário das provas dos SOP, efetuou-se a seleção dos eventos com abrangência nacional, que incluíssem no programa várias modalidades desportivas e com duração de mais de um dia.

Desta forma, foi solicitada autorização ao SOP para proceder à distribuição presencial do material de investigação nos eventos selecionados

consoante os critérios estabelecidos. No início do evento, todos os treinadores foram contactos pessoalmente e caso aceitassem participar no estudo, era-lhes fornecido todo o material (carta de apresentação do estudo, pedido consentimento informado aos treinadores e inquérito por questionário). Os treinadores tinham todo o evento para escolher o momento de preenchimento e os investigadores encontravam-se presentes para o esclarecimento de qualquer procedimento. Antes do final dos eventos, os treinadores participantes entregavam os inquéritos por questionário. De salientar, que a opção de recolha presencial foi efetuada antes do surgimento do contexto pandémico.

Com o intuito de incluir mais treinadores, e após o processo presencial, foi disponibilizada uma versão online do inquérito por questionário. Deste modo, solicitou-se aos SOP colaboração através de e-mail a todos os treinadores pedindo a participação no estudo, bem como todo o material de investigação. De notar, que os treinadores que preencheram o questionário nos eventos de forma presencial, foram excluídos do processo online.

Análise Estatística

Foi realizada uma análise de consistência interna das escalas CTPQ e COQ através do coeficiente Alfa de *Cronbach*, tendo estas obtido uma fiabilidade ótima, uma vez que o valor $\alpha > 0.70$ (Nunnally & Bernstein, 1994; Hill & Hill, 2005). Na fase inicial, efetuou-se a primeira exploração do comportamento dos dados utilizando as medidas de tendência central e ainda os valores do teste de normalidade *Kolmogorov Smirnov*. A extrapolação dos resultados foi efetuada utilizando os dados obtidos através da estatística descritiva.

Após se verificar que os dados revelaram uma distribuição normal, efetuou-se a análise da variância (Anova) entre o perfil e a formação do treinador com as variáveis formação formal e formação não formal. Recorreu-se ao η^2 com o intuito de analisar efeito do índice do tamanho da ANOVA, sendo estes classificados: sem efeito se $0 < \eta^2 \leq 0.04$; mínimo se $0.04 < \eta^2 \leq 0.25$; moderado se $0.25 < \eta^2 \leq 0.64$ e forte se $\eta^2 > 0.64$ (Ferguson, 2009). Através do coeficiente de correlação de *Pearson*, apurou-se o grau de correlação entre o perfil e formação dos TDADI. As relações foram classificadas da seguinte forma: 0 = sem correlação, $0 < |r| < .2$ = correlação muito fraca, $.2 \leq |r| < .4$ = correlação

fraca, $.4 \leq |r| < .6$ = correlação moderada, $.6 \leq |r| < .8$ = correlação forte, $.8 \leq |r| < 1$ = correlação muito forte, e 1 = correlação perfeita (Field,2017).

Por último, é essencial referir que foi avaliada a dependência (Qui-quadrado) entre a formação formal e não formal utilizando uma tabela de convergência, tendo se constatado que as variáveis em análise têm uma forte associação ($p \leq .001$), tendo estes resultados demonstrado serem bons indicadores para avaliação do percurso formativo dos TDADI.

5.2.1.3. Resultados

Na estatística descritiva da CTPQ, os TDADI apresentam valores médios mais elevados na formação académica ($\bar{x}=79.64 \pm \sigma= 12.97$), seguida da formação autodidata ($\bar{x}=71.52 \pm \sigma= 19.34$) e por último de jogador reciclado ($\bar{x}=65.04 \pm \sigma= 13.56$)

No COQ, os treinadores demonstram uma predominância nos perfis crítico ($\bar{x}=83.55 \pm \sigma= 8.68$), inovador ($\bar{x}=82.98 \pm \sigma= 9.15$) e dialogador ($\bar{x}=80.83 \pm \sigma= 10.36$). O perfil tecnológico ($\bar{x}=76.73 \pm \sigma= 12.18$), colaborador ($\bar{x}=76.34 \pm \sigma= 13.39$) e tradicional ($\bar{x}=74.63 \pm \sigma= 11.98$) são os menos pontuados., como podemos observar na Figura 15

A Figura 15 e a Figura 16 descrevem os valores médios entre as variáveis da formação e perfil e com a formação formal especificada dos TDADI.

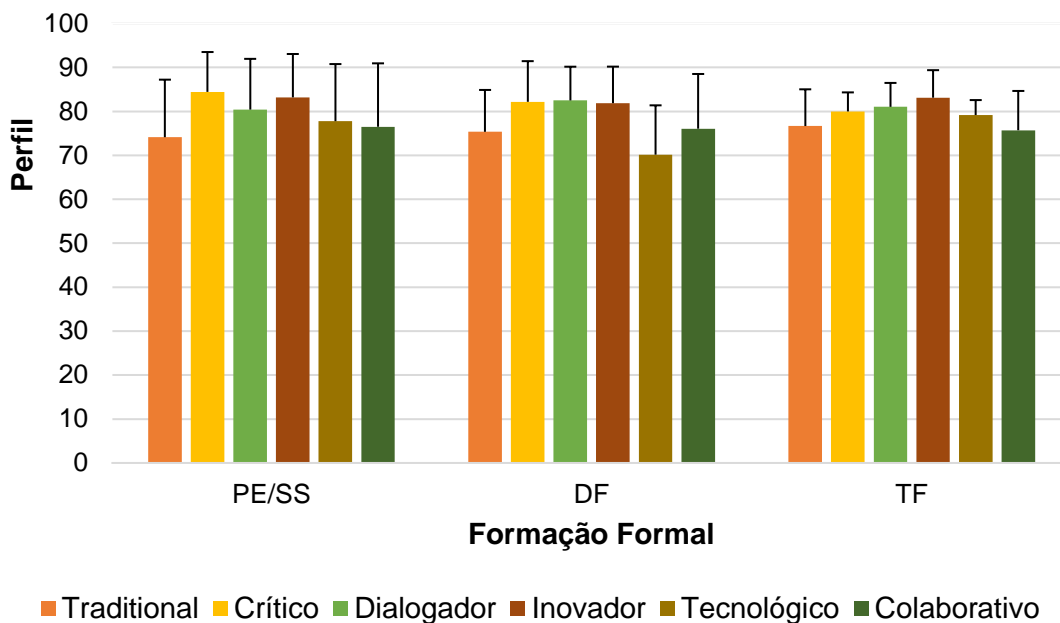


Figura 15- Estatística Descritiva da relação entre o perfil com a formação formal

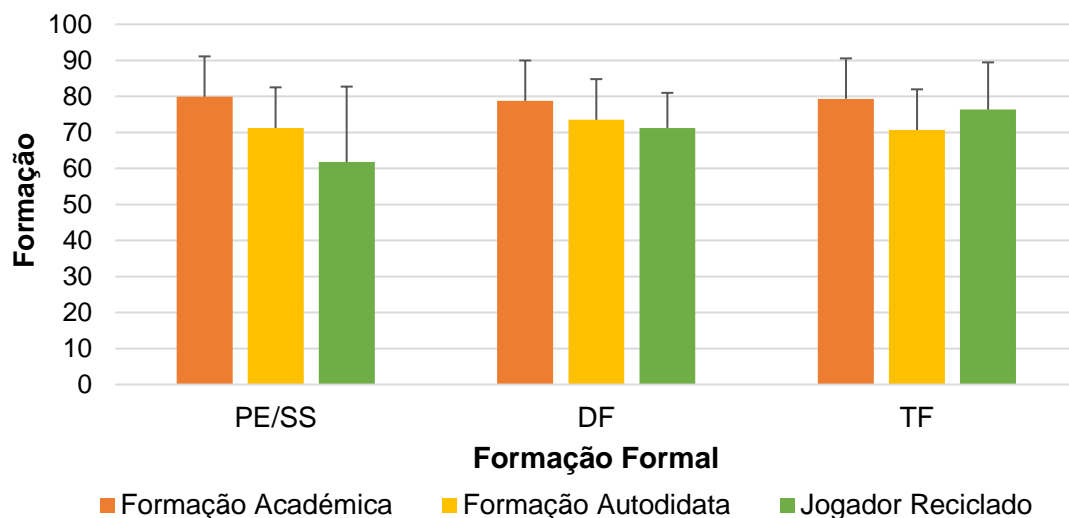


Figura 16- Estatística Descritiva da relação entre a formação com a formação formal

A Figura 17 e a Figura 18 apresentam os valores da média entre as variáveis da formação e perfil com a formação não formal dos TDADI. Em termos gerais, não se verificam diferenças significativas entre as variáveis das duas figuras apresentadas.

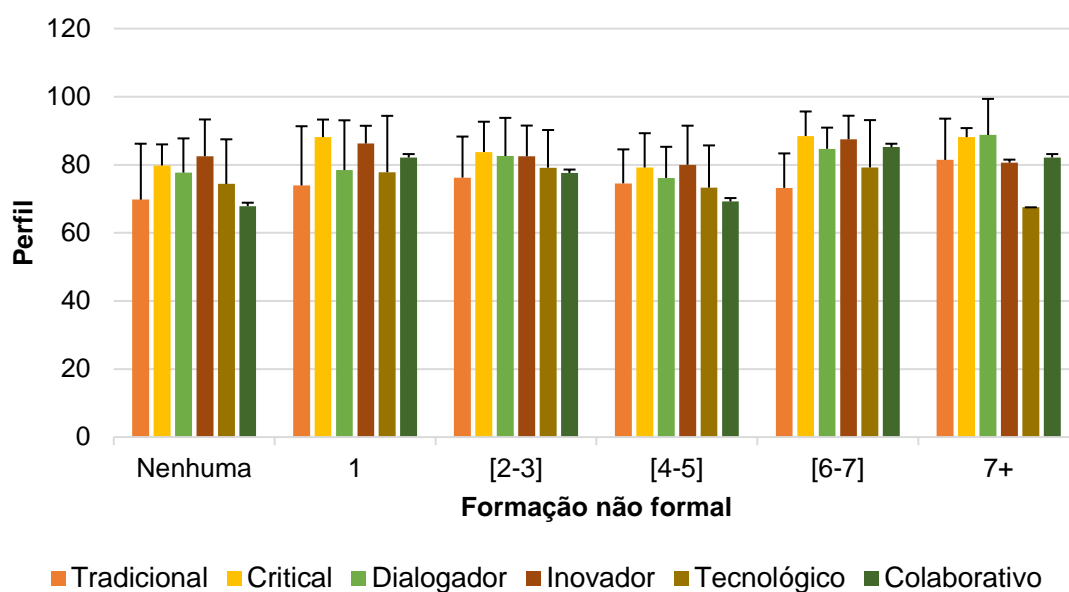


Figura 17- Estatística Descritiva da relação entre o perfil com a formação não formal

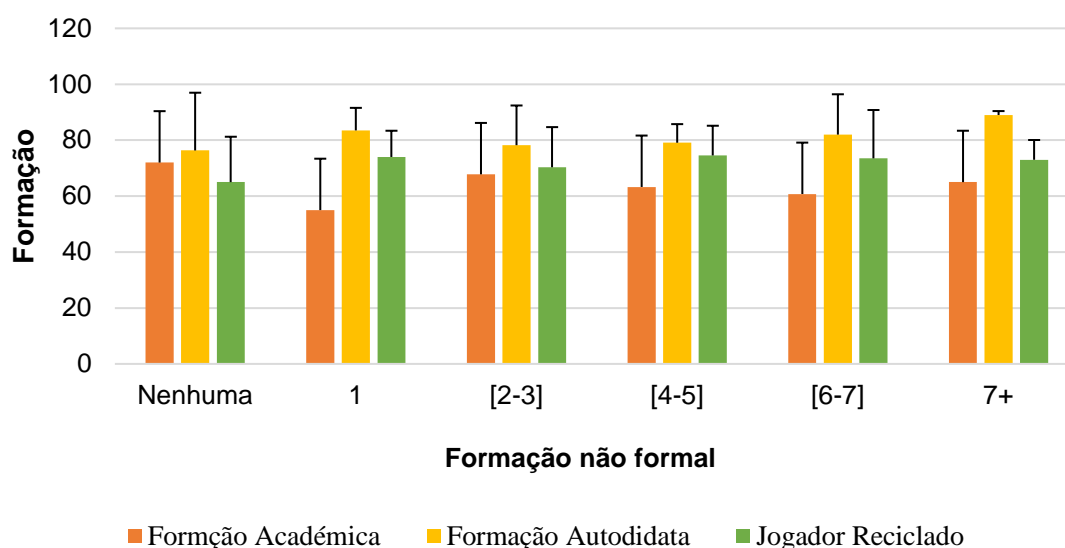


Figura 18- Estatística Descritiva da relação entre a formação com a formação não formal

A Tabela 18 mostra a análise da variância (ANOVA) e o η^2 relativamente à análise efetuada através da comparação entre o perfil e a formação do TDADI, com a sua formação formal e não formal. Utilizamos o coeficiente de Pearson para analisar a intensidade entre as variáveis formação e perfil para determinar a significância das correlações entre elas

Tabela 18- Valor F, significância e η^2

		Formação Formal			Formação Não Formal		
		<i>F</i>	<i>p</i>	η^2	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
Formação	Jogador Reciclado	2.03	.14	.29	.52	.76	.15
	Académica	.03	.97	.11	.43	.82	.13
	Autodidata	.10	.90	.19	.46	.81	.14
Perfil	Tradicional	.13	.88	.07	.40	.85	.12
	Critico	.46	.46	.14	1.15	.15	.22
	Dialogador	.88	.88	.19	.33	.33	.12
	Inovador	.94	.94	.20	.75	.59	.18
	Tecnológico	.25	.25	.10	.65	.67	.17

Colaborador .99 .99 .20 2.34 .06 .31

A Figura 19 apresenta as relações entre a formação e o perfil do TDADI. Inicialmente foi efetuada uma análise bivariada com o intuito de determinar a relação entre as variáveis. Neste contexto, usamos o coeficiente de *Pearson* para analisar a intensidade entre as variáveis formação e perfil do treinador e determinar a significância das correlações entre elas. Na análise efetuada aos resultados observam-se apenas correlações positivas, sendo estas de dois tipos de significância: fraca positiva e moderada positiva (Field, 2017).

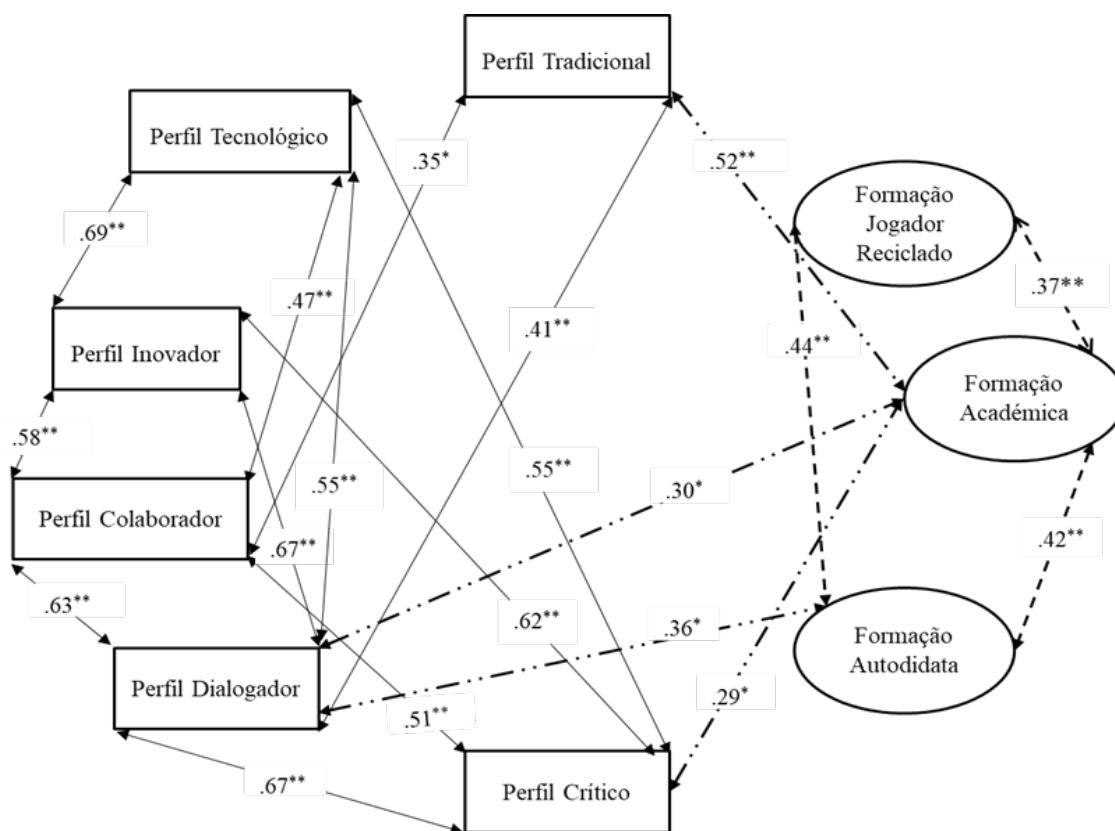


Figura 19- Correlações entre as variáveis perfil e formação dos TDADI

Legenda: —> correlação entre o perfil - -> correlação entre a formação —> correlação entre o perfil e a formação * $p < .005$ ** $p < .001$

5.3. Objetivo III: Identificar os estilos de decisão e planificação dos treinadores de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual.

5.3.1. Estudo III: Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do *Special Olympics* Portugal: Influência da formação formal e não formal

5.3.1.1. Justificação

O desenvolvimento de estudos na área do desporto adaptado, mais especificamente na área do processo de treino, é uma premissa fundamental para auxiliar na eficácia e aumentar a qualidade do treino (McMaster et al. 2012; Kennedy e Fairbrother, 2019). Perante este paradigma, é essencial identificar o estilo de decisão e planificação dos treinadores de desporto adaptado e avaliar a influência da formação formal e não formal neste procedimento (McMaster et al., 2012; Cregan et al., 2007; Fairhurst et al., 2016; Vera et al., 2021).

A formação formal e não formal, constituem-se como etapas de aprendizagem essenciais no desenvolvimento do conhecimento do treinador (Nelson et al., 2006). Estes processos formativos possibilitam a especialização dos saberes, tornando os treinadores mais preparados para adequar o processo de treino às necessidades contextuais (Mendes et al., 2021a; Mendes, 2021b).

Participantes

Este estudo efetuou-se com treinadores de atletas com deficiência intelectual que competem no movimento do *Special Olympics* Portugal. A Figura 20 sintetiza o processo relativo aos participantes: de um total de 221 treinadores inscritos a nossa amostra ficou constituída por 35 treinadores do género masculino e 15 treinadores do feminino. A margem de erro é de 12.22%, dentro de grau de confiança de 95%.



Figura 20- Participantes no estudo relativo ao artigo III

Instrumento

Para determinar o estilo de decisão foi utilizado ao *Style Decision of Sport Questionnaire* (SDSQ), sendo o instrumento constituído por 12 itens, divididos em três dimensões de perfil de decisores: Autoritário, Permissivo e Democrático (Feu et al., 2007; Ibáñez, 1997b).

Para determinar o perfil do estilo de planificação foi utilizado o *Planning Style of Sport Questionnaire* (PSSQ) que é composto por 15 itens distribuídos por três dimensões de planificadores: Flexível, Rígido e Improvisador (Feu et al., 2007; Ibáñez, 1997b).

Ambos os instrumentos são compostos por uma escala tipo *Likert* de 11 níveis com frações de 10 em 10 pontos (0= totalmente em desacordo e 100= Totalmente em acordo). A validação dos questionários foi efetuada através de uma análise fatorial exploratória (Feu et al., 2007). No SDSQ apresenta um alfa de .79 na dimensão autoritário, de .71 na dimensão permissivo e de .73 na dimensão democrático. Quanto ao PSSQ observam-se pontuação no alfa de .78 nas dimensões flexível e improvisador e .83 na dimensão rígido.

Variáveis

Os treinadores foram categorizados, consoante as variáveis independentes formação formal e não formal (Tabela 19). Nesta perspetiva, a formação formal é uma tipologia de percurso formativo de longa duração, que visa especializar os formandos numa determinada área científica, com o objetivo de obtenção de um grau (Gilbert et al., 2009). Nesta investigação considera-se formação formal o grau académico.

Tendo como base a definição do autor anteriormente mencionado, a formação não formal tem a ver com o processo de aprendizagem de curta duração que visa a aprendizagem numa área ou temática (ex. seminários; congressos, *clinics*). Para a presente investigação foi considerado a portaria 141/2020, para a renovação da cédula do título de treinador publicada no Diário da República Portuguesa. As variáveis dependentes advêm dos instrumentos utilizados no estudo III, tendo como base o marco teórico de Ibáñez (1997a), que define os estilos de decisão e planificação perante a tipologia de cada treinador.

Tabela 19- Categorização das variáveis da formação formal e não formal

Variáveis	Categorização	N	%
Formação Formal	Educação Física e Ciências do Desporto (EF/CD)	36	72
	Formação na área da deficiência (FD)	8	16
	Formação técnica (FT)	6	12
Formação Não Formal	1 ação	3	6
	2 e 3 ações	21	42
	4 e 5 ações	10	20
	+6 ações	10	20
	Nenhuma	6	12

Procedimentos

A Tabela 20 descreve o processo para efetuar os procedimentos do estudo III.

Tabela 20- Procedimento para a recolha de dados

Fases	Descrição
1º	Aprovação do estudo pelo conselho de bioética da Universidade da Extremadura (Referencia: 238/2019) (Anexo 18).
2º	Análise do calendário dos <i>Special Olympics</i> Portugal com o intuito de cumprir os seguintes critérios: (a) evento de abrangência nacional; (b) várias modalidades no programa desportivo e (c) com a duração de mais de 1 dia.
3º	Solicitação de autorização aos <i>Special Olympics</i> Portugal para efetuar com os treinadores do movimento. (Anexo 19).

- 4º Contacto pessoal com todos os treinadores presentes no evento selecionado. Desta forma, foi explicado o objetivo do estudo e caso aceitassem era distribuído o consentimento informado (Anexo 20) e todos os questionários referentes ao estudo (Anexo 7ao Anexo 10).
 - 5º Recolha dos questionários antes do final do evento
 - 6º Efetuar uma versão online dos questionários, para conseguir englobar mais treinadores do *Special Olympics* no estudo.
 - 7º Após a data-limite de preenchimento forma encerrados os questionários online. De salientar que, os treinadores que realizaram o preenchimento presencialmente, forma excluindo da fase online.
-

Análise Estatística

Foi estudada a consistência interna das escalas SDSQ e PSSQ através do coeficiente Alfa de *Cronbach*, verificando-se um valor $\alpha > .70$, sendo designada uma fiabilidade ótima (Nunnally & Bernstein, 1994; Hill & Hill, 2005). Assim, o SDSQ apresenta os seguintes graus de fiabilidade consoante as dimensões: autoritário $\alpha = .77$; democrática $\alpha = .70$; e permissivo $\alpha = .80$. Relativamente aos graus de fiabilidade da PSSQ observam-se: na dimensão flexível $\alpha = .74$; na dimensão rígido $\alpha = .84$; e na dimensão improvisador $\alpha = .85$.

A primeira exploração do comportamento dos dados, foi efetuada com verificação das medidas de tendências central e dos valores do teste de normalidade *Kolmogorov Smirnov*. A extrapolação dos resultados realizou-se a partir dos dados obtidos com a estatística descritiva. Os dados revelaram uma distribuição normal, pelo que se utilizou o teste de análise da variância (ANOVA), entre os estilos de decisão e planificação com as variáveis dependentes formação formal e não formal. O teste pós-hoc *Sheffé* foi utilizado para identificar as diferenças entre os grupos. Recorreu-se ao η^2 com o intuito de analisar o efeito do índice do tamanho da ANOVA, sendo estes classificados em: sem efeito se $0 < \eta^2 \leq 0.04$; mínimo se $0.04 < \eta^2 \leq 0.25$; moderado se $0.25 < \eta^2 \leq 0.64$ e forte se $\eta^2 > 0.64$ (Ferguson, 2009).

Através do coeficiente de correlação de *Pearson*, apurou-se o grau de relação entre o perfil e formação dos treinadores. As relações foram classificadas da seguinte forma: 0 = sem correlação, $0 < |r| < .2$ = correlação muito fraca, $.2 \leq$

$|r| < .4$ = correlação fraca, $.4 \leq |r| < .6$ = correlação moderada, $.6 \leq |r| < .8$ = correlação forte, $.8 \leq |r| < 1$ = correlação muito forte, e 1 = correlação perfeita (Field, 2017).

Por último, é essencial referir que foi avaliada a dependência (Qui-quadrado) entre a formação formal e não formal utilizando uma tabela de convergência e constatou-se que as variáveis em análise apresentam uma forte associação ($p \leq .001$), demonstrando ser bons indicadores para avaliação do percurso formativo dos treinadores.

5.3.1.2. Método

5.3.1.3. Resultados

Na estatística descritiva da SDSQ, os treinadores apresentam valores médios mais elevados em decisões democráticas (82.67 ± 1.41), seguida de decisões autoritárias (67.04 ± 19.20) e por último recorrem a decisões de tipologia permissiva (47.24 ± 21.71).

No PSSQ, os treinadores demonstram uma predominância da planificação flexível ($\bar{x}=82.16 \pm \sigma= 12.70$), seguida da planificação rígida ($\bar{x}=35.32 \pm \sigma= 19.70$) e a planificação de cariz improvisador ($\bar{x}=33.63 \pm \sigma= 21.20$) é a menos utilizada.

A Figura 21 e a Figura 22 representam os valores médios entre as variáveis dos estilos de decisão e planificação com a formação formal dos treinadores. De salientar, que se encontram diferenças estatisticamente significativas na planificação flexível ($F_{(8,889)} = 8.89$; $p \leq .01$). Os resultados da análise *post hoc* de *Sheffé* demonstram que os treinadores com formação técnica são significativamente menos flexível que os treinadores formados na área da deficiência ($F_{(5,96815)} = -20,917$, $p < .05$) e Educação Física e Ciências do Desporto ($F_{(4,87298)} = -20,111$, $p < .05$).

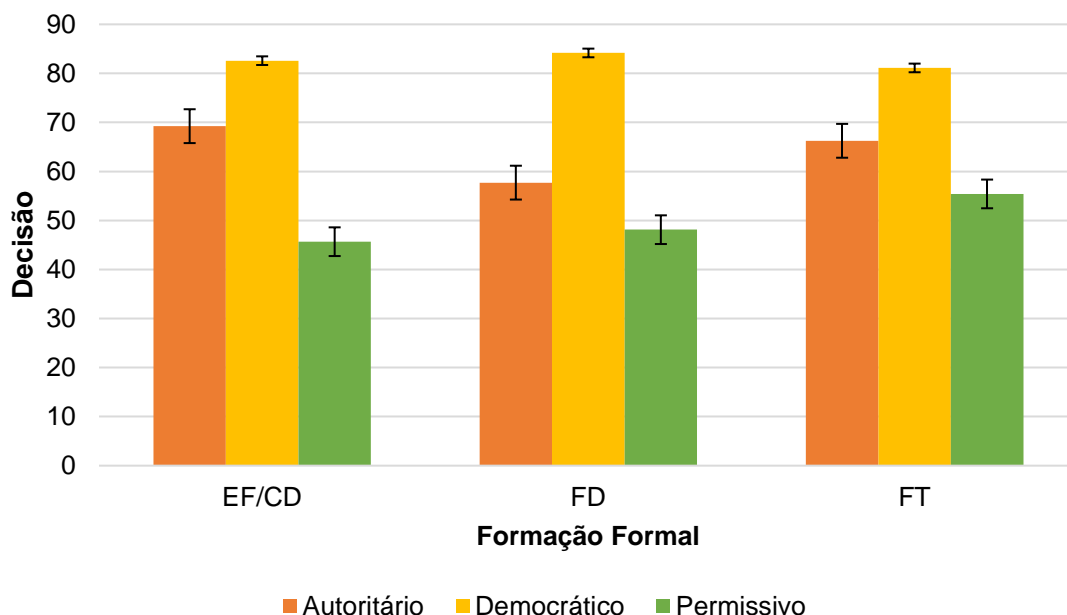


Figura 21- Estatística descritiva da relação entre os estilos de decisão com a formação formal. Formação dos treinadores: Educação Física / Ciências do Desporto (EF/CD); Formação na área da deficiência (FD); Formação Técnica (FT).

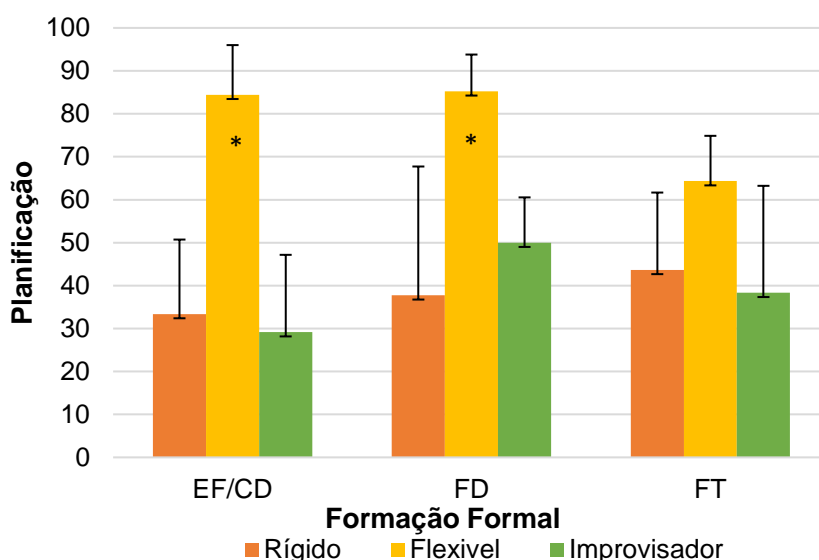


Figura 22- Estatística descritiva da relação entre os estilos de planificação com a formação formal. Formação dos treinadores: Educação Física / Ciências do Desporto (EF/CD); Formação na área da deficiência (FD); Formação Técnica (FT). * $<.05$

A Figura 23 e a Figura 24 descrevem os valores médios entre as variáveis do estilo de decisão e planificação com a formação não formal. Existe uma maior proeminência de formação não formal nos estilos de decisão flexível em comparação com os estilos improvisador e rígido. Na planificação, no estilo democrático observam-se valores médios mais altos de formação não formal em

comparação com o estilo autoritário e permissivo. De salientar, que tanto nos estilos de decisão e planificação não se encontram diferenças estaticamente significativas entre as dimensões.

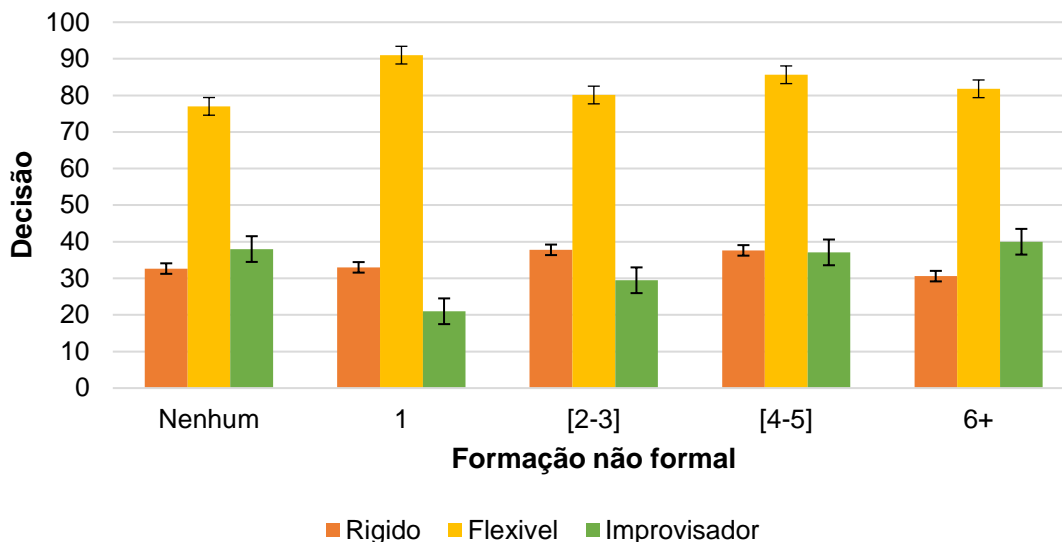


Figura 23- Estatística descritiva da relação entre os estilos de decisão com formação não formação formal. Número de ações: Nenhum; 1 ação; [2-3] ações; [4-5] ações; 6+ ações

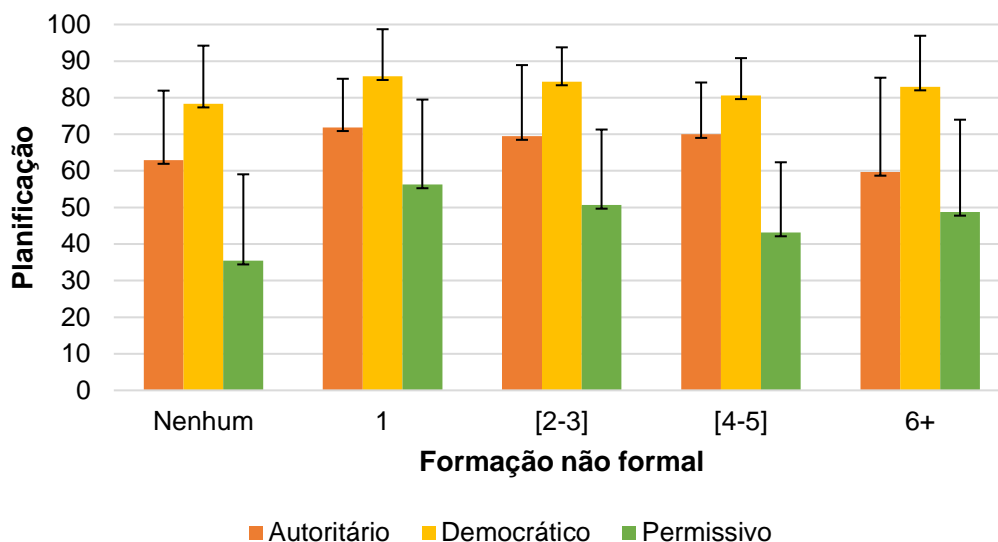


Figura 24- Estatística descritiva da relação entre os estilos de planificação com formação não formação formal. Número de ações: Nenhum; 1 ação; [2-3] ações; [4-5] ações; 6+ ações

A Tabela 21 mostra a análise da variância (ANOVA) e o η^2 relativamente à análise efetuada através da comparação entre os estilos de decisão e planificação dos treinadores, com a sua formação formal e não formal. Posteriormente usamos o coeficiente de Pearson para analisar a intensidade

entre as variáveis dos estilos de decisão e planificação do treinador e determinar a significância das correlações entre elas.

Tabela 21-Resultados da análise das diferenças entre os estilos de decisão e planificação dos TDADI

		Formação Formal			Formação Não Formal		
		<i>F</i>	<i>p</i>	η^2	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2
Decisão	Autoritário	1.19	.31	.22	.58	.71	.15
	Democrático	.12	.89	.07	.66	.66	.16
	Permissivo	.52	.60	.15	.66	.66	.16
	Rígido	.77	.47	.18	1.07	.85	.21
Planificação	Flexível	8.89	.001	.60	.22	.96	.10
	Improvisador	3.70	.03	.39	.87	.51	.19

A Figura 25 representa as relações entre a formação e o perfil dos treinadores. Foi efetuada uma análise bivariada com o intuito de determinar a relação entre as variáveis. Posteriormente usamos o coeficiente de *Pearson* para analisar a intensidade entre as variáveis dos estilos de decisão e planificação do treinador e determinar a significância das correlações entre elas. Observam-se apenas correlações positivas, sendo estas de dois tipos de significância fraca positiva e moderada positiva (Field, 2017). Só se identifica uma Intra relação dos estilos de planificação (Rígido-Improvisador) e quatro relações entre os domínios do estilo de decisão e planificação.

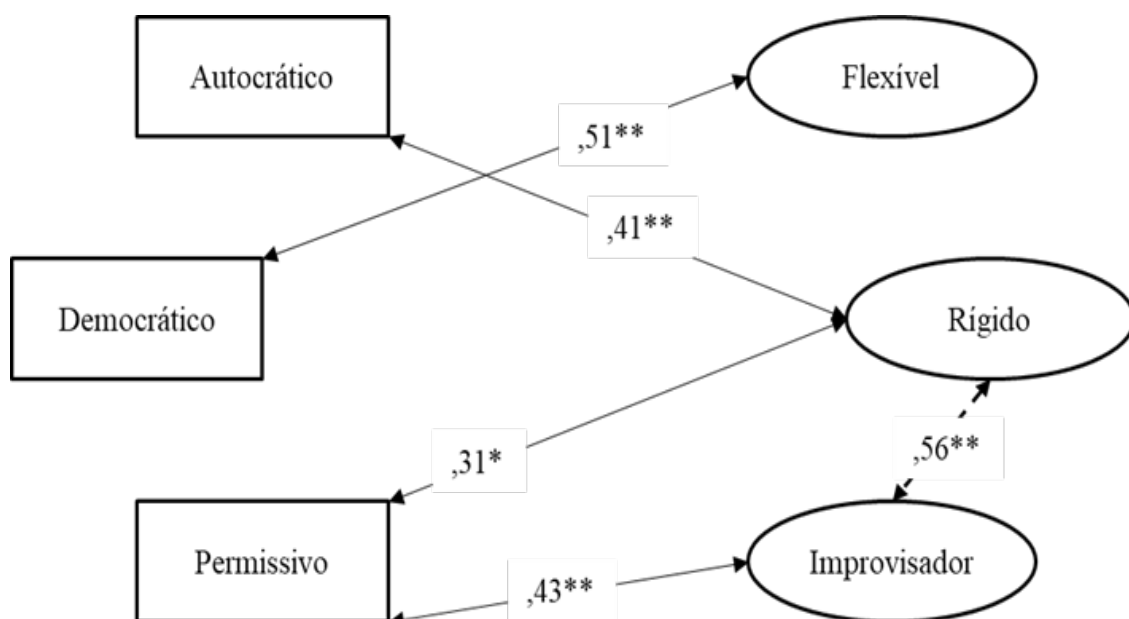


Figura 25-Correlações entre as variáveis do estilo de decisão e estilos de planificação dos treinadores dos Special Olympics Portugal

Legenda: \longrightarrow correlação entre os estilos de decisão e planificação $-- \longrightarrow$ correlação entre os estilos de planificação * $p < .05$ ** $p < .001$

5.4. Objetivo IV: Identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança do TDADI, bem como a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador.

5.4.1. Estudo IV: Autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança dos treinadores dos *Special Olympics* Portugal

5.4.1.1. Justificação

No desporto adaptado parece consensual, que a prática desportiva é um veículo que contribui para aumentar a qualidade de vida dos atletas com condição de deficiência (Brooker et al., 2015; Son et al., 2016). Nesta perspetiva, o papel do treinador revela-se essencial no desenvolvimento global dos atletas (Tawse et al., 2012), uma vez que a adequação do treino e do seu processo às capacidades específicas de cada atleta é um elemento essencial para a progressão deste processo. (Bloom et al., 2014). O contexto de adaptação anteriormente descrito, potencializa a modificação de comportamento e estratégias de liderança por parte dos treinadores, com o intuito de satisfazer as necessidades reais e efetivas dos atletas (Banack et al., 2011; Cregan et al., 2007; Tawse et al., 2012).

Desta forma, o treinador pode ser considerado um elemento facilitador ou um obstáculo na implantação de medidas de inclusão, estando este binómio dependente das atitudes do treinador que podem ter repercussões positivas ou negativas nos atletas (Hernández-Beltrán et al., 2021; Smith et al., 2015).

Assim o estudo tem como principal objetivo identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança do treinador dos SOP, bem como a perceção dos atletas dos comportamentos de liderança do treinador. Além do mencionado, pretende-se examinar a relação entre a autoperceção e perceção com a formação formal dos treinadores, bem com analisar as correlações existentes entre a autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança.

5.4.1.2. Método

Conceção

A investigação é descritiva é de corte transversal dos treinadores e atletas do *Special Olympics* Portugal. Os dados foram recolhidos através de inquérito por questionário com uma amostra por conveniência (León & Montero, 2008; Ato et al., 2013). O estudo foi conduzido de acordo com as diretrizes da Declaração de Helsínquia, e aprovado pelo Comité de Ética da Universidade (ref número 238/2019) antes do início do estudo.

Participantes

No estudo participaram 50 treinadores, 15 do género feminino e 35 do género masculino, com uma média de idade $X \pm 40.22$ anos.

Quanto aos atletas participaram 94 atletas, 27 do género feminino e 67 do género masculino, com uma média de idade de $X \pm 32,61$.

Em Portugal, segundo fonte dos SOI, estão inscritos no movimento 221 treinadores e 3708 atletas. Os treinadores são maioritariamente formados em Educação Física e Ciências de Desporto, perfazendo um total de 36 (72%) do total da amostra. Apenas oito treinadores têm formação na área da deficiência (16%) e os restantes seis têm formação técnica (12%). Neste contexto, a margem de erro da amostra do estudo é de 12.22% por parte dos treinadores e 9.98% dos atletas, dentro de grau de confiança de 95%. Foi seguida a seguinte fórmula :

$$n = \frac{z\alpha / 2 \cdot \sigma}{E}$$

Equação 2 - Cálculo do erro da amostra (Cochran,1963)

Instrumentos

Para determinar os comportamentos de liderança optamos pela *Leadership Scale for Sport* (LSS) desenvolvida por Chelladurai e Saleh (1978) e validada em português por Serpa, Lacoste, Antunes, Pataco e Santos (1988) sob o nome de Escala de Liderança no Desporto (ELD). Esta escala avalia a perceção do treinador sobre o seu próprio comportamento de liderança (versão autoperceção), a perceção e preferências dos atletas (versão perceção e preferências) dos comportamentos de liderança dos seus treinadores. Nesta

investigação, utilizamos exclusivamente a escala na sua versão de autoperceção e perceção. A LSS apresenta 40 questões para cada versão e o instrumento é composto por uma escala de *Likert* de 5 frações (1=Nunca; 5= Sempre). Pela especificidade da população, recorreu-se a uma *smiley face scales* pelo facto de ser um sistema familiar para estes atletas (De Knecht et al., 2016) e constituir-se como uma forma de substituição dos rótulos numéricos (Gummer et al., 2019).

Variáveis

Os treinadores foram categorizados, consoante a variável independente: formação formal. Em termos epistemológicos, a formação formal encontra-se associada a estruturas institucionais que certificam, em termos profissionais, o treinador (Mallett et al., 2009). Esta categorização sustenta a necessidade de aprofundar e especificar este tipo de formação (Nelson et al., 2006), dado que na área desporto adaptado é uma área pertinente de exploração (Fairhurst et al., 2016).

Quanto a esta formação, agruparam-se os treinadores em três categorias:

- educação física e ciências do desporto (n=36)
- formação na área da deficiência (n= 8)
- formação técnica (n=6)

As variáveis dependentes do estudo foram definidas através do instrumento de recolha de dados utilizado que definem o comportamento de liderança: treino-instrução; suporte social; reforço; democrático e autocrático (Chelladurai & Saleh, 1978).

O treino-instrução, caracteriza-se pelo comportamento do treinador destinado a melhorar a performance dos atletas através da ênfase da instrução dos atletas para os aspetos corretivos do treino, bem com das componentes técnicas e táticas da modalidade.

O suporte social encontra-se associado à preocupação do treinador com o bem-estar individual dos atletas, procurando um bom ambiente de grupo e um bom relacionamento pessoal com os atletas (Chelladurai & Saleh, 1978).

No comportamento de reforço o treinador reforça positivamente os seus atletas, reconhecendo e recompensando o seu bom desempenho. O comportamento democrático do treinador promove a participação ativa dos atletas nas decisões relacionadas com os objetivos do grupo, métodos de treino,

táticas e estratégias de competição. O comportamento autocrático preconiza a independência do treinador na tomada de decisão e no estabelecimento da sua autoridade (Chelladurai & Saleh, 1978).

Procedimento

Todos os procedimentos do estudo foram aprovados pelo conselho de bioética da Universidade antes do início do estudo. O recrutamento dos participantes foi efetuado através de métodos múltiplos.

Após análise do calendário de provas dos SOP, efetuou-se a seleção dos eventos com abrangência nacional, que incluíssem no programa várias modalidades desportivas e com a duração de mais de um dia. Neste caso, a prova que preenchia todos os critérios foram os 6 Jogos de Inverno *Special Olympics* Portugal 2018.

Solicitou-se autorização ao SOP para proceder à distribuição presencial do material de investigação no evento selecionado, consoante os critérios estabelecidos. Realizou-se um ofício explicando o objetivo do estudo, autorização institucional para a recolha dos dados e assinatura do termo de consentimento informado por parte dos atletas ou dos seus tutores legais e treinadores.

Com a conclusão deste processo, procedeu-se o recrutamento de assistentes de investigação para proceder à recolha de dados, que ficou constituído por estudantes de licenciatura e mestrado do curso de Desporto e Atividade Física da especialidade em Desporto Adaptado e uma atleta com deficiência intelectual. Uma vez que a recolha de dados apresentava particularidades específicas, fruto da inclusão de atletas com deficiência intelectual, foram ministradas sessões de esclarecimento teóricas sobre o procedimento e protocolo a seguir na recolha de dados. Nesta perspetiva, e após as sessões teóricas os assistentes aplicaram os questionários de recolha de dados a três atletas com deficiência intelectual não pertencentes à amostra final. Este procedimento, teve como principal objetivo a adaptação de alguns procedimentos de aplicação consoante as sugestões dos atletas com deficiência intelectual.

De salientar, que a inclusão de uma atleta com deficiência com intelectual, teve com principal objetivo auxiliar na interpretação das afirmações dos questionários no momento da aplicação aos participantes do estudo.

Durante o evento efetuou-se a aplicação do questionário aos atletas pelos assistentes de investigação, com a presença de um técnico de cada instituição/clube com o intuito de auxiliar no processo. A aplicação decorreu durante os três dias de provas, numa sala onde foi permitido manter a privacidade do atleta. O procedimento podia ser interrompido pelo atleta respondente e retomado quando assim o pretendesse.

Relativamente aos treinadores, foram contactados pessoalmente e caso aceitassem participar no estudo, era-lhes fornecido todo o material necessário (carta de apresentação do estudo, consentimento informado e inquérito por questionário). Os treinadores podiam escolher o momento de preenchimento do instrumento, durante o tempo de duração do evento e os assistentes encontravam-se presentes para o esclarecimento de qualquer procedimento. Antes do final dos eventos, os treinadores participantes entregavam os inquéritos por questionário. De salientar, que a opção pela recolha presencial foi antes do surgimento do contexto pandémico.

Com o intuito de incluir mais treinadores, e após o processo presencial, foi disponibilizada uma versão online do inquérito por questionário. Deste modo solicitou-se, aos *Special Olympics* Portugal, colaboração no envio de um e-mail a todos os treinadores pedindo a participação no estudo, bem como todo o material de investigação. De notar, que os treinadores que preencheram presencialmente o questionário no evento selecionado foram excluídos do processo online.

Análise Estatística

Foi estudada a consistência interna da LSS, através do coeficiente Alfa de *Cronbach*, tendo-se verificado um valor $\alpha \geq 0.50$ em ambas as versões, sendo designada uma fiabilidade moderada (Landis & Koch, 1977).

A primeira exploração do comportamento dos dados, foi efetivada através verificação das medidas de tendências central e dos valores do teste de normalidade *Kolmogorov Smirnov*. A extrapolação dos resultados, executou-se a partir dos dados obtidos com a estatística descritiva. Como os dados revelaram

uma distribuição não normal, utilizou-se o teste *Kruskal-Wallis*, para analisar a relação entre os comportamentos de liderança na versão autoperceção e perceção com a variável dependente, formação formal. Para a comparação entre grupos da variável dependente utilizou-se o *pairwise comparisons*. Recorreu-se ao η^2 com o intuito de analisar o efeito do índice do tamanho da correlação de *Spearman*, classificados estes em: sem efeito se $0 < \eta^2 \leq 0.04$; mínimo se $0.04 < \eta^2 \leq 0.25$; moderado se $0.25 < \eta^2 \leq 0.64$ e forte se $\eta^2 > 0.64$ (Ferguson, 2009). Através do coeficiente de correlação de *Spearman*, apurou-se o grau de correlação entre a autoperceção e a perceção dos comportamentos de liderança dos treinadores. As relações foram classificadas da seguinte forma: 0 = sem correlação, $0 < |r_s| < .2$ = correlação muito fraca, $.2 \leq |r_s| < .4$ = correlação fraca, $.4 \leq |r_s| < .7$ = forte, e 1 = correlação perfeita (Field, 2017).

5.4.1.3. Resultados

Na estatística descritiva sobre a LSS, na versão autoperceção, os treinadores demonstram, para todos os tipos de formação formal, valores médios superiores, no comportamento de reforço (EF/CD $\bar{x} = 4.65 \pm \sigma = .24$; FD $\bar{x} = 4.58 \pm \sigma = .26$; FT $\bar{x} = 3.80 \pm \sigma = .00$), seguido de treino-instrução (EF/CD $\bar{x} = 3.99 \pm \sigma = .37$; FD $\bar{x} = 4.38 \pm \sigma = .38$; FT $\bar{x} = 3.53 \pm \sigma = .26$), comportamento democrático (EF/CD $\bar{x} = 3.70 \pm \sigma = .86$; FD $\bar{x} = 4.21 \pm \sigma = .10$; FT $\bar{x} = 3.14 \pm \sigma = .13$), suporte social (EF/CD $\bar{x} = 3.02 \pm \sigma = .61$; FD $\bar{x} = 3.42 \pm \sigma = .52$; FT $\bar{x} = 2.25 \pm \sigma = .00$) e comportamento autocrático (EF/CD $\bar{x} = 1.52 \pm \sigma = .45$; FD $\bar{x} = 2.02 \pm \sigma = .94$; FT $\bar{x} = 1.00 \pm \sigma = .00$) como se pode observar na Figura 26.

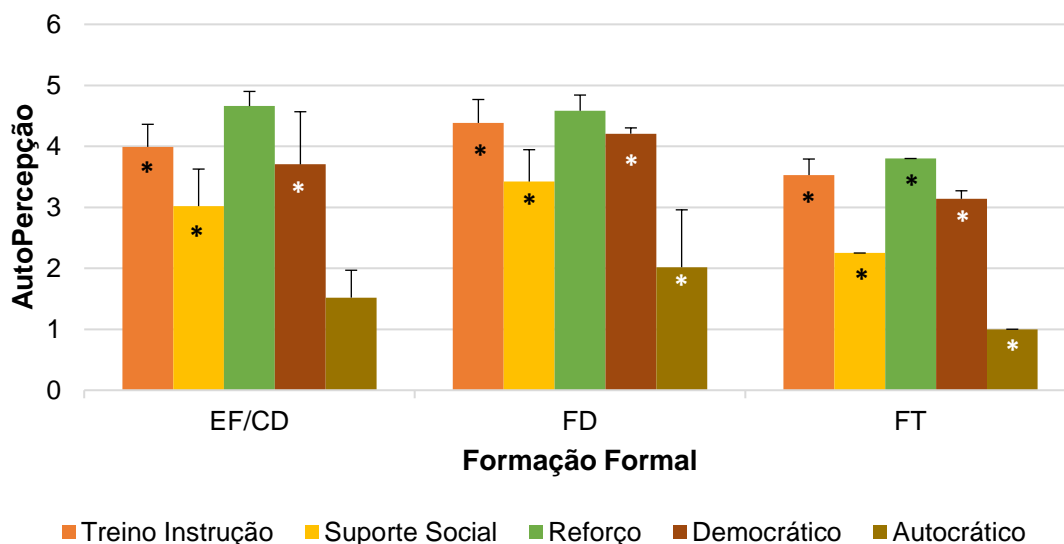


Figura 26- Estatística descritiva da relação entre os comportamentos de liderança na versão auto percepção com a formação formal dos treinadores. Formação dos treinadores: Educação Física / Ciências do Desporto (EF/CD); Formação na área da deficiência (FD); Formação Técnica (FT). * < .05.

Analisando a Figura 27, relativa à versão percepção dos atletas sobre os treinadores, verifica-se, para todos os tipos de formação formal, valores médios superiores no comportamento reforço (EF/CD $\bar{x}=4.82 \pm \sigma= .43$; FD $\bar{x}=4.76 \pm \sigma= .40$; FT $\bar{x}=5.00 \pm \sigma= .00$), seguido de suporte social (EF/CD $\bar{x}=4.65 \pm \sigma= .93$; FD $\bar{x}=4.72 \pm \sigma= .47$; FT $\bar{x}=5.00 \pm \sigma= .00$), treino-instrução (EF/CD $\bar{x}=4.71 \pm \sigma= .45$; FD $\bar{x}=4.53 \pm \sigma= .67$; FT $\bar{x}=4.75 \pm \sigma= .43$), comportamento democrático (EF/CD $\bar{x}=3.83 \pm \sigma= 1.14$; FD $\bar{x}=4.19 \pm \sigma= .85$; FT $\bar{x}=3.94 \pm \sigma= .88$) e comportamento autocrático (EF/CD $\bar{x}=2.76 \pm \sigma= 1.44$; FD $\bar{x}=1.80 \pm \sigma= 1.04$; FT $\bar{x}=2.44 \pm \sigma= 1.53$).

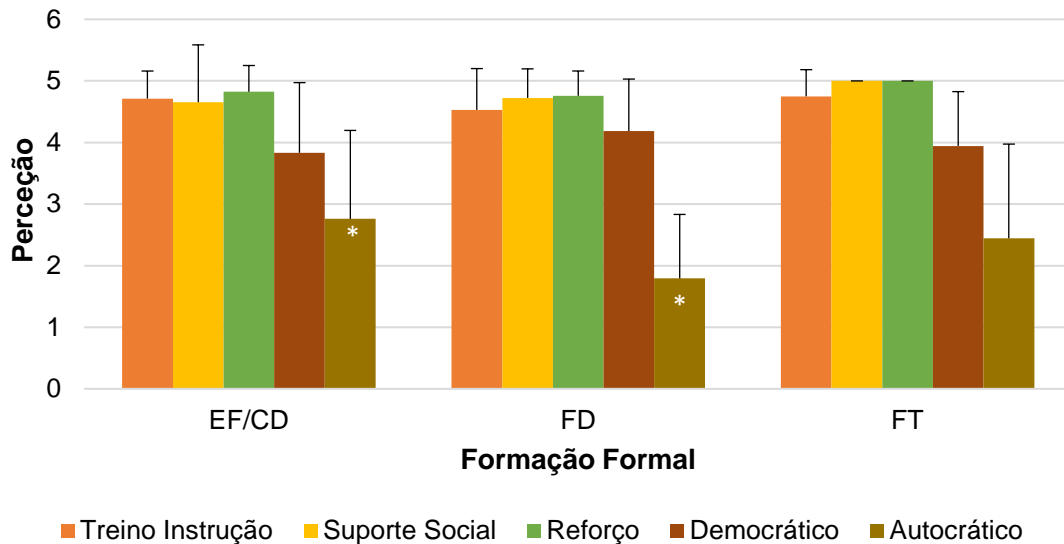


Figura 27- Estatística descritiva da relação entre os comportamentos de liderança na versão percepção com a formação formal dos treinadores. Formação dos treinadores: Educação Física / Ciências do Desporto (EF/CD); Formação na área da deficiência (FD); Formação Técnica (FT). * $<.05$.

A Tabela 22 apresenta os resultados do valor do *p-value* do teste de correlação de *Spearman, pairs comparisons* entre os grupos da formação formal e o η^2 , relativos aos comportamentos de liderança nas duas versões em análise. Foram designados com (1) os treinadores com formação técnica, (2) educação física e ciências do desporto e (3) formação na área da deficiência. Observa-se que na versão autopercepção existem diferenças estatisticamente significativas relativamente à formação formal e comportamentos de liderança do treino. Por sua vez, na versão percepção as diferenças estatisticamente significativas verificam-se somente no comportamento autocrático.

Tabela 22-Valor ρ , p-value e η^2 consoante a formação formal. (1) formação técnica; (2) educação física e ciências do desporto; (3) formação da área da deficiência

		<i>Pairs Comparisons</i>			
		ρ	<i>Pair</i>	<i>p-value</i>	η^2
Auto Perceção	Treino-instrução	.00	(1)-(2)	.034	.69
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.000	
	Suporte Social	.00	(1)-(2)	.004	.62
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.015	
	Reforço	.00	(1)-(2)	.000	.58
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.530	
	Democrático	.00	(1)-(2)	.019	.72
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.001	
Autocrático	.001	(1)-(2)	.059	.25	
		(1)-(3)	.001		
		(2)-(3)	.302		
Perceção	Treino-instrução	.771	-----	-----	.02
	Suporte Social	.082	-----	-----	.06
	Reforço	.106	-----	-----	.47
	Democrático	.273	-----	-----	.23
	Autocrático	.005	(1)-(2)	.672	.94
			(1)-(3)	.004	
			(2)-(3)	1.000	

A Figura 28 representa as relações entre a autoperceção e perceção do comportamento de liderança do treinador. Nesta medida, e fruto da distribuição não normal dos dados, usamos o coeficiente de correlação de *Spearman* (ρ) para avaliar a intensidade entre as variáveis mencionadas e determinar a

significância das correlações entre elas. Observam-se relações de correlações positivas e negativas, sendo estas de dois tipos de significância: fraca positiva ou negativa e moderada positiva ou negativa (Field, 2017).

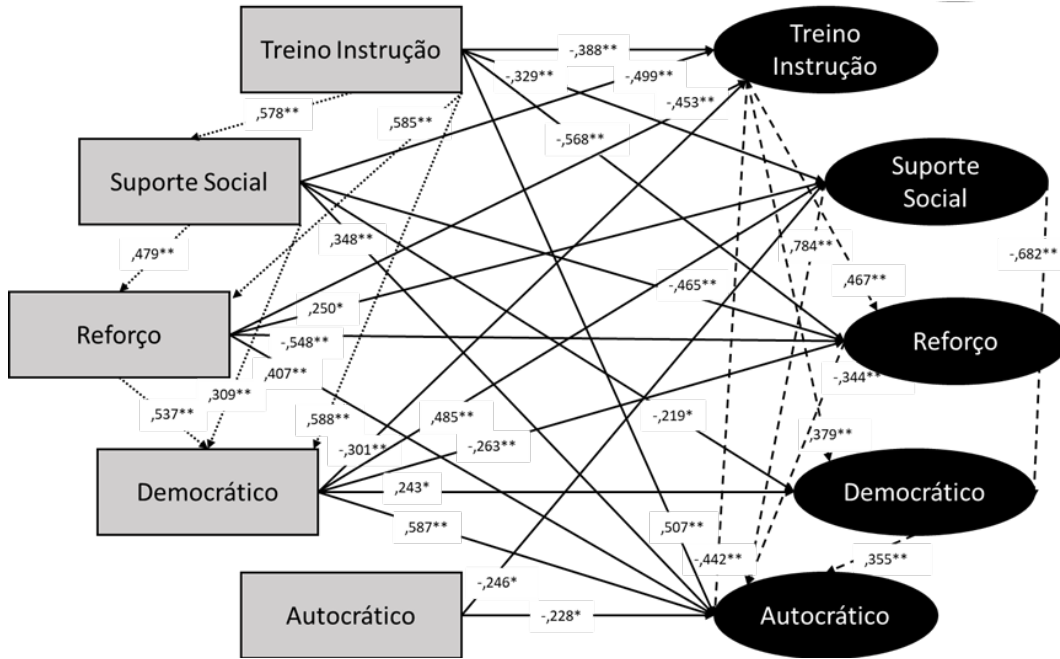


Figura 28- Correlações entre as variáveis do comportamento de liderança dos treinadores na versão auto percepção e percepção

—> correlação entre a percepção e auto percepção --> correlação entre as dimensões da auto percepção ----> correlação entre as dimensões da percepção * p<.005 ** p<.001

■ Auto percepção ● Percepção

5.5. Objetivo V: Caraterizar os atletas relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI.

5.5.1. Estudo V: Relação da formação formal na liderança dos treinadores e na autodeterminação e bem-estar dos atletas com deficiência intelectual

5.5.1.1. Justificação

O estudo V surge com o desiderato de obter uma visão macro sobre a formação no desporto adaptado e a implicação que o desporto tem no quotidiano desportivo e pessoal em atletas com condição de deficiência intelectual. Para conseguir a abrangência desta temática, é necessário analisar os aspetos inerentes à formação e liderança do treinador de desporto adaptado aliados à satisfação e motivação dos atletas com deficiência intelectual (Pires et al., 2021b).

Desta forma, este estudo tem como objetivos: a) caraterizar os treinadores quanto à autoperceção e perceção dos atletas do estilo de liderança, b) caraterizar os atletas relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI e c) examinar diferenças e efeitos da formação formal dos treinadores nas variáveis referidas anteriormente.

5.5.1.2. Método

A investigação é descritiva e de corte transversal dos treinadores e atletas do *Special Olympics* Portugal, com a participação de 50 treinadores e 94 desportistas. Os dados foram recolhidos através de inquérito por questionário com uma amostra por conveniência (León & Montero, 2008). O estudo foi conduzido de acordo com as diretrizes da Declaração de Helsínquia, e aprovado pelo Comité de Ética da Universidade antes do início do estudo (Referencia:238//2019).

Participantes

No estudo participaram 50 treinadores, 15 do género feminino e 35 do género masculino ($\bar{x}=38.50 \pm DP=11.08$). Os treinadores são maioritariamente formados em Educação Física e Ciências de Desporto, perfazendo um total de 36 (72%) do total da amostra. Apenas oito treinadores têm formação na área da deficiência (16%) e os restantes seis têm formação técnica (12%).

Quanto aos atletas participaram 94 atletas, 27 do género feminino e 67 do género masculino ($\bar{x}=32.61 \pm DP=13.78$), tendo o desportista mais novo do estudo 11 anos e o mais velho com 63 anos.

Quanto às modalidades no âmbito do SOP, existem 8 modalidades, 6 individuais (atletismo, ginástica, equitação, natação, golfe, ténis de mesa) e 2 coletivas (futebol e basquetebol). Neste sentido, 42.5% praticam modalidades individuais, 16% modalidades coletivas e 41.5% modalidades coletivas e individuais. De mencionar que só 2 atletas referiram praticar apenas uma modalidade individual. Todos os atletas são provenientes de instituições particulares de solidariedade social sem fins lucrativos, destinado à prestação de diversos serviços a pessoas com deficiência intelectual.

Segundo fonte dos *Special Olympics* Internacional em Portugal, encontram-se inscritos no movimento 221 treinadores e 3708 atletas. Neste contexto, a margem de erro da amostra do estudo é de 12.22% por parte dos treinadores e 9.98% dos atletas, dentro de grau de confiança de 95%. A margem de erro foi calculada através da seguinte equação.

$$n = \frac{z\alpha / 2 \cdot \sigma}{E}$$

Equação 3- Cálculo do erro da amostra (Cochran,1963)

Instrumentos

Os instrumentos selecionados encontram-se contextualizados com os objetivos do estudo. Em relação ao treinador, utilizámos o *Leadership Scale for Sport* (LSS) versão autoperceção. Quanto aos atletas com DI, foram aplicados os seguintes instrumentos: *Behavioral Regulation in Sport Questionnaire* (BRSQ); *Psychological Needs in Exercise Scale* (BPNES); *Satisfaction with Life Scale* (SWLS) e *Positive and Negative Affects Scale* (PANAS).

Deste modo, para determinar a liderança optamos pelo LSS desenvolvida por Chelladurai e Saleh (1978) e validada em português por Serpa, Lacoste, Antunes, Pataco e Santos (1988) sob o nome de Escala de Liderança no Desporto. Esta escala avalia a perceção do treinador sobre a sua própria liderança (versão autoperceção), a perceção e preferências dos atletas (versão perceção e preferências) da liderança dos seus treinadores. Nesta investigação, foi utilizada exclusivamente a escala na sua versão de autoperceção e perceção. A LSS formalmente apresenta 40 itens para cada versão e o instrumento é composto por uma escala *Likert* de 5 frações (1= nunca; 5= sempre).

Utilizou-se o BRSQ (Lonsdale, Hodge & Rose, 2008), que reflete os tipos de motivação da Teoria da Autodeterminação (amotivação; motivação controlada; motivação autónoma). O questionário é constituído por 24 itens, avaliados através de uma escala de *Likert* de 7 frações (1= discordo totalmente; 7= concordo totalmente). Esta escala está validada para o contexto desportivo na língua portuguesa por Monteiro, Moutão e Cid (2018).

O BPNES (Vlachopoulos & Michailidou, 2006) avalia as necessidades psicológicas básicas em 3 dimensões: autonomia, competência e relação. Este é composto por 12 itens avaliados por uma escala de *Likert* de 5 frações (1= Discordo totalmente; 5= concordo totalmente). Quanto à sua validação para a língua portuguesa, esta foi efetuada por Monteiro, Marinho, Moutão, Couto, Antunes e Cid (2016).

Para medir a satisfação com a vida recorremos ao SWLS (Diener et al., 1985) que foi validado para língua portuguesa por Albuquerque, Sousa e Martins (2010). Estruturalmente é constituído por 5 itens e avaliado através de uma escala *Likert* de 7 frações (1= discordo totalmente; 7= concordo totalmente).

Por último, quando aos afetos positivos e negativos estes foram medidos através da utilização do PANAS (Watson et al., 1988). É composto por 20 itens avaliados por uma escala *Likert* de 5 frações (1=nada; 5= extremamente). Foi validado para língua portuguesa por Galinha e Pais-Ribeiro (2005).

Pela especificidade da população, recorreu-se a uma *smiley face scales* pelo facto de ser um sistema familiar para estes atletas (Kneigt et al., 2016) e constituir-se como uma plataforma de substituição dos rótulos numéricos (Gummer et al., 2019). Em suma, a Tabela 23 define e descreve o perfil de cada instrumento.

Tabela 23-Definição dos instrumentos utilizados no estudo: LSS; BRSQ; BPNES; SWLS e PANAS

Designação	Descrição
<u>Liderança (LSS)- versão percepção e autopercepção</u>	
<i>Treino- Instrução</i>	Carateriza-se pelo comportamento do treinador destinado a melhorar a performance.
<i>Suporte Social</i>	Encontra-se associado à preocupação do treinador com o bem-estar individual dos atletas.
<i>Reforço</i>	O treinador reforça positivamente os seus atletas, reconhecendo e recompensando o seu bom desempenho.
<i>Comportamento Democrático</i>	Treinador promove a participação ativa dos atletas nas decisões relacionadas com os objetivos do grupo.
<i>Comportamento Autocrático</i>	Preconiza a independência do treinador na tomada de decisão e no estabelecimento da sua autoridade.
<u>Autodeterminação (<i>continnum</i> motivacional) - BRSQ</u>	
<i>Amotivação</i>	Completa falta de motivação ou intenção para agir relativamente a um determinado comportamento
<i>Motivação controlada</i>	Realização de uma atividade pelos resultados que advêm desta
<i>Motivação Autónoma</i>	Realização uma atividade pelo prazer que isso lhes dá e pela atividade em si.
<u>Necessidade Psicológicas Básicas- BPNES</u>	
<i>Competência</i>	Refere-se à experiência de percepções de eficácia pessoal e de mestria na realização de atividades.
<i>Relação</i>	Foca-se no desenvolvimento de laços/ vínculos emocionais significativos.
<i>Autonomia</i>	Permite ao indivíduo experienciar a autodeterminação e a regulação do comportamento autónomo através dos recursos internos.
<u>Bem-estar subjetivo</u>	
<i>Satisfação com a vida (SWLS)</i>	Corresponde à avaliação que o sujeito faz em cada momento da satisfação com a vida.

Afetos (PANAS) Concerne à dimensão emocional e manifesta-se pelos afetos positivos e negativo.

Variáveis

Os treinadores foram categorizados, consoante as especificidades da formação formal. Em termos epistemológicos, a formação formal encontra-se associada a estruturas institucionais que certifica em termos profissionais o treinador (Mallett et al., 2009). Investigar empiricamente o percurso de formação formal e as suas áreas de especialidade, contribuiu para o processo global do desenvolvimento do treinador (Gilbert et al., 2006). Esta categorização sustenta a necessidade de aprofundar e especificar este tipo de formação (Nelson et al., 2006), dado que no desporto adaptado é uma área pertinente de exploração (Fairhurst et al., 2016). Concretamente, agrupamos os treinadores em três categorias: i) educação física e ciências do desporto (n=36); ii) formação na área da deficiência (n= 8); iii) formação técnica (n=6).

As variáveis dependentes do estudo foram definidas através do instrumento de recolha de dados utilizado no estudo (Tabela 23).

Procedimento

Todos os procedimentos utilizados no estudo encontram-se descritos no estudo IV, dado que o estudo V segue a mesma normativa processual.

Análise Estatística

Foi estudada a consistência interna de todos os questionários utilizados no estudo com a utilização do coeficiente Alfa de *Cronbach*, verificando-se um valor $\alpha > .70$, sendo designada uma fiabilidade ótima (Nunnally & Bernstein, 1994; Hill & Hill, 2005).

de acordo com os resultados, o LSS apresenta os seguintes α consoante as dimensões: treino-instrução de .82, suporte social de .74; reforço de .70; comportamento democrático de .72 e autocrático de .60.

No BRSQ, verifica-se um α de .62 na dimensão amotivação, na motivação controlada de .78 e na motivação autónoma de .81.

Por sua vez, no BPNES a dimensão competência apresenta um α de .64, na relação de .75 e na autonomia de .60.

Por último, a SWLS apresenta um α de .82, enquanto no PANAS verifica-se um α .63 nos afetos positivos e de .84 nos afetos negativos.

A primeira exploração do comportamento dos dados, foi efetivada através da estatística descritiva nomeadamente com as medidas de tendência central, nomeadamente a média (\bar{x}) e o desvio-padrão (σ). Ainda nesta fase, foi efetuado o teste de normalidade *Kolmogorov Smirnov*, para verificação do suposto de normalidade da amostra. A extração dos resultados, realizou-se a partir dos dados obtidos com a estatística descritiva. Os dados revelaram uma distribuição não normal, e como tal utilizou-se o teste *Kruskal-Wallis*, entre as variáveis dependentes com a variável independente formação formal (Field, 2017), categorizada em 3 níveis como descrito na secção das variáveis. A comparação entre grupos da variável independente desenvolveu-se com *pairs comparisons*. Recorreu-se ao η^2 com o intuito de analisar a magnitude do tamanho do efeito dos resultados, sendo estes classificados em: sem efeito se $0 < \eta^2 \leq .04$; mínimo se $.04 < \eta^2 \leq 0.25$; moderado se $.25 < \eta^2 \leq .64$ e forte se $\eta^2 > .64$ (Ferguson, 2009).

5.5.1.3. Resultados

Na estatística descritiva sobre a LSS na versão autoperceção, os treinadores demonstram valores médios superiores no reforço ($\bar{x}=4.52 \pm \sigma = .34$), seguido do treino-instrução ($\bar{x}=4.12 \pm \sigma = .46$), comportamento democrático ($\bar{x}=3.96 \pm \sigma = .58$), suporte social ($\bar{x}=3.19 \pm \sigma = .63$) e comportamento autocrático ($\bar{x}=1.77 \pm \sigma = .88$).

Na versão perceção dos atletas sobre os treinadores, constata-se que os valores médios superiores são no reforço ($\bar{x}=4.80 \pm \sigma = .62$), seguindo de suporte social ($\bar{x}=4.73 \pm \sigma = .62$), treino-instrução ($\bar{x}=4.60 \pm \sigma = .60$) comportamento democrático ($\bar{x}=4.60 \pm \sigma = .95$) e comportamento autocrático ($\bar{x}=2.13 \pm \sigma = 1.28$).

No BRSQ, observa-se que os atletas demonstram valores médios superiores na motivação autónoma ($\bar{x}=6.70 \pm \sigma = .50$), seguido da motivação controlada ($\bar{x}=2.04 \pm \sigma = 1.23$) e amotivação ($\bar{x}=1.90 \pm \sigma = 1.20$).

No BPNES, verifica-se que os atletas demonstram valores médios mais elevados na autonomia ($\bar{x}=6.70 \pm \sigma = .50$), depois na relação ($\bar{x}=4.74 \pm \sigma = .46$) e competência ($\bar{x}=4.19 \pm \sigma = .73$).

Na SWLS, constata-se valores médios de $\bar{x}=6.15 \pm \sigma= 1.12$; e no PANAS de $\bar{x}=4.17 \pm \sigma= .57$ nos afetos positivos e $\bar{x}=1.86 \pm \sigma= .79$ nos afetos negativos.

A Tabela 24 representa respetivamente, os valores médios entre as variáveis dependentes em função da formação formal.

Tabela 24-Estatística descritiva da relação entre as variáveis com a formação formal. Formação dos treinadores: Formação em Educação Física / Ciências do Desporto; Formação na área da deficiência; Formação Técnica.

	<i>Formação Técnica</i>		<i>Educação Física/Ciências do Desporto</i>		<i>Formação na área da deficiência</i>	
Liderança (LSS)- Autoperceção						
Treino-Instrução	$\bar{x}=3.53$	$\sigma=0.26$	$\bar{x}=3.99$	$\sigma=0.37$	$\bar{x}=4.38$	$\sigma=0.38$
Suporte Social	$\bar{x}=2.25$	$\sigma=0.00$	$\bar{x}=3.02$	$\sigma=0.61$	$\bar{x}=3.42$	$\sigma=0.52$
Reforço	$\bar{x}=3.80$	$\sigma=0.00$	$\bar{x}=4.66$	$\sigma=0.24$	$\bar{x}=4.58$	$\sigma=0.26$
Comportamento Democrático	$\bar{x}=3.14$	$\sigma=.13$	$\bar{x}=3.70$	$\sigma=0.86$	$\bar{x}=4.21$	$\sigma=0.09$
Comportamento Autocrático	$\bar{x}=1.00$	$\sigma=0.00$	$\bar{x}=1.52$	$\sigma=0.45$	$\bar{x}=2.01$	$\sigma=0.94$
Liderança (LSS)- Perceção						
Treino-Instrução	$\bar{x}= 4.75$	$\sigma=0.43$	$\bar{x}=4.71$	$\sigma=0.44$	$\bar{x}=4.53$	$\sigma=0.67$
Suporte Social	$\bar{x}=5.00$	$\sigma=0.00$	$\bar{x}=4.65$	$\sigma=0.93$	$\bar{x}=4.72$	$\sigma=0.47$
Reforço	$\bar{x}=5.00$	$\sigma=0.00$	$\bar{x}=4.82$	$\sigma=0.43$	$\bar{x}=4.76$	$\sigma=0.49$
Comportamento Democrático	$\bar{x}=3.94$	$\sigma=0.88$	$\bar{x}=3.83$	$\sigma=1.14$	$\bar{x}=4.18$	$\sigma=0.84$
Comportamento Autocrático	$\bar{x}=2.44$	$\sigma=1.53$	$\bar{x}=2.76$	$\sigma=1.44$	$\bar{x}=1.53$	$\sigma=1.04$
Autodeterminação (BRSQ)						
Amotivação	$\bar{x}=1.97$	$\sigma=0.97$	$\bar{x}=2.06$	$\sigma=1.31$	$\bar{x}=1.81$	$\sigma=1.18$
Motivação controlada	$\bar{x}=2.49$	$\sigma=1.46$	$\bar{x}=2.50$	$\sigma=1.40$	$\bar{x}=1.76$	$\sigma=1.03$
Motivação autónoma	$\bar{x}=6.75$	$\sigma=0.37$	$\bar{x}=6.77$	$\sigma=0.38$	$\bar{x}=6.64$	$\sigma=0.56$
Necessidade Psicológicas Básicas (BPNES)						
Competência	$\bar{x}=1.97$	$\sigma=0.97$	$\bar{x}=2.06$	$\sigma=1.31$	$\bar{x}=1.81$	$\sigma=1.18$

Relação	$\bar{x}=2.49$	1.46	$\bar{x}=2.50$	$\sigma=1.40$	$\bar{x}=1.76$	$\sigma=1.03$
Autonomia	$\bar{x}=6.75$	0.37	$\bar{x}=6.77$	$\sigma=0.38$	$\bar{x}=6.64$	$\sigma=0.56$
Bem-estar subjetivo (SWLS e PANAS)						
Satisfação com a vida	$\bar{x}=6.38$	$\sigma=0.64$	$\bar{x}=6.16$	$\sigma=1.40$	$\bar{x}=6.11$	$\sigma=1.04$
Afetos <i>Positivo</i>	$\bar{x}=4.24$	$\sigma=0.52$	$\bar{x}=4.35$	$\sigma=0.57$	$\bar{x}=4.07$	$\sigma=0.55$
<i>Negativo</i>	$\bar{x}=0.68$	$\sigma=1.86$	$\bar{x}=2.02$	$\sigma=0.87$	$\bar{x}=1.81$	$\sigma=0.77$

A Tabela 25 apresenta os resultados do valor do teste correlação de *Kruskal- Wallis*, a *pairs comparisons* e o *p-value* entre os grupos da formação formal. Posteriormente, calculou-se a magnitude do efeito (η^2). Foram designados, consoante a formação formal, treinadores: (1) com formação técnica; (2) com formação em educação física e ciências do desporto e (3) com formação na área da deficiência.

Tabela 25-Valor ρ , *p-value* e η^2 consoante a formação formal. (1) formação técnica; (2) formação em educação física e ciências do desporto; (3) formação na área da deficiência.

		Pairs Comparisons			
		ρ	Pair	<i>p-value</i>	η^2
Liderança versão AutoPerceção	Treino-instrução	.00	(1)-(2)	.034	.69
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.000	
	Suporte Social	.00	(1)-(2)	.004	.62
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.015	
Reforço	.00	(1)-(2)	.000	.58	
		(1)-(3)	.000		
		(2)-(3)	.530		
		(1)-(2)	.019		
Democrático	.00	(1)-(3)	.000	.72	
		(2)-(3)	.001		

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

			(1)-(2)	.059	
	Autocrático	.001	(1)-(3)	.001	.25
			(2)-(3)	.302	
	Treino-instrução	.771	-----	-----	.02
	Suporte Social	.082	-----	-----	.06
Liderança versão	Reforço	.106	-----	-----	.47
Perceção	Democrático	.273	-----	-----	.23
			(1)-(2)	.672	
	Autocrático	.005	(1)-(3)	.004	.94
			(2)-(3)	1.000	
	Amotivação	.535	-----	-----	.73
			(1)-(2)	.924	
Autodeterminação	Motivação controlada	.029	(1)-(3)	.099	.17
			(2)-(3)	.017	
			(1)-(2)	.968	
	Motivação autónoma	.16	(1)-(3)	.013	.126
			(2)-(3)	.119	
	Competência	.338	-----	-----	.581
Necessidade Psicológicas Básicas			(1)-(2)	.119	
	Relação	.16	(1)-(3)	.013	.126
			(2)-(3)	.968	
	Autonomia	.690	-----	-----	.831
Bem-estar subjetivo	Satisfação com a vida	.709	-----	-----	.842
	Afetos Positivos	.051	-----	-----	.226
	Afetos Negativos	.490	-----	-----	.7

Na maioria dos resultados verifica-se, um efeito moderado e forte, à exceção do treino-instrução na versão perceção e dos afetos negativos que não produzem efeito. De realçar, que na perceção da liderança o suporte social apresenta um efeito mínimo.

5.6. Resultados gerais dos estudos que compõem os objetivos da Tese de Doutoramento

A secção dos resultados gerais, tem como principal desiderato apresentar os resultados globais de todos os objetivos que originaram a produção de 5 estudos. Os resultados são expostos de uma forma holística, permitindo um entendimento da progressão e interação dos resultados obtidos no decorrer deste processo (Figura 29). Os resultados pormenorizados dos 5 estudos que compõem esta tese encontram-se no capítulo dos estudos completos.

O **objetivo I** centrou-se na sistematização e compreensão das evidências empíricas qualitativas publicadas anteriormente acerca do desenvolvimento da carreira do Treinador de Desporto Adaptado, e no desenvolvimento de um modelo conceptual sobre o percurso do TDA. Este objetivo foi desenvolvido com a concretização do estudo I- *Desenvolvimento da carreira dos treinadores de Desporto Adaptado: revisão sistemática de literatura de evidências qualitativas*. Os estudos da revisão sistemática foram efetuados através das bases de dados: *Pubmed, Erid, EBSCO, Web of Science e Scopus*. Foram selecionados 9 estudos qualitativos de acordo com os critérios de elegibilidade específicos, utilizando o acrónimo *SPIDER*. A extração de dados foi efetuada independentemente por diferentes autores, incluindo a avaliação da qualidade metodológica dos artigos (CASP). Assim, desenvolveram-se 4 temas descritivos e 12 subtemas sobre o percurso do Treinador de Desporto Adaptado: Opção pelo DA (Escolha pelo DA e Não escolha pelo DA); Perceção de treinar atletas do DA (Preconceito Positivo, Preconceito neutro; Preconceito Negativo; Estigma e Falta de Conhecimento); Desenvolvimento da aprendizagem do TDA (Situações de Aprendizagem (Teórico; Prático e Reflexão), Etapas da carreira do TDA (Aprender a ensinar; Aprender a treinar; Aprender com o mentor; Aprender a ser mentor; Aprendizagem ao longo da vida) e Progressão da carreira do TDA (Características do Treinador; Treino; Competição; Fatores Contextuais) e Realidade do TDA (Negativa e Positiva).

Neste contexto, desenvolveram 3 temas analíticos e 8 subtemas:

- Dificuldades do TDA (Dificuldade sociais; Dificuldades de aprendizagem e Dificuldade na execução da função);

- Oportunidades de aprendizagem (Aprendizagem prática e Aprendizagem específica do DA)
- e Particularidades do DA (Distinção da tipologia da deficiência, Especialização por modalidade e Especialização por classes).

Todos os temas e subtemas das análises descritivas e analíticas serviram de base para a construção do percurso da carreira dos Treinadores de Desporto Adaptado.

O **objetivo II** pretendeu identificar e verificar as correlações das vias de formação e perfil do treinador de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual. Ainda estudou a relação da formação formal e não formal com o perfil e formação dos TDADI. De realçar que na nossa tese de doutoramento todos os estudos relativos aos treinadores de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual, são treinadores que desempenham a sua função no movimento *Special Olympics Portugal*. Este objetivo deu origem ao estudo II- *Formação e perfil dos treinadores do Special Olympics Portugal: Influência da Formação Formal e Não formal*.

Os resultados, revelam que os treinadores dos *Special Olympics Portugal* apresentam uma procedência mais de formação académica e menos de jogadores reciclados. Isto é, na formação académica os conhecimentos são adquiridos em instituições formadoras e no caso dos jogadores reciclados o conhecimento advém da vivência durante a sua experiência como jogadores (Ibáñez,1997b). Quanto ao perfil, os treinadores apresentam um perfil misto, onde são tendencialmente mais críticos e inovadores e menos colaboradores e tradicionais. Deste modo, um perfil crítico revela que o treinador analisa, reflete e critica o processo de formação; e o inovador experimenta e introduz mudanças para procurar maior eficácia (Ibáñez,1997b). Por sua vez, um perfil colaborador prefere delegar funções aos assistentes técnicos e atletas; e o tradicional dá preferência a modelos de eficácia reconhecida (Ibáñez,1997b).

As correlações existentes entre a formação e o perfil são todas positivas com significância fraca e moderada (ver Figura 19). Relativamente à formação formal, não se verificam diferenças estatisticamente significativas. No entanto, os treinadores com especialidade na área da deficiência são mais dialogadores e menos tecnológicos; os treinadores formados em Educação Física e Ciências

do Desporto caracterizam-se por um perfil mais crítico e menos tradicional; e os treinadores com formação técnica são mais inovadores e menos colaboradores. Quanto à formação não formal, os treinadores procuram pelo menos uma formação nos últimos 3 anos, independentemente do perfil ou formação. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nos resultados acima descritos.

O **objetivo III** teve como principal finalidade identificar e correlacionar os estilos de decisão e planificação do treinador do *Special Olympics Portugal*. Pretende ainda analisar a relação da formação formal e não formal com os estilos de decisão e planificação. Este objetivo desencadeou a elaboração do estudo III intitulado de *Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal: Influência da formação formal e não formal*.

Os resultados revelam que os treinadores do *Special Olympics Portugal* possuem um estilo misto de atuação no treino, predominando os estilos de decisão democrático e planificação flexível. O estilo de decisão permissivo e planificação improvisadora são as variáveis que obtêm a pontuação média mais baixa. As correlações entre os estilos anteriormente referidos, são todos positivos com uma significância de fraco e moderado (ver Figura 25). Um estilo de decisão democrático, significa que o treinador utiliza o consenso com os jogadores sobre os objetivos a alcançar (Ibáñez, 1997b). Um planificador flexível tem em consideração a modificação das sessões de treino consoante necessário no decorrer da época (Ibáñez, 1997b). Por outro lado, um decisor permissivo permite que os jogadores façam o que lhes apetece e um planificador improvisador não estabelece objetivos e adapta-se ao que acontece (Ibáñez, 1997b).

Na formação formal, em todas as especialidades de formação os treinadores demonstram um estilo de decisão mais democrático e um estilo de planificação mais flexível. De destacar, que na planificação flexível observam-se diferenças estatisticamente significativas, encontrando-se os resultados detalhados na Figura 22. Na formação não formal, os treinadores com um estilo de decisão mais democrático e planificação mais flexível apresentam a frequência de um maior número de ações de formação, sem serem estatisticamente significativas.

No **objetivo IV** pretendemos identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança do TDADI, bem como a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador. Para além deste aspeto, a nossa base de estudo desenvolveu-se ainda com uma análise da relação entre a autoperceção e a perceção com a formação formal dos treinadores. Por fim, ainda observamos as correlações existentes entre a autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança. Este foi o primeiro objetivo, onde incluímos treinadores e atletas com deficiência intelectual do movimento *Special Olympics Portugal*, assim como aconteceu no objetivo V. O objetivo IV deu origem ao estudo IV- *Autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança dos treinadores dos Special Olympics Portugal: Influência da formação formal*.

Os resultados demonstram que os treinadores na versão perceção avaliam o seu estilo liderança mais associado ao reforço e treino-instrução, e menos de suporte social e autocrático. O reforço significa que o treinador reforça positivamente os seus atletas, reconhecendo e recompensando o seu bom desempenho. O treino-instrução caracteriza-se pelo comportamento do treinador destinado a melhorar a performance. Quanto o estilo que os treinadores menos associam o seu estilo de liderança, o suporte social associava-se à preocupação do treinador com o bem-estar individual dos atletas. Enquanto o comportamento autocrático preconiza a independência do treinador na tomada de decisão e no estabelecimento da sua autoridade.

Por sua vez, os atletas consideram que os seus treinadores desenvolvem mais comportamentos de liderança de reforço e suporte social, e menos de comportamento democrático e autocrático. O comportamento democrático promove a participação ativa dos atletas nas decisões relacionadas com os objetivos do grupo.

Relativamente à relação entre a autoperceção e perceção com a formação formal dos treinadores observam-se diferenças estatisticamente significativas, em todos os grupos nos comportamentos de liderança na versão autoperceção (ver Figura 26). Por sua vez, na versão perceção constatam-se diferenças estatisticamente significativas apenas no comportamento de liderança autocrático. Mais especificamente, os treinadores formados na área da deficiência são menos autocráticos quando comparados com os profissionais com formação técnica (ver Figura 27). Quanto às correlações verifica-se que na

versão autoperceção as correlações são de tipologia negativa, com significância de fraca a moderadas negativas, com todos os comportamentos de liderança. Na versão percepção as correlações são todas positivas (fraca e moderada), à exceção da correlação negativa que se estabelece entre o suporte social e o comportamento autocrático.

Por último, o **objetivo V** visa caracterizar os atletas com DI relativamente às suas determinantes motivacionais, necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos. Ainda foram examinadas as diferenças e efeitos da formação formal dos treinadores nas variáveis referidas. Este objetivo concretizou-se com a produção do estudo V- *Relação da formação formal na liderança dos treinadores e na autodeterminação e bem-estar dos atletas com deficiência intelectual*.

Salientar, o facto deste estudo consignar a liderança dos treinadores na versão percepção (estudo IV). A opção da inserção dos comportamentos de liderança no estudo V, foi efetuada com o propósito de desenvolver uma ligação entre os estudos desta tese de doutoramento. Esta agregação, foi realizada tendo por base o modelo 3+1 Cs, explicada detalhamento no capítulo 3 referente aos objetivos. Perante o exposto, os resultados referentes à percepção da liderança já foram mencionados no objetivo IV referente ao estudo IV.

Na autodeterminação os desportistas apresentam valores médios superiores na motivação autónoma e inferiores na amotivação. A motivação autónoma é a realização de uma atividade pelo prazer que isso lhes dá e pela atividade em si. Enquanto a amotivação, é a completa falta de motivação ou intenção para agir relativamente a um determinado comportamento. Na conjugação entre a autodeterminação e a formação formal, constatam-se diferenças estatisticamente significativas na motivação controlada e autónoma nomeadamente entre os grupos de treinadores com formação técnica e formação na área da deficiência. De evidenciar, que a motivação autónoma apresenta um efeito forte dos valores.

Nas necessidades psicológicas básicas observam-se valores médios mais elevados na autonomia e mais baixos na competência. A autonomia permite ao indivíduo experienciar a autodeterminação e a regulação do comportamento autónomo através dos recursos internos. Por sua vez, a competência é a percepções de eficácia pessoal e de mestria na realização de

atividades. Analisando a influência da formação, verificamos diferenças estatisticamente significativas somente na dimensão relação entre os treinadores com formação técnica e formação na área da deficiência, com maior proeminência para a formação técnica. Todas as dimensões revelam um efeito forte dos valores analisados.

A satisfação para a vida é pontuada com um $\bar{x}=6.15 \pm \sigma= 1.12$; e os afetos positivos tem predominância sobre os negativos. Os resultados não revelam diferenças estatisticamente significativas quando comparamos as formações formais dos treinadores. Em todas as dimensões observamos um forte efeito dos valores obtidos, excetuando os afetos negativos.

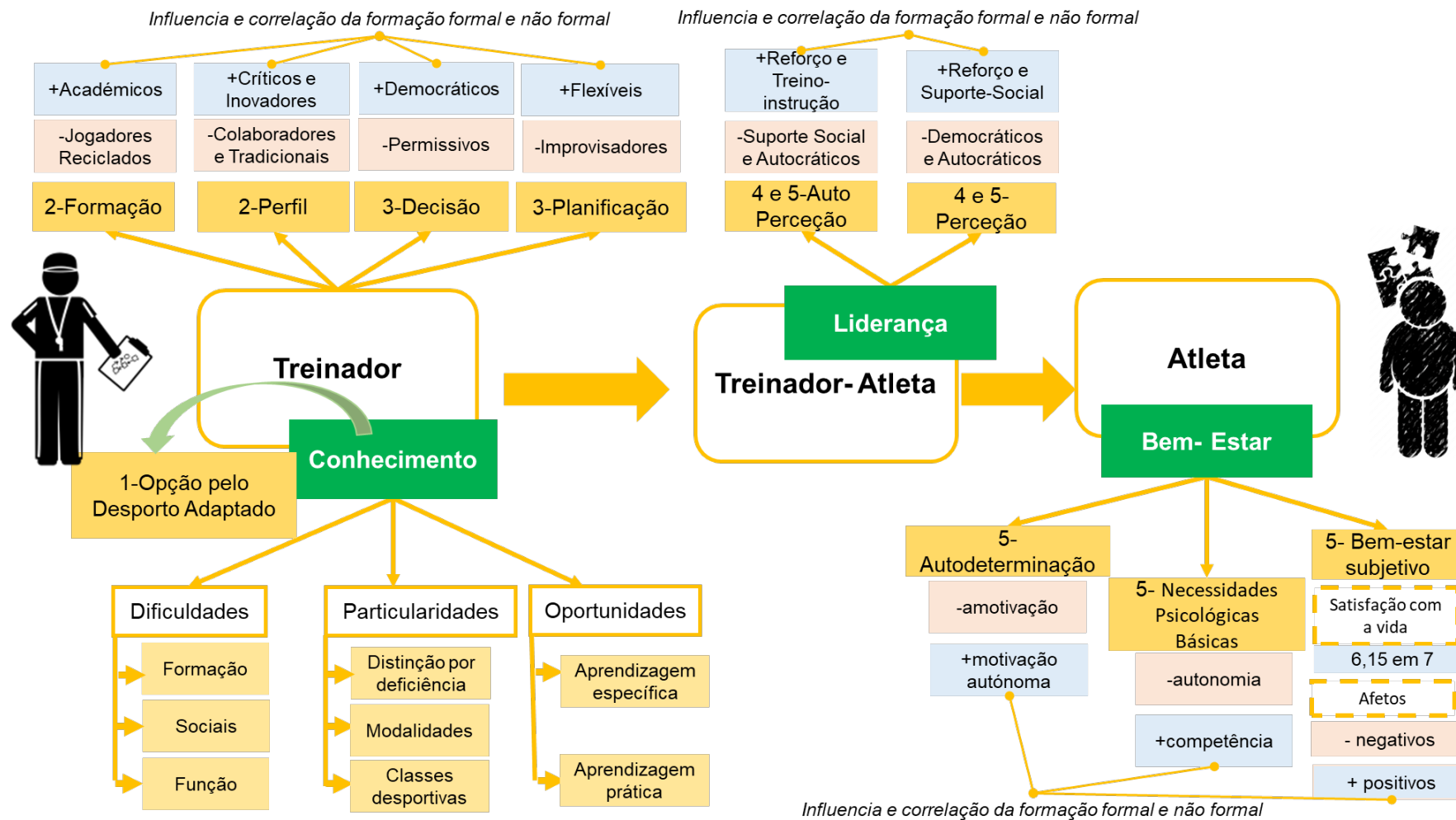


Figura 29- Resultados gerais da tese por objetivos e artigos



CAPÍTULO 6
DISCUSSÃO

Capítulo 6. Discussão

6.1. Objetivo I: Sintetizar e compreender as evidências empíricas qualitativas publicadas anteriormente acerca do desenvolvimento da carreira do Treinador de Desporto Adaptado (TDA).

Estudo I: *Desenvolvimento da carreira dos treinadores de Desporto Adaptado: revisão sistemática de literatura de evidências qualitativas*

Este estudo I teve como objetivo sintetizar e compreender as evidências empíricas qualitativas publicadas anteriormente acerca do desenvolvimento da carreira do TDA. Além disso, a presente revisão também teve como objetivo o desenvolvimento de um modelo conceptual sobre o percurso de formação e profissional do TDA. A elaboração do modelo conceptual foi operacionalizada através da produção de uma síntese temática. Os temas descritivos foram extraídos dos resultados dos estudos seleccionados e permitiram a criação de temas analíticos, respondendo ao objetivo do estudo. Em termos formais, o modelo foi concebido através de 4 temas e 12 subtemas descritivos e 3 temas e 8 subtemas analíticos.

Na qualidade das evidências 8 estudos foram considerados de elevada qualidade e apenas 1 de média qualidade. Todos os estudos eram de cariz qualitativo. Este *design* de investigação pode levar a conclusões baseadas em interpretações tendenciosas e exageradas (Webster & Mertova, 2007).

A revisão sistemática utiliza uma metodologia rigorosa no procedimento, incluindo uma pesquisa exaustiva da literatura, operacionalizada através de critérios de inclusão e seleção dos estudos explicitamente delineados. A recolha dos estudos seleccionados na investigação elaborou-se através da extração dos dados e posterior análise, onde todo o processo foi efetuado por 3 investigadores de forma independente. As discordâncias foram resolvidas por consenso. Apesar da estratégia de pesquisa de literatura ter sido efetuada através de um processo exaustivo, ainda, se verificar um viés de publicação no que respeita aos estudos seleccionados. Nesse sentido as estratégias de pesquisas podem não ter sido suficientes e assim afetarem os resultados (Dixon-Woods et al., 2004). Assim poderá ter-se verificado um enviesamento, visto que todos os estudos são

redigidos em inglês, não considerando outras línguas, e a amostra é maioritariamente constituída por treinadores de elite.

Os resultados da revisão sistemática encontram-se alinhadas com muitas preocupações atuais da área do desporto adaptado, onde são perceptíveis limitações de pesquisa científica, nomeadamente sobre o treino e o papel do treinador (Martin & Whalen, 2014; Haegele et al., 2015). Para os treinadores que intervêm na área do desporto, o conhecimento e saberes tornam-se essenciais, pois estes têm a dupla função em entender o desporto e a tipologia do atleta (Martin & Whalen, 2014). Desta forma estes fatores não podem ser menosprezados, visto que são fulcrais para que o treinador consiga adaptar o processo e o programa de treino, adequando ao grau de funcionalidade dos seus atletas (MacDonald et al., 2014). Neste contexto o Treinador de desporto adaptado enfrenta desafios e obstáculos adicionais. Estas dificuldades refletem-se em particular na obtenção de informações específicas, tanto sobre as modalidades como sobre a compreensão das deficiências dos atletas. Este procedimento contribui para um ensino de tentativa e erro, prejudicando os atletas (Douglas et al., 2017).

É evidente a necessidade de melhorar a formação dos profissionais que trabalham no desporto adaptado, especialmente no desenvolvimento das situações de aprendizagem (Cregan et al., 2007; McMaster et al., 2012). Uma combinação entre as fontes de aprendizagem formal, não formal, informal é fundamental na otimização de uma aprendizagem de qualidade (Tawse et al., 2012). A destacar, que as tutorias que promovam a reflexão e a troca de experiências com os pares, são elementos essenciais para dotar o treinador de estratégias prática com o intuito de solucionar problemas (Irwin et al., 2004).

Uma reformulação dos cursos de treinadores na área do desporto adaptado é um fator essencial, como forma de os tornar efetivos e eficazes na resolução das necessidades dos treinadores (Feu et al., 2018). Quanto aos cursos de treinadores propõem-se a inclusão nos programas de atividades práticas, especificidades de conteúdos relacionados com as modalidades adaptadas e observação em contexto real (MacDonald et al., 2014). Em termos formais e no panorama da formação académica, o incentivo a investigações que interliguem a teoria com a prática revela-se fundamental no desenvolvimento científico da área (Robert et al., 2015).

6.2. Objetivo II: Identificar as vias de formação e o perfil do treinador de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual.

Estudo II: *Formação e perfil dos treinadores de atletas com Deficiência Intelectual: Influência da Formação Formal e Não formal.*

O estudo II teve como finalidade identificar as vias de formação e o perfil do treinador dos *Special Olympics* Portugal (TSOP). Além do mencionado, pretendeu-se ainda examinar a relação da formação formal e não formal na formação e perfil dos TSOP, bem como analisar as correlações existentes entre o perfil e a formação.

Os resultados revelam que os TSOP apresentam formação tendencialmente académica, seguida de autodidata e por último de jogador reciclado. Os treinadores apresentam um perfil misto, onde predomina o perfil crítico, inovador e dialogador.

Estes resultados são corroborados pela investigação de Feu et al. (2007), que referem que quanto mais conhecimentos, com influência académica, os treinadores possuírem menos confiam na sua formação de jogador reciclado. No entanto, no desporto adaptado poucos são os treinadores com deficiência, logo poucos são os treinadores que tem experiência de jogadores na modalidade (Douglas et al., 2017; Taylor et al., 2014). As investigações anteriormente referidas, consideram que a experiência como jogador na área da deficiência aumenta os seus conhecimentos, experiência e eficácia enquanto treinadores de desporto adaptado. O perfil crítico apresenta o valor médio mais elevado. As investigações também indicam que este é um resultado previsível, uma vez que são escassos os contextos de aprendizagem na área do desporto adaptado (Fairhurst et al., 2016).

Na formação formal, embora não existam diferenças estatisticamente significativas, os TSOP com especialidade na área da deficiência são mais dialogadores e menos tecnológicos; os treinadores formados em Educação Física e Ciências do Desporto caracterizam-se por um perfil mais crítico e menos tradicional e os TSOP com formação técnica são mais inovadores e menos

colaboradores. Relativamente à formação os treinadores apresentam valores médios superiores na formação académica e menos na formação de jogador reciclado. No estudo efetuado por Fraile et al., (2011) que analisaram o perfil dos técnicos do desporto escolar de Portugal, França, Itália e Espanha, os resultados encontrados estão em concordância com os da nossa investigação. Assim, os resultados desta investigação confirmam que os perfis com maior relevo são os dialogadores, seguido pelo crítico e inovador. Por outro lado, os perfis colaborador, tradicional e tecnológico são os que obtêm pontuações médias menos elevadas.

Quando à formação não formal, tanto no perfil como na formação, todos os treinadores obtêm como valor médio mais elevado a frequência de pelo menos uma ação formativa nos últimos 3 anos, exceção à formação de treinador reciclado onde se constata um valor medio mais elevado na frequência de nenhuma ação formativa. Particularmente no DA, os treinadores procuram efetivamente com frequência contextos de aprendizagem não formal, com o intuito de suprir a falta da educação formal (Martin et al., 2014; McMaster et al., 2012; Vallée, & Bloom, 2005). No entanto, Fairhurst et al. (2016) constataam que as oportunidades formativas no contexto do DA são quase inexistentes, em comparação com o desporto regular. Esta premissa conduz os treinadores a procurarem fontes alternativas de conhecimento, o que consequentemente proporciona uma aprendizagem tendencialmente efetuada através de tentativa e erro (Fairhurst et al., 2016).

Relativamente às correlações entre o perfil e a formação dos TSOP constatamos que são todas de tipologia positivo. Observa-se que o perfil dialogador tem relação com todos os outros perfis e formação, à exceção da formação como jogador reciclado. Ainda a destacar, que o perfil crítico tem correlações com quatro dimensões do perfil e uma da formação e o perfil inovador tem quatro correlações exclusivas com as dimensões do perfil. Os treinadores apresentam um perfil misto (Mendes et al., 2019,2020), facilitando o atendimento e compreensão das necessidades específicas dos atletas com condição de deficiência (Cregan et al., 2007). Na formação, os treinadores com formação académica, são mais eficazes no treino pois conseguem utilizar uma maior amplitude recursos e competências (Marinho et al., 2020).

6.3. Objetivo III: Identificar os estilos de decisão e planificação dos treinadores de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual.

Estudo III: *Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal: Influência da formação formal e não formal*

O estudo III tem como desiderato identificar os estilos de decisão e planificação dos Treinadores do *Special Olympics Portugal*, assim como investigar a relação da formação formal e não formal nos estilos de decisão e planificação.

Na fiabilidade dos questionários, observa-se que os questionários aplicados se encontram com valores de α muito próximo dos questionários originais criados por Feu et al., (2007, 2010). A diferença máxima entre os *alphas* situa-se no SDSQ na dimensão permissivo que apresenta uma variação do α de .11 entre o questionário aplicado ($\alpha = 80$) e o original ($\alpha = 73$).

Os resultados demonstram que os treinadores apresentam estilos de decisão tendencialmente mais democrático, seguido dos estilos autoritário e permissivo. Na planificação, os treinadores demonstram um estilo mais flexível, rígido e improvisador consecutivamente. Além disso, foram estudadas as relações entre os estilos de tomada de decisão dos treinadores e de planeamento. Relativamente ao tamanho do efeito, este foi na sua maioria de pequeno efeito em quase todas as dimensões dos questionários e consoante a análise efetuada à formação formal e não formal dos treinadores (Hattie, 2009). No entanto, na formação formal o estilo de planificação flexível apresenta um efeito intermédio, relançando a importância do binómio entre uma formação específica e uma planificação de acordo as habilidades dos atletas.

No estilo de decisão, os resultados encontram-se em concordância com o estudo de Feu et al. (2010), uma vez que o estilo democrático é preferível ao estilo autoritário, alertando para a necessidade de utilização de adaptar decisões permissivas. O autor anteriormente mencionado salienta que este aspeto, permite dar espaço aos atletas para tomarem autonomamente as suas decisões e respetivas consequências das mesmas. No estudo anteriormente referido os autores consideram, que um planificador flexível é preferível a um rígido,

rejeitando um planificador com um estilo tendencialmente improvisador. No entanto, é necessário ter em consideração onde a atividade é desenvolvida, visto que diferentes contextos fazem emergir diferentes estilos de decisão e planificação (Gamonales et al., 2019).

No âmbito do desporto adaptado, é importante recorrer a um vasto leque de estilos de decisão e planificação para melhor adaptar o treino às necessidades específicas dos atletas (Cregan et al., 2007; Vera et al., 2021). Para atletas com deficiência intelectual, é necessária uma planificação adequada às capacidades e competências de cada atleta, sendo fundamental recorrer à utilização de metodologias mais flexíveis de forma a otimizar a performance dos desportistas (Hutzler et al., 2013).

Na formação formal, em todas as especialidades de formação, os treinadores demonstram um estilo de decisão mais democrático e um estilo de planificação mais flexível. Quanto à formação não formal, os treinadores com um estilo de decisão mais democrático e planificação mais flexível apresentam um maior número de frequência de ações de formação. Feu et al. (2010) identificaram que a adoção de alguns dos perfis dos treinadores é condicionada pela experiência anterior dos treinadores e as suas ações no passado, tais como formação académica geral e desportiva, cursos de formação contínua, experiência como jogador e experiência como treinador. É evidente que quanto mais formação formal ou não-formal os treinadores detiverem, mais adequados são os perfis que os treinadores adotam na sua tomada de decisão e planeamento de um ponto de vista educativo (Feu et al., 2010).

Os treinadores com formação académica, são mais eficazes no treino pois conseguem utilizar uma maior gama de recursos e competências (Marinho et al., 2020). Os treinadores de desporto adaptado, não possuem tantos contextos não formais de aprendizagem como os treinadores normativos, pelo que têm de ser mais criativos na procura da informação que os auxilie no processo de treino (Cregan et al., 2007). A formação formal dos treinadores de desporto adaptado deve ser mais completa e disponível a todos, uma vez que se torna muito difícil obter conhecimentos específicos num contexto não formal (Bentzen et al., 2020). Este aspeto é visível nos resultados, uma vez que os treinadores especialistas em desporto adaptado apresentam valores superiores, tanto nos estilos de

decisão democrática como nos estilos de planificação flexível quando comparados com os outros treinadores analisados.

Tomar decisões democráticas e assentes em planificações flexíveis, exige maior responsabilidade e formação adequada para utilizar este tipo de metodologia (Jones et al., 2002; Feu et al., 2007). Aconselha-se aos treinadores de atletas com deficiência intelectual a elaborarem programas de treino planeados e dirigidos em concordância com as necessidades específicas dos atletas, uma vez que esta premissa promove a motivação intrínseca dos atletas (Hutzler et al., 2013). De salientar, que a especificidade das necessidades dos atletas, obriga o treinador a adequar o seu processo pedagógico de forma a estruturar o treino de acordo com as características específicas da deficiência intelectual.

6.4. Objetivo IV: Identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança do TDADI, bem como a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador.

Estudo IV: Autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança dos treinadores dos Special Olympics Portugal

O estudo IV tem como intenção identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança do treinador dos *Special Olympics Portugal*, bem como a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador. Além deste aspeto pretende-se analisar a correlação entre as duas versões dos comportamentos de liderança do treinador.

Numa fase preliminar da análise contata-se que, os comportamentos de liderança apresentaram um índice de fiabilidade $\alpha \geq 0.50$. No entanto Chelladurai (2007), alerta que este facto ocorre devido a dimensão do comportamento autocrático, uma vez que em inúmeros estudos utilizando este instrumento apresentam um $\alpha < 0.60$ na dimensão referida. Desta forma, o autor anteriormente mencionado revela que é um problema de composição na construção e avaliação do comportamento autocrático no questionário, mas que é fundamental mantê-lo. Assim, é necessário interpretar o valor alfa tendo em consideração as especificidades do estudo (Taber, 2018).

Os resultados demonstram que os treinadores se percebem com um estilo de liderança mais associado ao reforço e treino instrução, e menos de suporte social e autocrático. Já os atletas consideram que os seus treinadores desenvolvem mais comportamentos de liderança de reforço e suporte social, e menos de procedimentos democrático e autocrático. Os comportamentos de liderança dos treinadores são influenciados pelo contexto envolvente (Misasi et al., 2016) em que se desenvolve a atividade.

No desporto regular, as investigações indicam que existem diferenças entre os comportamentos de liderança nos desportos coletivos e individuais (Paquete et al., 2012). Nos desportos coletivos os atletas tendencialmente preferem comportamentos autocráticos, treino instrução e reforço (Borrego et al., 2012) e nos desportos individuais preferem que o treinador apresente comportamentos mais democráticos e de suporte social (Silva et al., 2014). No desporto adaptado os treinadores devem promover estilos de liderança mais de suporte social, com o intuito de promover a autonomia dos atletas (Cheon et al., 2015). Quanto à percepção, Hatamleh et al. (2009) efetuaram um estudo com 63 atletas com deficiência física, cujos resultados indicam que os seus treinadores apresentam comportamentos de liderança mais do tipo reforço e suporte social. Os autores referidos, realçam que este tipo de comportamento se revela um meio mais facilitador para os atletas se sentirem mais satisfeitos com a sua experiência desportiva.

Quanto à relação entre a autopercepção e percepção com a formação formal dos treinadores verificam-se diferenças estatisticamente significativas, em todos os grupos nos comportamentos de liderança na versão autopercepção. Por sua vez, na versão percepção apenas se verificam diferenças estatisticamente significativas no comportamento de liderança autocrático, onde os treinadores formados na área da deficiência são menos autocráticos quando comparados com os profissionais com formação técnica. Este é um resultado expectável, pois os treinadores com mais formação específica, promovem estilos de liderança mais democráticos, enquanto profissionais menos especializados adotam uma liderança mais autocrática (Jones et al., 2003). Perante esta premissa, treinadores com uma base extensa de conhecimento desenvolvem eficazmente a promoção de uma gestão democrática do treino, aliando um clima de apoio particular aos atletas (Bloom et al., 2014; Jones, 2003).

Fruto da falta de formação específica dos treinadores, constata-se que na versão autoperceção, nomeadamente no comportamento de liderança de treino instrução e reforço, as correlações são negativas com todos os comportamentos de liderança da mesma versão. Por sua vez na interligação entre os comportamentos da versão perceção, as correlações são maioritariamente positivas excetuando o comportamento autocrático. Consequentemente, a falta de formação específica na área do desporto adaptado diminui a eficácia quanto aos comportamentos de liderança a serem adotados pelos treinadores (Martin et al., 2014; McMaster et al., 2012; Pires et al., 2021b).

6.5. Objetivo V: Caraterizar os atletas relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI.

Estudo V: Relação da formação formal na liderança dos treinadores e na autodeterminação e bem-estar dos atletas com deficiência intelectual

O estudo teve como intuito caraterizar os treinadores quanto à sua perceção de liderança, caraterizar os atletas com DI relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às suas necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos e ainda estudar a relação da formação formal dos treinadores nas variáveis referidas anteriormente.

No geral, os treinadores percecionam-se com uma liderança tendencialmente mais para o reforço e treino-instrução. Por sua vez, os atletas consideram que os seus treinadores exercem a sua liderança através do reforço, suporte social e treino-instrução.

Na autodeterminação os desportistas apresentam valores superiores na motivação autónoma e nas necessidades psicológicas básica na componente da autonomia. Relativamente ao bem-estar subjetivo mostram-se com elevados valores na satisfação com a vida e nos afetos positivos.

Na liderança, os comportamentos são claramente influenciados por fatores ambientais (Misasi et al., 2016). Neste sentido, os resultados

demonstram que os treinadores percebem a sua liderança mais associada ao reforço e de treino instrução, e menos de comportamento autocráticos. No entanto, os atletas consideram que os seus treinadores desenvolvem mais o reforço e suporte social, e menos procedimentos democráticos e autocráticos. De destacar que todas as dimensões, excetuando a do comportamento autocrático, apresentam um efeito de moderado a forte. Estes aspetos são reveladores da importância para os atletas destas dimensões de liderança manifestados pelos seus treinadores. Os resultados aqui encontrados são corroborados por Hatamleh et. al. (2009), pois os 63 atletas jordanos com deficiência física presente na amostra do estudo, perceberam os seus treinadores com comportamentos de liderança mais de reforço e suporte social. No desporto adaptado, este tipo de comportamento é um veículo facilitador na promoção da autonomia e bem-estar dos atletas (Cheon et al., 2015). Na relação entre a autoperceção e perceção com a formação formal dos treinadores aferem-se diferenças estatisticamente significativas, em todos os grupos nos comportamentos de liderança na versão autoperceção, sendo que os resultados têm um efeito mínimo e moderado. Na versão perceção apenas se verificam diferenças estatisticamente significativas no comportamento de liderança autocrático, onde os treinadores formados na área da deficiência são menos autocráticos comparativamente com os profissionais com formação técnica.

Na autodeterminação (*continuum* motivacional) os atletas com DI presentes no estudo, apresentam valores de motivação autónoma mais elevada comparativamente aos restantes. O desporto constitui-se como uma atividade positiva para atletas com DI (Haigh et al., 2013) dado que, para este tipo de desportista, é necessário desenvolver condutas autodeterminadas com o intuito de se efetuar um *transfer* destas competências para o quotidiano, com vista à melhoria da qualidade de vida (Everett et al., 2019; Hernández et al., 2021, Martins et al., 2022). Na investigação realizada por Moltó e Bruna (2017), os desportistas com DI também demonstram maior relevância na motivação autónoma. Na ligação entre a autodeterminação e a formação formal, verificam-se diferenças estatisticamente significativas na motivação controlada e autónoma nomeadamente entre os grupos de treinadores com formação técnica e formação na área da deficiência. De evidenciar, que a motivação autónoma apresenta um efeito forte, demonstrando a importância desta dimensão da

autodeterminação para os atletas analisados. Neste contexto, é essencial perceber que os elementos motivacionais são influenciados pelos ambientes desportivos (Harada & Siperstein, 2009).

Assim o desporto tem um efeito transformador na vida dos atletas dos *Special Olympics* (Everett et al., 2019). Deste modo torna-se necessário, aumentar a produção científica que examine a relação entre a teoria da autodeterminação, necessidades psicológicas básicas e bem-estar subjetivo (Frielink et al., 2018), cuja associação é um bom indicador de qualidade de vida dos atletas com deficiência intelectual (Frielink et al., 2018). No nosso estudo, observa-se que a motivação autónoma apresenta resultados mais relevantes, seguidos da relação e competência. Para reforçar este paradigma, o estudo de Komenda et al. (2021), demonstra que os atletas dos *Special Olympics* integrados em eventos mundiais também preferem um ambiente de apoio à motivação autónoma, independentemente do género dos atletas ou tipo de modalidade. Relativamente à formação, os autores anteriormente referidos, encontram diferenças estatisticamente significativas apenas na dimensão relação entre os treinadores com formação técnica e formação na área da deficiência, com maior relevo para a formação técnica. Todas as dimensões revelam um efeito forte, sendo perceptível a importância de todas as dimensões analisadas.

Por último, os atletas com DI mostram-se satisfeitos na sua vida e esta premissa resulta claramente mais em afetos positivos que negativos. Os resultados não revelam diferenças estatisticamente significativas quando analisadas as formações formais dos treinadores, no entanto todas as dimensões revelam um forte efeito à exceção dos afetos negativos.

6.6. Discussão geral dos estudos

Esta secção final do Capítulo 6, trata-se de uma discussão das investigações com o intuito de responder aos cinco objetivos gerais da presente tese de doutoramento.

Neste sentido, torna-se fundamental apresentar o desenvolvimento processual da organização da discussão geral, uma vez que segue procedimentos orgânicos distintos do restantes capítulos. Isto é, todos os capítulos da presente tese seguem como linha condutora a seguinte estrutura: treinador; treinador-atleta e atleta. No entanto, com a concretização dos estudos, referentes aos objetivos delineados, constatou-se a necessidade de analisar o contexto da prática desportiva (desporto adaptado) e atender às necessidades particulares e específicas dos atletas com deficiência intelectual. Para além, deste aspeto é essencial perceber e compreender, o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem para desportistas com deficiência intelectual. Perante estas premissas, a discussão geral segue uma evolução de tipologia cadenciada: atletas; treinador; treinador-atleta (Figura 30). Especificamente a estrutura da Figura 30 corresponde numa primeira instância ao diagnóstico do atleta e analisar a evolução da aprendizagem fruto da patologia. Numa segunda fase, refere o treinador nomeadamente o seu conhecimento e liderança, enquadrados nos objetivos II, III e IV (estudo II, III e IV). Por último a relação treinador-atletas, onde este binómio é explorado no objetivo V (estudo V) e desenvolvido incluindo a autodeterminação, necessidades psicológicas básicas e satisfação com a vida.

Em geral, as pessoas com DI revelam dificuldades ao nível da atenção, da concentração e memorização (Santos, 2019). Consequentemente, a abstração e a sistematização são obstáculos no processo de aprendizagem, e deste modo são aspetos a serem constantemente trabalhados (Simões et al., 2016; Werner, 2015). Desta forma, os indivíduos com condição de deficiência intelectual necessitam de mais tempo para aquisição da aprendizagem, maior número de tentativas e constantes repetições no seu processo de ensino-aprendizagem (Schalock & Verdugo, 2002). Os atletas com DI preferem treinadores com um vasto conhecimento específico, uma vez que revelam maior proficiência no ensino e transmitem confiança aos seus atletas (Shangraw,

2017). Os desportistas com DI, independentemente do seu grau de capacidade, confiam mais num treinador que valorize o seu conhecimento e que acredite no potencial dos seus atletas. Perante estas evidências, todos os mecanismos de ensino e aprendizagem devem ter em consideração as necessidades específicas de cada indivíduo e contexto envolvente (Werner, 2015; Côté & Gilbert, 2009), com o intuito de tornar familiar as aprendizagens adquiridas (Maïano et al., 2019).

No desporto adaptado, o conhecimento e saberes têm a ver com duas premissas: tipologia e características da deficiência do desportista; e entendimento sobre o desporto e as suas adaptações (Martin & Whalen, 2014). Estes aspetos não podem ser ignorados, pois são essenciais para que o treinador consiga adaptar o processo e programa de treino, adequando ao grau de funcionalidade dos seus atletas (MacDonald et al., 2014). No entanto, os treinadores que trabalham na área do desporto adaptado, alertam para o facto de existirem poucas fontes de informação disponíveis, tanto sobre as modalidades como sobre a compreensão das deficiências dos atletas (Alexander et al., 2020; Cregan et al., 2007; McMaster, et al., 2012). Como forma de combater esta dificuldade, os treinadores procuram fontes alternativas de conhecimento, que são pouco fiáveis e fidedignas (MacDonald et al., 2014). Este padrão contribui tendencialmente para um ensino de tentativa e erro, prejudicando os atletas (Douglas et al., 2017, Fairhurst et al., 2017; Taylor et al., 2014; Fairhurst et al., 2016). No caso da deficiência intelectual, o ensino por tentativa e erro leva a um ambiente de aprendizagem antagónico para superar as dificuldades que advém da própria patologia (Pires et al., 2021b).

Aperfeiçoar a formação para os treinadores é uma condição fulcral, para tornar o conhecimento específico e particular com a finalidade de dar resposta às necessidades inerentes ao panorama do desporto adaptado. O objetivo I (estudo I) permitiu compreender as fases e o processo de desenvolvimento do conhecimento necessário no desporto adaptado.

Nesta prestativa de análise, Feu et al. (2007), referem que quanto mais o conhecimento dos treinadores for de procedência académica, menos estes recorrem à formação proveniente de jogador reciclado. É previsível constatar, que no desporto adaptado o treinador não tem a possibilidade de contar o conhecimento proveniente da formação académica. Este cenário acontece,

porque os momentos de formação formal e não formal dos treinadores são escassos e dispendiosos (Fairhurst et al., 2016; Alexander et al., 2020). É natural que no estudo II seja observável que os treinadores tenham um perfil tendencialmente mais crítico e inovador (Pires et al. 2021 a). Isto é, os treinadores são críticos pois não têm consolidado o seu conhecimento específico, e inovador uma vez que têm necessidade de encontrar estratégias alternativas no treino. No entanto, essas estratégias alternativas sem conhecimento específico no desporto adaptado, levam os desportistas para um ensino por tentativa e erro (Alexander et al., 2020; Cregan et al., 2007; McMaster, et al., 2012). Em suma, a formação permite aos treinadores ampliarem os seus recursos e competências fazendo com que sejam mais eficazes no processo de treino (Marinho et al., 2020).

Relativamente aos aspetos dos estilos de decisão e planificação, estes devem estar em concordância com os aspetos contextuais inerentes ao processo de treino (Gamonales et al., 2019). No âmbito do desporto adaptado, torna-se basilar recorrer a um vasto leque de estilos, com a finalidade já mencionada de ir ao encontro das necessidades específicas dos atletas. Hutzler et al. (2013) refere que os treinadores de atletas com deficiência intelectual devem tomar decisões democráticas e flexíveis na estruturação dos treinos. A sugestão do autor anteriormente mencionado, encontra-se em concordância com os resultados observados no objetivo III (estudo III). A flexibilidade nos estilos de decisão e planificação permite promover a motivação intrínseca do atleta, uma vez que todo o processo pedagógico é estruturado consoante as particularidades da tipologia e das características da deficiência (Jones et al., 2002; Feu et al., 2007; Hutzler et al., 2013). Feu et al. (2010), realça ainda o facto de a formação formal e não formal serem elementos fulcrais para a adequação eficaz dos estilos de decisão e planificação às diversas circunstâncias.

Para além dos aspetos relacionados com a formação dos treinadores e os seus estilos de decisão e planificação, os comportamentos de liderança dos treinadores são elementos fulcrais na ligação entre treinador atleta. Assim, o estudo IV analisou o comportamento de liderança dos treinadores na sua versão autoperceção e perceção. Consideramos pertinente não só a perceção do treinador, bem como a do atleta com DI. A inclusão dos desportistas com DI (como sujeitos e investigadores) foi um dos desideratos da tese, uma vez que a

maior parte das vezes são excluídos dos processos investigativos, menosprezando a sua importância na compreensão e evolução do conhecimento científico (Everett et al., 2019; Hernández et al., 2021; Martins et al., 2022). No estudo IV, é de realçar que os atletas têm uma perceção diferente dos comportamentos de liderança quando comparada com a dos treinadores. Os desportistas valorizam mais o reforço e o suporte social, e os treinadores enfatizam mais o treino instrução e o reforço e menos o suporte social. Torna-se essencial, que o treinador tenha uma especialidade formativa na área do desporto adaptado, para conseguir adequar os comportamentos de liderança à especificidade patológica do seu atleta (Martin et al., 2014; McMaster et al., 2012; Pires et al., 2021b). Para os atletas com deficiência intelectual, o desporto é um meio transformador e os treinadores têm de ser capazes de mostrar que os atletas são competentes para executar as tarefas propostas. Este contexto é fundamental para estabelecer uma relação entre treinador e atleta, permitindo aos desportistas confiarem no seu treinador. No desporto para atletas com DI, este aspeto ganha maior relevância, pois os atletas sentem necessidade no auxílio das tomadas de decisão por pessoas da sua confiança (Curryer et al., 2018). Os treinadores que trabalham com atletas com DI devem promover comportamentos de liderança que auxiliem a promoção de autonomia e bem-estar aos atletas com DI (Cheon et al., 2015).

Devido à importância que a atividade desportiva constitui para este tipo de atletas (Haigh et al., 2013), é necessário que os treinadores de atletas com deficiência intelectual desenvolvam a promoção de comportamentos autodeterminados visando a transição desta competência para a vida quotidiana dos desportistas, auxiliando na melhoria da qualidade de vida (Everett et al., 2019; Hernández et al., 2021., Martins et al., 2022 Moltó & Bruna, 2017). O estudo V, reflete as preocupações anteriormente mencionadas acrescentando os comportamentos de liderança referidos no estudo IV comparando com a formação formal dos treinadores. Frielink et al. (2018), reforça que é essencial examinar a relação entre a teoria da autodeterminação, necessidades psicológicas básicas e bem-estar subjetivo, pois o autor considera que esta associação é um bom indicador da qualidade de vida dos desportistas com DI.

No estudo V constata-se que os atletas são motivados para a prática, procuram autonomia e mostram-se satisfeitos com a vida, tendo

significativamente mais afetos positivos que negativos. É imperativo que o treinador tenha a capacidade para proporcionar no treino comportamentos de apoio à autonomia, uma vez que esta auxilia positivamente a evolução dos índices de motivação, satisfação, e prazer do atleta no desporto (Komenda et al. ,2021). No entanto, e como podemos observar ao longo desta tese de doutoramento é visível que a formação dos treinadores carece de reformulações profundas, no sentido de incrementar melhoria no processo de treino. Em suma, um processo de treino centrado nas necessidades específicas destes atletas proporciona a aquisição de um conjunto de competências no âmbito desportivo que podem também ser transferidas para o contexto da vida quotidiana. Deste modo, a conjugação do conhecimento alicerçada numa relação entre treinador atleta, permite minimizar a aprendizagem por tentativa e erro aumentando a eficácia no processo de treino. Através deste paradigma torna-se cada vez mais exequível que o desporto seja uma realidade de todos e para todos.

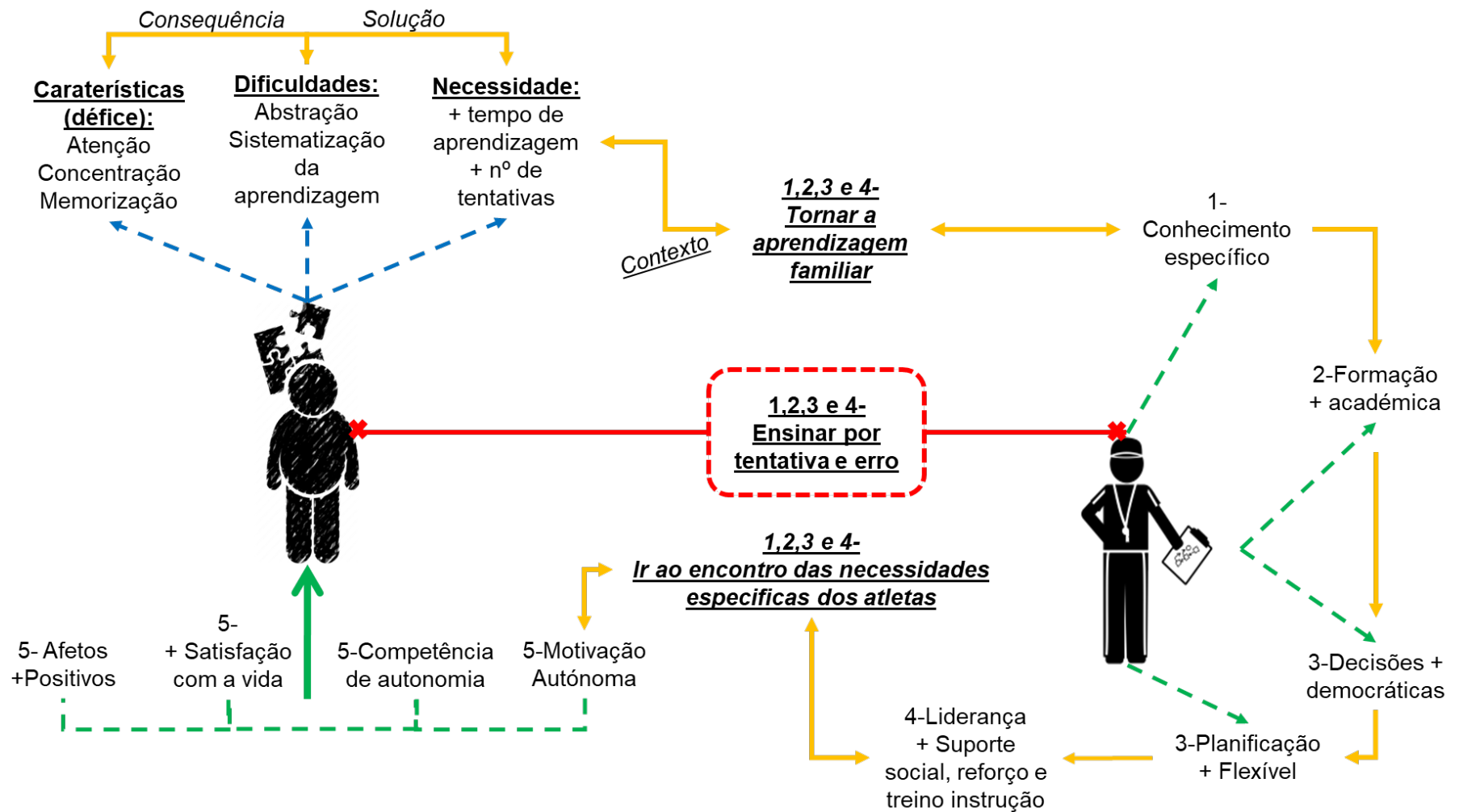
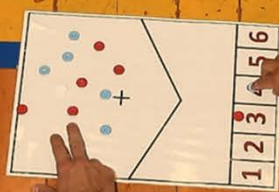


Figura 30- Discussão geral da tese por objetivos e artigo



APPACDM



CAPÍTULO 7

CONCLUSÕES E APLICAÇÕES PRÁTICAS

Capítulo 7. Conclusões e Aplicações Práticas

7.1. Conclusões e Aplicações Práticas

Nesta secção, são apresentadas as principais conclusões dos estudos realizados nesta Tese de Doutoramento, com a finalidade de compreender holisticamente a formação do treinador, e a forma como influencia o treino e os atletas. Em termos organizativos, as conclusões, bem como as aplicações práticas, são estruturadas consoante os objetivos delineados na presente investigação. No final deste processo é efetuada uma análise geral e integrada de todas as conclusões e aplicações práticas, tendo como referência o modelo de treino eficaz 3+1 C's (Jowett & Lavallee, 2007).

7.1.1. Objetivo I: Sintetizar e compreender as evidências empíricas qualitativas publicadas anteriormente acerca do desenvolvimento da carreira do Treinador de Desporto Adaptado (TDA).

Estudo I: *Desenvolvimento da carreira dos treinadores de Desporto Adaptado: revisão sistemática de literatura de evidências qualitativas*

Na revisão sistemática foram utilizados 9 estudos, recorrendo à síntese temática para sistematizar e compreender as competências necessárias durante o desenvolvimento da carreira do TDA. A sistematização operacionalizou-se com os resultados dos estudos, incluindo onde foi perceptível indagar, que o percurso do TDA se efetua em fases distintas que se integram mutuamente entre elas e são referentes à progressão de aprendizagem na formação da carreira do treinador. O percurso do Treinador de Desporto Adaptado possui algumas particularidades para o exercício da função, sendo essencial a articulação do conhecimento aprofundado das tipologias da deficiência e das adaptações específicas da modalidade. Estes aspetos tornam-se essenciais para conseguir adequar o treino ao atleta, otimizando a sua performance dentro de um contexto específico e particular. O desenvolvimento do modelo conceptual sobre o percurso de formação e profissional do TDA teve no seu processo conceptual a síntese temática com 4 temas e 12 subtemas descritivos: Opção pelo DA (Escolha pelo DA e Não escolha pelo DA); Perceção de treinar atletas do DA (Preconceito Positivo, Preconceito neutro; Preconceito Negativo; Estigma e Falta

de Conhecimento); Desenvolvimento da aprendizagem do TDA (Situações de Aprendizagem (Teórico; Prático e Reflexão), Etapas da carreira do TDA (Aprender a ensinar; Aprender a treinar; Aprender com o mentor; Aprender a ser mentor; Aprendizagem ao longo da vida) e Progressão da carreira do TDA (Características do Treinador; Treino; Competição; Fatores Contextuais) e Realidade do TDA (Negativa e Positiva). Estabeleceram-se ainda 3 temas analíticos e 8 subtemas organizados com a seguinte conceção: Dificuldades do TDA (Dificuldade sociais; Dificuldades de aprendizagem e Dificuldade na execução da função); Oportunidades de aprendizagem (Aprendizagem prática e Aprendizagem específica do DA) e Particularidades do DA (Distinção da tipologia da deficiência, Especialização por modalidade e Especialização por classes). Como a aplicação prática é essencial à progressão do desporto adaptado, a falta de conhecimento e investimento financeiro constitui-se como uma dificuldade para os profissionais, tendo consequências na escolha da profissão. Por outro lado, esta área também acarreta em si um potencial de aprendizagem, uma vez que torna os treinadores mais criativos e inovadores na execução da sua tarefa. De salientar, que para os atletas o desporto é um veículo de inclusão na sociedade tornando-se assim mais trabalhadores e leais aos treinadores, sendo o cenário ideal para a construção de uma base sólida de trabalho.

7.1.2. Objetivo II: Identificar as vias de formação e o perfil do treinador de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual.

Estudo II: *Formação e perfil dos treinadores de atletas com Deficiência Intelectual: Influencia da Formação Formal e Não formal.*

Os treinadores apresentam um perfil misto, onde predomina o perfil crítico, inovador e dialogador. Esta situação implica que os treinadores desta área sejam mais reflexivos, necessitando do discurso para trabalhar com os atletas e procurarem novas soluções, de forma a adaptarem o treino às necessidades efetivas dos desportistas. Relativamente à formação, os treinadores tendem a recorrer a uma formação mais académica e menos de jogadores reciclados. No campo da formação todos os treinadores utilizam a formação académica como fonte mais recorrente. Este facto é explicável, uma

vez que a maioria dos treinadores detém uma formação formal com a conclusão de um curso superior.

No entanto, poucos são os treinadores que têm especificidade de formação na área da deficiência. Assim torna-se necessário reforçar a necessidade, de uma formação formal e não formal. De salientar, que deve existir uma preocupação em formar os jogadores da área do desporto adaptado, uma vez que poucos são os treinadores com condição de deficiência. Esta premissa, é essencial pois as experiências como jogadores revelam-se uma importante fonte de aprendizagem. Ainda de realçar o facto de os treinadores procurarem contextos de aprendizagem não formais relançando a necessidade deste tipo de treinadores em obter informação para o desenvolvimento das suas competências, uma vez que a formação formal é muito pouco específica para a intervenção nesta área. Na aplicabilidade prática do objetivo e estudo II, é urgente a construção de contextos de aprendizagem formais e não formais que incidam sobre a temática do Desporto Adaptado. Este facto permitiria uma formação de treinadores mais qualificada, e conseqüentemente a presença de treinadores mais eficazes na intervenção com este tipo de atletas.

7.1.3. Objetivo III: Identificar os estilos de decisão e planificação dos treinadores de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual.

Estudo III: *Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal: Influência da formação formal e não formal*

Os resultados revelam que os treinadores do *Special Olympics Portugal* apresentam um leque variado de estilos na sua atuação no treino, onde predominam os estilos de decisão democrático e planificação flexível. Esta situação implica que os treinadores desta área são mais reflexivos, necessitando de adaptar as suas metodologias para trabalhar com os atletas e procuram novas soluções, de forma a adaptarem o treino às necessidades efetivas dos desportistas.

Nesta perspetiva, os treinadores devem ter uma grande plasticidade para adequar a forma como planeiam e tomam as decisões, com o intuito de trabalhar os atletas consoante o seu grau de habilidade e competências. Esta premissa, torna o desenvolvimento holístico dos atletas mais sustentado maximizando o

potencial desportivo dos atletas e consequentemente aumentar a eficácia do treino.

Uma formação especializada na área do desporto adaptado, permite um raciocínio pedagógico adequado que auxilia na compreensão progressiva das necessidades dos atletas. Estes factos tornam-se facilitadores para os treinadores encararem os atletas na sua plenitude, independente da sua condição ou patologia. Desta forma, o treino para atletas com deficiência intelectual requer uma abordagem flexível e o papel do treinador é complexo e exigente, mas também é vital utilizar o desporto como um veículo transformador. Desta forma, os treinadores dos *Special Olympics Portugal* mais bem preparados serão capazes de responder às suas funções com maior garantia de adequação do processo de treino às características e necessidades dos atletas.

Quanto às aplicações práticas do presente objetivo, torna-se essencial uma maior exigência na construção dos contextos de aprendizagem dos treinadores. Este facto, possibilitaria aos treinadores maximizar a compreensão da deficiência, compreender as capacidades e competências dos desportistas e criar estratégias para adequar todo o processo de treino às necessidades reais dos atletas com deficiência intelectual. Desta forma, é evidente um reforço investigativo na área do desporto adaptado, nomeadamente na deficiência intelectual, com o intuito de expandir e especificar o conhecimento para aumentar a eficácia no treino.

Durante a fase formativa dos treinadores, as experiências e ideias preconcebidas dos treinadores devem ser trabalhadas (Feu et al., 2010), pois é necessário adaptar as suas teorias implícitas à realidade deste contexto desportivo. O aumento da formação formal e não formal é um dos pilares básicos para promover qualquer tentativa de renovação e progresso na formação desportiva.

7.1.4. Objetivo IV: Identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança do TDADI, bem como a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador.

Estudo IV: Autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança dos treinadores dos Special Olympics Portugal

Os treinadores percecionam os seus comportamentos de liderança com pontuações médias mais baixas comparativamente à percepção dos atletas. Pelo facto da maioria dos treinadores da amostra serem formados na área de Educação Física e Ciências do Desporto, observa-se que, devido à falta de conhecimentos específicos nesta área de intervenção, sentem dificuldades em manifestarem comportamentos de liderança adequados às necessidades dos atletas. No caso dos treinadores formados na área da deficiência, a discrepância entre a autopercepção e a percepção dos comportamentos de liderança não é observável. Infere-se que os treinadores especializados são mais eficazes na contextualização do processo de treino com as especificidades dos desportistas com deficiência intelectual. Deste modo torna-se evidente, que a formação especializada na área do desporto adaptado constitui-se como um facilitador na aquisição de comportamentos de liderança adequados a este contexto. É fundamental a compreensão das tipologias da deficiência, bem como a compreensão das adaptações da modalidade, permitindo encarar o atleta na sua plenitude, independente da sua condição ou patologia.

É fundamental que os treinadores de atletas com deficiência intelectual encarem o processo de treino de forma holística, onde todos atletas são agentes ativos e elementos preponderantes para o desenvolvimento de conhecimento e otimização do treino. Desta forma, os comportamentos de liderança são fortemente influenciados por contextos específicos e particulares. No entanto, no desporto adaptado, a visão desta problemática deve ser abordada numa perspetiva globalizante, pois o desporto é um veículo transformador para atletas com condição de deficiência.

Quanto às aplicações práticas, revela-se essencial elaborar programas de formação formais específicos para os treinadores que intervêm na área do desporto adaptado. Este contexto, permitiria aos treinadores adquirirem conhecimento específico sobre a área da deficiência, com o objetivo de adequarem o treino às reais necessidades dos atletas. Aliado a este facto, é imperioso um reforço investigativo na área do desporto adaptado, como o intuito de expandir e especificar o conhecimento para aumentar a eficácia no treino.

7.1.5. Objetivo V: Caraterizar os atletas relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI.

Estudo V: *Relação da formação formal na liderança dos treinadores e na autodeterminação e bem-estar dos atletas com deficiência intelectual*

Os treinadores com conhecimentos específicos e especializados sobre o desporto adaptado, possibilitam aos seus atletas aumentar os índices de autodeterminação e bem-estar com a vida. Desde modo, a formação específica torna-se um veículo facilitador para exercer uma liderança adequada e ir ao encontro das expetativas dos atletas. Para além destes aspetos, os atletas demonstram uma motivação autónoma para o desporto, sendo potencializada através do mecanismo de autonomia, que lhes permite adquirir mais competências e capacidades de relação com os demais, o que vai permitir aos desportistas a melhoria da satisfação com a vida e em experienciarem mais sentimentos positivos que negativos.

O desporto para os atletas com deficiência intelectual tem um efeito transformador, não só no contexto desportivo como no social. Assim podemos concluir, que os atletas analisados consideram que os seus treinadores são agentes importantes na mudança paradigmática para a inclusão de desportistas com deficiência intelectual.

Relativamente à praticidade deste objetivo e estudo, as conclusões podem servir como ponto de referência para elaborar os modelos de treino consoante os seus contextos específicos de trabalho, com o intuito de potenciar as capacidades dos atletas e assim ir ao encontro das necessidades específicas dos seus atletas.

7.2. Conclusões gerais dos estudos que compõem os objetivos da presente Tese de Doutoramento

Nas conclusões gerais, é essencial salientar que esta tese de doutoramento foi elaborada no formato de compêndio, através da produção de cinco artigos todos já publicados. Numa tese realizada com esta tipologia organizacional é fundamental conferir unidade entre todos os estudos. Perante este desiderato, o título da presente tese indica qual o objetivo geral desta que se centra em perceber como é que a formação e liderança dos treinadores de desporto adaptado influencia a autodeterminação e o bem-estar dos atletas. Com o intuito de obter uma visão holística, consideramos pertinente a construção de um modelo de treino para atletas com deficiência intelectual, baseado na relação entre treinador e atleta. Esta ideia de construção de um modelo de treino, é reforçada e incentivada por Bloom et al. (2014) que sugerem a utilização do modelo 3+1 Cs de Jowett e Lavallee (2007) baseada no binómio da relação entre treinador e atleta. Os autores anteriormente mencionados, reforçam a necessidade da constituição de um modelo de treino para atletas com deficiência.

A Figura 31, reflete a proposta de construção de um modelo de treino para atletas com deficiência intelectual, baseado nas conclusões dos objetivos e estudos que compõem esta tese de doutoramento.

No objetivo I (estudo I), concluímos que o percurso do treinador de desporto adaptado possui alguns particularismos para o exercício da função, sendo essencial a articulação do conhecimento aprofundado das tipologias da deficiência e das adaptações específicas da modalidade. Estes pressupostos tornam-se essenciais para conseguir adequar o treino ao atleta, otimizando a sua performance dentro de um contexto específico e particular. Desta forma, os treinadores do nosso estudo, são tendencialmente mais críticos e inovadores; e menos tradicionais (objetivo II/ estudo II). Efetuando uma reflexão sobre os resultados apresentados, os treinadores analisados questionam frequentemente o processo formativo que estão a desenvolver, tendo a necessidade de ser mais inovadores com o intuito de experimentarem novas estratégias para serem eficazes. Desta forma é expetável, que os TDADI sejam menos tradicionais, pois não tem modelos de treino padronizados de reconhecida eficácia. No entanto, é

interessante verificar que a via de formação mais utilizada é a académica, cujos conhecimentos são adquiridos em instituições formadoras, e a sua experiência no âmbito desportivo provem fundamentalmente do estudo do treino. Ao refletimos especificamente sobre a formação e o perfil dos treinadores analisados, parece paradoxal que utilizem uma formação mais académica e o perfil seja tendencialmente mais crítico. A explicação pode advir da forma como os TDA são formados, visto que no estudo I uma premissa comum nos artigos é o facto de referirem que a formação no desporto adaptado é escassa e dispendiosa.

No objetivo III (estudo III), concluímos que os TDADI tomam decisões mais democráticas e planeiam de forma mais flexível. Isto significa, que os treinadores têm como intuito adequar o treino às necessidades específicas dos atletas. No entanto, para efetuar este procedimento eficazmente, é basilar que a formação dos TDADI seja específica e especializada para ir ao encontro das particularidades dos atletas com deficiência intelectual. Este facto revela-se fundamental no contexto de ensino-aprendizagem, pois caso este processo não seja bem solidificado pelo treinador pode provocar um ensino por tentativa e erro. No treino para atletas com DI, devido às características das patologias, esta consequência exposta pode ser irreversível para uma aprendizagem eficaz.

Em termos gerais, o processo formativo dos treinadores é a base de um treino eficaz com o desiderato de ir ao encontro das necessidades específicas dos atletas com deficiência intelectual. É indagável, perante as conclusões dos objetivos/estudos I, II e III, que existe uma enorme lacuna na formação dos profissionais desta área. O hiato formativo é observável quando analisamos as unidades curriculares associadas ao desporto adaptado nos cursos de treinadores em território português, representando apenas 0.62% do total de horas na componente geral, em todos os graus de treinador. Já na formação universitária, partindo da análise a todos os ciclos de estudo, as UC relativas à temática do desporto para pessoas com condição de deficiência significam apenas 5.02% dos créditos ECTS. Perante este panorama, é urgente uma reflexão sobre esta problemática com a finalidade de tornar o desporto mais acessível a todos.

Assim, e continuando a seguir o modelo de treino eficaz 3+1Cs, analisamos os comportamentos de liderança na perspetiva dos treinadores e dos

atletas. No geral, os treinadores percecionam os seus comportamentos de liderança com pontuações médias mais baixas que na perspetiva dos atletas. Esta discrepância nos resultados, apenas não é verificável no caso dos treinadores que detêm uma formação formal na área da deficiência, reforçando a ideia de que a formação é a base para suprir as necessidades dos atletas com deficiência intelectual. Relativamente à liderança dos treinadores percecionam-se tendencialmente com comportamentos de reforço e treino instrução e têm preocupações em melhorar a performance e reforçar positivamente o desempenho dos seus atletas. Para além destes comportamentos, os atletas ainda consideram o suporte social, isto é, consideram que os treinadores têm preocupações com o seu bem-estar individual. Desta forma, os atletas parecem sentir mais confiança em treinadores que tenham objetivos e metas em comum com os desportistas (Bloom et al., 2013). No desporto adaptado este binómio treinador – atleta ganha mais relevo, pois a atividade desportiva é um veículo de inclusão para os atletas, sendo primordial o treinador adaptar as estratégias para suprir as necessidades reais dos atletas com deficiência intelectual (Banack et al., 2011; Cregan et al., 2007; Tawse et al., 2012).

A continuidade desta ideia é desenvolvida através do objetivo V (estudo V), onde se analisou os determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI. Especificamente, constatou-se que os atletas detêm uma motivação autónoma para o desporto, procurando mais a necessidade psicológica básica de autonomia, sentindo-se satisfeitos com a vida expresso maioritariamente com afetos mais positivos que negativos.

Em suma, um treino estruturado centrado nas necessidades específicas destes atletas proporciona a aquisição de um conjunto de competências no âmbito desportivo que podem também ser transportadas para o contexto da vida quotidiana. Um treino estruturado num modelo padronizado adequado à população com DI com base científica, auxilia o treinador num processo de ensino-aprendizagem mais eficaz. Através deste paradigma, torna-se cada vez mais possível que o desporto seja uma realidade de todos e para todos, tornando-o assim acessível a todos sem exceção.

É de realçar, que no objetivo IV e V consideramos essencial o envolvimento dos atletas com deficiência intelectual na investigação, sendo

também um desiderato da presente tese de doutoramento. O envolvimento dos atletas com DI foi efetuado tanto na amostra (n= 94), como na equipa de assistentes que procederam à recolha dos dados. Nesta perspetiva, auscultar as perspetivas dos atletas com deficiência intelectual é um aspeto muito importante a considerar na construção do conhecimento com base no rigor científico (Tint et al., 2017). Everett et al. (2019) considera que a voz dos atletas com deficiência intelectual é muito vezes esquecida e marginalizado no universo académico, impossibilitando obter uma visão holística e integrada sobre esta temática.

Através desta secção, referente às conclusões gerais dos estudos que compõem os objetivos da presente Tese de Doutoramento, constata-se que a incidência da problemática reside na falta de formação adequada centrada no desporto adaptado. É imperativo tornar a formação mais acessível a todos para difundir o conhecimento e melhorar todo o processo em torno do desporto adaptado. Na conceção dos cursos de formação, tanto universitário como de treinadores, é visível que a temática do desporto adaptado é abordada através de apenas uma UC específica. Desta forma, as abordagens aos conteúdos relacionados com o desporto para pessoas com condição de deficiência são extremamente genéricas devido à reduzida carga horária. Perante esta constatação, e recorrendo à OMS referente ao plano de ação global em matéria de deficiência global 2014-2021, estima que 15% da população mundial tem algum tipo de deficiência. Tendo como referência os 15% estimados pela OMS, uma das soluções para responder à escassa formação formal na área do desporto adaptado, seria incluir 15% dos conteúdos para abordar o desporto para este tipo de populações em todas as unidades curriculares.

Deste modo, não é necessário efetuar uma separação de uma particularidade desportiva, mas sim incluí-la na globalidade da esfera formativa do desporto. Isto iria permitir, que o desporto adaptado fosse difundido e aplicado de uma forma eficaz, minimizando os custos de uma formação específica.

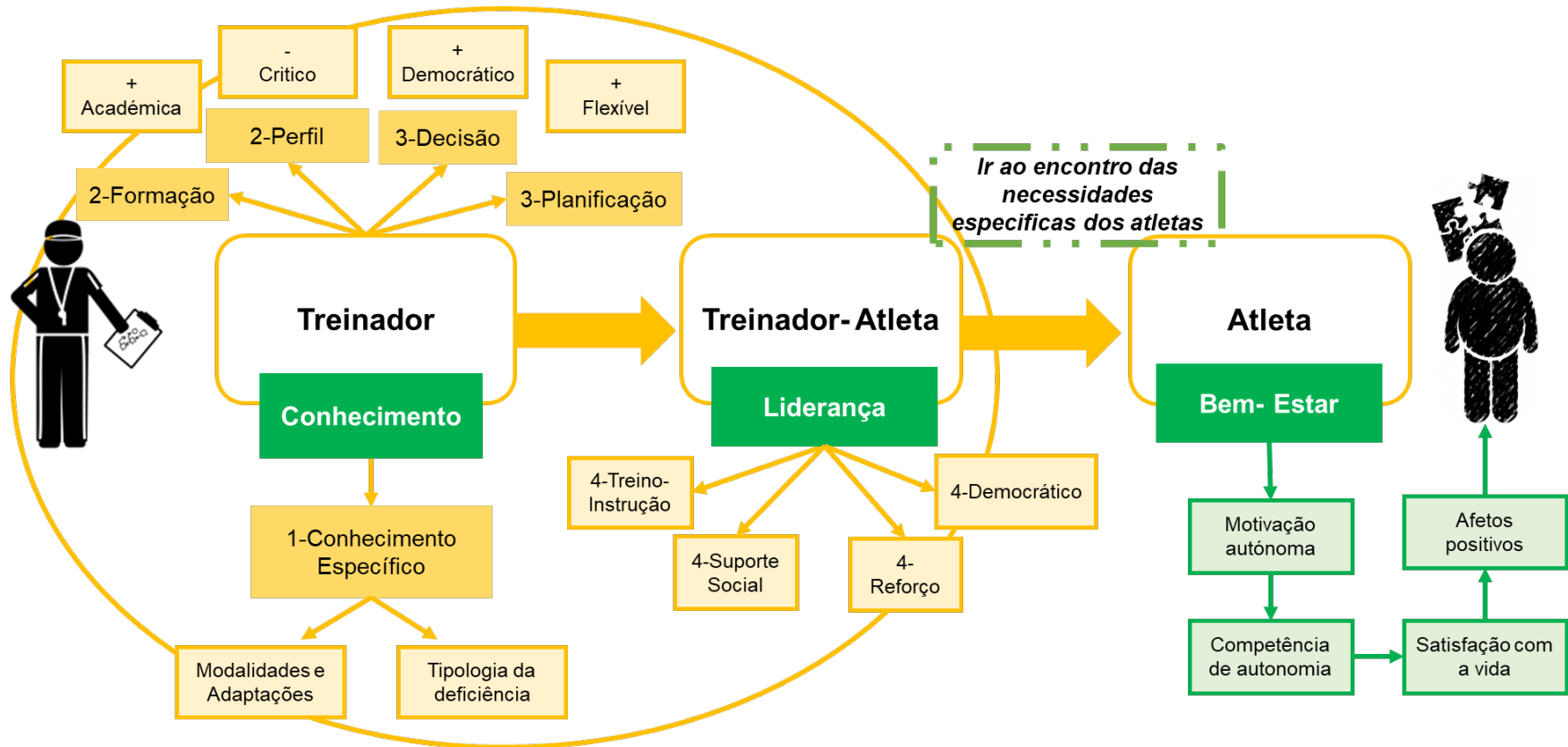
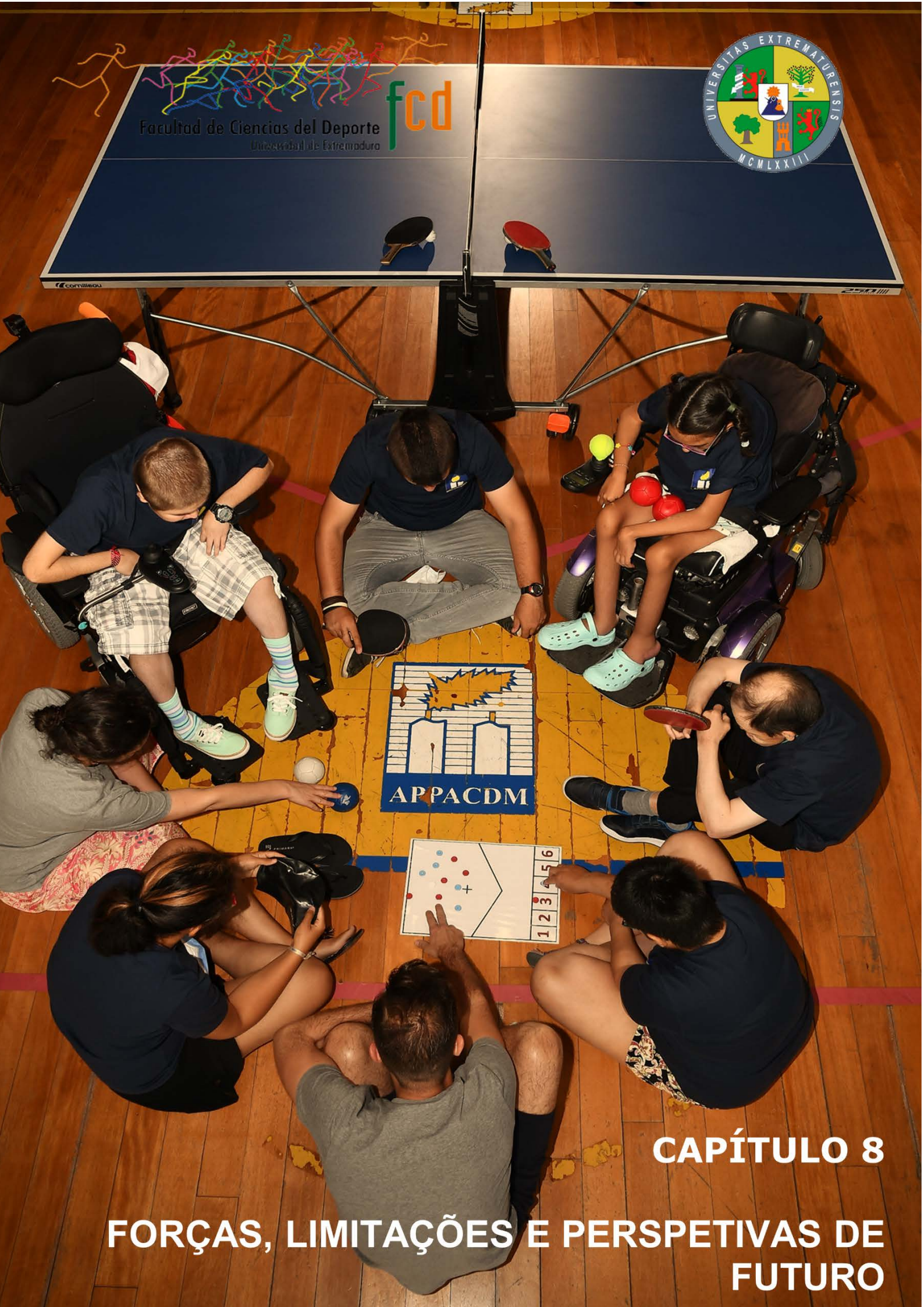


Figura 31-Conclusão geral da tese por objetivos e artigos

Facultad de Ciencias del Deporte
Universidad de Extremadura

fcd



CAPÍTULO 8

FORÇAS, LIMITAÇÕES E PERSPETIVAS DE FUTURO

Capítulo 8. Forças, Limitações e Perspetivas de Futuro

8.1. Pontos fortes, Limitações e Perspetivas para o futuro

Nesta sessão são apresentados os principais pontos fortes, limitações dos estudos e perspetivas para futuros estudos, provenientes dos objetivos e consequentemente dos estudos realizados que compõem a presente tese de doutoramento. Quanto à organização, numa primeira fase, são apresentados os pontos fortes e as limitações de cada estudo efetuado. Relativamente às perspetivas de futuro, estas foram construídas com o decorrer dos 5 estudos, onde em cada estudo foi identificada a matriz do estudo seguinte com o intuito de suprir as necessidades investigativas detetadas.

Em termos gerais, a *scoping review* realizada por Bentzen et al. (2020) refere os desafios de estudar o conhecimento do treinador de desporto adaptado, e elenca limitações neste âmbito investigativo. O artigo mencionado teve como principal objetivo fornecer uma visão global sobre as investigações realizadas acerca do conhecimento do treinador de desporto adaptado. Assim, os autores referem que em estudos futuros é necessário incluir ativamente atletas com deficiência em investigações desta natureza, uma vez que ao ostracizarem as perspetivas dos atletas perde-se uma parte essencial dos agentes envolvidos no espetro do desporto adaptado. Bentzen et al. (2020), ainda salientam que a deficiência intelectual e nomeadamente os atletas, são excluídos da maioria das investigações fruto das consequências patológicas e ainda porque no movimento Paralímpico representam apenas 2,8 % do total dos atletas inseridos nos Jogos. A investigação incentiva a estudar o desporto na deficiência intelectual, bem como a efetuar investigação sobre o movimento dos *Special Olympics*. Na conclusão, os autores referidos, constataram que a aprendizagem formal foi discutida mais extensivamente no sentido de ser de difícil acesso, limitada na disponibilidade, dispendiosa de frequentar, e sem conteúdo específico sobre desporto adaptado. Por fim, os autores sugerem que é essencial a constituição de um modelo conceptual para um treino eficaz que fosse específico para o desporto adaptado. Este é um primeiro passo para desenvolver e proporcionar uma formação de treinadores de desporto adaptado baseado no conhecimento empírico.

No estudo I, o principal objetivo foi sintetizar e compreender as evidências empíricas qualitativas publicadas anteriormente acerca do desenvolvimento da carreira do Treinador de Desporto Adaptado. O ponto forte desta investigação foi o facto de se congregar o percurso profissional e de aprendizagem na área do Desporto Adaptado com o desenvolvimento da investigação científica, como forma de solidificar os conhecimentos do treinador e permitir a evolução dos atletas. Em termos de limitações, foram organizadas em três sectores: carências metodológicas, características da amostra e especificidades do Desporto Adaptado. Relativamente às carências metodológicas sugere-se a inclusão e combinação de vários métodos nas pesquisas, tanto de cariz quantitativo como qualitativo. Quanto às características da amostra revela-se importante incluir outros agentes desportivos, decisores políticos, treinadores com deficiência, treinadores com pouca experiência e treinadores do sexo feminino. Por último, e no que confere às especificidades do Desporto Adaptado, é importante aprofundar o conhecimento relativo ao treino e ao treinador. Em futuras investigações é importante identificarmos a formação e o perfil do TDA, englobando problemáticas como a planificação, decisões e liderança no processo de treino. É essencial também contextualizar este processo com a condição de deficiência que os atletas apresentam, uma vez que esta condição pode influenciar o exercício da função do treinador

Estas recomendações deram origem ao estudo II, que teve como principal objetivo identificar as vias de formação e o perfil do treinador de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual. O ponto forte desta investigação foi o facto de se constatar que os treinadores efetivamente procuram contextos não formais de formação, relançando a necessidade deste tipo de treinadores em obter conhecimentos específicos para o desenvolvimento das suas competências. No entanto, poucos são os treinadores que têm especificidade na área da deficiência. Assim torna-se imperativo reforçar a necessidade, de uma formação formal e não formal que englobe as duas áreas. Como limitação do estudo II foi o facto de não existir qualquer treinador com condição de deficiência, visto que as experiências como jogadores são fontes de conhecimentos importantes e no desporto adaptado, pela despreocupação formativa/desportiva, estão a ser menosprezadas. Como

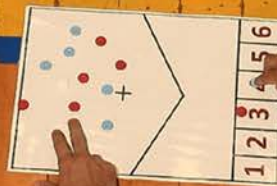
futuros estudos no estudo II, referimos o facto de se investigar a forma como os treinadores de desporto adaptado tomam as decisões e planificam o treino.

Consequentemente, o estudo III teve como principal desiderato identificar os estilos de decisão e planificação dos treinadores de desporto adaptado que exercem as suas funções com atletas com deficiência intelectual. Um dos pontos fortes desta investigação, é o facto de se verificar que a especificidade das necessidades dos atletas obriga o treinador a adequar o seu processo pedagógico de forma a estruturar o treino de acordo com as características específicas da deficiência intelectual. Nesta perspetiva, os treinadores devem ter uma grande plasticidade para adequar a forma como planeiam e tomam as decisões, com o intuito de trabalhar os atletas consoante o seu grau de habilidade e competências. Esta premissa, torna o desenvolvimento holístico dos atletas mais sustentado maximizando o potencial desportivo dos atletas e consequentemente aumentar a eficácia do treino. É importante compreender com maior profundidade e globalidade o desenvolvimento da aprendizagem dos treinadores, com o incremento da formação informal, reflexão e outras tipologias da deficiência sendo estas as limitações deste estudo III. Adicionalmente, torna-se interessante efetuar investigações que analisem a liderança dos treinadores, tanto na sua autoperceção como na perceção dos atletas com deficiência intelectual. É evidente a necessidade de estudar a deficiência intelectual de acordo com a especificidade e o grau da patologia.

Este último ponto consolidou a ideia base que levou ao estudo IV, uma vez que o objetivo principal foi identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança do TDADI, bem como a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador. Como ponte forte deste estudo foi o facto da perceção dos comportamentos de liderança serem fortemente influenciados por contextos específicos e particulares. Como limitação podemos considerar a exclusão da versão da preferência dos comportamentos de liderança. Em estudos futuros é pertinente averiguar o grau de autodeterminação dos atletas com deficiência intelectual, tornando estes atletas agentes ativos no processo investigativo.

Consequentemente, o estudo V incide sobre as recomendações traçadas pelo no estudo IV. Assim, o estudo V, pretendeu caracterizar os atletas relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como às necessidades

psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI. Através deste estudo, e como ponto forte, a conclusão permitiu a construção de um modelo de treino eficaz conforme se encontra na Figura 31. No entanto, é importante compreender com maior profundidade e globalidade o desenvolvimento da aprendizagem dos treinadores, com o incremento da formação informal, reflexão e outras tipologias da deficiência em estudos futuros. Adicionalmente, torna-se interessante efetuar investigações que analisem as diferenças entre as modalidades, género e grau de incapacidade. Continuar a replicação deste estudo, como forma de otimizar modelos de treino na área do desporto adaptado. Para os treinadores que trabalham nesta área, este capítulo pode servir como ponto de referência para elaboração de modelos de treino consoante os seus contextos específicos de trabalho, com o intuito de potenciar as capacidades dos atletas e assim ir ao encontro das necessidades específicas dos mesmos.



Capítulo 9. Referências Bibliográficas

- Albuquerque, F. J. B., de Sousa, F. M., & Martins, C. R. (2010). Validação das escalas de satisfação com a vida e afetos para idosos rurais. *Psico*, 41(1).
- Allan, V., Evans, M. B., Latimer-Cheung, A. E., & Côté, J. (2019). From the athletes' perspective: A social-relational understanding of how coaches shape the disability sport experience. *Journal of Applied Sport Psychology*, 1–33. <https://doi.org/10.1080/10413200.2019.1587551>.
- American Psychiatric Association. (2013). Anxiety disorders. In *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425596.dsm05>.
- Anguera, T. (1990). Metodología observacional. In: J. Arnau, M. T. Anguera, & J. Gómez-Benito (Eds.), *Metodología de la investigación en ciencias del comportamiento*, 125-236. Universidad de Murcia.
- Ato, M., López-García, J. J., e Benavente, A. (2013). Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología*, 29(3). <https://doi.org/10.6018/analesps.29.3.178511>
- Banack, H. R., Sabiston, C. M. & Bloom, G. A. (2011). Coach Autonomy Support, Basic Need Satisfaction, and Intrinsic Motivation of Paralympic Athletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 82(4), 722–730. <https://doi.org/10.1080/02701367.2011.1059980>.
- Bayle, E. (2010). La gouvernance des fédérations chargées d'une mission de service public: le cas des fédérations sportives françaises. *Politiques et Management Public*, 27 (1), 11–32.
- Bennie, A., Apoifis, N., Caron, J., Falcao, W., Marlin, D., Bengoechea, E., Koh, K., Macmillan, F. e George, E. (2017). A Guide to Conducting Systematic Reviews of Coaching. *Science Research. International Sport Coaching Journal*, 4, 191-205. <https://doi.org/10.1123/iscj.2017-0025>.
- Bentzen, M., Alexander, D., Bloom, G A. e, Kenttä, G. (2020) What Do We Know About Research on Paraspport Coaches? A Scoping Review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 38(1): 109-137. <https://doi.org/10.1123/apaq.2019-0147>.
- Blauwet, C., & Willick, S. E. (2012). The Paralympic Movement: using sports to promote health, disability rights, and social integration for athletes with disabilities. *PM & R : the journal of injury, function, and rehabilitation*, 4(11), 851–856. <https://doi.org/10.1016/j.pmrj.2012.08.015>
- Bloom, G.; Falcão, W. y Caron, J. (2014). Coaching high performance athletes: Implications for coach training; Gomes, A., Resende, R., Alburquerque, A., Eds *Positive Human Functioning from a Multidimensional*,107-132. New York, USA, Nova Science Publishers.

- Bloom, G.A., Schinke, R.J., e Salmela, J.H. (1997). The development of communication skills by elite basketball coaches. *Coaching & Sport Science Journal*, 2 (3), 3-10.
- Bragaru, M., van Wilgen, C. P., Geertzen, J. H. B., Ruijs, S. G. J. B., Dijkstra, P. U., & Dekker, R. (2013). Barriers and Facilitators of Participation in Sports: A Qualitative Study on Dutch Individuals with Lower Limb Amputation. *PLoS ONE*, 8(3), e59881. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0059881>.
- Bravo, G. & Silva, J. (2014). Sport policy in Chile. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 6 (1), 129–142. <https://doi.org/10.1080/19406940.2013.806341>
- Brooker, K., Van Dooren, K., McPherson, L., Lennox, N. & Ware, R. (2015). A systematic review of interventions aiming to improve involvement in physical activity among adults with intellectual disability. *Journal of Physical Activity & Health*, 12, 434–444. <https://doi.org/10.1123/apaq.2019-014710.1123/jpah.2013-0014>.
- Buceta, J.M. (2004). *Estrategias Psicológicas para Entrenadores de Deportistas Jóvenes*. Dykinson.
- Burkett, B. (2013). *Coaching athletes with a disability*. In P. Potrac, W. Gilbert, e J. Denison (Eds.), *Routledge handbook of sports coaching* (pp. 196–209). Routledge.
- Burns, J. (2018). *Intellectual Disability, Special Olympics and Paraspport*. *The Palgrave Handbook of Paralympic Studies*, 417–437. https://doi.org/10.1057/978-1-137-47901-3_19.
- Caballero, B.O, Fernández, I.M.M, Espejo, V.G, V.G e Zafra, A.O (2020). Preparación psicológica para los Juegos Paralímpicos y afrontamiento de lesión: un caso en taekwondo. *Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico*, 5(1),1-13. <https://doi.org/10.5093/rpadef2020a400002>.
- Callède, J.P. (2002). Les politiques du sport. *L'Année Sociologique*, 52 (2), 437–457. <https://doi.org/10.3917/anso.022.0437>
- Cardoso, V. D., & Gaya, A. C. (2014). A classificação funcional no esporte paralímpico. *Conexões*, 12(2), 132–146. <https://doi.org/10.20396/conex.v12i2.2173>
- Carvalho, J.V. (2017). Uma breve história do desporto para pessoas com deficiência. In: *Desporto com sentido, manual de Desporto Adaptado*. Seixal: Setúbal: APCAS-Associação de Paralisia cerebral de Almada e Seixal.
- Celestino, T. & Pereira, A. (2016). A formação e o desenvolvimento do desporto adaptado: uma proposta de intervenção. *Desporto e Atividade Física para Todos – Revista Científica da FPDD*, 2 (1), 24-33.
- Chelladurai, P. (2007). *Leadership in Sports*. *Handbook of Sport Psychology*, 111–135. <https://doi.org/10.1002/9781118270011.ch5>
- Chelladurai, P., e Saleh, S. D. (1978). Preferred leadership in sports. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, 3, 85–92.

- Chen, C.-H., Hsu, K.-L., Shu, B.-C., e Fetzer, S. (2012). The image of people with intellectual disability in Taiwan newspapers. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 37(1), 35–41. <https://doi.org/10.3109/13668250.2011.650159>.
- Cheon, S. H., Reeve, J., Lee, J., e Lee, Y. (2015). Giving and receiving autonomy support in a high-stakes sport context: A field-based experiment during the 2012 London Paralympic Games. *Psychology of Sport and Exercise*, 19, 59–69. DOI:10.1016/j.psychsport.2015.02.007
- Cochran, W.G. (1963) *Sampling Technique*. 2nd Edition, John Wiley and Sons Inc., New York.
- Comissão Europeia (2017). European Credit Transfer and Accumulation System (ECTS). Disponível em <https://education.ec.europa.eu/education-levels/higher-education/inclusive-and-connected-higher-education/european-credit-transfer-and-accumulation-system>.
- Compernelle, S., DeSmet, A., Poppe, L., Crombez, G., De Bourdeaudhuij, I., Cardon, G. & Van Dyck, D. (2019). Effectiveness of interventions using self-monitoring to reduce sedentary behavior in adults: A systematic review and metaanalysis. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity* 16, 63, 2-16.DOI:10.1186/s12966-019-0824-3.
- Conroy, D. & Coatsworth, J. (2006). Coach training as a strategy for promoting youth social development. *The Sport Psychologist*, 20, 128-144. <https://doi.org/10.1123/tsp.20.2.128>.
- Cooke, A., Smith, D., & Booth, A. (2012). Beyond PICO: the SPIDER tool for qualitative evidence synthesis. *Qualitative Health Research*, 22(10), 1435-43. <https://doi.org/10.1177/1049732312452938>.
- Cregan, K., Bloom, G. e Reid, G. (2007) Career Evolution and Knowledge of Elite Coaches of Swimmers With a Physical Disability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78 (4), 339-350. <https://doi.org/10.1080/02701367.2007.10599431>.
- Critical Appraisal Skills Programme UK. (n.d.). *CASP checklists*. Retrieved from <https://casp-uk.net/casp-tools-checklists/>
- Curryer, B., Stancliffe, R. J., Dew, A., & Wiese, M. Y. (2018). Choice and Control Within Family Relationships: The Lived Experience of Adults With Intellectual Disability. *Intellectual and developmental disabilities*, 56(3), 188–201. <https://doi.org/10.1352/1934-9556-56.3.188>
- Cushion, C., Armour, K. & Jones, R. (2003). Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. *Quest*, 55, 215-230. <https://doi.org/10.1080/00336297.2003.10491800>.
- De Knecht, N. C., Schuengel, C., Lobbezoo, F., Visscher, C. M., Evenhuis, H. M., Boel, J. A., e Scherder, E. J. A. (2016). Comprehension of pictograms for pain quality and pain affect in adults with Down syndrome. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 41(3), 222–232. <https://doi.org/10.3109/13668250.2016.1176129>.

- Deci, E. & Ryan, R. (2002). Overview of self-determination theory: An organismic-dialectical perspective. In E. L. Deci & R. M. Ryan (Eds.), *Handbook of self-determination research* (pp. 3–33). University of Rochester Press.
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian Psychology*, 49(3), 182–185. <https://doi.org/10.1037/a0012801>.
- Despacho nº 141/2020 do Ministério da Educação e Ciência, Diário da República, 115, de 16 de junho, estabelece o regime de acesso e exercício da atividade de treinador, ao abrigo do qual foi criado o Programa Nacional de Formação de treinadores.
- Diener, E., Suh, E., Lucas, R. & Smith, H. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.
- Diener, E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71–75. https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901_13.
- Dixon-Woods, M., Shaw, R. L., Agarwal, S., & Smith, J. A. (2004). The problem of appraising qualitative research. *Quality and Safety in Health Care*, 13, 223–225. <https://doi.org/10.1136/qhc.13.3.223>. <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1157324>.
- Douglas, S., & Hardin, B. (2014). Case study of an expert intercollegiate wheelchair basketball coach. *Applied Research in Coaching and Athletics Annual*, 29, 193–212.
- Douglas, S., Falcão, W. e Bloom, G. (2017). Career Development and Learning Pathways of Paralympic Coaches with a Disability. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 35(1), 93-110. <https://doi.org/10.1123/apaq.2017-0010>.
- Douglas, S., Falcão, W. R. & Bloom, G. A. (2018). Career Development and Learning Pathways of Paralympic Coaches With a Disability. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 35(1), 93–110. <https://doi.org/10.1123/apaq.2017-0010>.
- Duarte T. & Culver D. (2014) Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A Lifelong Learning Perspective. *Journal of Applied Sport Psychology*, 26(4), 441-456. <https://doi.org/10.1080/10413200.2014.920935>.
- European Commission, Directorate-General for Education, Youth, Sport and Culture, (2017). ECTS users' guide 2015, *Publications Office*. <https://data.europa.eu/doi/10.2766/87592>.
- Everett, J., Lock, A., Boggis, A. & Georgiadis, E. (2019). Special Olympics: Athletes' perspectives, choices and motives. *British Journal of Learning Disabilities*. <https://doi.org/10.1111/bld.12295>.
- Fairhurst E., Bloom G. e Harvey W. (2016). The Learning and Mentoring Experiences of Paralympic Coaches, *Disability and Health Journal*, 10(2), 240-246. DOI: 10.1016/j.dhjo.2016.10.007.

- Ferguson, C. J. (2009). An effect size primer: a guide for clinicians and researchers. *Prof. Psychol.* 40, 532–538. <https://doi.org/10.1037/a0015808>.
- Feu, S., Garcia, J., Parejo, I., Cañadas, M. e Saez, J. (2009). Educational strategies for the acquisition of professional knowledge by youth basketball coaches. *Revista de Psicología del deporte*, 18 (Supl.), 325-329.
- Feu, S., Ibanez, S.J., Gozalo, M. & Lorenzo, A. (2010). Decision and Planning Style of Spanish Handball Coaches. *The Open Sports Sciences Journal*, 3, 111-117. <https://doi.org/10.2174/1875399X010030100111>.
- Feu, S., Ibáñez, S. J. e Gozalo, M. (2010). Influencia de la formación formal y no formal en las orientaciones que adoptan los entrenadores deportivos. *Revista de Educación*, 353, 615-640.
- Feu, S., Ibáñez, S., e Gózaló, M. (2007). Propiedades psicométricas de los cuestionarios EDD y EPD para evaluar el estilo de planificación y decisión de los entrenadores. *Revista de Psicología del Deporte*, 16(2), 185-199.
- Feu, S., Ibáñez, S.J, Graça, A. e Sampaio, J. (2007). Evaluación psicométrica del cuestionario de orientación de los entrenadores en una muestra de entrenadores españoles de balonmano. *Psicothema*, 19(4), 699-705.
- Field, A. (2017). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*. Sage.
- Fraile, A., Vallejo, R., Boada, J. e Grau, J. (2011). El perfil de los técnicos del deporte escolar en un contexto europeo. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*. 11 (42) pp. 278-297.
- Frielink, N., Schuengel, C., & Embregts, P. J. C. M. (2018). Autonomy support, need satisfaction, and motivation for support among adults with intellectual disability: Testing a self-determination theory model. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 123(1), 33-49. <https://doi.org/10.1352/1944-7558-123.1.33>.
- Galinha, I., e Pais-Ribeiro, J. (2005). Contribuição para o estudo da versão portuguesa da Positive and Negative Affect Schedule (PANAS): I - Abordagem teórica ao conceito de afeto. *Análise Psicológica*, 2(23), 209-218.
- Gamonales Puerto, J. M., Hidalgo Murillo, A., León Guzmán, L., García Santos, D., Muñoz Jiménez, J. (2018). Propuesta de adaptación del reglamento de balonmano para jugadores con discapacidad intelectual. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte* 14(2),109-118.
- Gamonales, J. M., Gómez-Carmona, C. D., Córdoba-Caro, L. G. & Ibáñez, S. J. (2019). Influencia del perfil de entrenador en el diseño de las tareas en el fútbol. Estudio de caso. *Journal of Sport and Health Research*, 11(1), 69-82.
- Gamonales, J., Jiménez, J., Guzmán, K. & Ibáñez, S. (2018). 5-a-side football for individuals with visual impairments: A review of the literature. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 11(1), 2-19. <https://doi.org/10.5507/euj.2018.004>.

- García Moltó, A. & Ovejero Bruna, M. (2017). Satisfacción vital, autodeterminación y práctica deportiva en las personas con discapacidad intelectual. *Revista de Psicología del Deporte*, 26(2), 13–19.
- Gilbert, W. e Trudel, P. (2004). Analysis of coaching science research published from 1970-2001. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 75(4), 388-399. <https://doi.org/10.1080/02701367.2004.10609172>.
- Gummer, T., Vogel, V., Kunz, T., e Roßmann, J. (2019). Let's put a smile on that scale: Findings from three web survey experiments. *International Journal of Market Research*, 61(1), 18-26. <https://doi.org/10.1177/1470785319858598>.
- Guttmann L. (1976). Textbook of Sport for the Disabled. *British Journal of Sports Medicine*. 10(4). 187-188.
- Haeghele, J., Lee, J., & Porrette, D., (2015). Research Trends in Adapted Physical Activity Quarterly from 2004 to 2013. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 32, 187-206. <https://doi.org/10.1123/APAQ.2014-0232>.
- Haigh A., Lee D., Shaw C., Hawthorne M., Chamberlain S., Newman DW., Clarke Z. & Beail N. (2013). What things make people with a learning disability happy and satisfied with their lives: an inclusive research project. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 26(1), 26-33. doi: 10.1111/jar.12012. PMID: 23255376.
- Harada, C. M., & Siperstein, G. N. (2009). The sport experience of athletes with intellectual disabilities: A national survey of Special Olympics athletes and their families. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 26(1), 68–85. <https://doi.org/10.1123/apaq.26.1.68>.
- Hatamleh, M. R., Al-Ruz, H. H. A., & Hindawi, O. S. (2009). Coach's leadership behavior as a predictor of satisfaction with leadership: Perceptions of athletes with physical disabilities. *International Journal of Applied Educational Studies*, 4, 14-33.
- Hattie, J. (2009). *Visible Learning*. Routledge.
- Hernández Roldan, R., Anderson Quiñonez, J., Arenas, J., Urrea, A. M., Barbosa-Granados, S., & Aguirre Loaiza, H. (2021). Características Psicológicas en Deportistas con Discapacidad Física. *Retos*, 40, 351-358. <https://doi.org/10.47197/retos.v1i40.83079>.
- Hill A. & Hill M. (2005). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Edições Sílabo. Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates.
- Horn, T. S. (2008). Coaching effectiveness in the sport domain. In T. S. Horn (Ed.), *Advances in Sport Psychology*, 239-267. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Houlihan, B. & White, A. (2002). *The politics of sport development: development of sport or development through sport?*. Routledge.
- Houlihan, B. (2005). Public sector sport policy: developing a framework for analysis. *International Review for the Sociology of Sport*, 40 (2), 163–185. <https://doi.org/10.1177/1012690205057193>

- Hutzler, Y., Oz, M. & Barak, S. (2013). Goal perspectives and sport participation motivation of Special Olympians and typically developing athletes. *Research in Developmental Disabilities*, 34(7), 2149–2160. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2013.03.019>.
- Ibáñez, S. J. (1996). *Análisis del proceso de formación del entrenador español de baloncesto*. Tesis doctoral. Universidad de Granada.
- Ibáñez, S. J. (1997a). Los Modelos de Entrenador Deportivo Basados en el Rol Predominante. *Revista Española de Educación Física y Deportes*, 4(4), 35-42.
- Ibáñez, S. J. (1997b). Variables que Afectan al Establecimiento de los Modelos de Entrenador de Baloncesto. Habilidad Motriz. *Revista de la Actividad Física y el Deporte*, 10, 30-37.
- Ibáñez, S. J., García-Rubio, J., Antúnez, A., & Feu, S. (2019). Coaching in Spain Research on the Sport Coach in Spain: A Systematic Review of Doctoral Theses. *International Sport Coaching Journal*, 6(1), 110-125. <https://doi.org/10.1123/iscj.2018-0096>.
- Instituto Português do Desporto e Juventude. (2020). *Programa Nacional de Formação de Treinadores- Referencias de Formação Geral dos Cursos de Treinadores de Desporto*.
- Internacional Paralympic Committee. 23 de janeiro de 2022. Classification Model Rules for Para Sport. <https://www.paralympic.org/classification-code-compliance>
- Irwin, G., Hanton, S. & Kerwin, D. (2004). Reflective Practice e the Origins of Elite Coaching Knowledge. *Reflective Practice*, 5, 425-442. <https://doi.org/10.1080/1462394042000270718>.
- Jones, L., Armour, M., & Potrac, P. (2003). Constructing expert knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. *Sport, Education and Society*, 8, 213–229. <https://doi.org/10.1080/13573320309254>.
- Jowett, S. (2017). Coaching effectiveness: the coach–athlete relationship at its heart. *Current Opinion in Psychology*, 16, 154–158. <https://doi.org/10.1016/j.copsy.2017.05.006>.
- Jowett, S., Kanakoglou, K., & Passmore, J. (2012). The application of the 3+1Cs relationship model in executive coaching. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 64(3), 183–197. <https://doi.org/10.1037/a0030316>.
- Jowett, S., Lavalley, D. (2007). *Social Psychology in Sport*. Windsor, Ontario, Canada: Human Kinetics.
- Kennedy, R. L. & Fairbrother, J. T. (2019). An Examination of the Deliberate Practice Framework in Quad Rugby. *Frontiers in Psychology*, 10. doi:10.3389/fpsyg.2019.01734.
- Komenda, S., Springstein, T., Zrnić, I., Zeilinger, E., Franken, F. & Weber, G. (2021). Satisfaction with life in Special Olympic athletes: the role of autonomy support and basic need fulfilment. *International Journal of Developmental Disabilities*, 1–9. <https://doi.org/10.1080/20473869.2021.1917110>

- Lapresa Ajamil, D., Pascual Laguna, J., Arana, J. & Anguera, M. T. (2020). Sistema de observación para analizar la interacción en el juego de Boccia por equipos. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 20(1), 37–47. <https://doi.org/10.6018/cpd.393821>.
- Lee, J. & Porretta, A. (2013). Document analysis of sports literature for individuals with disabilities. *Perceptual and Motor Skills: Physical Development & Measurement*, 116(3), 847-858. <https://doi.org/10.2466/15.06.PMS.116.3.847-858>.
- Legg, D. (2018). Paralympic Games: History and Legacy of a Global Movement. *Physical Medicine and Rehabilitation Clinics of North America*, 29(2), 417–425. <https://doi.org/10.1016/j.pmr.2018.01.008>.
- León, G. & Montero, I. (2008). *Métodos de investigación en Psicología y Educación* (4ªed.). McGraw-Hill.
- Lonsdale, C., Hodge, K., & Rose, E. A. (2008). The Behavioral Regulation in Sport Questionnaire (BRSQ): Instrument Development and Initial Validity Evidence. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 30(3), 323–355. <https://doi.org/10.1123/jsep.30.3.323>
- Lyle, J. (2002). *Sports coaching concepts: a framework for coaches' behaviour*. Routledge.
- MacDonald, J., Beck, K., Erickson, K. & Cotê, J. (2014). Understanding Sources of Knowledge for Coaches of Athletes with Intellectual Disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 29(3), 242-249. <https://doi.org/10.1111/jar.12174>
- Maïano, C., Hue, O., Morin, A. J. S., Lepage, G., Tracey, D., & Moullec, G. (2019). Exercise interventions to improve balance for young people with intellectual disabilities: a systematic review and meta-analysis. *Developmental Medicine & Child Neurology*, 61(4), 406-418. <https://doi.org/10.1111/dmcn.14023>
- Mallett, C. J., Trudel, P., Lyle, J. & Rynne, S. B. (2009). Formal vs. Informal Coach Education. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(3), 325–364. <https://doi.org/10.1260/174795409789623883>.
- Marivoet, S. (2014). Challenge of Sport Towards Social Inclusion and Awareness-Raising Against Any Discrimination. *Physical Culture and Sport. Studies and Research*, 63(1), 3-11. <https://doi.org/10.2478/pccsr-2014-0017>
- Martin, J. e Whalen, L. (2014). Effective Practices of Coaching Disability Sport. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 7 (2), 13–23. <https://doi.org/10.5507/euj.2014.007>
- Martins Domingues, A. M., Folgado dos Santos, J., Matos Serrano, J. J., Batista, M., & Duarte Petrica, J. M. (2022). Diferencias de género en la motivación autodeterminada y el bienestar subjetivo en deportistas de deportes adaptados con dificultades intelectuales y de desarrollo Miembros de Olimpiadas Especiales and Sub. *Retos*, 44, 328-334. <https://doi.org/10.47197/retos.v44i0.88827>

- Maulik, P. K., Mascarenhas, M. N., Mathers, C. D., Dua, T., & Saxena, S. (2011). Prevalence of intellectual disability: A meta-analysis of population-based studies. *Research in Developmental Disabilities*, 32(2), 419-436. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2010.12.018>
- McMaster S., Culver D. & Werthner P. (2012) Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(2), 226-243. DOI: 10.1080/2159676X.2012.686060.
- McMaster, S., Culver, D. & Werthner P. (2012) Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(2), 226-243. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.686060>
- Mendes, J. C., Brandt, R., Carvalho, H. M., Feu, S., Ibañez, S. J., & Nascimento, J. V. (2019). Validation and reliability of a sources of knowledge scale for Brazilian coaches. *Motriz: Revista de Educação Física*, 25(3), e101913. <https://doi.org/10.1590/S1980-6574201900030013>
- Mendes, J. C., Greco, P. J., Ibañez, S. J., & Nascimento, J. V. (2021). Construcción del modelo de juego en balonmano. *Pensar En Movimiento: Revista De Ciencias Del Ejercicio Y La Salud*, 19(1), e42052. <https://doi.org/10.15517/pensarmov.v19i1.42052>
- Mendes, J. C., Milistetd, M., Ibañez, S. J., & Nascimento, J. V. (2020). [Original en Portugués] Fuentes de conocimientos de los entrenadores: estudio de caso de las selecciones brasileñas de balonmano masculino. *Pensar En Movimiento: Revista De Ciencias Del Ejercicio Y La Salud*, 18(2), e41103. <https://doi.org/10.15517/pensarmov.v18i2.41103>
- Mendes, J.C.; Vasconcelos, M. A.; Olivoto, R.R. & Nascimento, J.V. (2021b). Fontes de Conhecimentos dos Treinadores Paranaenses de Basquetebol. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 21(2), 259-269.
- Miles, M., & Huberman, M. (1994). *Qualitative data analysis: an extended sourcebook*. Michigan: Sage.
- Misasi, S. P., Morin, G. & Kwasnowski, L. (2016). Leadership: Athletes and coaches in sport. *The Sport Journal*, 22.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, G., & PRISMA Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS Medicine*, 6(7), e1000097.
- Moltó, A.G. & Ovejero Bruna, M.O. (2017). Satisfacción vital, autodeterminación y práctica deportiva en las personas con discapacidad intelectual. *Revista de Psicología Del Deporte*, 26, 13–19.
- Monteiro, D., Marinho, D., Moutão, J., Couto, N., Antunes, R., & Cid, L. (2016). Adaptation and validation of the Portuguese version of Basic Psychological Needs Exercise Scale (BPNEsp) to the sport domain and invariance across football and swimming. *Motricidade*, 12(4), 51-61. <https://doi.org/10.6063/motricidade.9372>

- Monteiro, D., Moutão, J. M., & Cid, L. (2018). Validation of the Behavioral Regulation Sport Questionnaire in Portuguese athletes. *Revista de Psicología del Deporte*, 27(1), 145–150.
- Moran, E., & Block, E. (2010). Barriers to Participation of Children with Disabilities in Youth Sports. *TEACHING Exceptional Children Plus*, 6(3), 1-13.
- Myśliwiec, A., & Damentko, M. (2015). Global Initiative of the Special Olympics Movement for People with Intellectual Disabilities. *Journal of Human Kinetics*, 45(1), 253–259. <https://doi.org/10.1515/hukin-2015-0026>
- Nações Unidas(2006). *Convention Rights of Persons with Disabilities*. United.
- Nagel, S., Schlesinger, T., Bayle, E., & Giauque, D. (2015). Professionalisation of sport federations – a multi-level framework for analysing forms, causes and consequences. *European Sport Management Quarterly*, 15(4), 407-433. <https://doi.org/10.1080/16184742.2015.1062990>
- Nanjundeswaraswamy, T.S. & Divakar, S. (2021). Determination of sample size and sampling methods in applied research. *Proceedings on Engineering Sciences*, 03, (1), 25-32. <https://doi.org/10.24874/PES03.01.003>
- Nelson, L. J., Cushion, C. J. & Potrac, P. (2006). Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 1(3), 247–259. <https://doi.org/10.1260/174795406778604627>
- Nunnally, J.C. & Bernstein, I.H. (1994) The Assessment of Reliability. *Psychometric Theory*, 3, 248-292.
- Organização Mundial de Saude (2001). *International Classification of Functioning, Disability and Health*. Geneva: World Health Organisation.
- Organização Mundial de Saúde (2015). WHO global disability action plan 2014-2021. Disponível em <https://www.who.int/publications/i/item/who-global-disability-action-plan-2014-2021>
- Pedrinelli, V. J., Rodrigues, G. M., Campos, C., de Almeida, F. R., Polito, L. F. T. & Brandão, M. R. F. (2018). A bioecological perspective of human development on autonomy of an athlete with intellectual disability. *Revista de Psicología del Deporte*, 27(4, Supp, 1), 9–14.
- Pereira, L.M. (2022). *Manual de curso de treinadores de desporto Grau II: Desporto Adaptado*. Instituto português do Desporto e Juventude, I.P.
- Pires, P.; Batista, M.; Marinho, D.A.; Antúnez, A.; Mesquita, H. & Ibáñez, S.J (2021a). Training and Profile of Special Olympics Portugal Coaches: Influence of Formal and Non-Formal Learning. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 18, 6491. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126491>.
- Pires, P.; Ramalho, A.; Antúnez, A.; Mesquita, H. & Ibáñez, S.J (2021b). Career Development of Adapted Sports Coaches Systematic Review of Qualitative Evidence Literature. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 18, 6608. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126608>.

- Ramalho A., Petrica, J., & Rosado, A. (2018a). Sedentary behaviors and psychological outcomes among older adults: a systematic review. *Motricidade*, 14 (1), 73-85. <https://doi.org/10.6063/motricidade.12223>
- Ramalho, A., Petrica, J., & Rosado, A. (2018b). Sedentary time and psychosocial dimensions in older adults: review of measurement, associations with health and determinants. *Ágora para la Educación Física y el Deporte*, 20, 162-181. <https://doi.org/10.24197/aefd.2-3.2018.162-181>
- Rangeon, S., Gilbert, W. & Bruner, M. (2012). Mapping the world of coaching science: A citation network analysis. *Journal of Coaching Education*, 5,83–108. <https://doi.org/10.1123/jce.5.1.83>
- Ravindran, V., & Shankar, S. (2015). Systematic reviews and meta-analysis demystified. *Indian Journal of Rheumatology*, 10(2), 89–94. <https://doi.org/10.1016/j.injr.2015.04.003>
- Roberton, T., Bucks, S., Skinner, C., Allison, T. & Dunlop, A. (2011). Barriers to Physical Activity in Individuals with Spinal Cord Injury: A Western Australian Study. *Australian Journal of Rehabilitation Counselling*, 17(2), 74-88. <https://doi.org/10.1375/jrc.17.2.74>
- Rodríguez de Vera, L., López Martínez, A. B. & Muria, A. (2021). Validação por expertos de uma proposta metodológica para promoção de atitudes positivas perante a deficiência em ambientes inclusivos. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 21(1), 162-178. <https://doi.org/10.6018/cpd.436261>.
- Rodríguez, P.; Muñoz, J & León, F. (2015). Deporte de orientación para personas con discapacidad intelectual. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte* 11(3), 219-217.
- Roopa, S., & Rani, M. (2012). Questionnaire Designing for a Survey. *The Journal of Indian Orthodontic Society*, 46, 273–277. <https://doi.org/10.5005/jp-journals-10021-1104>.
- Ryan, R & Deci, E. (2017). Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness. The Guilford Press. <https://doi.org/10.1521/978.14625/28806>.
- Ryan, R. & Deci, E. (2000). The “What” and “Why” of Goal Pursuits: Human Needs and the Self-Determination of Behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227-268. http://dx.doi.org/10.1207/S15327965PLI1104_01.
- Safania, A. & Mokhtari, R. (2012). Participation in sports activities in leisure time and quality of life of active and inactive disabled war veterans and disabled people. *International Research Journal of Applied and Basic Sciences*, 3(4), 859-867.
- Santos, S. (2019). *Como lidar com a Dificuldade Intelectual e Desenvolvimento*. Flora Editora.
- Saraiva, J. P., Almeida, M. R., Oliveira, C., Fernandes, R., & Cruz-Santos, A. (2013). Desporto Adaptado em Portugal: do conceito à prática. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, 18(5), 623-635.

- Saraiva, J.P., & Cruz-Santos, A. (2015). *Desporto Adaptado: Formação e Opinião dos Treinadores Portugueses. Desporto e Atividade física para Todos – Revista Científica da FPDD*, 1(1), 30-37.
- Schalock, R. L., & Verdugo, M. A. (2002). *Handbook on quality of life for human service practitioners*. DC: American Association on Mental Retardation.
- Schalock, R. L., Luckasson, R. & Tassé, M. J. (2021). *Intellectual disability: definition, diagnosis, classification, and systems of supports* (12th ed.). AAIDD.
- Scholz, J., & Chen, Y.-T. (2017). History of Adaptive and Disabled Rights within Society, Thus Creating the Fertile Soil to Grow, Adaptive Sports. *Medicine*, 3–19. doi:10.1007/978-3-319-56568-2_1.
- Serpa, S., Lacoste, P., Antunes, I; Pataco, V. e Santos, F. (1988). *Metodologia de tradução e adaptação de um teste específico de desporto - Leadership Scale For Sports*. II Simpósio Nacional de investigação em Psicologia. Lisboa.
- Shangraw, R. (2017). Supporting the Basic Psychological Needs of Athletes with Intellectual Disabilities. *Strategies*, 30(4), 28–31. doi:10.1080/08924562.2017.1320249
- Sherrill, C. (1999). Disability Sport and Classification Theory: A New Era. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 16(3), 206–215. <https://doi.org/10.1123/apaq.16.3.206>
- Shilbury, D. & Ferkins, L. (2015). Exploring the utility of collaborative governance in a national sport organization. *Journal of sport management*, 29 (4), 380–397. <https://doi.org/10.1123/jsm.2014-0139>
- Shirazipour, C. H., Evans, M. B., Caddick, N., Smith, B., Aiken, A. B., Martin Ginis, K. A., & Latimer-Cheung, A. E. (2017). Quality participation experiences in the physical activity domain: Perspectives of veterans with a physical disability. *Psychology of Sport and Exercise*, 29,40–50. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.11.007>.
- Silva, E. (2009). Da Exclusao à Inclusao: Concepcoes e Práticas. *Revista Lusófona de Educacao*, 13, 135-153.
- Silva, J.E., Rosado, A., Silva, C., e Serpa, S. (2014). Relação entre inteligência emocional, satisfação com a vida e prática desportiva. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 9, 93-109.
- Simões, C., Santos, S. & Biscaia, R. (2016). Validation of the Portuguese version of the Personal Outcomes Scale. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 16(2), 186–200. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2015.11.002>.
- Smith, R., Austin, D.R., Kennedy, D.W., Lee, Y. & Hutchison, P. (2005). *Inclusive and special recreation: Opportunities for persons with disabilities* (5th ed.). New York, NY: McGraw Hill.
- Son, S., Jeon, B., & Kim, H. (2016). Effects of a walking exercise program for obese individuals with intellectual disability staying in a residential care facility. *Journal of Physical Therapy Science*, 28, 788–793. <https://doi.org/10.1589/jpts.28.788>

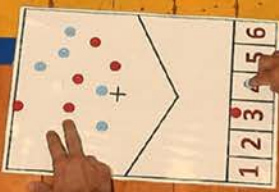
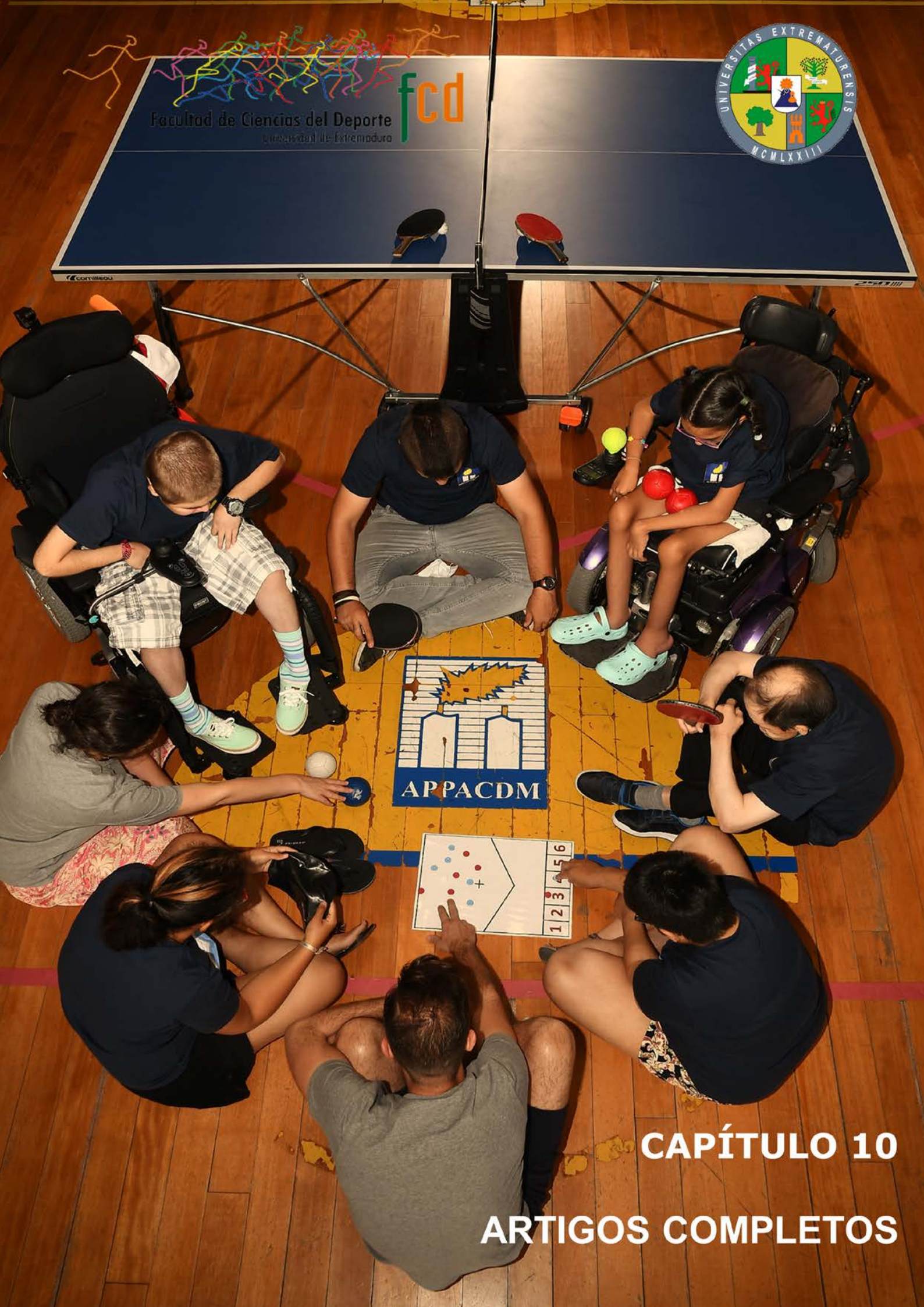
- Special Olympics (2022). <https://www.specialolympics.org>. Fevereiro 12, 2022.
- Special Olympics Annual Report. (2020). media.specialolympics.org/resources/reports/reach-reports/2020-Global-Reach-Report-Spanish-Front.jpg. Fevereiro 09, 2022.
- Special Olympics Portugal. 2 de janeiro de 2021. Special Olympics. <https://media.specialolympics.org/resources/leading-a-program/program-profiles/SOEE/Portugal-FactSheet-2020>.
- Taber, K.S. The Use of Cronbach's Alpha When Developing and Reporting Research Instruments in Science Education. *Res Sci Educ* 48, 1273–1296 (2018). <https://doi.org/10.1007/s11165-016-9602-2>
- Tawse, H., Bloom, G., Sabiston, C e Reid, G (2012). The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4, 206-225. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.685104>
- Tay, L. & Diener, E. (2011). Needs and subjective well-being around the world. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(2), 354-365. <https://doi.org/10.1037/a0023779>.
- Taylor, S., Penny, W. e Culver, D. (2014). A Case Study of a Paraspport Coach e a Life of Learning. *International Sport Coaching Journal*, 1 (3), 127-13. <https://doi.org/10.1123/iscj.2013-000>.
- Thaivalappil A., Waddell, L., Greig, J, Meldrum, R., & Young I. (2018). A systematic review and thematic synthesis of qualitative research studies on factors affecting safe food handling at retail and food service. *Food Control*, 89, 2-37. DOI: 10.1016/j.foodcont.2018.01.028.
- Thomas, J., & Harden, A. (2008). Methods for the thematic synthesis of qualitative research in systematic reviews. *BMC Medical Research Methodology*, 8, 45. <https://doi.org/10.1186/1471-2288-8-45>
- Thomas, N., & Smith, A. (2008). *Disability, Sport and Society: An Introduction* (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780203099360>
- Tint, A., Thomson, K., & Weiss, J. A. (2017). A systematic literature review of the physical and psychosocial correlates of Special Olympics participation among individuals with intellectual disability. *Journal of Intellectual Disability Research*, 61(4), 301–324. <https://doi.org/10.1111/jir.12295>.
- Tomasone, J. R., Wesch, N. N., Martin Ginis, K. A., e Noreau, L. (2013). Spinal Cord injury, physical activity, and quality of life: A systematic review. *Kinesiology Review*, 2, 113–12. <https://doi.org/10.12691/jpar-7-1-3>
- Tong, A., Flemming, K., McInnes, E., Oliver, S., & Craig, J. (2012). Enhancing transparency in reporting the synthesis of qualitative research: ENTREQ. *BMC Medical Research Methodology*, 12, 181,2-8. <https://doi.org/10.1186/1471-2288-12-181>
- Townsend, R. C., Smith, B., & Cushion, C. J. (2015). Disability sports coaching: towards a critical understanding. *Sports Coaching Review*, 4(2), 80–98. <https://doi.org/10.1080/21640629.2016.1157324>

- Triguero, D., Rubio, J., González, J., & Ibáñez, S. (2019). Physical fitness in basketball players: a systematic review. *The Journal of Sports Medicine and Physical Fitness*, 59, 1-13. <https://doi.org/10.23736/S0022-4707.19.09180-1>
- Turnnidge, J., Vierimaa, M. & Coté, J. (2012). An in-Depth Investigation of a Model Sport Program for Athletes with a Physical Disability. *Psychology*, 3, 1131-1141. <https://doi.org/10.4236/psych.2012.312A167>
- Tweedy, S. M., & Vanlandewijck, Y. C. (2009). International Paralympic Committee position stand--background and scientific principles of classification in Paralympic sport. *British Journal of Sports Medicine*, 45(4), 259–269. <https://doi.org/10.1136/bjism.2009.065060>
- United Nations.2006. *Convention on the rights of persons with disabilities*. General Assembly Resolution A/RES/61/106. United Nations
- Vallée, C. N. e Bloom, G. A. (2005). Building a successful university program: Key and common elements of expert coaches. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 179–196. <https://doi.org/10.1080/10413200591010021>
- Van Dyck, D., Mertens, L., Cardon, G., De Cocker, K., & De Bourdeaudhuij, I. (2017). Opinions toward physical activity, sedentary behavior, and interventions to stimulate active living during early retirement: A qualitative study in recently retired adults. *Journal of Aging and Physical Activity*, 25, 277–286. <https://doi.org/10.1123/japa.2015-0295>.
- Van Schijndel-Speet, M., Evenhuis, H. M., van Wijck, R., Van Empelen, P., & Echteld, M. A. (2014). Facilitators and Barriers to Physical Activity as Perceived by Older Adults with Intellectual Disability. *Intellectual and Developmental Disabilities*, 52(3), 175–186. <https://doi.org/10.1352/1934-9556-52.3.175>
- Verdugo, M. A., Gomez-Vela, M., Fernández-Pulido, R., Sánchez, E. V., Wehmeyer, M. L., Corbella, M. B., & Martín, V. G. (2013). ¿Cómo evaluar la autodeterminación? Escala ARC-INICO de evaluación de la autodeterminación. *Siglo Cero*, 44 (4), 21-39.
- Vieira, A., Dias, C., Real, N., e Fonseca, M. (2014). O conhecimento e ações do treinador em situações de competição: o estudo da percepção dos treinadores da superliga brasileira de voleibol. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 9 (2), 393-420.
- Viollet, B., Minikin, B., Scelles, N., & Ferrand, A. (2016). Perceptions of key stakeholders regarding National Federation Sport Policy: the case of the French Rugby Union. *Managing Sport and Leisure*, 21(5), 319–337. <https://doi.org/10.1080/23750472.2017.1280837>
- Vlachopoulos, S. P. & Michailidou, S. (2006). Development and Initial Validation of a Measure of Autonomy, Competence, and Relatedness in Exercise: The Basic Psychological Needs in Exercise Scale. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 10(3), 179–201. https://doi.org/10.1207/s15327841mpee1003_4.

- Wareham, Y., Burkett, B., Innes, P. e Lovell P. (2017): Coaching athletes with disability: preconceptions and reality. *Sport in Society*, 20(9), 1185-1202. <https://doi.org/10.1080/17430437.2016.1269084>
- Watson, D., Clark, L., & Tellegen, A. (1988). Development and validation of brief measures of positive and negative affect: The PANAS scale. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.54.6.1063>
- Webster, L., & Mertova, P. (2007). *Using narrative inquiry as a research method: An introduction to using critical event narrative analysis in research on learning and teaching*. Routledge.
- Weinberg, R. & McDermott, M. (2002). A comparative analysis of sport and business organizations: Factors perceived as critical for organizational success. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 282–298.
- Werner, S. (2015). Public stigma and the perception of rights: Differences between intellectual and physical disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, 38, 262-271. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2014.12.030>.
- Werthner, P. & Trudel, P. (2006). A New Theoretical Perspective for Understanding How Coaches Learn to Coach. *Sport Psychologist*, 2, 198-212. <https://doi.org/10.1123/tsp.20.2.198>.
- Wicker, P., & Breuer, C. (2014). Exploring the organizational capacity and organizational problems of disability sport clubs in Germany using matched pairs analysis. *Sport Management Review*, 17(1), 23–34. <https://doi.org/10.1016/j.smr.2013.03.005>.
- Winand, M., Qualizza, D., Vos, S., Scheerder, J., & Zintz, T. (2013). Fédérations sportives innovantes: attitude, perceptions et champions de l'innovation. *RIMHE: Revue Interdisciplinaire Management, Homme(s) & Entreprise*, 6(2), 5. <https://doi.org/10.3917/rimhe.006.0005>.
- World Health Organization.2019. Acedido a 21 de novembro de 2021 ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics. <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>
- World Health Organization.2019. Acedido a 21 de novembro de 2021 ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics. <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>

Facultad de Ciencias del Deporte
Universidad de Extremadura

fcd



CAPÍTULO 10

ARTIGOS COMPLETOS

Capítulo 10. Artigos Completos

10.1. Estudo I: Desenvolvimento da carreira dos treinadores de Desporto Adaptado: revisão sistemática de literatura de evidências qualitativas



International Journal of
*Environmental Research
and Public Health*



Review

Career Development of Adapted Sports Coaches: Systematic Review of Qualitative Evidence Literature

Pedro Pires ¹, André Ramalho ², Antonio Antúnez ^{1,*}, Helena Mesquita ^{2,3} and Sergio J. Ibáñez ¹

¹ Research Group in Optimization of Training and Sports Performance (GOERD), University of Extremadura, 10005 Cáceres, Spain; pedroruipires@gmail.com (P.P.); sibanez@unex.es (S.J.I.)

² Sport, Health & Exercise Research Unit (SHERU), Instituto Politécnico de Castelo Branco, 6000-266 Castelo Branco, Portugal; andre.ramalho@ipcb.pt (A.R.); hmesquita@ipcb.pt (H.M.)

³ Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova (CISC.NOVA), 1070-312 Lisboa, Portugal

* Correspondence: antunez@unex.es; Tel.: +34-660-522-020

Abstract: This study aims to synthesize and understand the qualitative and empirical evidence previously published on adapted sports career development. This systematic literature review also aimed at developing a conceptual model of the training and career path of adapted sports coaches. The research was carried out through the following databases: PubMed, Erid, EBSCO, Web of Science and Scopus. We selected nine qualitative studies according to the specific eligibility criteria. Data extraction was carried out independently by different authors, including the assessment of the methodological quality of the articles. We developed a conceptual model composed of four descriptive subjects (adapted sport option; perception of training athletes in adapted sports; development of the adapted sports coach's learning; adapted sports coach reality) about the adapted sports coach's pathway and added three analytical subjects about the difficulties, opportunity and reality of adapted sports. The conceptual model suggests inclusion of practical activity programs, the specificities of related contents with the adapted modalities, and observation in a real context are fundamental.

Keywords: coach; adapted sport; career development; training path



Citation: Pires, P.; Ramalho, A.; Antúnez, A.; Mesquita, H.; Ibáñez, S.J. Career Development of Adapted Sports Coaches: Systematic Review of Qualitative Evidence Literature. *Int. J. Environ. Res. Public Health* **2021**, *18*, 6608. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126608>

Academic Editors:

Rubén Trigueros-Ramos, José
M. Aguilar-Parra and José Carmelo
Adsuar Sala

Received: 1 May 2021

Accepted: 18 June 2021

Published: 19 June 2021

Publisher's Note: MDPI stays neutral with regard to jurisdictional claims in published maps and institutional affiliations.



Copyright: © 2021 by the authors. Licensee MDPI, Basel, Switzerland. This article is an open access article distributed under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution (CC BY) license (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

1. Introduction

Sports are an activity that follows a structure that is perfectly defined by technical, tactical and psychosocial rules and dimensions, where coaches play a fundamental role for athletes who view them as leaders and experts [1]. In this respect, the coach's role is to optimize and maximize the potential of the team and/or the athlete [2]. In the context of adapted sport, coaches have to adapt their knowledge and skills using a combination of innovation, intuition and creativity in order to adjust training to the specific needs of the athletes [3].

Studies carried out on coach's training have been an important ally in the dissemination of knowledge, namely what coaches need to obtain in order to effectively perform the job [4], but the limitation of investigations of primary studies and revision in the adapted sport (AS) area is evident [5].

Irwin et al. [6] defend the idea that the identification of the trainer's knowledge is the conceptual mechanism for their development and is a fundamental process in their evolution. For the trainers, the most significant sources of knowledge are practical learning (mentoring), since it helps them to reflect on the practical aspects of the job. Werthner and Trudel [7] further specify the subject matter, reinforcing the concept that studies on trainers' learning processes are fundamental elements in developing more effective work, concluding that the process is idiosyncratic, having to consider both formal and informal knowledge.

Thus Ibáñez et al. [8] stress the need for further research to delve more deeply into the theory and practice of the coach's role. In this context, identification of the knowledge of coaches [6] and their learning process [7] are paradigms which, according to the authors mentioned, lack greater scientific depth and therefore present important concerns for the production of a systematic literature review.

In view of the abovementioned arguments, this research is revealing in both formal and informal contexts. From a formal perspective, Haegele et al. [9] conducted a study on research trends in adapted physical activity between the years 2004 and 2013, where they warned that the analyzed research lacks conceptual and theoretical structures. They identified in their review that research on adapted sport was characterized by descriptive non-intervention and group-design studies. They underlined the importance of these studies, as the scope of adapted physical activity should be considered by high-impact scientific sources to proliferate knowledge in the area of adapted sports. As for the informal relevance, the study is basic for both coaches and training institutions, since it is suggested that the contents of the training courses be reformulated to include additional resources [2].

Bentzen et al. [10] conducted a comprehensive review with the aim of enhancing the advancement of knowledge in this specific area by analyzing articles published between 1991 and 2018. The main objective of the study was to provide a broad perspective on the existing literature on adapted sports coaches. This specific research was concerned with characterizing the investigative design of the studies produced within the scope of adapted sports. These authors highlighted the bias of this research, which uses interviews to obtain information, and the prevalence of male coaches. In their study they identified that the three most frequently addressed topics in these studies are becoming a parasport coach, being a parasport coach, and general parasport coaching knowledge. They found that the formal training of coaches is limited, expensive and lacks specific content for coaching in adapted sport. In addition, they considered it important to develop a conceptual model of the effectiveness of coaching in adapted sport.

Given this prerogative and as a way to obtain a holistic perspective on the coach's knowledge and relationship with the athletes, the model by Bloom et al. [11] suggests the 3 + 1 Cs [12,13], since this model allows the coach to adjust to the individual needs of the athletes. In conceptual terms, this model aims to measure the relationships between coaches and athletes on an emotional, cognitive and behavioral level. The four constructs underpinning this model are closeness, commitment, complementarity, and co-orientation [13]. Co-orientation is the factor that links the three previous constructs, as it is defined as the shared knowledge and understanding between coaches and athletes.

As far as is known, there is little research that deals specifically with the professional career of coaches working in adapted sport. Therefore, the aim was to make a systematic review to identify studies that analyze coaches in adapted sport. From this perspective, the lack of knowledge and specific training of professionals for dealing with disabled people [14,15] is an obstacle in the progression and development of the area of AS. This study aimed to synthesize and understand the qualitative and empirical evidence previously published about AS career development. In addition, this review also aimed at developing a conceptual model on the training and career path of adapted sports coaches (ASCs).

2. Method

This systematic literature review was developed from the guidelines of Enhancing Transparency in Reporting the Synthesis of Qualitative research (ENTREQ) [16]. In addition, the recommendations of Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA) [17] were also followed.

2.1. Eligibility Criteria

The following literary research strategy was used: searching for studies in different scientific databases (Pubmed, Eric, EBSCO, Web of Science, Scopus) using keywords associated with the defined eligibility criteria (sports and disability and coach). The time

period analyzed was up to February 2020. The eligibility criteria for the studies were developed from the Sample, Phenomenon of Interest, Design, Evaluation and Research type (SPIDER), especially recommended for the synthesis of qualitative evidence [18]. Thus, the systematic review obeyed the consensus regarding the research, since this procedure is used in observational studies and allows the reviewers to establish an agreement before the observation is carried out [19]. The criteria are represented in Table 1.

Table 1. Development of a Search Strategy and Selection of Eligibility Criteria Based on the SPIDER Acronym.

SPIDER	Description
Sample	Adapted Sports Coach
Phenomenon of Interest	Identify the process of the coaches' training, as well as their knowledge and skills in the exercise of their role
Design	Interpretative Studies
Evaluation	ASC Career Development, Importance of Reflection on the ASC; Perception of the Reality of AS is related to the theme of knowledge.
Research type	Qualitative

2.2. Literary Research

The following literary research strategy was used: searching for studies in different scientific databases (PubMed, Eric, EBSCO, Web of Science, Scopus) using keywords associated with the defined eligibility criteria ("coach"; "knowledge"; "adapted sport" "Parasport coach", "Para sport", "disability sport"). The keywords of the study were developed from three areas: (1) coaches or related terms; (2) knowledge of the coach, and more specifically (3) in the area of AS. The keywords used were searched for in combination with each other. In addition, the literature reference lists of selected studies were consulted for the verification of other relevant studies. Data collection took place from 16 October 2019 to 26 February 2020, including all existing documents in which the keyword combination was identified up to the closing date of the study.

2.3. Selection of Studies

The studies were inserted into the EndNote software (Thompson Reuters, San Francisco, CA, USA), and the duplicates were removed through the "duplicates" function. After this procedural phase, the studies were selected through the following stages [20]: in the first stage, two reviewers, independently, selected the studies based on their titles. In case of doubt about their relevance to the goal of the study, they were included for the next stage. In the second stage, the abstracts of the included studies were analyzed. Disagreements about the exclusion and inclusion of the studies for the subsequent phase were resolved through the mediation of a third reviewer. In the final stage, the studies were read in full by two reviewers. Discrepancies about the inclusion of studies for the synthesis of the final evidence were resolved by consensus [19] among the three reviewers who participated in the previous phases. The studies were included in the final synthesis considering the defined eligibility criteria.

2.4. Data Extraction

The data were extracted by two independent reviewers. The following categories were considered: study characteristics; design; objective; data analysis and results/conclusions. In this way, the data from the selected articles were inserted in a table prepared to summarize the obtained information [21]. In addition, the quotations from the participants that are transcribed in the selected studies were also extracted in order to establish a more general understanding of the data [22]. At this stage, the discrepancies about the extracted data were resolved through the mediation of a third reviewer.

2.5. Quality Assessment

The assessment of the methodological quality of the selected studies was carried out through The Critical Appraisal Skills Program (CASP) [23]. This instrument has 10 assessment items that are classified into: Yes; Can't tell or No. Studies have been classified as "high quality" if they meet at least 8 of the 10 criteria, "medium quality" if they meet 5–7 of the criteria, and "low quality" if they meet 4 or less. The studies were independently evaluated by three reviewers. Disagreements concerning the classification of studies were resolved by the reviewers by consensus.

2.6. Data Analysis

A thematic synthesis [24] was carried out on the data extracted from the selected studies giving origin to descriptive topics. However, the synthesis was intended to go beyond a description of the data collected. From this perspective, analytical topics were developed from the descriptive ones that allowed the construction of new interpretations regarding the development of an ASC's career, experimenting with the existing knowledge. At the formal level the thematic synthesis was developed in three phases. Peer debriefing was used to ensure the credibility of the data analysis [25]. Thus, during the investigation, periodic meetings were held with the research team to critically review the entire data analysis process. The first phase corresponded to the coding of the subjects of the studies included, independently allowing the description, synthesis and establishment of key concepts of each study. After this stage, the descriptive subjects were developed. In the first instance, the primary analysis was very close to the conclusions drawn from the studies included, so it was necessary to develop analytical subjects that allowed the goal of the study to be achieved [24]. The subjects were developed with the aim of guaranteeing their exclusivity and exhaustiveness [26]. All the procedures described above were prepared in the first instance by the first author, who made the thematic map. In a second phase, the thematic map was independently reviewed by two different reviewers and the disagreements existing in the thematic synthesis were resolved among the three reviewers by consensus [19].

3. Results

3.1. Selection Process of Studies

Figure 1 presents an overview of the study selection process using the PRISMA flowchart. The initial search identified 49 titles in the database and 13 more relevant investigations were added for the review. A total of 62 records were identified. These data were exported to the reference database management software (EndNote), and any duplicates (47 references) were automatically deleted.

The remaining 47 articles were tracked according to the title and abstract, resulting in 34 studies being deleted from the database. In the final process the articles were fully read ($n = 13$) and four studies were excluded because they did not meet the inclusion criteria.

3.2. Characteristics of Studies

Table 2 characterizes the studies included in the revision, all of them being investigations using a qualitative matrix. Most ($n = 7$) are studies of Canadian origin, except for two, one relating to the USA and one to Australia. Regarding the characteristics of the studies, due to the particularities of the topic of the revision, information can be found on sample number (n); type of coach (TC); sport category (SC) and typology of disability (TD). The sample size varies between 1 and 45. It should be noted that four studies have exclusively men (m) trainers in the group of participants, four studies have participants of both genders and only one research has only women (f) trainers. All the studies took into account the selection of elite trainers and only two grouped elite trainers with beginners. In the sports aspects, the studies focused on individual ($n = 3$) and team ($n = 5$) modalities and one of the studies did not specify the modality. The type of disability is a subject which is not very characteristic, since a large part of the studies ($n = 7$) either did not specify the

pathology or addressed more than one type of disability. The in-depth interview was the most commonly used method, based on structured and semi-structured interviews. The semi-structured interview was the most used method for data collection ($n = 5$), followed by both in-depth ($n = 2$) and structured ($n = 2$) interviews. In the analysis of the data, most investigations chose to use a thematic analysis ($n = 8$).

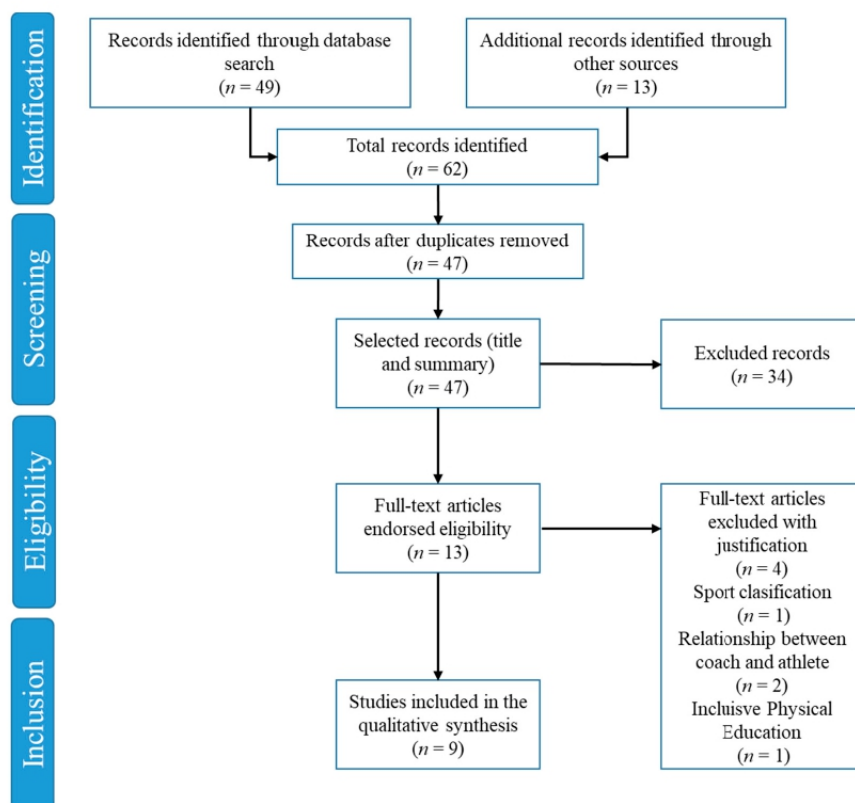


Figure 1. Study selection process using the PRISMA flowchart.

3.3. Assessment of the Study Quality

Table 3 shows the results of the paper quality coding system proposed by CASP, which is a qualitative evaluation tool. The CASP has 10 questions, which focus on each methodological aspect of the study being analyzed [23]. Each question is evaluated with a “yes” if the analyzed aspect is evident; “can’t tell” if the analyzed aspect is not clear; “no” if it is not consigned. According to this evaluation, the articles were classified as high quality when they score between 10 and 8 points, medium quality 7 to 5 points and low quality 4 to 0 points. In the present research most studies are classified [23].

3.4. Thematic Analysis

Figure 2 formally demonstrates the process of designing the thematic synthesis which comprised four topics and 12 descriptive sub-topics. Furthermore, another three analytical topics and eight analytical sub-topics were established.

Table 2. Description of the characteristics of the included studies.

Author/Reference/ Country	Design	Goal	Characteristics of the Studies	Data Collection	Data Analysis
Cregan et al. [27], Canada	Qualitative	Examining career development and knowledge of adapted swimming coaches	<i>n</i> = 6 (M) TC: Experienced SC: Individual TD: Visual and Motor	Structured Interview	Units of meaning; Identifiers (tags); Properties and Categories
Douglas et al. [28], Canada	Qualitative (Case study)	Understanding the development of the career and learning paths of the Paralympic coaches	<i>n</i> = 6 (M/F) TC: Experienced SC: Individual and Team TD: Not Specified	Semi-structured Interview	Thematic Analysis
Duarte et al. [29], Canada	Qualitative (Life stories)	Athlete's/ASC's life history	<i>n</i> = 1 (F) TC: Experienced SC: Individual TD: Visual and Motor	Rappaport Test; In-depth interview; analysis of personal documents	Thematic Analysis
Fairhurst et al. [30], Canada	Qualitative	Explore the perceptions of the Paralympic coaches about their educational and learning experiences, formal and informal.	<i>n</i> = 6 (M) TC: Experienced SC: Individual and Team TD: Not Specified	Semi-structured Interview	Thematic Analysis
MacDonald et al. [2], Canada	Qualitative	Understanding how coaches of mentally disabled athletes acquire their knowledge	<i>n</i> = 45 (F/M) TC: Experienced and Beginners SC: Not Specified TD: Intellectual	Structured Interview	Thematic Analysis
McMaster et al. [31], Canada	Qualitative	Examine the learning sources and experiences of the ASCs	<i>n</i> = 5 (M/F) TC: Experienced and Beginners SC: Individual and Team TD: Not Specified	Semi-structured Interview	Thematic Analysis
Taylor et al. [32], Canada	Qualitative (Case study)	Explore the learning evolution throughout an ASC's life course	<i>n</i> = 1 (M) TC: Experienced SC: Individual TD: Motor	In-depth interview	Thematic Analysis
Taylor et al. [33], Canada	Qualitative	Understanding through a reflective process the learning moments that helped them carry out their task	<i>n</i> = 4 (M) TC: Experienced SC: Individual and Team TD: Not Specified	Semi-structured Interview	Thematic Analysis
Wareham et al. [34], Australia	Qualitative	Holistic view of the experiences and challenges of the ASCs	<i>n</i> = 12 (M/F) TC: Experienced SC: Individual and Team TD: Motor and Visual	Semi-structured Interview	Thematic Analysis

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

Table 3. Quality Appraisal of the Included Studies.

	Aims	Method	Design	Recruitment	Data collection	Relationships	Ethical issues	Analysis	Findings	Value of Research	Rating Category Quality
Cregan et al. [27]	Yes	Can't tell	Yes	Yes	Can't tell	Yes	No	Yes	Yes	Yes	medium quality
Douglas et al. [28]	Yes	Yes	No	Yes	Can't tell	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	high quality
Duarte et al. [29]	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	high quality
Fairhurst et al. [30]	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	high quality
MacDonald et al. [2]	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	high quality
McMaster et al. [31]	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	high quality
Taylor et al. [32]	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	high quality
Taylor et al. [33]	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	high quality
Wareham et al. [34]	Yes	Can't tell	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	Yes	high quality

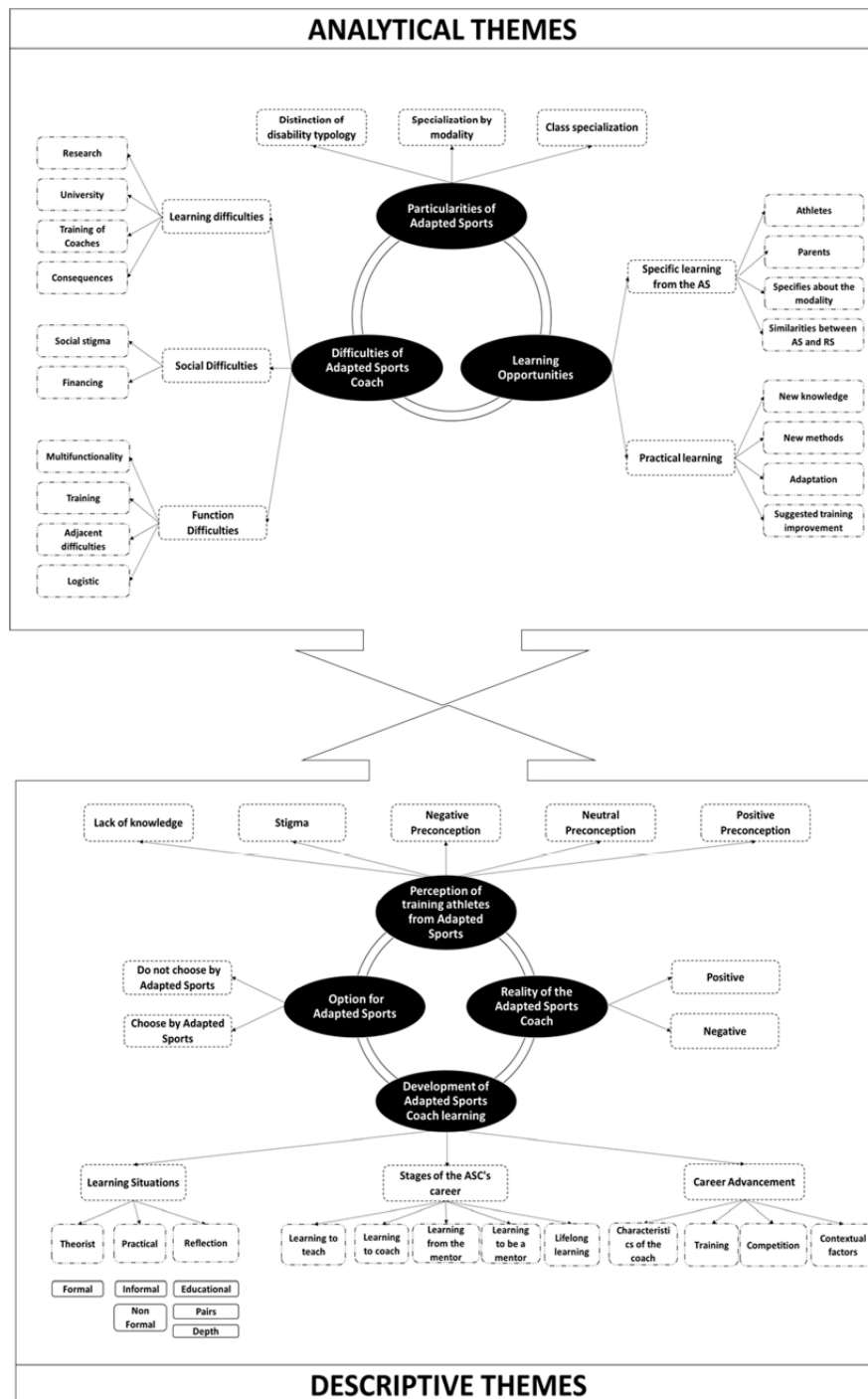


Figure 2. Conceptual Model of Career Development of Adapted Sports Coaches.

3.5. Descriptive Subjects

3.5.1. Adapted Sport Option

This subject is related to the choice and not to the AS. The coaches who make the career choice have influential factors to make this decision, namely previous experience with people with disabilities, family and/or academic experience and interest in the area. In addition to the premises mentioned, personal experiences are revealed in the choice, as they include a number of important aspects such as personal skills, having been an AS athlete, volunteer experiences in the area and experiences in overcoming barriers throughout life. The lack of option for AS is related to contextual factors and change. Contextual factors are related to the reasons why professionals have never sought this area of work, while the factor of change would imply an adaptation to a new reality. *"I don't think anybody goes out and intentionally decides they're going to become a coach for swimmers with a disability"* [27].

3.5.2. Perception of Training Athletes in Adapted Sports

Coaches who have prior knowledge of AS prefer to train in this specific area (positive bias). The selected studies refer to the neutral bias, which refers to trainers who have never thought about the AS topic, yet take on any challenge without reservation, *"Well, I kind of didn't really think about it all that much before I did it, so when you talk about reservations, I wasn't really all that conscious of them"* [34].

However, coaches do not only discriminate against positive factors in training athletes with AS, there are also several negative aspects associated with it: negative prejudice, stigma and lack of knowledge. Negative prejudice is seen as difficulties and barriers in exercising the role of the coach. Stigma is a more common phenomenon in elite coaches, since they are afraid of damaging their coaching career and also due to the fact that AS is still seen as an act of charity *"[...] the way that it was presented was that only nice people would do that. So, you know, hard-nosed, ambitious coaches weren't going to do coaching with disabilities, nice people do that"* [34]. The lack of knowledge is motivated by the lack of social interaction between people with and without disabilities, which causes a lack of knowledge about training, the morphological functioning of athletes, and difficulties in using appropriate terminology.

3.5.3. Development of the Adapted Sports Coach's Learning

This topic includes the procedural phases that the ASC goes through in the construction of learning and, consequently, the development of their career. In this context, the ASCs develop their knowledge through three paths: theoretical, practical and reflection processes. At a theoretical level, the learning is done through formal procedures. At a practical level this is associated with non-formal and informal contexts. Regarding the non-formal perspective, this is considered as a facilitator of practical learning as it is acquired through participation in congresses, training camps and internships. As for the informal perspective, it is an essential help in the training, as it comes from the learning acquired with the tutors, and in the case of AS we have to consider the knowledge acquisition of athletes, parents, a multidisciplinary team, observation of the training and game as well as the observations of other coaches. The last way corresponds to the reflection, which aggregates three aspects common to all coaches and one specific one in the case of AS. In the general perspective there is the educational reflection, which allows the integration of formal learning contexts and the adaptation to the specificity of this sports area. The reflection with the peers brings together reflective processes with all the agents of the training, namely with the other trainers and athletes, whose interaction may occur before, during and after the training, and is manifested through observation processes (verbal or non-verbal). Reflection in depth summarizes the integration of new knowledge/learning that leads to the transformation of working contexts, i.e., *"coach talked about watching, questioning and then synthesizing important data before making changes to an athlete's training program or equipment"* [33]. For the ASC, consideration should also be given to adapted thinking, which consists of integrating all learning content and adapting it to meet the specific needs of both athletes and sport.

The research included considers that there are five stages in the construction of the ASC's career, which complete their journey from the initial stage to the carrying out of the task. At the beginning of the career, it is fundamental to develop the concept of learning to teach, which includes the period of the first contact with the AS, in order to start learning to train in a 2nd stage and which corresponds to the beginning of the specification in the area of training, as well as in the choice of the modality in which you want to develop the work. In the 3rd phase concerning the learning with the mentors, field work begins, guided by trainers with more professional experience, called mentors. The 4th phase is for trainers who have already acquired enough theoretical and practical knowledge to become mentors. The last phase corresponds to the globalization of all stages of the career, allowing lifelong learning.

Career progression is made through the development of the coach in variables such as coach characteristics, training and competition, these being similar for all coaches. For the ASC, contextual factors are also essential for this whole process of evolution. The trainer's characteristics are related to basic training/experience, trainer's attributes, and training style. As far as training is concerned, it is important to consider its structure and the way in which the trainers implement the routines, how they set goals and make changes to the plan initially foreseen. During competition it is essential to analyze the key tasks that the trainer must perform before, during and after competition, always considering the particular characteristics of each athlete. Within the AS, there is still to consider the contextual aspects, which means that the reflection must include adaptive references in order to meet the needs of each athlete: *"I take a lot of time thinking about how this piece of equipment, training plan or the temperature outside is going to affect my athletes, sometimes the same, but often differently from the able-bodied program. Not better, or worse, just different"* [33].

3.5.4. Adapted Sports Coach Reality

The reality of the trainer is related to the context that the ASC faces throughout their professional career and this is marked by two poles, the positive and the negative. The positive reality is associated with two benefits: the intrinsic benefit, which corresponds to personal and professional development, and the extrinsic benefit, which highlights interpersonal relationships (parents and athletes). The negative reality comes from 4 factors, which can condition the participation of athletes with disabilities: those of a practical origin (operational and physical), those based on knowledge, psychosocial factors and those related to funding *"The lack of funding provided to athletes with a disability was a common theme reported by the coaches, and one which they felt negatively impacted their capacity to coach to the best of their ability"* [34].

3.6. Analytical Subjects

3.6.1. Difficulties of the Adapted Sports Coach

The ASC faces a series of obstacles and difficulties throughout their career: social difficulties; learning difficulties and difficulty in performing the function. As for social difficulties, these are related to stigma in choosing the area of AS, social stigma and financial issues. Stigma in choice is caused by a lack of information and knowledge about sport for disabled people, leading to misconceptions about performing the function. Social stigma arises from society's general lack of knowledge about disability, leveraged by a lack of educational investment to explain the phenomenon. Finally, funding issues are one of the main obstacles to growth and evolution, as it is deeply unbalanced when comparing AS with Regular Sport.

The learning difficulties of the ASC are a transversal obstacle at all stages of the career, since there is evident difficulty in gathering information about AS. Research on the topic of AS is scarce, which influences the creation and the production of new knowledge. On an academic level, we can find gaps in school subjects about the AS. Therefore, the selected contents only focus on generic issues and on the awareness of that reality. When it comes to the coach's training and if we take into account the program and the workload

that is dedicated to the AS subject, we can see that it is insufficient and that the specific training which tackles the adapted modalities are almost non-existent. The lack of resources previously described forces the ASC to learn through trial and error and to look for alternative sources of knowledge. Several obstacles can manifest when performing their task. In the area of AS, coaches carry out their role not only in the sport aspect, but they also have to perform their task along with handling additional issues, which are created by the lack structure of technical support. During practice there is a lack of adapted equipment, not enough available time to practice and, on many occasions, it is difficult to include athletes with and/or without disability in the same practice. When it comes to the logical aspects there are limitations regarding transportation to the competitions, the lack of access in sporting venues and in the locations for accommodation. Therefore, these aspects create fatigue and recovery time problems in athletes.

3.6.2. Learning Opportunity in Adapted Sport

AS focuses on the myriad possibilities and opportunities to obtain the essential knowledge to produce learning, since it is important for the ASC to know the global reality of the athlete. Knowing this, the articulation between the ASC and the multidisciplinary team who follows the athlete is imperative, in order to allow the coach to obtain significant information about the necessary adaptations for the benefit of the athlete. From the point of view of practical learning, this process allows the ASC to gather new knowledge, create new methodologies, and increase their ability for adaptation and creativity to meet the athletes' needs.

In AS, athletes have a crucial role in learning, since they are the ones who integrally are aware of their own functional limits. For these athletes, coaches represent great references, as sport is an ally in the changes in their lives, allowing for greater autonomy and social inclusion. The opportunities can also come from a greater interconnection between AS and Regular Sports in a way that they take full advantage of the resources of both.

3.6.3. Particularity in Adapted Sports

For the AS, specificity, particularity and adaptation are key concepts in the building of a fair and competitive environment for all participants. The ASC requires a thorough understanding of the complexity of this athletic subsystem in order to maximize the end result of their work. Therefore, each modality presents its own features in how it manages the disability typology and can also show specificities according to the athletic type.

4. Discussion

This study aimed to synthesize and understand the qualitative empirical evidence previously published regarding the career development of ASCs. Besides, the present review also had as a goal the development of a conceptual model for the training and career path of the ASC. The conceptual model was established through the production of a thematic synthesis. The descriptive topics were extracted from the results of the selected studies and establishing the analytical topics, to achieve the study goals. In formal terms, the model was conceived using four descriptive topics and 12 descriptive subtopics, three analytical topics and eight analytical subtopics in order to advance the literature related to the object of study of the present review.

The establishment of this synthesis is an important element for the conception of an efficient training model in the context of adapted sports, which would allow coaches to adapt training processes to the specific needs of their athletes [10,11].

Based on the quality of the evidence, eight studies were considered of high quality and only one of medium quality. All the studies were of a qualitative character. This investigative design can lead to conclusions based on tendentious and exaggerated interpretations [35].

The systematic review uses a strict methodology in the process, including a thorough research of the literature, applying inclusion criteria and selecting the explicitly outlined

studies. The collection of the selected studies in the investigation was elaborated through the extraction of data and their subsequent analysis, and the whole process was carried out independently by three investigators. The disagreements were worked out by consensus. Even though the strategy for the literary search was executed using a comprehensive process, we could still detect a publishing bias regarding the selected studies. In which case the research strategies could be insufficient and could also compromise the results [36]. Since all of the studies were written in English, not taking other languages into consideration, and since the sample mainly consisted of elite coaches, there could have been biased predisposition.

The discoveries made in the systematic review are aligned with many current worries in the AS area, where limitations in the scientific research are noticeable, namely about practice and the coach's role [9,37]. For the coaches who intervene in the AS area, knowledge becomes essential since they have to understand both the sport and the typology of the athlete [36], which means that, in order for the coach to adapt the process and program of the practice to the level of functionality of each individual athlete, these factors are pivotal and cannot be underrated [2]. We can conclude that the ASC faces additional challenges and obstacles. These difficulties are reflected in particular in the gathering of specific information, either on the modalities or on the understanding of the athletes' disabilities. This procedure leads to trial-and-error coaching, therefore affecting the athletes [28]. The need to improve the ASC's training is evident, especially in the development of learning situations [27,31]. The combination of the formal, non-formal and informal learning sources is fundamental for learning quality optimization [37]. It is important to note that the tutorials, which promote reflection and an exchange of experiences in pairs, are essential elements that provide the ASC with practical strategies for problem solving [6].

Bentzen et al. [10] indicated that the development of formal education for adaptive sports coaches should be based on empirical research. Furthermore, they state that scientific evidence would help the overall progress of the sport context for disabled athletes. Therefore, further research is needed to better understand the definition of coaching effectiveness in this context. This research aims to further deepen the knowledge of adapted sports coaches in order to generate a specific body of knowledge that is different from that of other coaches.

The rearrangement of the training programs in the AS area are essential so they can become effective and efficient according to the coaches' needs [38]. Regarding their training, it was suggested it should include practical activity programs, specificities of related contents with the adapted modalities, and observation in a real context [2]. In formal terms and from the academic training viewpoint, the encouragement of research that connects theory and practice is viewed as necessary for the scientific development of the area [39].

Recommendations for future research can be characterized by sectors: methodological deficits, sample characteristics and AS specificities. In relation to the methodological deficits, the inclusion and combination of various research methods were suggested. In regards to the sample characteristics, it was proven to be important to include other sport agents, political decision-makers, disabled coaches, coaches with little experience and women coaches. Lastly, regarding AS specificities, it is important to deepen knowledge of both practice and coach. This way the identification of the ASC's typology becomes essential, encompassing problematics such as planning, decisions and training, as well as the leadership method used during the process of practice.

5. Conclusions

The systematization was made operative with the results of the included studies, where it was perceptible that the path of the ASC is divided into distinct phases that integrate each other and are related to the learning progression in the professional training of the coach. The path of the ASC possesses some particularities when performing the task, making the articulation of the deepened knowledge of the disability typology and

the specific adaptations of the modalities, a key element. These suppositions become essential in matching practice to the athlete, optimizing their performance in a specific and particular context.

One of the challenges for AS is the lack of knowledge and financial investment which creates difficulty for the professionals. On the other hand, this area also involves great learning potential, since coaches have to become more creative and innovative in the performance of their task.

To summarize, it is essential to underpin the professional and learning path in the AS area with the development of scientific investigations, in order to solidify the coaches' knowledge and to allow the athletes to progress.

Author Contributions: Conceptualization, P.P., A.R., H.M., and S.J.I., Methodology, A.R., P.P., H.M., and S.J.I., Formal analysis, P.P. and A.R. Reviewers, A.R., P.P., H.M., A.A. and S.J.I., Writing—original draft preparation, P.P. and A.R. Writing—review and editing, H.M., A.A. and S.J.I. Visualization, P.P. Supervision, H.M. and S.J.I. All authors have read and agreed to the published version of the manuscript.

Funding: This study has been partially subsidized by the Aid for Research Groups (GR18170) from the Regional Government of Extremadura (Department of Employment, Companies and Innovation), with a contribution from the European Union from the European Funds for Regional Development.

Institutional Review Board Statement: Not applicable.

Informed Consent Statement: Not applicable.

Data Availability Statement: Not applicable.

Conflicts of Interest: The authors declare no conflict of interest.

References

1. Conroy, D.; Coatsworth, J. Coach training as a strategy for promoting youth social development. *Sport Psychol.* **2006**, *20*, 128–144. [\[CrossRef\]](#)
2. MacDonald, J.; Beck, K.; Erickson, K.; Coté, J. Understanding sources of knowledge for coaches of athletes with intellectual disabilities. *J. Appl. Res. Intellect. Disabil.* **2014**, *29*, 242–249. [\[CrossRef\]](#)
3. Burkett, B. Coaching athletes with a disability. In *Routledge Handbook of Sports Coaching*; Potrac, P., Gilbert, W., Denison, J., Eds.; Routledge: London, UK, 2013; pp. 196–209.
4. Cushion, C.; Armour, K.; Jones, R. Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. *Quest* **2003**, *55*, 215–230. [\[CrossRef\]](#)
5. Gamonales, J.; Muñoz, J.; León, K.; Ibáñez, S. 5-a-side football for individuals with visual impairments: A review of the literature. *Eur. J. Adapt. Phys. Act.* **2018**, *11*, 2–19. [\[CrossRef\]](#)
6. Irwin, G.; Hanton, S.; Kerwin, D. Reflective practice and the origins of elite coaching knowledge. *Reflective Pract.* **2004**, *5*, 425–442. [\[CrossRef\]](#)
7. Werthner, P.; Trudel, P. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. *Sport Psychol.* **2006**, *2*, 198–212. [\[CrossRef\]](#)
8. Ibáñez, S.; García-Rubio, J.; Antúnez, A.; Feu, S. Coaching in Spain research on the sport coach in Spain: A systematic review of doctoral theses. *Int. Sport Coach. J.* **2019**, *6*, 110–125. [\[CrossRef\]](#)
9. Haegele, J.; Lee, J.; Porrette, D. Research trends in adapted physical activity quarterly from 2004 to 2013. *Adapt. Phys. Act. Q.* **2015**, *32*, 187–206. [\[CrossRef\]](#) [\[PubMed\]](#)
10. Bentzen, M.; Alexander, D.; Bloom, G.A.; Kenttä, G. What do we know about research on parasport coaches? A scoping review. *Adapt. Phys. Act. Q.* **2020**, *38*, 109–137. [\[CrossRef\]](#)
11. Bloom, G.; Falcão, W.; Caron, J. Coaching high performance athletes: Implications for coach training. In *Positive Human Functioning from a Multidimensional Perspective*; Gómes, A., Resende, R., Albuquerque, A., Eds.; Nova Science Publishers: Hauppauge, NY, USA, 2014.
12. Jowett, S. Coaching effectiveness: The coach-athlete relationship at its heart. *Curr. Opin. Psychol.* **2017**, *16*, 154–158. [\[CrossRef\]](#)
13. Jowett, S.; Lavallee, D. *Social Psychology in Sport*; Human Kinetics: Windsor, ON, Canada, 2007.
14. Moran, E.; Block, E. Barriers to participation of children with disabilities in youth sports. *TEACHING Except. Child. Plus* **2010**, *6*, n3.
15. Robertson, T.; Bucks, S.; Skinner, C.; Allison, T.; Dunlop, A. Barriers to physical activity in individuals with spinal cord injury: A Western Australian study. *Aust. J. Rehabil. Couns.* **2011**, *17*, 74–88. [\[CrossRef\]](#)

16. Tong, A.; Flemming, K.; McInnes, E.; Oliver, S.; Craig, J. Enhancing transparency in reporting the synthesis of qualitative research: ENTREQ. *BMC Med. Res. Methodol.* **2012**, *12*, 2–8. [CrossRef] [PubMed]
17. Moher, D.; Liberati, A.; Tetzlaff, J.; Altman, G.; The PRISMA Group. Preferred reporting items for systematic reviews e meta-analyses: The PRISMA statement. *PLoS Med.* **2009**, *6*, e1000097. [CrossRef]
18. Cooke, A.; Smith, D.; Booth, A. Beyond PICO: The SPIDER tool for qualitative evidence synthesis. *Qual. Health Res.* **2012**, *22*, 1435–1443. [CrossRef]
19. Anguera, M.T. Metodología observacional. In *Metodología de la Investigación en Ciencias del Comportamiento*; Arnau, J., Anguera, M.T., Gómez-Benito, J., Eds.; Murcia Universidad: Murcia, Spain, 1990.
20. Ramalho, A.; Petrica, J.; Rosado, A. Sedentary behaviors and psychological outcomes among older adults: A systematic review. *Motricidade* **2018**, *14*, 73–85. [CrossRef]
21. Pullin, A.; Stewart, G. Guidelines for systematic review in environmental management. *Conserv. Biol.* **2006**, *20*, 1647–1656. [CrossRef] [PubMed]
22. Ramalho, A.; Petrica, J.; Rosado, A. Sedentary time and psychosocial dimensions in older adults: Review of measurement, associations with health and determinants. *Ágora Educ. Física Deporte* **2018**, *20*, 162–181. [CrossRef]
23. CASP Checklists. [internet]. UK: Critical Appraisal Skills Programme. 2021. Available online: <https://casp-uk.net/casp-tools-checklists/> (accessed on 17 March 2021).
24. Thomas, J.; Harden, A. Methods for the thematic synthesis of qualitative research in systematic reviews. *BMC Med. Res. Methodol.* **2008**, *8*, 45. [CrossRef] [PubMed]
25. Smith, B.; McGannon, K.R. Developing rigor in qualitative research: Problems and opportunities within sport and exercise psychology. *Int. Rev. Sport Exerc. Psychol.* **2018**, *11*, 101–121. [CrossRef]
26. Miles, M.; Huberman, M. *Qualitative Data Analysis: An Extended Sourcebook*; Sage: Gladwin, MI, USA, 1994.
27. Cregan, K.; Bloom, G.; Reid, G. Career evolution and knowledge of elite coaches of swimmers with a physical disability. *Res. Q. Exerc. Sport* **2007**, *78*, 339–350. [CrossRef]
28. Douglas, S.; Falcão, W.; Bloom, G. Career development and learning pathways of paralympic coaches with a disability. *Adapt. Phys. Act. Q.* **2018**, *35*, 93–110. [CrossRef]
29. Duarte, T.; Culver, D. Becoming a coach in developmental adaptive sailing: A lifelong learning perspective. *J. Appl. Sport Psychol.* **2014**, *26*, 441–456. [CrossRef]
30. Fairhurst, E.; Bloom, G.; Harvey, W. The learning and mentoring experiences of paralympic coaches. *Disabil. Health J.* **2017**, *10*, 240–246. [CrossRef]
31. McMaster, S.; Culver, D.; Werthner, P. Coaches of athletes with a physical disability: A look at their learning experiences. *Qual. Res. Sport Exerc. Health* **2012**, *4*, 226–243. [CrossRef]
32. Taylor, S.; Penny, W.; Culver, D. A case study of a parasport coach and a life of learning. *Int. Sport Coach. J.* **2014**, *1*, 127–138. [CrossRef]
33. Taylor, S.; Werthner, P.; Culver, D.; Callary, B. The importance of reflection for coaches in parasport. *Reflective Pract. Int. Multidiscip. Perspect.* **2015**, *16*, 269–284. [CrossRef]
34. Wareham, Y.; Burkett, B.; Innes, P.; Lovell, G.P. Coaching athletes with disability: Preconceptions and reality. *Sport Soc.* **2017**, *20*, 1185–1202. [CrossRef]
35. Webster, L.; Mertova, P. *Using Narrative Inquiry as a Research Method: An Introduction to Using Critical Event Narrative Analysis in Research on Learning and Teaching*; Routledge: London, UK, 2007.
36. Dixon-Woods, M.; Shaw, R.L.; Agarwal, S.; Smith, J.A. The problem of appraising qualitative research. *Qual. Saf. Health Care* **2004**, *13*, 223–225. [CrossRef]
37. Martin, J.; Whalen, L. Effective practices of coaching disability sport. *Eur. J. Adapt. Phys. Act.* **2014**, *7*, 13–23. [CrossRef]
38. Feu, S.; García-Rubio, J.; Antúnez, A.; Ibáñez, S. Coaching and coach education in Spain: A critical analysis of legislative evolution. *Int. Sport Coach. J.* **2018**, *5*, 281–292. [CrossRef]
39. Robert, T.; Brett, S.; Cushion, C. Disability sports coaching: Towards a critical understanding. *Sports Coach. Rev.* **2015**, *4*, 80–98.

10.2. Estudo II: Formação e perfil dos treinadores de atletas com Deficiência Intelectual: Influência da Formação Formal e Não formal



Article

Training and Profile of Special Olympics Portugal Coaches: Influence of Formal and Non-Formal Learning

Pedro Pires ¹, Marco Batista ², Daniel A. Marinho ³, Antonio Antúñez ^{1,*}, Helena Mesquita ^{2,4} and Sergio J. Ibáñez ¹

- ¹ Research Group in Optimization of Training and Sports Performance (GOERD), University of Extremadura, 10003 Cáceres, Spain; pedroruipires@gmail.com (P.P.); sibanez@unex.es (S.J.I.)
² Sport, Health & Exercise Research Unit (SHERU), Instituto Politécnico de Castelo Branco, 6000-266 Castelo Branco, Portugal; marco.batista@ipcb.pt (M.B.); hmesquita@ipcb.pt (H.M.)
³ Research Center in Sports Sciences, Health Sciences and Human Development (CIDESD), Universidade da Beira Interior, 6201-001 Covilhã, Portugal; dmarinho@ubi.pt
⁴ Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova (CISC.NOVA), 1070-312 Lisboa, Portugal
* Correspondence: antunez@unex.es; Tel.: +34-660-522-020



Citation: Pires, P.; Batista, M.; Marinho, D.A.; Antúñez, A.; Mesquita, H.; Ibáñez, S.J. Training and Profile of Special Olympics Portugal Coaches: Influence of Formal and Non-Formal Learning. *Int. J. Environ. Res. Public Health* **2021**, *18*, 6491. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126491>

Academic Editors:

Rubén Trigueros-Ramos, José M. Aguilar-Parra and Paul B. Tchounwou

Received: 11 May 2021

Accepted: 13 June 2021

Published: 16 June 2021

Publisher's Note: MDPI stays neutral with regard to jurisdictional claims in published maps and institutional affiliations.



Copyright: © 2021 by the authors. Licensee MDPI, Basel, Switzerland. This article is an open access article distributed under the terms and conditions of the Creative Commons Attribution (CC BY) license (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>).

Abstract: Since coaches play an important role in the development of athletes, the process and mechanisms used by Special Olympics Portugal to develop coaches' skills are worthy of research. In this context, the study aims to identify the training paths and profiles of the Special Olympics Portugal coach. It also aims to analyze the relationship between formal and non-formal learning in the profile and training of this type of coach. The research is descriptive and transversal regarding Special Olympics Portugal coaches, with the participation of 50 subjects. Two questionnaires were used, the Coaches' Training Profile Questionnaire to determine the training routes, and the Coaches' Orientation Questionnaire. The results show that the Special Olympics Portugal coaches have an academic background and a somewhat critical profile. It is imperative to build formal and non-formal learning contexts that focus on the theme of adapted sports, in order to allow the training of more qualified coaches, who are consequently more effective in their interventions with this type of athlete.

Keywords: learning development; coaches; adapted sport; intellectual disability

1. Introduction

The professional development of coaches is one of the most important topics in studies focusing on training [1]. However, research on the role of the trainer is weak regarding the interconnection between theory and practice since conceptual procedures in training are still insufficient [2]. There is little research that identifies the profiles of coaches and the variables that condition their professional intervention [3]. In the case of adapted sports (AS), the need becomes more visible, as issues exploring the coach training and training processes in adapted sport are almost non-existent [4]. In Portugal, Special Olympics Portugal is one of the main national organisations for the development of sport for athletes with intellectual disabilities. Since coaches play an important role in the development of athletes, the process and mechanisms used by Special Olympics to develop the skills of the coach are worthy of research [4,5]. Coaches are the directors of the training process, leading the athletes' learning. This fact is even more relevant with adapted sports athletes who require more help and supervision.

Within this context, Bentzen et al. [6] conducted a scoping review with the purpose of analyzing the scientific literature on adapted sports coaches between 1991 and 2018. These authors concluded that only 28.2% of the studies were of a quantitative nature, thus recommending the use of this investigative design in future research. These authors consider the research on coaches of athletes with intellectual disabilities relevant, due to the specificities of this type of disability.

Research on training programs for coaches of adapted sport has identified that these programs are not adapted to the specific needs of these coaches and athletes, as they are modeled on those designed for normative sport [3,7,8]. The profiles that coaches can adopt are conditioned by the training they undertake (formal and non-formal) [9]. Coaches use different learning pathways to train, which are very heterogeneous and conditioned by the legislation of each country [10]. On the one hand, coaches undergo formal initial training in order to have the professional training to be able to intervene. This initial training is carried out in coaching courses or university training. On the other hand, the continuing education of coaches can be formal (courses, congresses, clinics, continuing education classes, as an assistant to another coach, etc.), or non-formal (communities of practice, peer-to-peer exchange, reading of bibliographies, reflection on actions, observation of other coaches, etc.). Furthermore, the coach's intervention is conditioned by the coach's implicit theories, as well as his or her previous experience as a player and coach.

There is a need for research on the profiles of adapted sport coaches, as well as their training, not only because of the lack of research on the subject, but also because of the need to understand the learning contexts of these coaches in order to analyze their formal and non-formal learning paths. A lack of specific learning resources and gaps in the training pathway for adaptive sport coaches with little formal training have been identified. Therefore, coaches resort to acquiring their knowledge through non-formal, non-institutional channels, through peer exchange [8,11,12].

In addition, adapted sport coaches work with a population of athletes with special characteristics that condition their professional intervention. Different stressors that may be experienced by staff working with people with intellectual disabilities have been identified [13]. These factors should be taken into account when analyzing this population of coaches, as they can condition their intervention.

In this context, formal training is an activity that requires admission guidelines, compulsory attendance, and standardized curricula that culminates in certification [14]. Non-formal learning training is a systematic educational activity, carried out outside the formal learning framework [14]. Nelson et al. [14] mentioned that although there are similarities between the two types of learning, non-formal learning training is typically developed in a short period of time on a specific area of knowledge. It should be noted that in the context of AS, research exploring Special Olympics coaches is limited [5], as research focuses more on athletes than on coaches. Coach education is the sum of formal and non-formal learning and experiences as a player and coach, therefore being a complex and holistic process.

Based on the theoretical construct on coach profiles [15] and the variables that affect the establishment of coach profiles [16], Feu et al. [17,18] propose that the coach's profile be evaluated from a multidimensional perspective, considering the knowledge and skills used by the coaches themselves [9–19]. These tools have been used in standardized sport to identify the relationships between coach profiles, decision style, planning style and training profiles [20,21], but they have not yet been explored in adapted sport. Burkett [22] states that technical and sports sources that are available on the subject of training and coaching tend to be designed by specialists or academics to meet their own needs, are not accessible to coaches of adapted sports, and are often not suitable to fill gaps in knowledge for the professionals. Identifying the existing relationships between the profiles of adapted sports coaches and the training profiles will provide knowledge about this professional reality.

This study aims to identify the training routes and profile of the Special Olympics Portugal Coach (SOPC). In addition to the above, it also aims to examine the relationship between formal and non-formal learning training in the SOPC's training and profile, as well as to analyse the correlations between the profile and the training.

2. Materials and Methods

The research is descriptive and transversal regarding the Special Olympics Portugal Coaches, with the participation of 50 participants. The data were collected through a

questionnaire survey with a convenience sample [23]. All the study procedures were approved by the University's bioethics board before the study began.

2.1. Sample

15 women and 35 men participated, with an average age of 40.22 years and 5.06 years of average experience in coaching adapted sports. According to a source from Special Olympics International, 221 coaches are registered in Portugal. In this context, the margin of error of the study sample is 12.22% within a 95% confidence level.

2.2. Instrument

To identify the training routes, we used the Coaches' Training Profile Questionnaire (QPFT) which is composed of 15 items, divided into five categories, and establishes three sources of theoretical knowledge: Academic Training; Professional Experience and Athlete Experience [16]. The Coaches' Orientation Questionnaire (COQ) was used to determine the trainer's profile. This instrument is made up of 46 items corresponding to six coach profiles: Critical; Dialoguing; Technological; Innovative; Traditional; and Collaborative [15,17]. Both instruments are composed of a Likert scale of 11 with fractions of 10 in 10 points (0 = totally in disagreement and 100 = totally in agreement).

2.3. Variables

The training actions performed by the coaches were categorized as independent variables. Formal and non-formal training were defined as variables. Different categories were established for each of them (Table 1).

Table 1. Categorization of formal and non-formal learning training variables.

Variables	Categorisation	N	%
Formal Learning	Physical Education and Sport Sciences (PE/SS)	36	72
	Disability Training (DT)	8	16
	Technical Training (TT)	6	12
Non-formal Learning	1 training action	3	6
	2 and 3 training actions	21	42
	4 and 5 training actions	10	20
	6 and 7 training actions	8	16
	+7 training actions	2	4
	None	6	12

In this context, Gilbert et al. [24] suggest empirically investigating the formal training path and areas of expertise, referring to them as a contribution to the overall process of coach development. The non-formal learning training variable was categorized by the number of actions attended in the last three years, this being the time period established in the Portuguese Republic's daily newspaper through ordinance 141/2020 (Office No. 141/2020 of the Ministry of Education and Science, Diário da República, 115, June 16, 2020), for the renewal of the coach's license. This categorization supports the need to strengthen and specify this type of training [16], given that in the adapted sport area these learning moments are very scarce [3]. The dependent variables in the study were defined through the data collection instrument used in the study (Table 2), which were drawn up in accordance with the theoretical framework developed by Ibáñez [15,16,25] and refined by Feu et al. [12–14].

Table 2. Definitions of the trainer models: Training and Profile (Adapted from Ibáñez [15,16]).

	Dimension	Definition
Training	Academic Training	Coaches whose knowledge is acquired in training institutions, and their experience in the sports field comes fundamentally from the study of training.
	Professional Experience	Coaches who train themselves by researching, innovating, and applying theories formulated by themselves.
	Athlete Experience	Coaches who have been players, i.e., a recycled player. They tend to reproduce the models and attitudes they have experienced as players, selecting the most striking ones.
Profile	Traditional Coach	Coaches who transmit, as a priority, models of recognised effectiveness, through a directive style of teaching. They prefer a serious and tense training atmosphere where the players know what they must do, and their assistants follow their instructions.
	Technological Coach	Coaches who base their actions on the study and control of the factors that influence their sport. They need their technical assistants to be experts in measuring and analysing these factors and their players must be willing to cooperate.
	Innovative Coach	Coaches characterised by innovative training strategies and elements. They experiment and introduce changes to seek greater effectiveness and prefer their technical assistants to suggest innovations to improve training. Players are sometimes confused by so many changes.
	Collaborative Coach	Coaches who prefer to delegate functions to specialist employees in different facets, because it is difficult for them to be an expert in all facets of training. They maintain a climate of trust with the players and the assistants, who are often the intermediaries between the head coach and the player.
	Dialoguing Coach	Coaches who try to control through dialogue all the elements surrounding the training, media, management, technical assistants, and players to convince them of the work being done, thus promoting a good training climate.
	Critical Coach	Coaches who analyse, reflect on, and criticise the training process they are developing and are therefore not conformists. This premise leads them to create a tense climate in their work.

2.4. Procedure

All study procedures were approved by the University's bioethics board before the start (ref number 238/2019). The recruitment of participants was carried out using multiple methods. After analysing the timetable of the Special Olympics Portugal (SOP) events, a selection was made of events with a national scope, which included several sports in the programme and lasted more than one day.

In this way, permission was requested from the SOP to distribute the research material in person at the events selected according to the established criteria. At the beginning of

the event, all the coaches were contacted personally and if they agreed to participate in the study, they were provided with all the study materials (letter of presentation of the study, informed consent, and survey questionnaire). The coaches had the entire event to choose the time of completion and the researchers were present to clarify any procedure. Before the end of the events, the participating coaches handed in the questionnaires. It should be noted that the face-to-face survey option was carried out before the pandemic context emerged.

To include more coaches, and after the face-to-face process, an online version of the survey by questionnaire was made available. In this way, SOP was asked to collaborate in sending an e-mail to all coaches requesting their participation in the study, as well as all research materials. It should be noted that the coaches who filled in the questionnaire at the events in person were excluded from the online process.

2.5. Statistical Analysis

An internal consistency analysis of the QPFT and COQ scales was performed using Cronbach's alpha coefficient, which obtained an optimum reliability with the value $\alpha > 0.70$ [26,27]. In the initial phase, the first exploration of the data was carried out using the central tendency measures and the Kolmogorov–Smirnov normality test. The extrapolation of the results was carried out using the data obtained through descriptive statistics. After verifying that the data revealed a normal distribution, the analysis of the variance (ANOVA) was carried out between the profile and the training of the coach with the variables formal training and non-formal learning training. η^2 was used to analyze the effect of the ANOVA size index, these being classified as: no effect if $0 < \eta^2 \leq 0.04$; minimum if $0.04 < \eta^2 \leq 0.25$; moderate if $0.25 < \eta^2 \leq 0.64$; and strong if $\eta^2 > 0.64$ [28].

The degree of correlation between profile and SOPC training was ascertained using Pearson's correlation coefficient. The relationships were classified as follows: 0 = no correlation, $0 < |r| < 0.2$ = very weak correlation, $0.2 \leq |r| < 0.4$ = weak correlation, $0.4 \leq |r| < 0.6$ = moderate correlation, $0.6 \leq |r| < 0.8$ = strong correlation, $0.8 \leq |r| < 1$ = very strong correlation, and 1 = perfect correlation [29].

Finally, it is essential to mention that the (chi-square) dependence between formal and non-formal learning training was evaluated using a convergence table, finding that the variables under analysis have a strong association ($p \leq 0.001$), proving to be good indicators for evaluating the formative paths of SOPCs.

3. Results

In the descriptive statistics of QPFT, the SOPCs had higher average values in academic training ($M = 79.64 \pm \sigma = 12.97$), followed by professional experience ($M = 71.52 \pm \sigma = 19.34$) and lastly from athlete experience ($M = 65.04 \pm \sigma = 13.56$). In the COQ, coaches demonstrated a predominance of critical ($M = 83.55 \pm \sigma = 8.68$), innovative ($M = 82.98 \pm \sigma = 9.15$) and dialoguing ($M = 80.83 \pm \sigma = 10.36$) profiles. The technological ($M = 76.73 \pm \sigma = 12.18$), collaborative ($M = 76.34 \pm \sigma = 13.39$) and traditional ($M = 74.63 \pm \sigma = 11.98$) profiles received the lowest scores.

Figure 1 describes the average values between the training and profile variables and the specified formal SOPC training.

Figure 2 shows the mean values and standard deviation of the results of the training variable and the profile of the SOPC in non-formal learning activities.

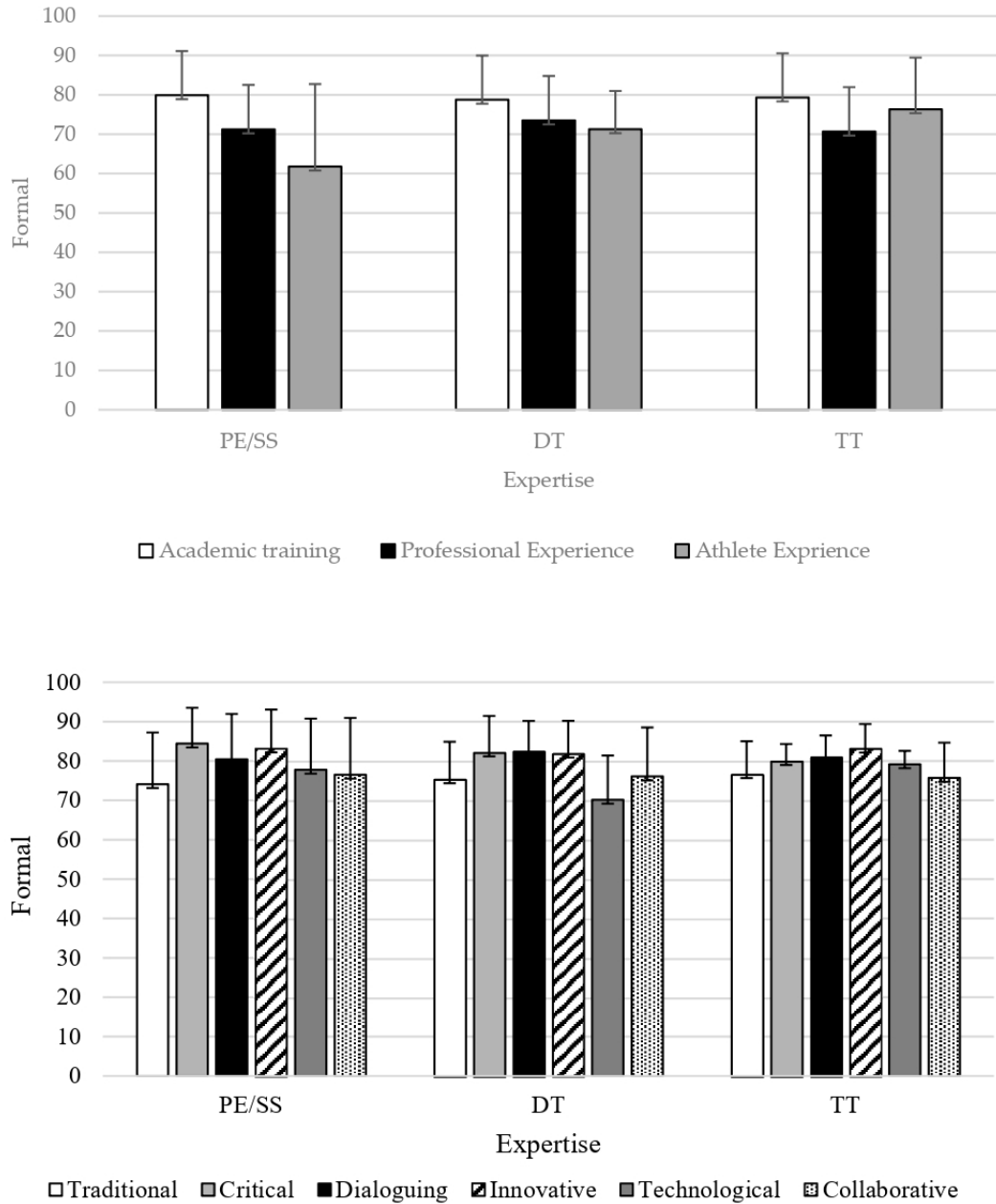


Figure 1. Descriptive statistics of the relationship between the training and profile of SOPC and formal learning.

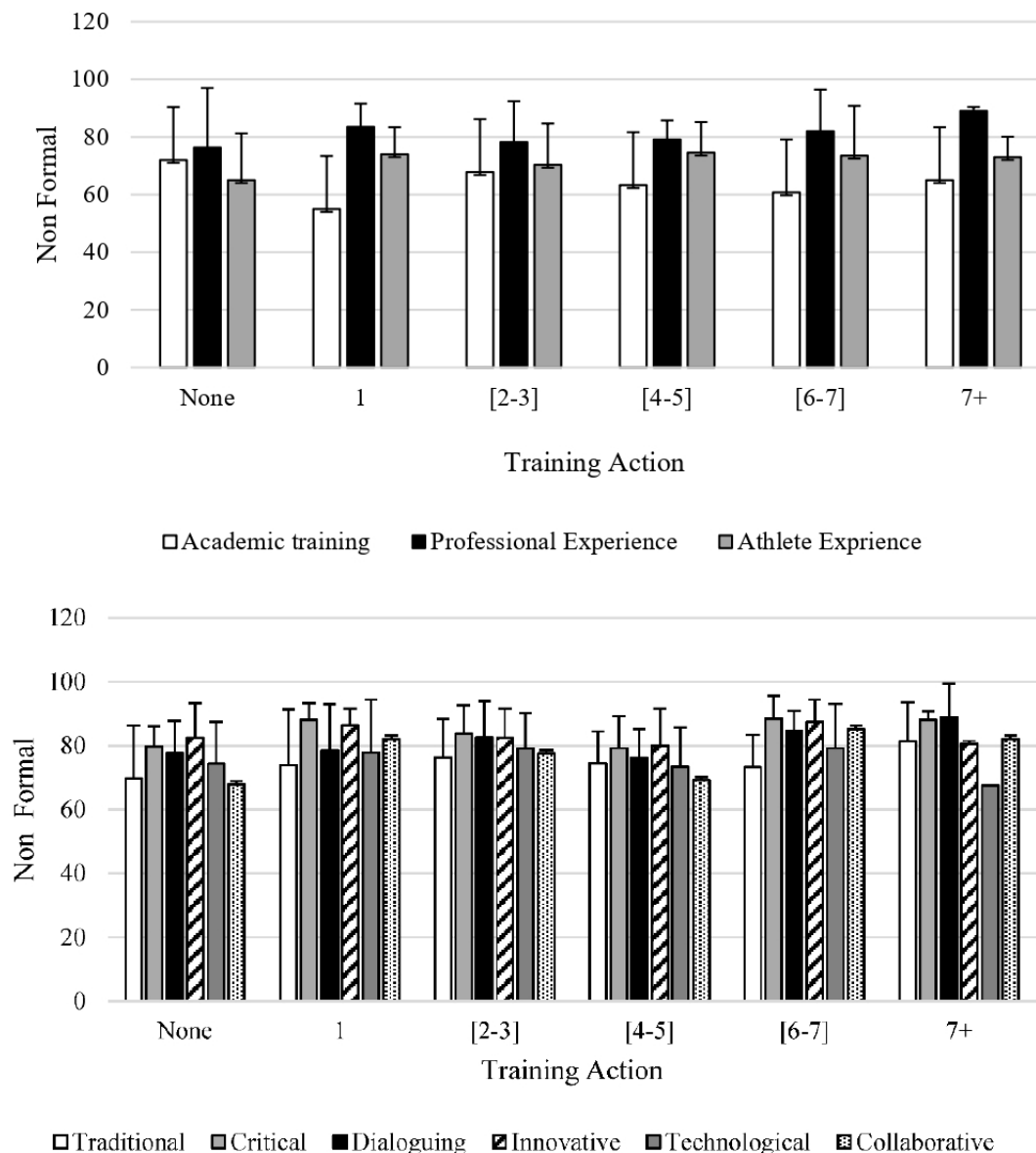


Figure 2. Descriptive statistics of the relationship between training and profile of SOPC and non-formal learning training.

Figure 3 shows the relationships between the SOPC training and the SOPC profile. Initially, a bivariate analysis was carried out in order to determine the relationship between the variables. In this context, we used the Pearson coefficient to analyze the intensity between the training and coach profile variables and to determine the significance of the correlations between them. In the analysis of the results, only positive correlations were revealed, with two types of significance: weak positive and moderate positive [29].

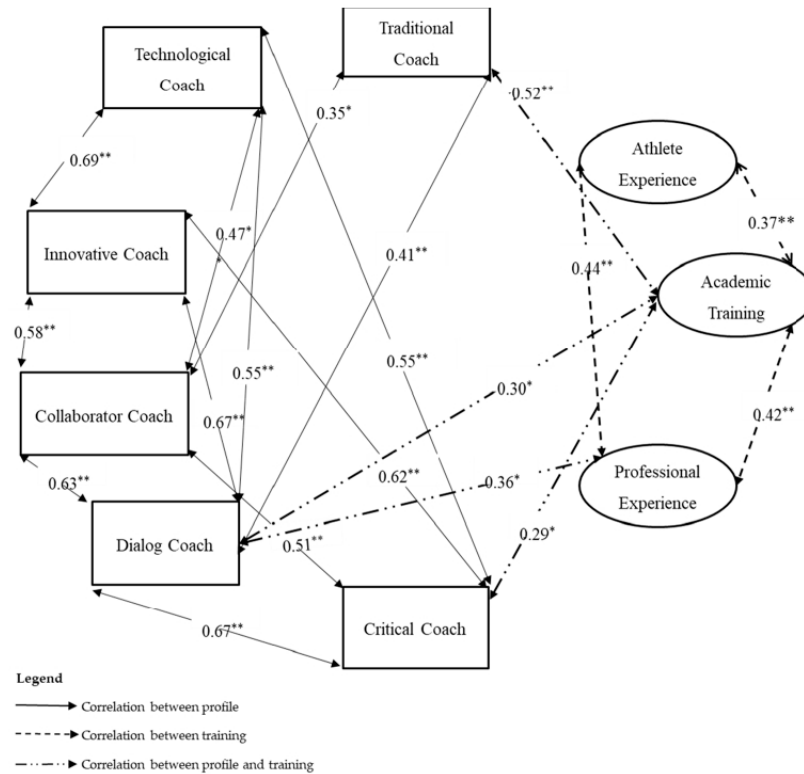


Figure 3. Correlations between the profile variables and SOPC training. * $p < 0.005$; ** $p < 0.001$.

Table 3 shows the analysis of variance (ANOVA) and η^2 for the analysis carried out by comparing the profile and SOPC training with its formal and non-formal learning training.

Table 3. Results of the analysis of the differences between training and SOPC profiles.

		Formal Learning			Non-Formal Learning		
		F	p	η^2	F	p	η^2
Training	Athlete Experience	2.03	0.14	0.29	0.52	0.76	0.15
	Academic Training	0.03	0.97	0.11	0.43	0.82	0.13
	Professional Experience	0.10	0.90	0.19	0.46	0.81	0.14
Profile	Traditional Coach	0.13	0.88	0.07	0.40	0.85	0.12
	Critical Coach	0.46	0.46	0.14	1.15	0.15	0.22
	Dialoguing Coach	0.88	0.88	0.19	0.33	0.33	0.12
	Innovative Coach	0.94	0.94	0.20	0.75	0.59	0.18
	Technological Coach	0.25	0.25	0.10	0.65	0.67	0.17
	Collaborative Coach	0.99	0.99	0.20	2.34	0.06	0.31

Within each group of coaches defined by their training and profile, there are no differences in the formal and non-formal training activities carried out.

4. Discussion

The study aimed to identify the training routes and the profile of the Special Olympics Portugal Coach. In addition to the above, it was also intended to examine the relationship between formal and non-formal learning training in the SOPC’s training and profile, as well as to analyze the existing correlations between the profile and the training.

The results show that SOPCs tend to have academic experience, followed by professional and athlete experience. The coaches have mixed profiles, where the critical, innovative, and dialoguing profiles predominate.

These results are corroborated in the research by Feu et al. [17], who state that the more knowledge and academic influence coaches have, the less confidence they have in their training due to their athlete experience. However, in adapted sport, coaches with disabilities are scarce, so few of them have experience as players in the sport [30,31]. The research mentioned above considers that experience as a player in the field of disability increases their knowledge, experience, and effectiveness as coaches of adapted sport. The critical profile has the highest average value. Research also indicates that this is a predictable outcome as there are few learning contexts in the area of adapted sport [12].

In formal training, no statistically significant differences in SOPCs are identified. Despite this, there is a tendency for adapted sport coaches to define themselves as more dialogic and less technological. In addition, coaches with a Physical Education and Sport Sciences background are identified as having a more critical and less traditional profile, while coaches with a technical background are more innovative and less collaborative. These trends provide novel information about the self-defined profile of SOPCs. Regarding training, the coaches have higher average values in academic training and less in training as athlete experience. In the study carried out by Fraile et al. [32] who analyzed the profile of school sports coaches from Portugal, France, Italy and Spain, the results found are in agreement with those of our research. It is identified that there are no pure coach profiles. As in adapted sports, coaches define themselves and they consider that it is better for their professional intervention to adopt more dialogic profiles, with reflective attitudes and willingness to innovate in the training process. Training with young athletes and adaptive athletes may require a greater mastery of these skills than others. Thus, the results of this research confirm that the profiles with the greatest prevalence are dialoguing, followed by critical and innovative profiles. On the other hand, the collaborative, traditional and technological profiles are the ones with the lowest average scores. The characteristics and needs of adapted athletes may require less mastery of technological skills, the adoption of a traditional profile or the delegation of skills, as training is highly personalized. In other research, mixed profiles are identified [17]; in addition, trainers define themselves on more occasions as dialoguers, critics, and innovators, and on fewer occasions as collaborators, traditional and technological.

Regarding non-formal learning, all coaches, regardless of their profile and training, have carried out at least one training activity in the last 3 years, except for the athlete experience coach profile, who, on average, have carried out more non-formal training activities. Particularly in AS, coaches carry out non-formal learning actions due to the lack of formal education actions specific to adapted sports [7–11,33]. Indeed, Fairhurst et al. [12] find that training opportunities in the context of AS are almost non-existent compared to regular sport. This premise leads coaches to look for alternative sources of knowledge, which consequently provide learning that tends to be acquired through trial and error [12].

Regarding the correlations between the profile and the SOPC training, we find that they are all a positive typology. It can be seen that the dialoguing profile relates to all other profiles and training, with the exception of training as an athlete experience. In addition, it should be noted that the critical profile has correlations with four dimensions of the profile and one of the training, and the innovative profile has four exclusive correlations with the dimensions of the profile. The coaches have mixed profiles [34,35], facilitating the assistance and understanding of the specific needs of athletes with disabilities [8]. Academic training allows the adoption of specific coach profiles, such as traditional, dialogic, and critical. The knowledge acquired in academic institutions facilitates reflection and dialogue between the coach and the athletes. This capacity for dialogue is also possessed by professional experience coaches. In training with children, coaches with academic training are more effective as they can use a greater range of resources and skills [36].

The results have highlighted the importance of academic training to adopt a specific set of coach profiles working with adapted athletes. From this perspective, it is necessary for researchers, educators, and coaches to critically examine the assumptions about the training of disabled athletes and the implications for coach learning, education, and practice [3]. It is necessary to analyze the training programs with which these coaches are trained, allowing them to develop the specific competencies demanded by these athletes. Thus, for coaches who work with disabled athletes, knowledge and know-how become essential, as they have the dual function of understanding sport and athlete typology [7]. There is a clear need to improve the training of SOPCs, especially in the development of learning situations [8,11]. However, there is also a need to place greater demands and challenges in the guidelines for the training of coaches of adapted sport, in order to understand and establish new suggestions for future training in this area [12].

The stress endured by the coach of disabled athletes is a factor that conditions their professional intervention [13]. Coaches should be offered activities that allow them to be trained to better cope with these stressful situations, both within formal and non-formal training.

From this perspective, it is important to understand the reality of the SOPCs in greater depth and the overall context by including non-formal learning and reflection in future studies. In addition, it would be interesting to carry out the same study with other types of disability, as well as to analyze the decision and planning styles of the coaches. Furthermore, in future studies with coaches of adapted sports, the stress variable should be included as a contrast to their intervention.

5. Conclusions

The results reveal that the SOPCs have mixed profiles, where the critical, innovative, and dialoguing profiles predominate. This situation implies that the coaches in this area are more reflective, needing the discourse to work with the athletes and look for new solutions in order to adapt the training to the effective needs of the athletes.

In the training parameter, all coaches use academic training as the most recurrent source. This can be explained by the fact that most coaches have formal training with the completion of a higher education. However, few coaches have specific knowledge in the area of disability. It is therefore necessary to reinforce the need for both formal and non-formal learning covering both areas. It should be noted that there should be a concern to train the players in adapted sport, since there are few coaches with disabilities. This premise is essential, as experienced players are proving to be an important source of learning, which is being wasted due to the lack of formative importance accorded it.

This study confirms that coaches seek non-formal learning contexts, reinforcing their need to obtain information for the development of their skills. In short, it is important to highlight the urgent need of constructing formal and non-formal learning contexts that focus on the theme of adapted sports. This would allow a more qualified training of coaches, and consequently the presence of more effective coaches in their interventions with this type of athlete.

Author Contributions: Conceptualisation, P.P., H.M., and S.J.I.; Methodology, P.P., D.A.M., M.B., H.M., and S.J.I.; Formal analysis, M.B., P.P. and D.A.M.; Reviewers, P.P., M.B., H.M., A.A. and S.J.I.; Writing—original draft preparation, P.P. and D.A.M.; Writing—review and editing, H.M., A.A. and S.J.I.; Visualisation, P.P. and A.A.; Supervision, D.A.M., H.M. and S.J.I. All authors have read and agreed to the published version of the manuscript.

Funding: This study has been partially subsidised by the Aid for Research Groups (GR18170) from the Regional Government of Extremadura (Department of Employment, Companies and Innovation), with a contribution from the European Union, from the European Funds for Regional Development.

Institutional Review Board Statement: The study was conducted according to the guidelines of the Declaration of Helsinki, and approved by the Ethics Committee of University of Extremadura (ref number 238/2019).

Informed Consent Statement: Informed consent was obtained from all subjects involved in the study.

Data Availability Statement: Not applicable.

Acknowledgments: The authors would like to thank the SOPC trainers for their participation in this research.

Conflicts of Interest: The authors declare no conflict of interest.

References

1. Gilbert, W.D.; Trudel, P. Analysis of Coaching Science Research Published from 1970–2001. *Res. Q. Exerc. Sport* **2004**, *75*, 388–399. [[CrossRef](#)]
2. Lyle, J. *Sports Coaching Concepts: A Framework for Coaches' Behavior*; Routledge: London, UK, 2002.
3. Ibáñez, S.J.; García-Rubio, J.; Antúnez, A.; Feu, S. Coaching in Spain Research on the Sport Coach in Spain: A Systematic Review of Doctoral Theses. *Int. Sport Coach. J.* **2019**, *6*, 110–125. [[CrossRef](#)]
4. Townsend, R.C.; Smith, B.M.; Cushion, C.J. Disability sports coaching: Towards a critical understanding. *Sports Coach. Rev.* **2015**, *4*, 80–98. [[CrossRef](#)]
5. Macdonald, D.J.; Beck, K.; Erickson, K.; Côté, J. Understanding Sources of Knowledge for Coaches of Athletes with Intellectual Disabilities. *J. Appl. Res. Intellect. Disabil.* **2015**, *29*, 242–249. [[CrossRef](#)] [[PubMed](#)]
6. Bentzen, M.; Alexander, D.; Bloom, G.A.; Kenttä, G. What Do We Know About Research on Paraspport Coaches? A Scoping Review. *Adapt. Phys. Act. Q.* **2021**, *38*, 109–137. [[CrossRef](#)]
7. Martín, J.J.; Whalen, L. Effective practices of coaching disability sport. *Eur. J. Adapt. Phys. Act.* **2014**, *7*, 13–23. [[CrossRef](#)]
8. Cregan, K.; Bloom, G.A.; Reid, G. Career Evolution and Knowledge of Elite Coaches of Swimmers with a Physical Disability. *Res. Q. Exerc. Sport* **2007**, *78*, 339–350. [[CrossRef](#)] [[PubMed](#)]
9. Feu, S.; García, J.; Parejo, I.; Cañadas, M.; Saez, J. Educational strategies for the acquisition of professional knowledge by youth basketball coaches. *Rev. Deporte* **2009**, *18*, 325–329.
10. Feu, S.; García-Rubio, J.; Antúnez, A.; Ibáñez, S. Coaching and Coach Education in Spain: A Critical Analysis of Legislative Evolution. *Int. Sport Coach. J.* **2018**, *5*, 281–292. [[CrossRef](#)]
11. McMaster, S.; Culver, D.; Werthner, P. Coaches of athletes with a physical disability: A look at their learning experiences. *Qual. Res. Sport Exerc. Health* **2012**, *4*, 226–243. [[CrossRef](#)]
12. Fairhurst, E.; Bloom, G.; Harvey, W. The Learning and Mentoring Experiences of Paralympic Coaches. *Disabil. Health J.* **2016**, *10*, 240–246. [[CrossRef](#)]
13. Hatton, C.; Rivers, M.; Mason, H.; Mason, L.; Kiernan, C.; Emerson, E.; Alborz, A.; Reeves, D. Staff stressors and staff outcomes in services for adults with intellectual disabilities: The staff stressor questionnaire. *Res. Dev. Disabil.* **1999**, *20*, 269–285. [[CrossRef](#)]
14. Nelson, L.J.; Cushion, C.J.; Potrac, P. Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. *Int. J. Sports Sci. Coach.* **2006**, *1*, 247–259. [[CrossRef](#)]
15. Ibáñez, S.J. Los Modelos de Entrenador Deportivo Basados en el Rol Predominante. *Rev. Española Educ. Física Deportes* **1997**, *4*, 35–42.
16. Ibáñez, S.J. Variables que Afectan al Establecimiento de los Modelos de Entrenador de Baloncesto. Habilidad Motriz. *Revista Act. Física Deporte* **1997**, *10*, 30–37.
17. Feu, S.; Ibáñez, S.J.; Graça, A.; Sampaio, J. Evaluación psicométrica del cuestionario de orientación de los entrenadores en una muestra de entrenadores españoles de balonmano. *Psicothema* **2007**, *19*, 699–705. [[PubMed](#)]
18. Feu, S.; Ibáñez, S.J.; Gozalo, M. Propiedades psicométricas de los cuestionarios EDD y EPD para evaluar el estilo de planificación y decisión de los entrenadores. *Rev. Psicol. Deporte* **2007**, *16*, 185–199.
19. Feu, S.; Ibáñez, S.J.; Gozalo, M. Influencia de la formación formal y no formal en las orientaciones que adoptan los entrenadores deportivos. *Rev. Educ.* **2010**, *353*, 615–640.
20. Feu, S.; Ibáñez, S.J.; Gozalo, M. La formación inicial de los entrenadores de balonmano para la enseñanza del deporte en la edad escolar. *Cult. Cienc. Deporte* **2010**, *5*, 109–117. [[CrossRef](#)]
21. Feu, S.; Ibáñez, S.J.; Gozalo, M.; Lorenzo, A. Decision and Planning Style of Spanish Handball Coaches. *Open Sports Sci. J.* **2010**, *3*, 111–117. [[CrossRef](#)]
22. Burkett, B. Coaching athletes with a disability. In *Routledge Handbook of Sports Coaching*; Potrac, P., Gilbert, W., Denison, J., Eds.; Routledge: London, UK, 2013; pp. 196–209.
23. León, G.; Montero, I. *Métodos de Investigación en Psicología y Educación*, 4th ed.; McGraw-Hill: Madrid, Spain, 2008.
24. Gilbert, W.; Côté, J.; Mallett, C. Developmental Paths and Activities of Successful Sport Coaches. *Int. J. Sports Sci. Coach.* **2006**, *1*, 69–76. [[CrossRef](#)]
25. Ibáñez, S.J. Análisis del Proceso de Formación del Entrenador Español de Baloncesto. Ph.D. Thesis, Universidad de Granada, Granada, Spain, 1996.
26. Nunnally, J.C.; Bernstein, I.H. The Assessment of Reliability. *Psychom. Theory* **1994**, *3*, 248–292.
27. Hill, A.; Hill, M. *Investigação por Questionário*, 2nd ed.; Lawrence Earlbaum Associates: Hillsdale, NJ, USA, 2005.
28. Ferguson, C.J. An effect size primer: A guide for clinicians and researchers. *Prof. Psychol. Res. Pract.* **2009**, *40*, 532–538. [[CrossRef](#)]
29. Field, A. *Discovering Statistics Using IBM SPSS Statistics*; Sage: London, UK, 2017.

30. Douglas, S.; Falcão, W.R.; Bloom, G.A. Career Development and Learning Pathways of Paralympic Coaches with a Disability. *Adapt. Phys. Act. Q.* **2018**, *35*, 93–110. [[CrossRef](#)]
31. Taylor, S.L.; Werthner, P.; Culver, D. A Case Study of a Paraspport Coach and a Life of Learning. *Int. Sport Coach. J.* **2014**, *1*, 127–138. [[CrossRef](#)]
32. Fraile, A.; Vallejo, R.; Boada, J.; Grau, J. El perfil de los técnicos del deporte escolar en un contexto europeo. *Rev. Int. Med. Cienc. Act. Física Deporte* **2011**, *11*, 278–297.
33. Vallée, C.N.; Bloom, G.A. Building a Successful University Program: Key and Common Elements of Expert Coaches. *J. Appl. Sport Psychol.* **2005**, *17*, 179–196. [[CrossRef](#)]
34. Mendes, J.C.; Milistetd, M.; Ibañez, S.J.; Nascimento, J.V. Fontes de conhecimentos dos treinadores: Estudo de caso das seleções brasileiras masculinas de handebol. *Pensar. Mov. Rev. Cienc. Ejerc. Salud.* **2020**, *18*, e41103. [[CrossRef](#)]
35. Mendes, J.C.; Brandt, R.; Carvalho, H.M.; Feu, S.; Ibañez, S.J.; Nascimento, J.V. Validation and reliability of a sources of knowledge scale for Brazilian coaches. *Mot. Rev. Educ. Física* **2019**, *25*, 101913. [[CrossRef](#)]
36. Marinho, D.A.; Barbosa, T.M.; Lopes, V.P.; Forte, P.; Toubekis, A.G.; Morais, J.E. The Influence of the Coaches' Demographics on Young Swimmers' Performance and Technical Determinants. *Front. Psychol.* **2020**, *11*, 1968. [[CrossRef](#)]

10.3. Estudo III: Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal: Influência da formação formal e não formal

Cuadernos de Psicología del Deporte, vol. 22, 2, 236-246
Recibido: 14/06/2021
Aceptado: 19/10/2021

© Copyright 2018: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Murcia
Murcia (España) ISSN edición impresa: 1578-8423
ISSN edición web (<http://revistas.um.es/cpd>): 1989-5879

Cita: Pires, P.; Batista, M., Mesquita, H. e Ibáñez, S.J (2022). Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal: Influência da formação formal e não formal. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 22(2), 236-246

Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal: Influência da formação formal e não formal

Decision and Planning Style of Special Olympics Portugal coaches: the influence of formal and non-formal training

El estilo de decisiones y de planificación de los entrenadores de Special Olympics Portugal: la influencia de la formación formal y no formal

Pires, P.¹, Batista, M.², Mesquita, H.³ e Ibáñez, S.J.¹

¹ *Facultad de Ciencias del Deporte, Universidad de Extremadura, España. Grupo de Optimización del Entrenamiento y Rendimiento Deportivo (GOERD);* ² *Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal. Sport, Health & Exercise Research Unit (SHERU);* ³ *Instituto Politécnico de Castelo Branco. Portugal. Sport, Health & Exercise Research Unit (SHERU). Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova (CISC.NOVA)*

RESUMO

O Special Olympics Portugal é uma das principais organizações nacionais para o desenvolvimento do desporto para atletas com deficiência intelectual. Os treinadores desempenham um papel relevante no desenvolvimento dos atletas, sendo os estilos de decisão e planificação aspetos essenciais para adequar o treino às necessidades específicas dos atletas. Estas prerrogativas são pouco exploradas cientificamente quanto aos treinadores deste tipo de atletas. O estudo tem como objetivo identificar os estilos de decisão e planificação do treinador do Special Olympics Portugal. Pretende ainda analisar a relação da formação formal e não formal com os estilos de decisão e planificação. A investigação é descritiva e de corte transversal dos treinadores do Special Olympics Portugal, com a participação de 50 sujeitos. Foram utilizados dois questionários: o Questionário dos Estilos de Decisão no Desporto e o Questionário dos Estilos de Planificação no Desporto. Os resultados revelam que os treinadores do Special Olympics Portugal possuem um amplo espetro de estilos de atuação no treino, predominando os estilos de decisão democrático e planificação flexível. Esta situação implica que os treinadores desta área são mais reflexivos, necessitando de adaptar as suas metodologias para trabalhar com os atletas e procurar novas soluções, de forma a adaptarem o treino às necessidades efetivas dos desportistas.

Palavras-chaves: Etapas da aprendizagem; Desenvolvimento do treino; Treinadores; Desporto Adaptado; Deficiência Intelectual

ABSTRACT (150 words) (same order that title)

Special Olympics Portugal is one of the main national organizations for the development of sport for athletes with intellectual disabilities. Coaches play a relevant role in the development of athletes, and the decision and planning

Correspondence to: **Pedro Rui Inês Pires**. Dirección Postal: Rua de Santiago, 32, 1B, 6000-179, Castelo Branco, Portugal Tel: +351961224894 Email: pedroruiinespires@gmail.com

Cuadernos de Psicología del Deporte, 22, 2 (abril)



Pedro Rui Inês Pires

Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal

styles are essential aspects to adapt the training to the athletes' specific needs. These prerogatives are scientifically little explored related with the coaches of this type of athletes. The study aims to identify the decision and planning styles of the Special Olympics Portugal coaches. It also intends to analyze the relationship of formal and non-formal training with the decision and planning styles. The research is descriptive and cross-sectional of the Special Olympics Portugal coaches, with the participation of 50 subjects. Two questionnaires were used: the Questionnaire of Decision Styles in Sport and the Questionnaire of Planning Styles in Sport. The results show that the Special Olympics Portugal coaches have a wide spectrum of styles of action in training, predominantly the democratic decision style and flexible planning. This situation implies that the coaches in this area are more reflective, and need to adapt their methodologies to work with the athletes and seek new solutions, in order to adapt the training to the effective needs of the athletes.

Keywords: Learning Stages; Development of Training; Coaches; Adapted Sports; Intellectual Disability.

RESUMEN (1500 palabras) (mesma ordem como títulos)

Special Olympics Portugal es una de las principales organizaciones nacionales para el desarrollo del deporte para atletas con discapacidad intelectual. Los entrenadores desempeñan un papel relevante en el desarrollo de los deportistas, siendo los estilos de decisión y planificación aspectos esenciales para adaptar el entrenamiento a las necesidades específicas de los deportistas. Estas prerogativas están poco exploradas científicamente sobre los entrenadores de este tipo de atletas. Este estudio pretende identificar los estilos de decisión y planificación de los entrenadores de Special Olympics Portugal. También pretende analizar la relación entre la formación formal y no formal con los estilos de decisión y planificación. La investigación fue descriptiva y transversal, con la participación de 50 s entrenadores de Special Olympics Portugal. Se utilizaron dos cuestionarios: el Cuestionario de Estilos de Decisión en el Deporte y el Cuestionario de Estilos de Planificación en el Deporte. Los resultados muestran que los entrenadores de Special Olympics Portugal tienen un amplio espectro de estilos de actuación en el entrenamiento, predominando los estilos de decisión democrático y de planificación flexible. Esta situación implica que los entrenadores de este ámbito profesional son más reflexivos, necesitando adaptar sus metodologías para trabajar con estos deportistas especiales y buscar nuevas soluciones, con el fin de adaptar el entrenamiento a las necesidades efectivas de los deportistas.

Palabras clave: Etapas de aprendizaje; Desarrollo de la formación; Entrenadores; Deportes adaptados; Discapacidad intelectual

INTRODUÇÃO

O estilo de decisão e planificação do treinador são elementos preponderantes e determinantes para aumentar a efetividade e qualidade no processo de treino (Feu, Ibáñez e Gonzalo, 2007). Desta forma, o planeamento reveste-se como sendo uma premissa essencial para criar e solidificar um projeto desportivo (Buceta, 2004). A planificação do treinador deve ter em consideração a adaptabilidade a situações provocadas pelos atletas, particularidades induzidas pela natureza do exercício e pelo próprio treinador (Bennie, Apoifis, Caron, Falcao, Marlin, Bengoechea, Koh, Macmillan e George, 2017). De salientar, que Ibáñez (1997a) também considera que aspetos contextuais e competitivos são elementos que afetam o treino e consequentemente influenciam estruturalmente os estilos de planificação e decisão. Os estilos de planificação e decisão devem ser

percecionados de forma multidimensional, proporcionando a criação de um conjunto de dimensões, com o intuito de melhor compreender a problemática (Feu et al., 2007).

É importante o treinador, adquirir experiências formativas solidas e diversificadas com o intuito de desenvolver os seus conhecimentos e saberes, no entanto, esta temática carece de uma base conceptual clara (Nelson, Cushion e Potrac, 2006).

Nesta perspetiva, existe uma efetiva falta de produção científica numa perspetiva holística do papel do treinador de desporto adaptado (Lee e Porretta, 2013; Moltó e Ovejero, 2017; Pedrinelli, Rodrigues, Campos, de Almeida, Polito e Brandão, 2018). Perante esta prerrogativa Bentzen et al. (2020), realizaram uma scoping review com o objetivo de melhorar o

Pires et al.

avanço do conhecimento nesta área específica, analisando artigos publicados entre 1991 e 2018. Os investigadores concluíram que apenas quatro estudos focavam nos conhecimentos específicos nos adapted sports coach.

Assim, é urgente um investimento técnico e científico sobre a temática, com o intuito de auxiliar os treinadores no exercício da sua função profissional (Wareham, Burkett, Innes e Lovell, 2017; Caballero, Fernández, Espejo e Zafra, 2020). Mais especificamente, torna-se imperativo o desenvolvimento de estudos na área do treino em desporto adaptado com o propósito de aumentar a eficácia e qualidade no treino (McMaster et al. 2012; Kennedy e Fairbrother, 2019).

Devido à falta de contextos de aprendizagem e falta de formação específica, é significativo e pertinente analisar a influência da formação formal e não formal dos treinadores no exercício da função (McMaster et al., 2012; Cregan, Bloom e Reid, 2007; Fairhurst, Bloom e Harvey, 2016; Vera et al., 2021). A formação formal requer diretrizes de admissão, frequência obrigatória, currículos normalizados e culmina com uma certificação (Nelson et al., 2006) e a formação não formal é uma atividade educativa sistemática, realizada fora do quadro formal de aprendizagem (Nelson et al., 2006). Os autores referidos, mencionam que embora existam semelhanças entre os dois tipos de aprendizagem, a formação não formal é tipicamente desenvolvida num curto período de tempo sobre uma área específica de conhecimento.

A formação formal e não formal, constituem-se como etapas de aprendizagem essenciais no desenvolvimento do conhecimento do treinador (Nelson et al., 2006). Estes processos formativos possibilitam a especialização dos saberes, tornando os treinadores mais preparados para adequar o processo de treino às necessidades contextuais (Mendes, Greco, Ibáñez, e Nascimento, 2021; Mendes, Vasconcelos, Olivoto, Nascimento, 2021). Fontes de Conhecimentos dos Treinadores Paranaenses de Basquetebol. Cuadernos de Psicología del Deporte, 21(2), 259-269).

Analisando esta problemática no contexto prático, Bentzen et al. (2020) sugerem a realização de estudos com atletas com deficiência intelectual, uma vez que apontaram este aspeto como limitação dos estudos.

Em Portugal, os Special Olympics Portugal são uma das principais organizações nacionais para o desenvolvimento do desporto para atletas com deficiência intelectual. E embora os treinadores desempenhem um papel importante no desenvolvimento dos atletas, o processo e mecanismos utilizados pelos Special Olympics para o desenvolvimento das competências do treinador carecem de investigação (Townsend et al., 2015; MacDonald, Beck, Erickson e Cotê, 2014; Lapresa, Pascual, Arana, e Anguera, 2020).

O estudo tem como objetivo identificar os estilos de decisão e planificação dos Treinadores do Special Olympics Portugal, investigar a relação da formação formal e não formal nos estilos de decisão e planificação, bem como analisar as correlações existentes entre os estilos de decisão e planificação.

MÉTODO

Este é estudo empírico, de carácter observacional e de corte transversal, (Ato, López e Benavente, 2013). Os dados foram recolhidos através de inquérito por questionário com uma amostra por conveniência (León e Montero, 2008).

Participantes

No estudo participaram 50 treinadores dos Special Olympics Portugal, 15 do género feminino e 35 do género masculino, com uma média de idade de 38.50± 11.08. Segundo fonte dos Special Olympics Internacional, encontram-se inscritos em Portugal 221 treinadores. Neste contexto, a margem de erro da amostra do estudo é de 12.22% dentro de grau de confiança de 95%. A população em estudo é de difícil acesso, uma vez que está dispersa por todo o país. Por conseguinte, a amostra de participantes é considerada suficiente para conhecer os estilos de tomada de decisão e planificação destes treinadores.

Instrumentos

Para determinar o estilo de decisão foi utilizado ao Style Decision of Sport Questionnaire (SDSQ), sendo o instrumento construído por 12 itens, divididos em três dimensões de perfil de decisores: Autoritário, Permissivo e Democrático (Feu et al., 2007; Ibáñez, 1997b). Para determinar o perfil do estilo de planificação foi utilizado ao Planning Style of Sport Questionnaire (PSSQ) que é composto por 15 itens

Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal

distribuídos por três dimensões de planificadores: Flexível, Rígido e Improvisador (Feu et al., 2007; Ibáñez, 1997b). Ambos os instrumentos são compostos por uma escala tipo Likert de 11 níveis com frações de 10 em 10 pontos (0= totalmente em desacordo e 100= Totalmente em acordo). A validação dos questionários foi efetuada através de uma análise fatorial exploratória (Feu et al., 2007). No SDSQ apresenta um alfa de .79 na dimensão autoritário, de .71 na dimensão permissivo e de .73 na dimensão democrático. Quanto ao PSSQ observam-se pontuação no alfa de .78 nas dimensões flexível e improvisador e .83 na dimensão rígido.

Variáveis

Os treinadores foram categorizados, consoante as variáveis independentes formação formal e não formal (Tabela 1). Neste contexto, Gilbert, Côté e Mallett (2006) sugerem investigar empiricamente o percurso de formação formal e as suas áreas de especialidade, referindo ser um contributo importante no processo global do desenvolvimento do treinador. A variável formação formal foi categorizada em função do título académico. A variável formação não formal foi categorizada pelo número de ações frequentadas nos últimos três anos, sendo este o período temporal estabelecido no diário da república portuguesa através da portaria 141/2020, para a renovação da cédula do título de treinador. Esta categorização sustenta a necessidade de aprofundar e especificar este tipo de formação (Nelson et al, 2006), dado que na área desporto adaptado estes momentos de aprendizagem são ínfimos (Fairhurst et al., 2016). As variáveis dependentes do estudo foram definidas através do instrumento de recolha de dados utilizado no estudo (tabela 2), que foram elaboradas de acordo com o quadro teórico desenvolvido por Ibáñez (1996, 1997a, 1997b) e refinado por Feu e colegas (2007, 2010).

Tabela 1. Categorização das variáveis da formação formal e não formal

Variáveis	Categorização	N	%
Formação Formal	Educação Física e Ciências do Desporto (EF/CD)	36	72
	Formação na área da deficiência (FD)	8	16
	Formação técnica (FT)	6	12
Formação Não Formal	1 ação	3	6
	2 e 3 ações	21	42
	4 e 5 ações	10	20
	+6 ações	10	20
	Nenhuma	6	12

As variáveis dependentes do estudo foram definidas através do instrumento de recolha de dados utilizado no estudo (Tabela 2), tendo sido estas elaboradas em concordância com o marco teórico desenvolvido por Ibáñez (1996, 1997a, 1997b).

Tabela 2. Definições dos modelos de treinadores: Decisão e Planificação (Adaptado de Ibáñez, 1997b)

	Orientação	Descrição
Decisão	Autoritário	Treinadores que estabelecem pessoalmente os objetivos a atingir. Tomam pessoalmente todas as decisões no processo de formação. Tomam pessoalmente todas as decisões sobre controlo e disciplina. O jogador tem de fazer exatamente o que o treinador tem delineado.
	Democrático	Treinadores que utilizam o consenso com os jogadores sobre os objetivos a alcançar. Contam com a opinião dos jogadores ao tomar decisões. Envolvem os jogadores no estabelecimento de regras para o controlo da disciplina. Permitir aos jogadores expressarem a sua opinião.
	Permissivo	Treinadores que deixam os jogadores estabeleçam os seus próprios objetivos. Os jogadores tomam as suas próprias decisões sobre as estratégias a seguir. Os treinadores não discutem ou repreendem os jogadores para que eles se possam dar bem com todos. Permitem que os jogadores façam o que lhe apetece.
Planificação	Flexível	Treinadores que modificam a sessão agendada se as circunstâncias o tornarem necessário. Modificam os exercícios e tarefas dependendo se os jogadores atingem ou não o objetivo. Modificam os objetivos, de acordo com os eventos que ocorrem. Propõem variações no planeamento de acordo com os eventos que ocorrem durante a época. Variar, se necessário, a metodologia planeada.
	Rígido	Treinadores que não fazem quaisquer alterações na programação das sessões. Não modificam os exercícios planeados. Mantem os objetivos planeados até ao fim. Não mudam nada do que está planeado no início da época. Utilizam sempre a metodologia que foi planeada.
	Improvisador	Treinadores que improvisam nas sessões durante o treino. Improvisam os exercícios a realizar. Não estabelecem objetivos e adaptam-se ao que acontece. Não planeiam no início da época. Utilizam uma metodologia que vem à mente durante decurso da época.

Procedimentos

Todos os procedimentos do estudo foram aprovados pelo conselho de bioética da Universidade antes do início (Referencia: 238/2019). O recrutamento dos participantes foi efetuado através de métodos múltiplos. Após análise do calendário das provas do Special Olympics Portugal, efetuou-se a seleção dos eventos com abrangência nacional, que incluíssem no programa várias modalidades desportivas e com a duração de mais de um dia.

Desta forma, foi solicitada autorização ao Special Olympics Portugal para proceder à distribuição presencial do material de investigação nos eventos selecionados consoante os critérios estabelecidos. No início do evento, todos os treinadores foram contactados pessoalmente e caso aceitassem participar no estudo, era-lhes facultado todo o material de estudo

Pires et al.

(carta de apresentação do estudo, consentimento informado e inquérito por questionário). Os treinadores tinham todo o evento para escolher o momento de preenchimento e os investigadores encontravam-se presentes para o esclarecimento de qualquer procedimento. Antes do final dos eventos, os treinadores participantes eram convidados a entregar os inquéritos por questionário. De salientar, que a opção de recolha presencial foi efetuada antes do surgimento do contexto pandémico.

Com o intuito de incluir mais treinadores, e após o processo presencial, foi disponibilizada uma versão online do inquérito por questionário. Deste modo, solicitou-se aos Special Olympics Portugal colaboração no envio de um e-mail a todos os treinadores pedindo a participação no estudo, bem como todo o material de investigação. De notar, que os treinadores que preencheram o questionário nos eventos de forma presencial, foram excluídos do processo online.

Análises estatística

Foi estudada a consistência interna das escalas SDSQ e PSSQ através do coeficiente Alfa de Cronbach, verificando-se um valor $\alpha > .70$, sendo designada uma fiabilidade ótima (Nunnally e Bernstein, 1994; Hill e Hill, 2005). Especificando, no SDSQ apresenta os seguintes graus de fiabilidade consoantes as dimensões: autoritário $\alpha = .77$; democrática $\alpha = .70$; e permissivo $\alpha = .80$. Relativamente aos graus de fiabilidade da PSSQ observam-se: na dimensão flexível $\alpha = .74$; na dimensão rígido $\alpha = .84$; e na dimensão improvisador $\alpha = .85$. A primeira exploração do comportamento dos dados, foi efetuada com verificação das medidas de tendências central e dos valores do teste de normalidade Kolmogorov Smirnov. A extrapolação dos resultados realizou-se a partir dos dados obtidos com a estatística descritiva. Os dados revelaram uma distribuição normal, pelo que se utilizou o teste de análise da variância (ANOVA), entre os estilos de decisão e planificação com as variáveis dependentes formação formal e não formal. O teste pós-hoc Sheffé foi utilizado para identificar as diferenças entre os grupos. Recorreu-se ao η^2 com o intuito de analisar o efeito do índice do tamanho da ANOVA, sendo estes classificados em: sem efeito se $0 < \eta^2 \leq 0.04$; mínimo se $0.04 < \eta^2 \leq 0.25$; moderado se $0.25 < \eta^2 \leq 0.64$ e forte se $\eta^2 > 0.64$ (Ferguson, 2009). Através do coeficiente de correlação de Pearson,

apuro-se o grau de relação entre o perfil e formação dos treinadores. As relações foram classificadas da seguinte forma: 0 = sem correlação, $0 < |r| < .2$ = correlação muito fraca, $.2 \leq |r| < .4$ = correlação fraca, $.4 \leq |r| < .6$ = correlação moderada, $.6 \leq |r| < .8$ = correlação forte, $.8 \leq |r| < 1$ = correlação muito forte, e 1 = correlação perfeita (Field, 2017). Por último, é essencial referir que foi avaliada a dependência (qui-quadrado) entre a formação formal e não formal utilizando uma tabela de convergência e constatou-se que as variáveis em análise apresentam uma forte associação ($p \leq .001$), demonstrando ser bons indicadores para avaliação do percurso formativo dos treinadores.

RESULTADOS

Na estatística descritiva da SDSQ, os treinadores apresentam valores médios mais elevados em decisões democráticas (82.67 ± 1.41), seguida de decisões autoritárias (67.04 ± 19.20) e por último recorrem a decisões de tipologia permissiva (47.24 ± 21.71). No PSSQ, os treinadores demonstram uma predominância da planificação flexível ($\bar{x}=82.16 \pm \sigma= 12.70$), seguida da planificação rígida ($\bar{x}=35.32 \pm \sigma= 19.70$) e a planificação de cariz improvisador ($\bar{x}=33.63 \pm \sigma= 21.20$) é a menos utilizada.

A figura 1 representa os valores médios entre as variáveis dos estilos de decisão e planificação com a formação formal dos treinadores. De salientar, que se encontram diferenças estatisticamente significativas na planificação flexível ($F(8,889) = 8.89$; $p \leq .01$). Os resultados da análise post hoc de Sheffé demonstram que os treinadores com formação técnica são significativamente menos flexíveis que os treinadores formados na área da deficiência ($F(5,96815) = -20,917$, $p < .05$) e Educação Física e Ciências do Desporto ($F(4,87298) = -20,111$, $p < .05$).

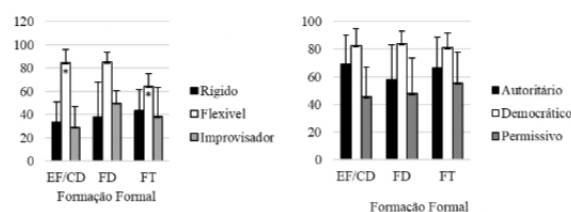


Figura 1. Estatística descritiva da relação entre os estilos de decisão e planificação com a formação formal. Formação dos treinadores: Educação Física / Ciências do Desporto (EF/CD); Formação na área da deficiência (FD); Formação Técnica (FT). * $p < .05$

Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal

A figura 2 descreve os valores médios entre as variáveis do estilo de decisão e planificação com a formação não formal. Existe uma maior proeminência de formação não formal nos estilos de decisão flexível em comparação com os estilos improvisador e rígido. Na planificação, no estilo democrático observam-se

valores médios mais altos de formação não formal em comparação com o estilo autoritário e permissivo. De salientar que tanto nos estilos de decisão e planificação não se encontram diferenças estatisticamente significativas entre as dimensões.

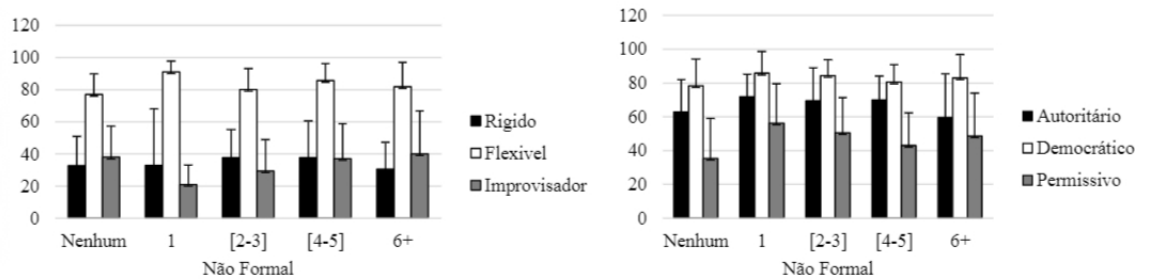


Figura 2. Estatística descritiva da relação entre os estilos de decisão e planificação com formação não formação formal. Número de ações: Nenhum; 1 ação; [2-3] ações; [4-5] ações; 6+ ações

A tabela 3 mostra a análise da variância (ANOVA) e o η^2 relativamente à análise efetuada através da comparação entre os estilos de decisão e planificação dos treinadores, com a sua formação formal e não formal. A figura 3 representa as relações entre a formação e o perfil dos treinadores. Foi efetuada uma análise bivariada com o intuito de determinar a relação entre as variáveis. Posteriormente usamos o coeficiente de Pearson para analisar a intensidade entre as variáveis dos estilos de decisão e planificação do treinador e determinar a significância das correlações entre elas.

Observam-se apenas correlações positivas, sendo estas de dois tipos de significância fraca positiva e moderada positiva (Field, 2017). Só se identifica uma intra relação dos estilos de planificação (Rígido-Improvisador) e quatro relações entre os domínios do estilo de decisão e planificação.

Tabela 3. Resultados da análise das diferenças entre os estilos de decisão e planificação dos treinadores

		Formação Formal			Formação Não Formal		
		F	p	η^2	F	p	η^2
Decisão	Autoritário	1.19	.31	.22	.58	.71	.15
	Democrático	.12	.89	.07	.66	.66	.16
	Permissivo	.52	.60	.15	.66	.66	.16
Planificação	Rígido	.77	.47	.18	1.07	.85	.21
	Flexível	8.89	.001	.60	.22	.96	.10
	Improvisador	3.70	.03	.39	.87	.51	.19

Pires et al.

A figura 3 representa as relações entre a formação e o perfil dos treinadores. Foi efetuada uma análise bivariada com o intuito de determinar a relação entre as variáveis. Posteriormente usamos o coeficiente de Pearson para analisar a intensidade entre as variáveis dos estilos de decisão e planificação do treinador e determinar a significância das correlações entre elas. Observam-se apenas correlações positivas, sendo estas de dois tipos de significância fraca positiva e

moderada positiva (Field, 2017). Só se identifica uma intra relação dos estilos de planificação (Rígido-Improvisador) e quatro relações entre os domínios do estilo de decisão e planificação.

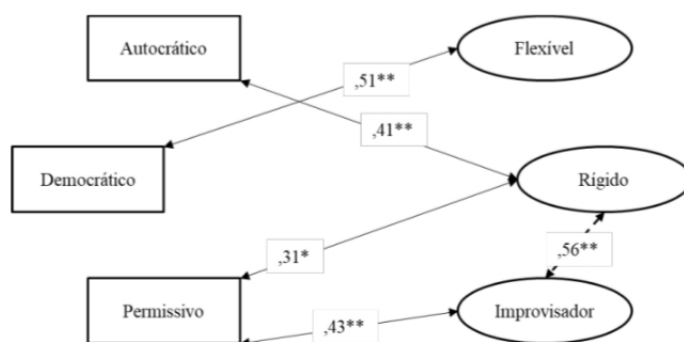


Figura 3. Correlações entre as variáveis do estilo de decisão e estilos de planificação dos treinadores dos Special Olympics Portugal

→ correlação entre os estilos de decisão e planificação --→ correlação entre os estilos de planificação * $p < .05$ ** $p < .001$

DISCUSSÃO

O estudo tem como objetivo identificar os estilos de decisão e planificação dos Treinadores do Special Olympics Portugal, assim como investigar a relação da formação formal e não formal nos estilos de decisão e planificação.

Na fiabilidade dos questionários, observa-se que os questionários aplicados se encontram com valores de α muito próximo dos questionários originais criados por Feu e colegas (2007, 2010). A diferença máxima entre os alphas situa-se no SDSQ na dimensão permissivo que apresenta uma variação do α de .11 entre o questionário aplicado ($\alpha = .80$) e o original ($\alpha = .73$).

Os resultados demonstram que os treinadores apresentam estilos de decisão tendencialmente mais

democrático, seguido dos estilos autoritário e permissivo. Na planificação, os treinadores demonstram um estilo mais flexível, rígido e improvisador consecutivamente. Além disso, foram estudadas as relações entre os estilos de tomada de decisão dos treinadores e de planeamento. Relativamente ao tamanho do efeito, este foi na sua maioria de pequeno efeito em quase todas as dimensões dos questionários e consoante a análise efetuada à formação formal e não formal dos treinadores (Hattie, 2009). No entanto, na formação formal o estilo de planificação flexível apresenta um efeito intermédio, relançando a importância do binómio entre uma formação específica e uma planificação de acordo as habilidades dos atletas.

No estilo de decisão, os resultados encontram-se em concordância com o estudo de Feu, Ibanez, Gozalo e Lorenzo (2010), uma vez que o estilo democrático é

Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal

preferível ao estilo autoritário, alertando para a necessidade de utilização de adaptar decisões permissivas. O autor anteriormente mencionado salienta que este aspeto, permite espaço aos atletas para tomarem autonomamente as suas decisões e respetivas consequências das mesmas. No estudo anteriormente referido os autores consideram, que um planificador flexível é preferível a um rígido, rejeitando um planificador com um estilo tendencialmente improvisador. No entanto, é necessário ter em consideração onde a atividade é desenvolvida, visto que diferentes contextos relançam diferentes estilos de decisão e planificação (Gamonales, Gómez-Carmona, Córdoba-Caro, e Ibáñez, 2019).

No âmbito do desporto adaptado, é importante recorrer a um vasto leque de estilos de decisão e planificação para melhor adaptar o treino às necessidades específicas dos atletas (Cregan et al., 2007; Vera et al., 2021). Para atletas com deficiência intelectual, é necessária uma planificação adequada às capacidades e competências de cada atleta, sendo necessário recorrer à utilização de metodologias mais flexíveis de forma a otimizar a performance dos desportistas (Hutzler, Oz, e Barak, 2013).

Na formação formal, em todas as especialidades de formação os treinadores demonstram um estilo de decisão mais democrático e um estilo de planificação mais flexível. Quanto à formação não formal, os treinadores com um estilo de decisão mais democrático e planificação mais flexível apresentam a frequência do maior número ações de formação. Feu et al. (2010) identificaram que a experiência anterior dos treinadores e as suas ações no passado, tais como formação académica geral e desportiva, cursos de formação contínua, experiência como jogador e experiência como treinador condiciona a adoção de alguns dos perfis dos treinadores. É evidente que quanto mais formação formal ou não-formal os treinadores detiverem, mais adequados são os perfis que os treinadores adotam na sua tomada de decisão e planeamento de um ponto de vista educativo.

Os treinadores com formação académica, são mais eficazes no treino pois conseguem utilizar uma maior gama de recursos e competências (Marinho, Barbosa, Lopes, Forte, Toubekis e Morais, 2020). Os treinadores de desporto adaptado, não possuem tantos contextos não formais de aprendizagem como os

treinadores normativos, tendo assim, de ser mais criativos na procura informação que os auxilie no processo de treino (Cregan et al., 2007). A formação formal dos treinadores de desporto adaptado deve ser mais completa e acessível, uma vez que se torna muito difícil obter conhecimento específicos num contexto não formal (Bentzen et al., 2020). Este aspeto, é visível nos resultados uma vez que os treinadores especialistas em desporto adaptado apresentam valores superiores, tanto nos estilos de decisão democrática como nos estilos de planificação flexível quando comparado com as outras formações.

Tomar decisões democráticas e assentes em planificações flexíveis, exige maior responsabilidade e formação adequada para utilizar este tipo de metodologia (Jones, Armour, e Potrac, 2002; Feu et al., 2007). Aconselha-se aos treinadores de atletas com deficiência intelectual a elaborarem programas de treino planeados e dirigidos em concordância com as necessidades específicas dos atletas, uma vez que esta premissa promove a motivação intrínseca dos atletas (Hutzler et al., 2013). De salientar, que a especificidade das necessidades dos atletas, obriga o treinador a adequar o seu processo pedagógico que possibilitem estruturar o treino de acordo concordo com as patologias específicas da deficiência intelectual.

CONCLUSÃO

Os resultados revelam que os treinadores do Special Olympics Portugal apresentam um leque variado de estilos na sua atuação no treino, onde predominam os estilos de decisão democrático e planificação flexível. Esta situação implica que os treinadores desta área são mais reflexivos, necessitando de adaptar as suas metodologias para trabalhar com os atletas e procuram novas soluções, de forma a adaptarem o treino às necessidades efetivas dos desportistas.

Nesta perspetiva, os treinadores devem ter uma grande plasticidade para adequar a forma como planeiam e tomam as decisões, com o intuito de trabalhar os atletas consoante o seu grau de habilidade e competências. Esta premissa, torna o desenvolvimento holístico dos atletas mais sustentado maximizando o potencial desportivo dos atletas e consequentemente aumentar a eficácia do treino.

Pires et al.

Uma formação especializada na área do desporto adaptado, permite um raciocínio pedagógico adequado, uma compreensão progressiva das necessidades dos atletas, adaptação e avaliação do treino possibilitando uma reflexão estruturada de todo o processo desenvolver na discussão. Estes factos tornam-se facilitadores para os treinadores encararem os atletas na sua plenitude, independente da sua condição ou patologia.

Em suma, o treino para atletas com deficiência intelectual requer uma abordagem flexível e o papel do treinador é complexo e exigente, mas também é vital utilizar o desporto como um veículo transformador. Desta forma, os treinadores dos Special Olympics Portugal mais bem preparado será capaz de enfrentar as suas funções com maiores garantias de adequação do processo de treino às características e necessidades dos atletas.

LIMITAÇÕES

É importante compreender com maior profundidade e globalidade o desenvolvimento da aprendizagem dos treinadores, com o incremento da formação informal, reflexão e outras tipologias da deficiência em estudos futuros. Adicionalmente, torna-se interessante efetuar investigações que analisem a liderança dos treinadores, tanto na sua auto percepção como na percepção dos atletas com deficiência intelectual. É evidente a necessidades de estudar a deficiência intelectual de acordo com a especificidade e o grau da patologia.

APLICAÇÕES PRÁTICAS

Torna-se essencial uma maior exigência na construção dos contextos de aprendizagem dos treinadores, como forma de maximizar a compreensão da deficiência, compreender as capacidades e competências dos desportistas e criar estratégias para adequar todo o processo de treino às necessidades reais dos atletas com deficiência intelectual. Desta forma, é evidente um reforço investigativo na área do desporto adaptado, nomeadamente na deficiência intelectual, com o intuito de expandir e especificar o conhecimento para aumentar a eficácia no treino.

Durante a fase formativa dos treinadores, as experiências e ideias preconcebidas dos treinadores devem ser trabalhadas (Feu et al., 2010), pois é necessário adaptar as suas teorias implícitas à

realidade deste contexto desportivo. O aumento da formação formal e não formal é um dos pilares básicos para promover qualquer tentativa de renovação e progresso na formação desportiva.

REFERENCIAS (APA 7ª EDICION)

1. Ato, M., López-García, J. J., e Benavente, A. (2013). Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología*, 29(3). doi:10.6018/analesps.29.3.178511
2. Bennie, A., Apoifis, N., Caron, J., Falcao, W., Marlin, D., Bengoechea, E., Koh, K., Macmillan, F. e George, E. (2017). A Guide to Conducting Systematic Reviews of Coaching. *Science Research. International Sport Coaching Journal*, 4, 191-205. DOI:10.1123/iscj.2017-0025.
3. Bennie, A., Apoifis, N., Caron, J., Falcao, W., Marlin, D., Bengoechea, E., Koh, K., Macmillan, F. e George, E. (2017). A Guide to Conducting Systematic Reviews of Coaching. *Science Research. International Sport Coaching Journal*, 4, 191-205. DOI:10.1123/iscj.2017-0025.
4. Bentzen, M., Alexander, D., Bloom, G A. e, Kenttä, G. (2020) What Do We Know About Research on Paraspport Coaches? A Scoping Review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 38(1): 109-137. DOI: 10.1123/apaq.2019-0147
5. Bentzen, M., Alexander, D., Bloom, G A., Kenttä, G. (2020) What Do We Know About Research on Paraspport Coaches? A Scoping Review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 38(1): 109-137. DOI: 10.1123/apaq.2019-0147
6. Buceta, J.M. (2004). Estrategias Psicológicas para Entrenadores de Deportistas Jóvenes. Madrid: Dykinson.
7. Buceta, J.M. (2004). Estrategias Psicológicas para Entrenadores de Deportistas Jóvenes. Madrid: Dykinson.
8. Caballero, B.O, Fernández, I.M.M, Espejo, V.G, V.G e Zafra, A.O (2020). Preparación psicológica para los Juegos Paralímpicos y afrontamiento de lesión: un caso en taekwondo. *Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico*, 5(1),1-13. <https://doi.org/10.5093/rpadef2020a400002>
9. Cregan, K., Bloom, G. e Reid, G. (2007) Career Evolution and Knowledge of Elite Coaches of Swimmers with a Physical Disability. *Research*

Estilo de Decisão e Planificação dos treinadores do Special Olympics Portugal

- Quarterly for Exercise and Sport, 78 (4), 339-350. DOI:10.1080/02701367.2007.10599431.
10. Cregan, K., Bloom, G. e Reid, G. (2007) Career Evolution and Knowledge of Elite Coaches of Swimmers with a Physical Disability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78 (4), 339-350. DOI:10.1080/02701367.2007.10599431.
 11. Fairhurst E., Bloom G. e Harvey W. (2016). The Learning and Mentoring Experiences of Paralympic Coaches, *Disability and Health Journal*, 10(2), 240-246. DOI: 10.1016/j.dhjo.2016.10.007.
 12. Ferguson, C. J. (2009). An effect size primer: a guide for clinicians and researchers. *Prof. Psychol.* 40, 532–538. doi: 10.1037/a0015808
 13. Feu, S., Ibanez, S.J., Gozalo, M. e Lorenzo, A. (2010). Decision and Planning Style of Spanish Handball Coaches. *The Open Sports Sciences Journal*, 3, 111-117. DOI: 10.2174/1875399X010030100111
 14. Feu, S., Ibáñez, S. J. e Gozalo, M. (2010). Influence of formal and non-formal training on coaching style. *Revista de Educación* (353), 321-322.
 15. Feu, S., Ibáñez, S., e Gózaló, M. (2007). Propiedades psicométricas de los cuestionarios EDD y EPD para evaluar el estilo de planificación y decisión de los entrenadores. *Revista de Psicología del Deporte*, 16(2), 185-199.
 16. Gamonales, J. M., Gómez-Carmona, C. D., Córdoba-Caro, L. G. e Ibáñez, S. J. (2019). Influencia del perfil de entrenador en el diseño de las tareas en el fútbol. *Estudio de caso. Journal of Sport and Health Research*, 11(1), 69-82
 17. García Moltó, A. e Ovejero Bruna, M. (2017). Satisfacción vital, autodeterminación y práctica deportiva en las personas con discapacidad intelectual. *Revista de Psicología del Deporte*, 26(2), 13–19.
 18. Gilbert, W., Côté, J. e Mallett, C. (2006) Developmental Paths and Activities of Successful Sport Coaches. *International Journal of Sport Science & Coaching*. 1(1), 69-76. DOI: 10.1260/174795406776338526.
 19. Hattie, J. (2009). *Visible Learning*. London: Routledge.
 20. Hill A. e Hill M. (2005). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo. Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates
 21. Hutzler, Y., Oz, M. e Barak, S. (2013). Goal perspectives and sport participation motivation of Special Olympians and typically developing athletes. *Research in Developmental Disabilities*, 34(7), 2149–2160. DOI: 10.1016/j.ridd.2013.03.019
 22. Ibáñez, S. J. (1996). *Análisis del proceso de formación del entrenador español de baloncesto*. Tesis doctoral. Granada: Universidad de Granada.
 23. Ibáñez, S. J. (1997a). Los Modelos de Entrenador Deportivo Basados en el Rol Predominante. *Revista Española de Educación Física y Deportes*, 4(4), 35-42.
 24. Ibáñez, S. J. (1997b). Variables que Afectan al Establecimiento de los Modelos de Entrenador de Baloncesto. *Habilidad Motriz. Revista de la Actividad Física y el Deporte*, 10, 30-37.
 25. Jones, R. L., Armour, K. M. e Potrac, P. (2002). Understanding the Coaching Process: A Framework for Social Analysis. *Quest*, 54(1), 34–48. DOI:10.1080/00336297.2002.10491765
 26. Kennedy, R. L. e Fairbrother, J. T. (2019). An Examination of the Deliberate Practice Framework in Quad Rugby. *Frontiers in Psychology*, 10. doi:10.3389/fpsyg.2019.01734
 27. Lapresa Ajamil, D., Pascual Laguna, J., Arana, J. e Anguera, M. T. (2020). Sistema de observación para analizar la interacción en el juego de Boccia por equipos. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 20(1), 37–47. <https://doi.org/10.6018/cpd.393821>
 28. Lee, J. e Porretta, A. (2013). Document analysis of sports literature for individuals with disabilities. *Perceptual & Motor Skills: Physical Development & Measurement*, 116, 847- 858. DOI: 10.2466/15.06.PMS.116.3.847-858.
 29. León, G. e Montero, I. (2008). *Métodos de investigación en Psicología y Educación* (4ªed.). Madrid: McGraw-Hill.
 30. MacDonald, J., Beck, K., Erickson, K. e Coté, J. (2014). Understanding Sources of Knowledge for Coaches of Athletes with Intellectual Disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 29(3), 242-249. DOI: 10.1111/jar.12174.
 31. Marinho, D. A., Barbosa, T. M., Lopes, V. P., Forte, P., Toubekis, A. G. e Morais, J. E. (2020). The Influence of the Coaches' Demographics on Young Swimmers' Performance and Technical Determinants. *Frontiers in Psychology*, 11. DOI:10.3389/fpsyg.2020.01968

Pires et al.

32. McMaster, S., Culver, D. e Werthner, P. (2012). Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4, 226-243. DOI: 10.1080/2159676x.2012.686060.
33. Mendes, J.C., Greco, J.P., Ibáñez, S.J. y Nascimento, J.V. (2021). Construcción del modelo de juego en balonmano. *PENSAR EN MOVIMIENTO: Revista de Ciencias del Ejercicio y la Salud*, 19(1), 1-25.
34. Mendes, J.C.; Vasconcelos, M. A.; Olivoto, R.R.; Nascimento, J.V. (2021). Fontes de Conhecimentos dos Treinadores Paranaenses de Basquetebol. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 21(2), 259-269.
35. Nelson, L. J., Cushion, C. J. e Potrac, P. (2006). Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 1(3), 247–259. doi:10.1260/174795406778604627
36. Nunnally, J.C. e Bernstein, I.H. (1994) The Assessment of Reliability. *Psychometric Theory*, 3, 248-292.
37. Pedrinelli, V. J., Rodrigues, G. M., Campos, C., de Almeida, F. R., Polito, L. F. T. e Brandão, M. R. F. (2018). A bioecological perspective of human development on autonomy of an athlete with intellectual disability. *Revista de Psicología del Deporte*, 27(4, Supp, 1), 9–14.
38. Rodríguez de Vera, L., López Martínez, A. B. e Muria, A. (2021). Validação por expertos de uma proposta metodológica para promoção de atitudes positivas perante a deficiência em ambientes inclusivos. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 21(1), 162-178. <https://doi.org/10.6018/cpd.436261>
39. Special Olympics Portugal. 2 de janeiro de 2021. Special Olympics. <https://media.specialolympics.org/resources/leading-a-program/program-profiles/SOEE/Portugal-FactSheet-2020>.
40. Townsend, R., Smith, B. e Cushion, C. (2015) Disability sports coaching: towards a critical understanding. *Sports Coaching Review*, 4(2), 80-98, DOI:10.1080/21640629.2016.1157324
41. Wareham, Y., Burkett, B., Innes, P. e Lovell P. (2017): Coaching athletes with disability: preconceptions and reality. *Sport in Society*, 20(9), 1185-1202. DOI: 10.1080/17430437.2016.1269084

10.4. Estudo IV: Autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança dos treinadores dos *Special Olympics* Portugal

E-Balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte - Journal of Sport Science / Abrev: Ebm. Recide [es] - Abrev: EBM. JSS [en]
 Universidad de Extremadura & Federación Extremeña de Balonmano, España / ISSN: 1885-7019 / Vol. 18, Nº 1 / 2022

Artículo original / Original Article

AUTOPERCEÇÃO E PERCEÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DE LIDERANÇA DOS TREINADORES DOS SPECIAL OLYMPICS PORTUGAL

Self-perception and perception of leadership behaviours of Special Olympics Portugal coaches

Autopercepción y percepción de los comportamientos de liderazgo de los entrenadores de Special Olympics Portugal

Pedro Pires , Marco Batista , Helena Mesquita , Sergio J. Ibáñez 

Instituto Politécnico de Castelo Branco, Portugal / Universidad de Extremadura, España
 * Correspondencia: pedroruinespires@gmail.com

Recibido: 26/07/2021; Aceptado: 02/11/2021; Publicado: 28/02/2022

OPEN ACCESS

Sección / Section:
 Deporte Adaptado /
 Adapted Sport

 Editor de Sección / Edited by:
 Sebastián Feu. Universidad de
 Extremadura, España

Citación / Citation:
 Pires, P., Batista, M., Mesquita, H., &
 Ibáñez, S. J. (2022). Autoperceção
 e perceção dos comportamentos
 de liderança dos treinadores dos
 special olympics portugal. *E-
 balonmano.Com*, 18(1), 55-64.

Fuentes de Financiación / Funding:
 This work was partially subsidized by
 the Aid to Research Group
 (GR21149) from the Regional
 Government of Extremadura
 (Department of Economy and
 Infrastructure), with the contribution
 of the European Union through the
 ERDF.

Agradecimientos/
 Acknowledgments:
 -

Conflicto de intereses / Conflicts of
 Interest: NO

Resumo

Os treinadores têm um papel fundamental no desenvolvimento holístico dos seus atletas, e quando falamos de desporto adaptado esta prerrogativa ganha maior relevo pois o desporto é um veículo transformador na vida dos atletas. No entanto, a temática dos comportamentos de liderança do treinador de atletas com deficiência intelectual, é pouco explorada cientificamente. O estudo tem como principal finalidade identificar a autoperceção dos treinadores e a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador dos *Special Olympics* Portugal. Pretende-se ainda examinar a relação entre a autoperceção e perceção com a formação formal dos treinadores. A investigação é descritiva e de corte transversal, com uma amostra constituída por 50 treinadores e 94 desportistas do universo dos *Special Olympics* Portugal. A escala de liderança de desporto foi o instrumento utilizando no estudo, nas versões auto-perceção e perceção. Perante os resultados obtidos constata-se que nas versões analisadas, os treinadores de atletas com deficiência intelectual apresentam mais comportamentos de liderança nas dimensões de reforço, treino instrução e suporte social. Os treinadores com formação específica na área da deficiência têm comportamentos mais adequados às características necessidades específicas dos atletas.

Palavras-Chaves: Comportamentos de Liderança; Desporto Adaptado; Deficiência Intelectual; Formação Formal.

Abstract

Coaches have a fundamental role in the holistic development of their athletes, and when we talk about adapted sports, this prerogative gains more relevance, since sports are a transforming vehicle in the athletes' lives. However, the theme of the leadership behaviors of coaches of athletes with intellectual disabilities is little scientifically explored. The main purpose of this study is to identify the coaches' self-perception and the athletes' perception about the leadership behaviors of the Special Olympics Portugal coaches. It is also intended to examine the relationship between self-perception and perception with the formal training of coaches. The research is descriptive and cross-sectional, with a sample consisting of 50 coaches and 94 athletes from the universe of Special Olympics Portugal. The sport leadership scale was the instrument used in the study, in the self-perception and perception versions. The results showed that, in the versions analysed, the coaches of athletes with intellectual disabilities showed more leadership behaviours in the dimensions of reinforcement, training, instruction and social support. The coaches with specific training in the area of disability have more appropriate behaviours to the specific characteristics and needs of the athletes.

Keywords: Leadership; Adapted Sports; Intellectual Disability; Coaches; Formal Learning.

Resumen

Los entrenadores tienen un papel fundamental en el desarrollo integral de sus deportistas. Esta prerrogativa cobra mayor relevancia en el deporte adaptado, pues, el deporte es un vehículo transformador en la vida de los deportistas. Sin embargo, el análisis de los comportamientos de liderazgo de los entrenadores de deportistas con discapacidad intelectual está poco explorado científicamente. El objetivo principal de este estudio fue identificar la autopercepción de los entrenadores y la percepción de los atletas sobre los comportamientos de liderazgo de los

entrenadores de *Special Olympics* Portugal. Además, se examinó la relación entre la autopercepción y la percepción con la formación formal de los entrenadores. El diseño de investigación fue descriptivo y transversal. La muestra formada por 50 entrenadores y 94 atletas de la población de *Special Olympics* Portugal. La escala de liderazgo deportivo fue el instrumento utilizado en el estudio, en las versiones de autopercepción y percepción. Los resultados mostraron que, los entrenadores de deportistas con discapacidad intelectual mostraron más conductas de liderazgo en las dimensiones de refuerzo, formación, instrucción y apoyo social. Los entrenadores con formación específica en el ámbito de la discapacidad tienen comportamientos más adecuados a las características y necesidades específicas de los deportistas.

Palabras clave: Comportamiento de Liderazgo; Deportes adaptados; Discapacidad intelectual; Aprendizaje formal.

Introdução

O desporto é uma atividade que obedece a uma estrutura perfeitamente definida por regras e dimensões técnicas e táticas, onde os treinadores têm um papel fundamental sobre os atletas, uma vez que são considerados por estes como líderes e especialistas (Conroy & Coatsworth, 2006). No desporto adaptado parece consensual, que a prática desportiva é um veículo que contribui para aumentar a qualidade de vida dos atletas com condição de deficiência (Brooker, Dooren, McPherson, Lennox, & Ware, 2015; Son, Jeon & Kim, 2016). Este paradigma, sublinha a importância dos treinadores no desenvolvimento holístico dos atletas (Tawse, Bloom, Sabiston, & Reid, 2012; Feu, Ibáñez, Lorenzo, Jiménez, & Cañadas, 2012), dado que, no desporto adaptado, os treinadores devem ser capazes de ajustar as suas metodologias de treino às necessidades específicas de cada atleta (Bloom, Falcão & Caron, 2014). Este processo, é um elemento essencial para a construção da relação treinador - atleta (Burkett, 2014; Tawse et al., 2012). Assim, os desportistas parecem sentir uma maior ligação e compromisso com o treinador, quando existe efetivamente uma reciprocidade de objetivos desportivos (Bloom et al., 2013 2014). Os aspetos psicológicos do treino para atletas com deficiência, revelam a importância e a necessidade do treinador em adaptar os seus comportamentos e estratégias, com o intuito de satisfazer as necessidades reais dos seus atletas (Banack, Sabiston, & Bloom, 2011; Cregan, Bloom & Reid, 2007; Tawse et al., 2012). Deste modo, os comportamentos de liderança são fatores preponderantes para alcançar a excelência e o sucesso no desporto (Weinberg & McDermott, 2002). Em termos genéricos, os estudos sobre a liderança nos desportos regulares, concluem que as perceções dos atletas sobre o comportamento de liderança dos treinadores variam consoante as suas próprias características individuais, bem como os contextos onde se encontram inseridos (Chelladurai, 2007). Além do referido, os estudos demonstram que os treinadores também são influenciados na sua liderança pelas características específicas dos atletas (Vieira, Dias, Real, & Fonseca, 2014; Silva, Rosado, Silva, & Serpa, 2014).

Especificamente, realizou-se uma investigação sobre desporto adaptado e liderança, mais especificamente sobre as perceções de atletas com deficiência física e os comportamentos de liderança dos treinadores, e concluíram que os desportistas rejeitam comportamentos autocráticos pois inibem a sua satisfação na prática desportiva (Hatamleh Al-Ruz, & Hindawi, 2009). No entanto, não existe um modelo eficaz específico para o treino de atletas com condição de deficiência (Burkett, 2013; Rangeon, Gilbert, & Bruner, 2012). Perante este pressuposto Bloom e investigadores (2014), sugerem a utilização do modelo 3 + 1 Cs (Jowett & Lavallee, 2007; Jowett, 2017), visto que a finalidade é a adaptação do treinador às necessidades específicas dos atletas. Em termos conceptuais, este modelo visa medir as relações entre treinadores e atletas a um nível emocional, cognitivo e comportamental. Os quatro constructos que sustentam este modelo são: a proximidade, o compromisso, a complementaridade, e co-orientação (Jowett & Lavallee, 2007). A coorientação é o fator que liga as três construções anteriores, uma vez que é definido como o conhecimento e a compreensão partilhada entre treinadores e atletas.

As investigações sobre o desenvolvimento contextual do treino do desporto adaptado ainda são produzidas em número reduzido (Bentzen, 2020; Burkett, 2013; Rangeon et al., 2012; Pires; Batista, Marinho, Antúnez, Mesquita, & Ibáñez, 2021b; Rodríguez, Muñoz, & León, 2015; Bentzen, Alexander, Bloom, & Kenttä, 2020). A este propósito, Pires e

colegas (2021a) realça a importância de sustentar a produção científica com a operacionalização prática do exercício da função de treinadores. Os autores referem, que este binómio facilitava o processo de ensino aprendizagem dos treinadores e consequentemente aumentava a eficácia no processo de treino.

Para além deste aspeto, Bentzen et al. (2020) realizam uma *scoping review* sobre o conhecimento do treinador de desporto adaptado, tendo sido identificado como limitações a falta da representação das perspetivas dos atletas na experiência do treino, pequenas amostras (ou seja, menos de 10 participantes) e a exclusão do universo da deficiência intelectual pelas complexidades particulares deste tipo de atletas. Os autores referidos, mencionam que o panorama do *Special Olympics* tem características mais específicas relativamente ao âmbito paralímpico.

Na deficiência intelectual, o papel do treinador é complexo e exigente, uma vez que o treino requer uma abordagem flexível, com o intuito de ir ao encontro das necessidades específicas deste tipo de desportistas (Burkett, 2013). Desta forma, o treinador pode ser considerado um elemento facilitador ou um obstáculo na implantação de medidas de inclusão, sendo que este binómio está dependente das atitudes do treinador que podem ter repercussões positivas ou negativas nos atletas (Hernández-Beltrán, Gámez-Calvo, & Gamonales, 2021). No entanto, os argumentos anteriormente expostos requerem formação específica dos treinadores (McMaster, Culver, & Werthner, 2012; Feu, Ibanez, Gozalo, & Lorenzo, 2010; Feu, Ibáñez, & Gozalo, 2007). Gamonales, Hidalgo, León, García & Muñoz Jiménez, 2018), o que nem sempre acontece, dado que no âmbito do desporto adaptado são escassos os ambientes de aprendizagem (McMaster et al., 2012; Cregan et al. 2007; Fairhurst, Bloom, & Harvey, 2016). Mais especificamente os treinadores da área do desporto adaptado, necessitam de um conhecimento aprofundado das tipologias da deficiência e das adaptações específicas da modalidade com o intuito de melhorar a performance dos atletas (Pires, Ramalho, Antúnez, Mesquita, & Ibáñez, 2021b).

Las atitudes dos treinadores de atletas com deficiência podem ter efeitos positivos ou negativos nos atletas. Até onde se conhece, não existem muitas investigações que abordem os comportamentos de liderança dos treinadores do contexto dos *Special Olympics* Portugal (SOP), nomeadamente a auto percepção dos treinadores e a percepção dos atletas.

O estudo tem como principal objetivo identificar a autopercepção dos comportamentos de liderança do treinador do SOP, bem como a percepção dos atletas dos comportamentos de liderança do treinador. Além do mencionado, pretende-se examinar a relação entre a autopercepção e percepção com a formação formal dos treinadores, bem com analisar as correlações existentes entre a autopercepção e percepção dos comportamentos de liderança.

Métodos e Material

Conceção

A investigação é descritiva e de corte transversal dos treinadores e atletas do *Special Olympics* Portugal. Os dados foram recolhidos através de inquérito por questionário com uma amostra por conveniência (Montero & León 2007); Ato, López, & Benavente, 2013). O estudo foi conduzido de acordo com as diretrizes da Declaração de Helsínquia, e aprovado pelo Comité de Ética da Universidade (ref número 238/2019) antes do início do estudo.

Participantes

No estudo participaram 50 treinadores, 15 do género feminino e 35 do género masculino, com uma média de idade $X \pm 40,22$ anos. Quanto aos atletas participaram 94 atletas, 27 do género feminino e 67 do género masculino, com uma média de idade de $X \pm 32,61$ tendo o desportista mais novo do estudo 11 anos e o mais velho 63 anos. Segundo fonte dos *Special Olympics* Internacional, encontra-se inscritos em Portugal 221 treinadores e 3708 atletas. Neste contexto, a margem de erro da amostra do estudo é de 12.22% por parte dos treinadores e 9.98% dos atletas, dentro de grau de confiança de 95%.

Instrumentos

Para determinar os comportamentos de liderança optamos pela Leadership Scale for Sport (LSS) desenvolvida por Chelladurai e Saleh (1978) e validada em português por Serpa, Lacoste, Antunes, Pataco e Santos (1988) sob o nome

de Escala de Liderança no Desporto (ELD). Esta escala avalia a percepção do treinador sobre o seu próprio comportamento de liderança (versão auto percepção), a percepção e preferências dos atletas (versão percepção e preferências) dos comportamentos de liderança dos seus treinadores. Nesta investigação, utilizamos exclusivamente a escala na sua versão de auto percepção e percepção. A LSS apresenta 40 questões para cada versão e o instrumento é composto por uma escala de Likert de 5 frações (1=Nunca; 5= Sempre). Pela especificidade da população, recorreu-se a uma *smiley face scales* pelo facto de ser um sistema familiar para estes atletas (De Knecht, Schuengel, Lobbezoo, Visscher, Evenhuis, Boel, & Scherder, 2016) e constituir-se como uma plataforma de substituição dos rótulos numéricos (Gummer, Vogel, Kunz, & Roßmann, 2019).

Variáveis

Os treinadores foram categorizados, consoante a variável independente: formação formal. Em termos epistemológicos, a formação formal encontra-se associada a estruturas institucionais que certificam, em termos profissionais, o treinador (Mallett, Trudel, Lyle, & Rynne, 2009). Esta categorização sustenta a necessidade de aprofundar e especificar este tipo de formação (Nelson, Cushion, & Potrac, P., 2006), dado que na área desporto adaptado é uma área pertinente de exploração (Fairhurst et al., 2016). Quanto a esta formação, agrupou-se os treinadores em três categorias: educação física e ciências do desporto (n=36); formação na área da deficiência (n= 8) e formação técnica (n=6).

As variáveis dependentes do estudo foram definidas através do instrumento de recolha de dados utilizado no estudo que definem o comportamento de liderança: treino-instrução; suporte social; reforço; democrático e autocrático (Chelladurai e Saleh, 1978). O treino-instrução, caracteriza-se pelo comportamento do treinador destinado a melhorar a performance dos atletas através da enfatização da instrução dos atletas para os aspetos corretivos do treino, bem com das componentes técnicas e táticas da modalidade. O suporte social encontra-se associado à preocupação do treinador com o bem-estar individual dos atletas, procurando um bom ambiente de grupo e um bom relacionamento pessoal com os atletas (Chelladurai e Saleh, 1978). No comportamento de reforço o treinador reforça positivamente os seus atletas, reconhecendo e recompensando o seu bom desempenho. O comportamento democrático do treinador promove a participação ativas dos atletas nas decisões relacionadas com os objetivos do grupo, métodos de treino, táticas e estratégias de competição. O comportamento autocrático preconiza a independência do treinador na tomada de decisão e no estabelecimento da sua autoridade (Chelladurai e Saleh, 1978).

Procedimento

Todos os procedimentos do estudo foram aprovados pelo conselho de bioética da Universidade antes do início do estudo. O recrutamento dos participantes foi efetuado através de métodos múltiplos. Após análise do calendário de provas dos SOP, efetuou-se a seleção dos eventos com abrangência nacional, que incluíssem no programa várias modalidades desportivas e com a duração de mais de um dia. Neste caso, a prova que preenchia todos os critérios foram os 6^{os} Jogos de Inverno *Special Olympics* Portugal 2018.

Solicitou-se autorização ao SOP para proceder à distribuição presencial do material de investigação no evento selecionado, consoante os critérios estabelecidos. Realizou-se um ofício explicando o objetivo do estudo, autorização institucional para a recolha dos dados e assinatura do termo de consentimento informado por parte dos atletas ou dos seus tutores legais e treinadores.

Com a conclusão deste processo, procedeu-se o recrutamento de assistentes de investigação para proceder à recolha de dados, que ficou constituído por estudantes de licenciatura e mestrado do curso de Desporto e Atividade Física da especialidade em Desporto Adaptado e uma atleta com deficiência intelectual. Uma vez que a recolha de dados apresentava particularidades específicas, fruto da inclusão de atletas com deficiência intelectual, foram ministradas sessões de esclarecimento teóricas sobre o procedimento e protocolo a seguir na recolha de dados. Nesta perspetiva, e após as sessões teóricas os assistentes ministraram os questionários de recolha de dados a três atletas com deficiência

intelectual não pertencentes à amostra final. Este procedimento, teve como principal objetivo a adaptação de alguns procedimentos de aplicação consoante as sugestões dos atletas com deficiência intelectual. De salientar, que a inclusão de uma atleta com deficiência com intelectual, teve como principal objetivo auxiliar na interpretação das afirmações dos questionários no momento da aplicação aos participantes do estudo.

Durante o evento efetuou-se a aplicação do questionário aos atletas pelos assistentes de investigação, com a presença de um técnico de cada instituição/clube com o intuito de auxiliar no processo. A aplicação decorreu durante os três dias de provas, numa sala onde foi permitido manter a privacidade do atleta. O procedimento podia ser interrompido pelo atleta respondente e retomado quando assim o pretendesse.

Relativamente aos treinadores, foram contactados pessoalmente e caso aceitassem participar no estudo, era-lhes fornecido todo o material necessário (carta de apresentação do estudo, consentimento informado e inquérito por questionário). Os treinadores podiam escolher o momento de preenchimento do instrumento, durante o tempo de duração do evento e os assistentes encontravam-se presentes para o esclarecimento de qualquer procedimento. Antes do final dos eventos, os treinadores participantes entregavam os inquéritos por questionário. De salientar, que a opção pela recolha presencial foi antes do surgimento do contexto pandémico.

Com o intuito de incluir mais treinadores, e após o processo presencial, foi disponibilizada uma versão online do inquérito por questionário. Deste modo solicitou-se, aos *Special Olympics* Portugal, colaboração no envio de um e-mail a todos os treinadores pedindo a participação no estudo, bem como todo o material de investigação. De notar, que os treinadores que preencheram presencialmente o questionário no evento selecionado foram excluídos do processo online.

Análises estatística

Foi estudada a consistência interna da LSS, através do coeficiente Alfa de *Cronbach*, tendo-se verificado um valor $\alpha \geq 0.50$ em ambas as versões, sendo designada uma fiabilidade moderada (Landis & Koch, G, 1977).

A primeira exploração do comportamento dos dados, foi efetivada através verificação das medidas de tendências central e dos valores do teste de normalidade *Kolmogorov Smirnov*. A extrapolação dos resultados, executou-se a partir dos dados obtidos com a estatística descritiva. Como os dados revelaram uma distribuição não normal, utilizou-se o teste *Kruskal-Wallis*, para analisar a relação entre os comportamentos de liderança na versão autoperceção e percepção com a variável dependente, formação formal. A comparação entre grupos da variável depende desenvolveu-se com *pairwise comparisons*. Recorreu-se ao η^2 com o intuito de analisar o efeito do índice do tamanho da correlação de *Spearman*, classificados estes em: sem efeito se $0 < \eta^2 \leq 0.04$; mínimo se $0.04 < \eta^2 \leq 0.25$; moderado se $0.25 < \eta^2 \leq 0.64$ e forte se $\eta^2 > 0.64$ (Ferguson, 2009). Através do coeficiente de correlação de *Spearman*, apurou-se o grau de correlação entre a autoperceção e a percepção dos comportamentos de liderança dos treinadores. As relações foram classificadas da seguinte forma: 0 = sem correlação, $0 < |r_s| < .2$ = correlação muito fraca, $.2 \leq |r_s| < .4$ = correlação fraca, $.4 \leq |r_s| < .7$ = correlação forte, e 1 = correlação perfeita (Field, 2017).

Resultados

Na estatística descritiva sobre a LSS, na versão autoperceção, os treinadores demonstram, para todos os tipos de formação formal, valores médios superiores, no comportamento de reforço (EF/CD $\bar{x}= 4.65 \pm \sigma=.24$; FD $\bar{x}= 4.58 \pm \sigma=.26$; FT $\bar{x}=3.80 \pm \sigma=.00$.), seguido de treino instrução (EF/CD $\bar{x}=3.99 \pm \sigma=.37$; FD $\bar{x}=4.38 \pm \sigma=.38$; FT $\bar{x}=3.53 \pm \sigma=.26$), comportamento democrático (EF/CD $\bar{x}=3.70 \pm \sigma=.86$; FD $\bar{x}= 4.21 \pm \sigma=.10$; FT $\bar{x}=3.14 \pm \sigma=.13$), suporte social (EF/CD $\bar{x}=3.02 \pm \sigma=.61$; FD $\bar{x}=3.42 \pm \sigma=.52$; FT $\bar{x}=2.25 \pm \sigma=.00$) e comportamento autocrático (EF/CD $\bar{x}=1.52 \pm \sigma=.45$; FD $\bar{x}= 2.02 \pm \sigma=.94$; FT $\bar{x}=1.00 \pm \sigma=.00$) como se pode observar na figura 1.

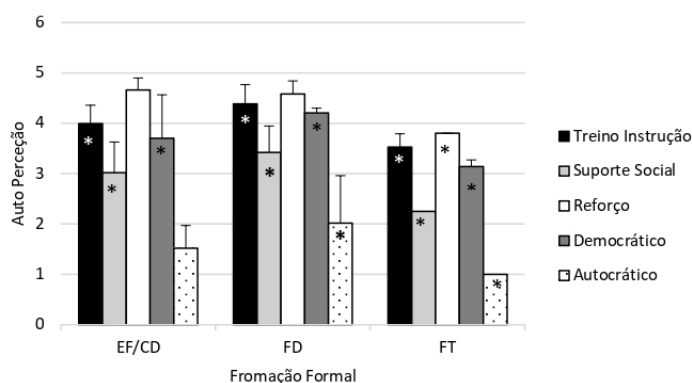


Figura 1. Estatística descritiva da relação entre os comportamentos de liderança na versão auto perceção com a formação formal dos treinadores. Formação dos treinadores: Educação Física / Ciências do Desporto (EF/CD); Formação na área da deficiência (FD); Formação Técnica (FT). *<.05.

Observando a figura 2, relativa à versão perceção dos atletas sobre os treinadores, verifica-se, para todos os tipos de formação formal, valores médios superiores no comportamento reforço (EF/CD $\bar{x}=4.82 \pm \sigma= .43$; FD $\bar{x}=4.76 \pm \sigma= .40$; FT $\bar{x}=5.00 \pm \sigma= .00$), seguido de suporte social (EF/CD $\bar{x}=4.65 \pm \sigma= .93$; FD $\bar{x}=4.72 \pm \sigma= .47$; FT $\bar{x}=5.00 \pm \sigma= .00$), treino instrução (EF/CD $\bar{x}=4.71 \pm \sigma= .45$; FD $\bar{x}=4.53 \pm \sigma= .67$; FT $\bar{x}=4.75 \pm \sigma= .43$), comportamento democrático (EF/CD $\bar{x}=3.83 \pm \sigma= 1.14$; FD $\bar{x}=4.19 \pm \sigma= .85$; FT $\bar{x}=3.94 \pm \sigma= .88$) e comportamento autocrático (EF/CD $\bar{x}=2.76 \pm \sigma= 1.44$; FD $\bar{x}=1.80 \pm \sigma= 1.04$; FT $\bar{x}=2.44 \pm \sigma= 1.53$).

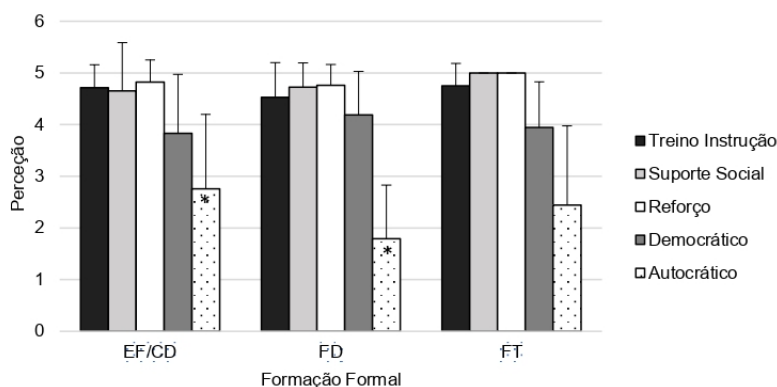


Figura 2. Estatística descritiva da relação entre os comportamentos de liderança na versão perceção com a formação formal dos treinadores. Formação dos treinadores: Educação Física / Ciências do Desporto (EF/CD); Formação na área da deficiência (FD); Formação Técnica (FT). *<.05.

A tabela 1 apresenta os resultados do valor do *p-value* do teste de correlação de Spearman, *pairs comparisons* entre os grupos da formação formal e o η^2 , relativos aos comportamentos de liderança nas duas versões em análise. Foram designados com (1) os treinadores com formação técnica, (2) educação física e ciências do desporto e (3) formação na área da deficiência. Observa-se que na versão auto perceção existem diferenças estatisticamente significativas relativamente à formação formal e comportamentos de liderança do treino. Por sua vez, na versão perceção as diferenças estatisticamente verificam-se somente no comportamento autocrático.

Pires, P., Batista, M., Mesquita, H., & Ibáñez, S. J.

Tabela 1. Valor ρ , p-value e η^2 consoante a formação formal. (1) formação técnica; (2) educação física e ciências do desporto; (3) formação da área da deficiência.

		Pairs Comparisons			η^2
		ρ	Pair	p-value	
Auto Perceção	Treino Instrução	.00	(1)-(2)	.034	.69
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.000	
	Suporte Social	.00	(1)-(2)	.004	.62
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.015	
	Reforço	.00	(1)-(2)	.000	.58
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.530	
	Democrático	.00	(1)-(2)	.019	.72
			(1)-(3)	.000	
			(2)-(3)	.001	
Autocrático	.001	(1)-(2)	.059	.25	
		(1)-(3)	.001		
		(2)-(3)	.302		
Perceção	Treino Instrução	.771	-----	-----	.02
	Suporte Social	.082	-----	-----	.06
	Reforço	.106	-----	-----	.47
	Democrático	.273	-----	-----	.23
	Autocrático	.005	(1)-(2)	.672	.94
			(1)-(3)	.004	
(2)-(3)			1.000		

A figura 3 representa as relações entre a auto percepção e percepção do comportamento de liderança do treinador. Nesta medida, e fruto da distribuição não normal dos dados, usamos o coeficiente de correlação de Spearman (ρ) para avaliar a intensidade entre as variáveis mencionadas e determinar a significância das correlações entre elas. Observam-se relações de correlações positivas e negativas, sendo estas de dois tipos de significância: fraca positiva ou negativa e moderada positiva ou negativa (Field, 2017).

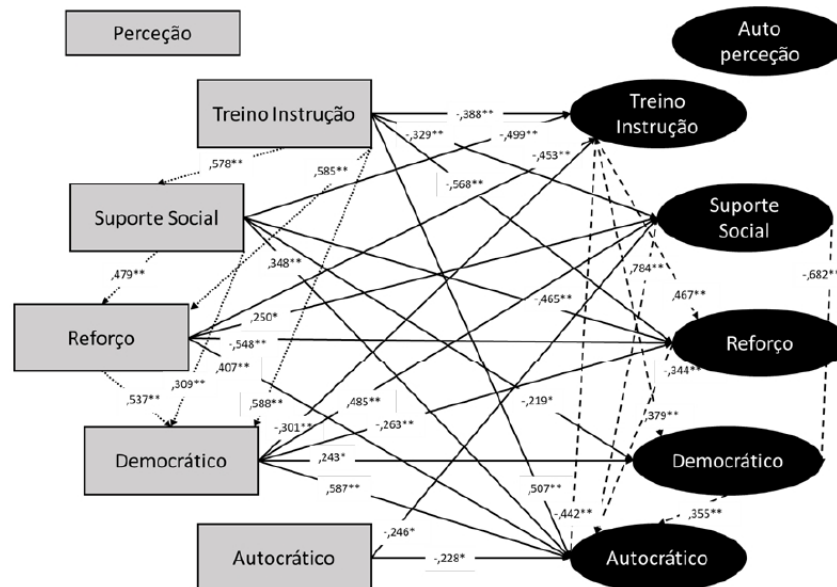


Figura 3. Correlações entre as variáveis do comportamento de liderança dos treinadores na versão auto percepção e percepção
 → correlação entre a percepção e auto percepção - - - - -> correlação entre as dimensões da auto percepção
 - - - - -> correlação entre as dimensões da percepção. * $p < .005$ ** $p < .001$.

Discussão

O estudo tem como principal objetivo identificar a autoperceção dos comportamentos de liderança do treinador dos *Special Olympics Portugal*, bem como a perceção dos atletas sobre os comportamentos de liderança do treinador. Além deste aspeto pretende-se analisar a correlação entre as duas versões dos comportamentos de liderança do treinador.

Numa fase preliminar da análise constatou-se que, os comportamentos de liderança apresentaram um índice de fiabilidade $\alpha \geq 0.50$. No entanto Chelladurai (2007), alerta que este facto ocorre devido a dimensão do comportamento autocrático, uma vez que em inúmeros estudos utilizando este instrumento apresentam um $\alpha < 0.60$ na dimensão referida. Desta forma, o autor anteriormente mencionado revela que é um problema de composição na construção e avaliação do comportamento autocrático no questionário, no entanto refere que é fundamental mantê-lo. Desta forma, é necessário interpretar o valor alfa tendo em consideração as especificidades do estudo (Taber, 2017).

Os resultados demonstram que os treinadores se percebem com um estilo de liderança mais associado ao reforço e treino instrução, e menos de suporte social e autocrático. Já os atletas consideram que os seus treinadores desenvolvem mais comportamentos de liderança de reforço e suporte social, e menos de procedimentos democrático e autocrático. Os comportamentos de liderança dos treinadores são influenciados pelo contexto envolvente (Misasi, Morin, & Kwasnowski, 2016). No desporto regular, as investigações indicam que existem diferenças entre os comportamentos de liderança nos desportos coletivos e individuais (Paquete, Dias, Corte-Real, & Fonseca, 2012). Nos desportos coletivos os atletas tendencialmente preferem comportamentos autocráticos, treino instrução e reforço e nos individuais (Borrego, Silva, & Palmi, 2012) e nos desportos individuais preferem que o treinador apresente comportamentos mais democráticos e de suporte social (Silva et al., 2014). No desporto adaptado os treinadores devem promover estilos de liderança mais de suporte social, com o intuito de promover a autonomia dos atletas (Cheon, Reeve, Lee & Lee, 2015). Quando à perceção, Hatamleh et al. (2009) efetuaram um estudo com 63 atletas com deficiência física, cujos resultados indicam que os seus treinadores apresentam comportamentos de liderança mais do tipo reforço e suporte social. Os autores referidos, realçam que este tipo de comportamento se revela um meio mais facilitador para os atletas se sentirem mais satisfeitos com a sua experiência desportiva.

Quanto à relação entre a autoperceção e perceção com a formação formal dos treinadores verificam-se diferenças estatisticamente significativas, em todos os grupos nos comportamentos de liderança na versão autoperceção. Por sua vez, na versão perceção apenas se verificam diferenças estatisticamente significativas no comportamento de liderança autocrático, onde os treinadores formados na área da deficiência são menos autocráticos quando comparados com os profissionais com formação técnica. Este é um resultado expetável, pois os treinadores com mais formação específica, promovem estilos de liderança mais democráticos, enquanto profissionais menos especializados adotam uma liderança mais autocrática (Jones et al., 2003). Perante esta premissa, treinadores com uma base extensa de conhecimento desenvolvem eficazmente a promoção de uma gestão democrática do treino, aliando um clima de apoio particular aos atletas (Bloom et al., 2014; Jones, 2003).

Fruto da falta de formação específica dos treinadores, constata-se que na versão autoperceção, nomeadamente no comportamento de liderança de treino instrução e reforço, verificam-se correlações negativas com todos os comportamentos de liderança, na versão perceção, exceto para o autocrático. Consequentemente, o paradigma da falta de formação específica na área do desporto adaptado, diminui a eficácia quanto aos procedimentos comportamentais a serem adotados pelos treinadores (Martin et al., 2014; McMaster et al., 2012; Pires et al, 2021b).

Conclusão

Os treinadores mais especializados têm comportamentos de liderança mais adequados consoante a perceção dos atletas com deficiência intelectual, torna-se assim evidente que a formação específica é um fator facilitador na otimização do processo de treino.

É fundamental que os treinadores de atletas com deficiência intelectual encarem o processo de treino de forma holística, onde todos atletas são agentes ativos e elementos preponderantes para o desenvolvimento de conhecimento e otimização do treino.

Em suma, os comportamentos de liderança são fortemente influenciados por contextos específicos e particulares. No entanto, no desporto adaptado, a visão desta problemática deve ser abordada numa perspetiva globalizante, pois o desporto é um veículo transformador em atletas com condição de deficiência.

Limitações

É importante compreender, com maior profundidade e globalidade, o comportamento de liderança do treinador, introduzindo a versão preferêncial dos atletas em futuros estudos, bem como averiguar o grau de autodeterminação dos atletas com deficiência intelectual. Adicionalmente, torna-se pertinente incidir em investigações que coloquem os atletas com deficiência intelectual como agentes ativos no processo investigativo, bem como a participação de outras tipologias da deficiência.

Aplicações práticas

Torna-se essencial elaborar programas de formação formais específicos para os treinadores que intervêm na área do desporto adaptado. Este contexto, permitiria aos treinadores adquirirem conhecimento específico sobre a área da deficiência, com o objetivo de adequarem o treino às reais necessidades dos atletas (Pires et al. 2021a). Aliado a este facto, é imperioso um reforço investigativo na área do desporto adaptado, como o intuito de expandir e especificar o conhecimento para aumentar a eficácia no treino (Pires et al. 2021a).

Author Contributions: Conceptualização, P.P., M.B., H.M., e S.J.I.; Metodologia, P.P., M.B., H.M., e S.J.I.; Análise formal, M.B., P.P.; Revisores, P.P., M.B., H.M. e S.J.I.; Elaboração de documento original, P.P.; Revisão e edição, H.M. e S.J.I.; Visualização, P.P. e M.B.; Supervisão, M.B., H.M. e S.J.I. Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

Referências

- Ato, M., López-García, J. J., & Benavente, A. (2013). Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología / Annals of Psychology*, 29(3), 1038–1059. <https://doi.org/10.6018/analesps.29.3.17851>
- Banack, H., Sabiston, C., & Bloom, G. (2011). Coach autonomy support, basic need satisfaction, and intrinsic motivation of paralympic athletes. *Research Quarterly for Sport and Exercise*, 82(4), 722–730. <https://doi.org/10.1080/027011367.2011.1059809>
- Bentzen, M., Alexander, D., Bloom, G. A., e Kenttä, G. (2020) What Do We Know About Research on Paraspport Coaches? A Scoping Review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 38(1): 109-137. <https://doi.org/10.1123/apaq.2019-0147>
- Bloom, G.; Falcão, W. y Caron, J. (2014). Coaching high performance athletes: Implications for coach training; Gómes, A., Resende, R., Albuquerque, A., Eds *Positive Human Functioning from a Multidimensional*, 107-132. New York, USA, Nova Science Publishers.
- Borrego, C. C., Silva, C., & Palmi, J. (2012). Programa de intervención psicológica para la optimización del concepto de equipo (team building) en jóvenes futbolistas. *Revista de Psicología del Deporte*, 21, 49-58.
- Brooker, K., Van Dooren, K., McPherson, L., Lennox, N. y Ware, R. (2015). A systematic review of interventions aiming to improve involvement in physical activity among adults with intellectual disability. *Journal of Physical Activity & Health*, 12, 434–444. <https://doi.org/10.1123/jpah.2013-0014>
- Burkett, B. (2013). *Coaching athletes with a disability*. In P. Potrac, W. Gilbert, e J. Denison (Eds.), *Routledge handbook of sports coaching* (pp. 196–209). London, England: Routledge.
- Chelladurai, P. (2007). Leadership in Sports. *Handbook of Sport Psychology*, 111–135. DOI:10.1002/9781118270011.ch5
- Chelladurai, P., e Saleh, S. D. (1978). Preferred leadership in sports. *Canadian Journal of Applied Sport Sciences*, 3, 85–92.
- Chen, C.-H., Hsu, K.-L., Shu, B.-C., e Fetzer, S. (2012). The image of people with intellectual disability in Taiwan newspapers. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 37(1), 35–41. <https://doi.org/10.3109/13668250.2011.650159>
- Cheon, S. H., Reeve, J., Lee, J., e Lee, Y. (2015). Giving and receiving autonomy support in a high-stakes sport context: A field-based experiment during the 2012 London Paralympic Games. *Psychology of Sport and Exercise*, 19, 59–69. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2015.02.007>
- Conroy, D., e Coatsworth, J. (2006). Coach training as a strategy for promoting youth social development. *The Sport Psychologist*, 20, 128-144. <https://doi.org/10.1123/tsp.20.2.128>
- Cregan, K., Bloom, G. e Reid, G. (2007) Career Evolution and Knowledge of Elite Coaches of Swimmers with a Physical Disability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78 (4), 339-350. <https://doi.org/10.1080/02701367.2007.10599431>
- De Knegt, N. C., Schuengel, C., Lobbezoo, F., Visscher, C. M., Evenhuis, H. M., Boel, J. A., e Scherder, E. J. A. (2016). Comprehension of pictograms for pain quality and pain affect in adults with Down syndrome. *Journal of Intellectual & Developmental Disability*, 41(3), 222–232. <https://doi.org/10.3109/13668250.2016.1176129>
- Fairhurst E., Bloom G. e Harvey W. (2016). The Learning and Mentoring Experiences of Paralympic Coaches, *Disability and Health Journal*, 10(2), 240-246. <https://doi.org/10.1016/j.dhjo.2016.10.007>

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO - IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

Autoperceção e perceção dos comportamentos de liderança dos treinadores dos special olympics portugal

- Ferguson, C. J. (2009). An effect size primer: a guide for clinicians and researchers. *Prof. Psychol.* 40, 532–538. <https://doi.org/10.1037/a0015808>.
- Feu, S., Ibanez, S.J., Gozalo, M. e Lorenzo, A. (2010). Decision and Planning Style of Spanish Handball Coaches. *The Open Sports Sciences Journal*, 3, 111-117. <https://doi.org/10.2174/1875399X010030100111>
- Feu, S., Ibáñez, S. J., & Gozalo, M. (2007). Propiedades psicométricas de los cuestionarios EDD y EPD para evaluar el estilo de planificación y decisión de los entrenadores. *Revista de Psicología del Deporte*, 16(2), 185-199.
- Feu, S., Ibáñez, S. J., Lorenzo, A., Jiménez, S., & Cañadas, M. (2012). Professional knowledge acquired by handball coaches: training and experience. *Revista de Psicología del Deporte*, 21(1), 107-115.
- Field, A. (2017). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*. London: Sage.
- Gamonales Puerto, J. M., Hidalgo Murillo, A., León Guzmán, L., García Santos, D., Muñoz Jiménez, J. (2018). Propuesta de adaptación del reglamento de balonmano para jugadores con discapacidad intelectual. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte* 14(2),109-118.
- Gummer, T., Vogel, V., Kunz, T., e Roßmann, J. (2019). Let's put a smile on that scale: Findings from three web survey experiments. *International Journal of Market Research*, 61(1),18-26. <https://doi.org/10.1177/1470785319858598>.
- Hatamleh, M. R., Al-Ruz, H. H. A., e Hindawi, O. S. (2009). Coach's leadership behavior as a predictor of satisfaction with leadership: Perceptions of athletes with physical disabilities. *International Journal of Applied Educational Studies*, 4, 14-33.
- Hernández-Beltrán, V., Gámez-Calvo, L., & Gamonales, J.M. (2021). Propuesta de Unidad Didáctica para Educación Física: "Conociendo los deportes para personas con discapacidad visual". *e-Motion: Revista de Educación, Motricidad e Investigación*, 15, 77-101. <https://doi.org/10.33776/remo.v0i15.5031>.
- Jones, L., Armour, M., e Potrac, P. (2003). Constructing expert knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. *Sport, Education and Society*, 8, 213–229. <https://doi.org/10.1080/13573320309254>
- Jowett, S. (2017). Coaching effectiveness: the coach–athlete relationship at its heart. *Current Opinion in Psychology*, 16, 154–158. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.05.006>
- Jowett, S., Lavallee, D. (2007). *Social Psychology in Sport*. Windsor, Ontario, Canada: Human Kinetics.
- Mallett, C. J., Trudel, P., Lyle, J., e Rynne, S. B. (2009). Formal vs. Informal Coach Education. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(3), 325–364. <https://doi.org/10.1260/174795409789623883>.
- Martin, J., e Whalen, L. (2014). Effective Practices of Coaching Disability Sport. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 7(2), 13-23. <https://doi.org/10.5507/euj.2014.007>.
- McMaster, S., Culver, D., e Werthner, P. (2012). Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4, 226-243. <https://doi.org/10.1080/2159676x.2012.686060>.
- Misasi, S. P., Morin, G., e Kwasnowski, L. (2016). Leadership: Athletes and coaches in sport. *The Sport Journal*, 22.
- Montero, I., G., & León O. (2007). A guide for naming research studies in Psychology. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 7(3), 847-862.
- Nelson, L. J., Cushion, C. J. e Potrac, P. (2006). Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 1(3), 247–259. <https://doi.org/10.1260/174795406778604627>
- Paquete, M., Dias, C., Corte-Real, N., & Fonseca, A. (2012) Liderança no desporto adaptado: Um estudo com atletas de Boccia e de Basquetebol em cadeira de rodas. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 12(2),82-100. <https://doi.org/10.5628/rpcd.12.02.82>
- Pires, P.; Batista, M.; Marinho, D.A.; Antúnez, A.; Mesquita, H.; Ibáñez, S.J (2021a). Training and Profile of Special Olympics Portugal Coaches: Influence of Formal and Non-Formal Learning. *Int. J. Environ. Res. Public Health* 18, 6491. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126491>
- Pires, P.; Ramalho, A.; Antúnez, A.; Mesquita, H.; Ibáñez, S.J (2021b). Career Development of Adapted Sports Coaches Systematic Review of Qualitative Evidence Literature. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 18, 6608. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126608>
- Rangeon, S., Gilbert, W. e Bruner, M. (2012). Mapping the world of coaching science: A citation network analysis. *Journal of Coaching Education*, 5,83–108. DOI:10.1123/jce.5.1.83.
- Rodríguez, P.; Muñoz, J; León, F. (2015). Deporte de orientación para personas con discapacidad intelectual. *E-balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte* 11(3), 219-217.
- Safania, A., e Mokhtari, R. (2012). Participation in sports activities in leisure time and quality of life of active and inactive disabled war veterans and disabled people. *International Research Journal of Applied and Basic Sciences*, 3(4), 859-867.
- Serpa, S., Lacoste, P., Antunes, I; Pataco, V. e Santos, F. (1988). *Metodologia de tradução e adaptação de um teste específico de desporto - Leadership Scale For Sports*. II Simpósio Nacional de investigação em Psicologia. Lisboa.
- Silva, J.E., Rosado, A., Silva, C., e Serpa, S. (2014). Relação entre inteligência emocional, satisfação com a vida e prática desportiva. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 9, 93-109.
- Son, S., Jeon, B., y Kim, H. (2016). Effects of a walking exercise program for obese individuals with intellectual disability staying in a residential care facility. *Journal of Physical Therapy Science*, 28, 788–793. <https://doi.org/10.1589/jpts.28.788>
- Special Olympics Portugal. 2 de janeiro de 2021. Special Olympics. <https://media.specialolympics.org/resources/leading-a-program/program-profiles/SOEE/Portugal-FactSheet-2020>.
- Taber, K. S. (2017). The Use of Cronbach's Alpha When Developing and Reporting Research Instruments in Science Education. *Research in Science Education*, 48,1-24. <https://doi.org/10.1007/s11165-016-9602-2>.
- Tawse, H., Bloom, G., Sabiston, C e Reid, G (2012). The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4, 206-225. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.685104>
- Tomasone, J. R., Wesch, N. N., Martin Ginis, K. A., e Noreau, L. (2013). Spinal Cord injury, physical activity, and quality of life: A systematic review. *Kinesiology Review*, 2, 113–12.
- Vieira, A., Dias, C., Real, N., e Fonseca, M. (2014). O conhecimento e ações do treinador em situações de competição: o estudo da percepção dos treinadores da superliga brasileira de voleibol. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 9 (2), 393-420.
- Weinberg, R., e McDermott, M. (2002). A comparative analysis of sport and business organizations: Factors perceived as critical for organizational success. *Journal of Applied Sport Psychology*,14, 282–298.

10.5. Estudo V: Relação da formação formal na liderança dos treinadores e na autodeterminação e bem-estar dos atletas com deficiência intelectual

2022 · Retos Nº 46 / Págs. 480-489

© Copyright: Federación Española de Asociaciones de Docentes de Educación Física (FEADEF) ISSN: Edición impresa: 1579-1726. Edición Web: 1988-2041 (<https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/index>)

Relação da formação formal na liderança dos treinadores e na autodeterminação e bem-estar dos atletas com deficiência intelectual
Relationship of formal training on coaches' leadership and self-determination and well-being of athletes with intellectual disabilities

Relación de la formación reglada con el liderazgo y la autodeterminación de los entrenadores y el bienestar de los deportistas con discapacidad intelectual

*Pedro Pires, **Marco Batista, **Helena Mesquita, *Sergio J. Ibáñez

*Universidad de Extremadura (España), **Instituto Politécnico de Castelo Branco (Portugal)

Resumo. Os treinadores são amplamente reconhecidos como um dos agentes sociais mais importantes no panorama desportivo. Torna-se fundamental analisar a relação entre treinador- atleta, uma vez que esta é primordial para atletas com deficiência intelectual. O estudo tem como principal objetivo identificar a liderança dos treinadores, conhecer o grau de autodeterminação, necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com deficiência intelectual e analisar a relação da formação formal dos treinadores nas variáveis referidas anteriormente. A investigação foi descritiva e de corte transversal, com uma amostra constituída por 50 treinadores e 94 desportistas do universo dos Special Olympics Portugal. Foram utilizados vários instrumentos para medir a liderança, a autodeterminação, as necessidades psicológicas básicas, a satisfação com a vida e os afetos. Perante os resultados obtidos, constata-se que a liderança dos treinadores se percebe como uma liderança tendencialmente mais para o reforço e treino-instrução. Os atletas demonstram ter uma motivação autónoma para o desporto e privilegiam a autonomia proporcionada pela atividade desportiva. Estas premissas permitem que os atletas apresentem valores elevados de satisfação com a vida e afetos positivos. Em suma, o desporto para os atletas com deficiência intelectual tem um efeito transformador, não só no contexto desportivo como social.

Keywords: Liderança; Desporto Adaptado; Deficiência Intelectual; Treinadores; Atletas; Autodeterminação; Necessidades Psicológicas básicas; Satisfação com a vida; Afetos.

Abstract. Coaches are widely recognised as one of the most important social agents in the sporting landscape. It becomes fundamental to analyse the relationship between coach-athlete, since this is primordial for athletes with intellectual disabilities. The study has as main objective to identify the coaches' leadership, to know the degree of self-determination, basic psychological needs, satisfaction with life and affections of athletes with intellectual disabilities and to analyse the relationship of the coaches' formal education in the aforementioned variables. The research is descriptive and cross-sectional, with a sample consisting of 50 coaches and 94 athletes from the universe of Special Olympics Portugal. Several instruments were used to measure leadership, self-determination, basic psychological needs, life satisfaction and affections. In view of the results obtained, it was observed that the coaches' leadership is perceived as a leadership tending more towards reinforcement and training-instruction. Athletes show an autonomous motivation for sport and favour the autonomy provided by sport activity. These premises allow athletes to show high values of life satisfaction and positive affect. In short, sport for athletes with intellectual disabilities has a transforming effect, not only in the sporting but also in the social context.

Keywords: Leadership; Adapted Sports; Intellectual Disability; Coaches; Athletes; Self-determination; Basic Psychological Needs; Satisfaction with life; Affects

Resumen. Los entrenadores son ampliamente reconocidos como uno de los agentes sociales más importantes del panorama deportivo. Es fundamental analizar la relación entrenador-deportista, pues es esencial para los deportistas con discapacidad intelectual. El estudio tiene como objetivo principal identificar el liderazgo de los entrenadores, conocer el grado de autodeterminación, las necesidades psicológicas básicas, la satisfacción con la vida y los afectos de los deportistas con discapacidad intelectual y analizar la relación de la educación formal de los entrenadores en las variables mencionadas. La investigación fue descriptiva y transversal, con una muestra formada por 50 entrenadores y 94 deportistas del universo de Special Olympics Portugal. Se utilizaron varios instrumentos para medir el liderazgo, la autodeterminación, las necesidades psicológicas básicas, la satisfacción vital y los afectos. A la vista de los resultados obtenidos, se observa que el liderazgo de los entrenadores se percibe como un liderazgo que tiende más al refuerzo y a la formación-instrucción. Los deportistas muestran una motivación autónoma por el deporte y favorecen la autonomía que proporciona la actividad deportiva. Estas premisas permiten a los deportistas mostrar altos valores de satisfacción con la vida y afectos positivos. En resumen, el deporte para los deportistas con discapacidad intelectual tiene un efecto transformador, no sólo en el contexto deportivo sino también en el social.

Fecha recepción: 19-01-22. Fecha de aceptación: 11-07-22

Pedro Rui Inês Pires

pedroruinespires@gmail.com

Palabras clave: Liderazgo; Deportes adaptados; Discapacidad intelectual; Entrenadores; Deportistas; Autodeterminación; Necesidades psicológicas básicas; Satisfacción con la vida; Afectos

Introdução

A deficiência intelectual (DI) é caracterizada por um funcionamento intelectual e de comportamento adaptativo significativamente abaixo da média, detetado durante o período de desenvolvimento (ICD-11; World Health Organization, 2019; Schalock et al., 2021). O desporto apresenta-se como uma atividade com benefícios fisiológicos, psicológicos e sociais para indivíduos com DI (Brooker et al. 2015; Son et al. 2016). A ideia anteriormente exposta, é reforçada pela Convenção da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência especificamente no artigo 30º, onde se encontra refletido que o desporto é uma atividade importante, tanto para a participação social como para a qualidade de vida.

Desta forma, o desporto constitui-se como uma atividade estruturada onde os treinadores têm um papel fundamental sobre os atletas, visto que são considerados por estes como líderes e especialistas (Conroy & Coatsworth, 2006; MacDonald et al., 2014). Pires et al. (2022) mostraram que os treinadores com formação específica na área da deficiência têm comportamentos mais adequados às características das necessidades específicas dos atletas. Horn (2008) refere que os treinadores são amplamente reconhecidos como um dos agentes sociais mais importantes no panorama desportivo. Perante esta premissa, torna-se fundamental analisar a relação entre treinador-atleta, uma vez que esta é primordial para atletas com deficiência (Bloom et al., 2014; Burkett, 2013; Martin & Whalen, 2014;). Assim, Bloom et al. (2014), consideram que os atletas sentem maior ligação com treinadores que se preocupam com eles dentro e fora da área de jogo, permitindo um treino eficaz e adequado às necessidades particulares do atleta. Nesta perspetiva, Bentzen et al. (2020), consideram essencial o desenvolvimento de um modelo de treino eficaz específico para o desporto adaptado a fim de compreender quais os determinantes para a prática de um treino eficaz (Martin & Whalen, 2014).

As preocupações anteriormente expostas são agudizadas pela falta de formação formal específica para treinadores de desporto adaptado (Bentzen et al., 2020; McMaster et al. 2012; Pires et al., 2021). A formação formal, globalmente, é entendida como requerendo diretrizes de admissão, frequência obrigatória, currículos normalizados e culmina com uma certificação (Feu et al., 2010; Nelson et al., 2006). No caso do desporto adaptado, este tipo de formação é escasso e dispendioso, o que consequentemente leva a uma aprendizagem por tentativa e erro por parte dos profissionais (Douglas et al., 2017; Pires, Batista et al., 2021). Perante esta prerrogativa Bentzen et al. (2020), realizaram uma *scoping review* com o objetivo de desenvolver o conhecimento específico na área do desporto adaptado,

concluindo que dos 44 estudos analisados apenas quatro focavam conhecimentos específicos de *adapted sports coach*. Assim, torna-se imperativo a formação e investigação na área do desporto adaptado, com o intuito de adequar o processo de treino às necessidades específicas dos atletas (Gamonales et al. 2018, Hernández et al. 2021; Martins et al., 2022; Pires et al., 2021).

Deste modo, para satisfazer as necessidades reais dos seus atletas, é essencial o treinador adaptar os seus comportamentos e estratégias (Banack et al., 2011; Cregan et al., 2007; Feu et al., 2010; Tawse et al., 2012). Neste contexto, os comportamentos de liderança são essenciais para alcançar a excelência e o sucesso no desporto (Weinberg & McDermott, 2002). Em termos genéricos, os estudos sobre o tema concluem que as perceções dos atletas sobre a liderança dos treinadores variam consoante as suas próprias características individuais, bem como os contextos onde se encontram inseridos (Chelladurai, 2007). Os estudos demonstram que os treinadores também são influenciados na sua liderança pelas características específicas dos atletas (Silva et al., 2014; Vieira et al., 2014). Especificamente, Hatamleh et al. (2009) realizaram um estudo sobre as perceções de atletas com deficiência física e os comportamentos de liderança dos treinadores, e concluíram que os desportistas rejeitam comportamentos autocráticos pois inibem a sua satisfação na prática desportiva. Assim, os comportamentos de liderança dos treinadores e as vivências e o bem-estar dos atletas com condição de deficiência são primordiais para obter um treino eficaz e por isso devem ser considerados na formação dos treinadores (Shirazipour et al., 2017; Turnidge et al., 2012).

No entanto, esta situação não acontece no desporto adaptado, uma vez que não existe um modelo de treino eficaz (Bloom et al. 2014). Como forma de dar resposta à preocupação exposta, Bloom e colegas (2014), propõem a utilização do modelo 3+1 Cs (Jowett & Lavalee, 2007) na área do desporto adaptado, visto que este incide sobre a importância do treinador em adequar o processo de treino às necessidades particulares dos atletas. O modelo preconiza que a qualidade da relação entre treinador-atleta fundamental para o treino e sua eficácia, obtendo assim um conhecimento holístico da relação treinador-atleta (Jowett et al., 2012). A relação entre ambos é mediada pelo conhecimento e a liderança dos treinadores, constituindo estas duas premissas um constructo fundamental para a melhoria da competência, satisfação, felicidade e satisfação dos atletas. Jowett (2012) refere que o conhecimento sistemático deste modelo pode torná-lo num instrumento útil na formação do treinador.

Tendo em conta a importância que a relação entre treinador-atleta assume, como observado no modelo anteriormente referido, é necessário analisá-la com base num

pressuposto teórico que inclua os antecedentes motivacionais dos atletas e os seus determinantes (Allan et al., 2019; Komenda et al., 2021). Esta perspetiva é corroborada por Frielink (2018), uma vez que considera que a teoria da autodeterminação fornece conhecimentos relevantes sobre o bem-estar das pessoas com deficiência intelectual, permitindo o desenvolvimento globalizante de métodos e programas de intervenção no quotidiano (Verdugo et al., 2013). Formalmente, a teoria da autodeterminação é uma macro teoria sobre a motivação humana e que analisa as causas e as consequências do comportamento intrinsecamente motivado (Deci & Ryan, 2000, 2002, 2008). Deste modo, o modelo teórico referido explica que o comportamento humano tem como base *continuum* a motivação que varia entre a amotivação, motivação controlada (motivação extrínseca introjetada e externa) e motivação autónoma (motivação intrínseca e motivação extrínseca integrada e identificada) (Deci & Ryan, 2008). Neste contexto, considera-se basilar abordar uma micro teoria que deriva da teoria da autodeterminação, a teoria das necessidades psicológicas básicas (Ryan & Deci, 2000, 2017). Esta micro teoria constitui-se como uma das mais explicativa das motivações contemporâneas (Moreno-Murcia et al., 2011). São definidas nesta teoria três necessidades psicológicas básicas: autonomia, competência e relação (Ryan & Deci, 2000, 2017). Assume-se que estas necessidades são universais para todos os seres humanos ao longo da vida, devendo ser um meio para a promoção do bem-estar pessoal, a vitalidade e a saúde mental (Blauwet & Willick 2012, Deci 2004, Ryan & Deci, 2000, 2017). Tay e Diener (2011) referem que as necessidades psicológicas básicas são preditoras da teoria do bem-estar subjetivo. Esta teoria corresponde à avaliação que um indivíduo faz em cada momento da sua vida, e subdivide-se em duas componentes (Diener et al., 1985, 1999). A componente cognitiva corresponde à satisfação com a vida e a emocional diz respeito aos aspetos positivos e negativos (Diener et al., 1985; Galinha & Pais-Ribeiro, 2005). Moltó e Bruna (2017) realizaram um estudo onde avaliaram a influência da prática desportiva na autodeterminação e satisfação com a vida de 74 pessoas com DI e concluíram que a prática desportiva tem um impacto moderado na autodeterminação e satisfação com a vida dos indivíduos com DI que praticam desporto. Quanto às necessidades psicológicas básicas, Komenda et al., (2021) realizaram uma investigação com 168 atletas com DI durante *Special Olympics World Winter Games 2017*, onde analisaram a associação entre a autodeterminação e a satisfação com a vida, bem como se esta ligação é medida pela satisfação das necessidades psicológicas básicas. Os autores referidos concluíram que a autodeterminação está associada à satisfação com a vida e que os atletas com maior perceção de competências têm índices mais elevados de satisfação com a vida. Ainda a considerar

que a satisfação com a vida, pode ser regulada por fatores ambientais e intrapessoais como: idade, género, tipologia da deficiência e tipo de desporto (Moltó & Bruna, 2017).

Salienta-se que é fundamental incluir atletas com deficiência, em estudos na área do desporto adaptado, pois muitas vezes são excluídos dos procedimentos investigativos (Everett et al., 2019; Hernández et al., 2021; Martins et al., 2022). Os autores anteriormente mencionados, sugerem que a utilização de teorias motivacionais é uma ótima forma de dar voz aos atletas com DI, e assim fornecer um ponto de partida para melhorar a formação e o desenvolvimento do desporto adaptado.

Pires et al. (2021) reforçam a ideia anteriormente exposta, e acrescentam que para se ter uma visão holística sobre a problemática do treino no desporto para atletas com DI, é necessário analisar os aspetos inerentes à formação e liderança do treinador aliados à satisfação e motivação dos atletas.

Em suma, o estudo aqui apresentado tem como objetivos a) caracterizar os treinadores quanto à autopercção e perceção dos atletas do estilo de liderança, b) caracterizar os atletas relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI e c) Examinar diferenças e efeitos da formação formal dos treinadores nas variáveis referidas anteriormente. De acordo com, os objetivos definiram-se as seguintes hipóteses: Os treinadores diferem quanto à sua autopercção de liderança em função da sua formação; Os atletas diferem quanto à motivação, necessidades psicológicas básicas e bem estar subjetivo, em função da formação dos seus treinadores; A formação formal dos treinadores exerce influência sobre a motivação, necessidades psicológicas básicas e bem estar subjetivo dos atletas.

Método

A investigação é descritiva e de corte transversal dos treinadores e atletas do *Special Olympics* Portugal, com a participação de 50 treinadores e 94 desportistas. Os dados foram recolhidos através de inquérito por questionário com uma amostra por conveniência (León & Montero, 2008). O estudo foi conduzido de acordo com as diretrizes da Declaração de Helsínquia, e aprovado pelo Comité de Ética da Universidade antes do início do estudo (Referência: 238//2019).

Participantes

No estudo participaram 50 treinadores, 15 do género feminino e 35 do género masculino ($M=38.50 \pm DP=11.08$). Os treinadores são maioritariamente formados em Educação Física e Ciências de Desporto, perfazem

do um total de 36 (72%) do total da amostra. Apenas oito treinadores têm formação na área da deficiência (16%) e os restantes seis têm formação técnica (12%).

Quanto aos atletas participaram 94 atletas, 27 do género feminino e 67 do género masculino ($M=32.61 \pm DP=13.78$), tendo o desportista mais novo do estudo 11 anos e o mais velho com 63 anos. Quanto às modalidades no âmbito do SOP, existem 8 modalidades, 6 individuais (atletismo, ginástica, equitação, natação, golfe, ténis de mesa) e 2 coletivas (futebol e basquetebol). Neste sentido, 42.5% praticam modalidades individuais, 16% modalidades coletivas e 41.5% modalidades coletivas e individuais. De mencionar que só 2 atletas referiram praticar apenas uma modalidade individual. Todos os atletas são provenientes de instituições particulares de solidariedade social sem fins lucrativos, destinado à prestação de diversos serviços a pessoas com deficiência intelectual.

Segundo fonte dos *Special Olympics* Internacional em Portugal, encontram-se inscritos no movimento 221 treinadores e 3708 atletas. Neste contexto, a margem de erro da amostra do estudo é de 12.22% por parte dos treinadores e 9.98% dos atletas, dentro de grau de confiança de 95%. A margem de erro foi calculada através da seguinte fórmula $n=(z/\alpha \cdot \sigma)/E$.

Instrumentos

Os instrumentos selecionados encontram-se contextualizados com os objetivos do estudo. Em relação ao treinador, utilizámos o *Leadership Scale for Sport* (LSS) versão autoperceção. Quanto aos atletas com DI, foram aplicados os seguintes instrumentos: *Behavioral Regulation in Sport Questionnaire* (BRSQ); *Psychological Needs in Exercise Scale* (BPNES); *Satisfaction with Life Scale* (SWLS) e *Positive and Negative Affects Scale* (PANAS). Deste modo, para determinar a liderança optamos pelo LSS desenvolvida por Chelladurai e Saleh (1978) e validada em português por Serpa, Lacoste, Antunes, Pataco e Santos (1988) sob o nome de Escala de Liderança no Desporto. Esta escala avalia a perceção do treinador sobre a sua própria liderança (versão autoperceção), a perceção e preferências dos atletas (versão perceção e preferências) da liderança dos seus treinadores. Nesta investigação, foi utilizada exclusivamente a escala na sua versão de autoperceção e perceção. A LSS formalmente apresenta 40 itens para cada versão e o instrumento é composto por uma escala Likert de 5 frações (1= nunca; 5= sempre).

Utilizou-se o BRSQ (Lonsdale, Hodge & Rose, 2008), que reflete os tipos de motivação da Teoria da Autodeterminação (amotivação; motivação controlada; motivação autónoma). O questionário é constituído por 24 itens, avaliados através de uma escala de Likert de 7 frações (1= discordo totalmente; 7= concordo totalmente). Esta escala

está validada para o contexto desportivo na língua portuguesa por Monteiro, Moutão e Cid (2018).

O BPNES (Vlachopoulos & Michailidou, 2006) avalia as necessidades psicológicas básicas em 3 dimensões: autonomia, competência e relação. Este é composto por 12 itens avaliados por uma escala de Likert de 5 frações (1= Discordo totalmente; 5= concordo totalmente). Quanto à sua validação para a língua portuguesa, esta foi efetuada por Monteiro, Marinho, Moutão, Couto, Antunes e Cid (2016).

Para medir a satisfação com a vida recorremos ao SWLS (Diener et al., 1985) que foi validado para língua portuguesa por Albuquerque, Sousa e Martins (2010). Estruturalmente é constituído por 5 itens e avaliado através de uma escala Likert de 7 frações (1= discordo totalmente; 7= concordo totalmente).

Por último, quando aos afetos positivos e negativos estes foram medidos através da utilização do PANAS (Watson et al., 1988). É composto por 20 itens avaliados por uma escala Likert de 5 frações (1= nada; 5= extremamente). Foi validado para língua portuguesa por Galinha e Pais-Ribeiro (2005).

Pela especificidade da população, recorreu-se a uma *smiley face scales* pelo facto de ser um sistema familiar para estes atletas (Kneget et al., 2016) e constituir-se como uma plataforma de substituição dos rótulos numéricos (Gummer et al., 2019).

Variáveis

Os treinadores foram categorizados, consoante as especificidades da formação formal. Em termos epistemológicos, a formação formal encontra-se associada a estruturas institucionais que certifica em termos profissionais o treinador (Mallett et al., 2009). Investigar empiricamente o percurso de formação formal e as suas áreas de especialidade, contribuiu no processo global do desenvolvimento do treinador (Gilbert et al., 2006). Esta categorização sustenta a necessidade de aprofundar e especificar este tipo de formação (Nelson et al., 2006), dado que na área desporto adaptado é uma área pertinente de exploração (Fairhurst et al., 2016). Concretamente, agrupamos os treinadores em três categorias: i) educação física e ciências do desporto ($n=36$); ii) formação na área da deficiência ($n= 8$); iii) formação técnica ($n=6$).

As variáveis dependentes do estudo foram definidas através do instrumento de recolha de dados utilizado no estudo (tabela 1).

Procedimento

Todos os procedimentos do estudo foram aprovados pelo conselho de bioética da Universidade antes do início do estudo (Referência: 238/2019). O recrutamento dos

Tabela 1
Definição dos instrumentos utilizados no estudo: LSS; BRSQ; BPNES; SWLS e PANAS

Designação	Descrição
Liderança (LSS)- versão percepção e auto percepção	
<i>Treino-Instrução</i>	Carateriza-se pelo comportamento do treinador destinado a melhorar a performance.
<i>Suporte Social</i>	Encontra-se associado à preocupação do treinador com o bem-estar individual dos atletas.
<i>Reforço</i>	O treinador reforça positivamente os seus atletas, reconhecendo e recompensando o seu bom desempenho.
<i>Comportamento Democrático</i>	Treinador promove a participação ativa dos atletas nas decisões relacionadas com os objetivos do grupo.
<i>Comportamento Autocrático</i>	Preconiza a independência do treinador na tomada de decisão e no estabelecimento da sua autoridade.
Autodeterminação (<i>continuum</i> motivacional) - BRSQ	
<i>Amotivação</i>	Completa falta de motivação ou intenção para agir relativamente a um determinado comportamento
<i>Motivação controlada</i>	Realização de uma atividade pelos resultados que advém desta
<i>Motivação Autónoma</i>	Realização uma atividade pelo prazer que isso lhes dá e pela atividade em si.
Necessidade Psicológicas Básicas- BPNES	
<i>Competência</i>	Refere-se à experiência de percepções de eficácia pessoal e de mestria na realização de atividades.
<i>Relação</i>	Foca-se no desenvolvimento de laços/ vínculos emocionais significativos.
<i>Autonomia</i>	Permite ao indivíduo experienciar a autodeterminação e a regulação do comportamento autónomo através dos recursos internos.
Bem-estar subjetivo	
<i>Satisfação com a vida (SWLS)</i>	Corresponde à avaliação que o sujeito faz em cada momento da satisfação com a vida.
<i>Afetos (PANAS)</i>	Concerne à dimensão emocional e manifesta-se pelos afetos positivos e negativo.

participantes foi efetuado através de métodos múltiplos. Após análise do calendário de provas dos SOP, efetuou-se a seleção dos eventos com abrangência nacional, que incluísem no programa várias modalidades desportivas e com a duração de mais de um dia. Neste caso, a prova que preenchia todos os critérios foram os 6^{os} Jogos de Inverno Special Olympics Portugal 2018.

Foi solicitada autorização ao SOP para proceder à distribuição presencial do material de investigação no evento selecionado consoante os critérios estabelecidos. Realizou-se um ofício explicando o objetivo do estudo, autorização institucional para a recolha dos dados e assinatura do termo de consentimento informado por parte dos atletas ou dos seus tutores legais e treinadores.

Com a conclusão deste processo, efetuou-se o recrutamento de assistentes de investigação para proceder à recolha de dados, sendo constituído por estudantes de licenciatura e mestrado do curso de Desporto e Atividade Física da especialidade em Desporto Adaptado e uma atleta com DI. Uma vez que, a recolha de dados tinha particularidade específicas, fruto da inclusão de atletas com DI, foram ministradas sessões de esclarecimento teóricas sobre o procedimento e protocolo a seguir na recolha de dados. Nesta perspetiva, e após as sessões teóricas, os assistentes aplicaram os questionários de recolha de dados a três atletas com deficiência intelectual, não inseridos na amostra final. Este procedimento, teve como principal objetivo a adaptação de alguns procedimentos de aplicação consoante as sugestões dos atletas com deficiência. De salientar, que a inclusão de uma atleta com deficiência, teve como principal objetivo auxiliar na interpretação das afirmações dos questionários no momento da aplicação aos participantes do estudo.

Durante o evento efetuou-se a aplicação do questionário aos atletas pelos assistentes de investigação, com a presença de um técnico de cada instituição/clube com o intuito de auxiliar no processo. A aplicação do instrumento decorreu

durante os 3 dias de provas, realizada numa sala independente, de forma a manter a privacidade do praticante e o respondente podia interromper o procedimento e retomar sempre que assim o entendesse.

Relativamente aos treinadores, foram contactados pessoalmente e caso aceitassem participar no estudo, ser-lhes ia fornecido todo o material necessário (carta de apresentação do estudo, consentimento informado e inquérito por questionário). Os treinadores dispuseram de todo o tempo do evento para escolher o momento de preenchimento e os assistentes encontravam-se presentes para o esclarecimento de qualquer procedimento. Antes do final dos eventos, foram entregues os inquéritos por questionário preenchidos pelos treinadores participantes. A opção de recolha presencial foi efetuada antes do surgimento do contexto pandémico.

Com o intuito de incluir mais treinadores, e após o processo presencial, foi disponibilizada uma versão online do inquérito por questionário. Deste modo, solicitou-se aos *Special Olympics* Portugal colaboração no envio de um e-mail a todos os treinadores pedindo a participação no estudo, bem como todo o material de investigação. De notar, que os treinadores que preencheram o questionário presencialmente foram excluídos do processo online.

Análise Estatística

Foi estudada a consistência interna de todos os questionários utilizados no estudo com a utilização do coeficiente *Alfa de Cronbach*, verificando-se um valor $\alpha > .70$, sendo designada uma fiabilidade ótima (Nunnally e Bernstein, 1994; Hill e Hill, 2005). Detalhando os resultados, o LSS apresenta os seguintes α consoante as dimensões: treino-instrução de .82, suporte social de .74; reforço de .70; comportamento democrático de .72 e autocrático de .60. No BRSQ, verifica-se um α de .62 na dimensão amotivação, na motivação controlada de .78 e na motivação autónoma

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO - IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

Retos, número 46 · 2022 (3º trimestre)

de .81. Por sua vez, no BPNES a dimensão competência apresenta um α de .64, na relação de .75 e na autonomia de .60. Por último, a SWLS apresenta um α de .82, enquanto no PANAS verifica-se um α .63 nos afetos positivos e de .84 nos afetos negativos.

A primeira exploração do comportamento dos dados, foi efetivada através da estatística descritiva nomeadamente com as medidas de tendência central, nomeadamente a média (M) e o desvio-padrão (σ). Ainda nesta fase, foi efetuado o teste de normalidade Kolmogorov Smirnov, para verificação do suposto de normalidade da amostra. A extração dos resultados, realizou-se a partir dos dados obtidos com a estatística descritiva. Os dados revelaram uma distribuição não normal, assim utilizou-se o teste Kruskal-Wallis, entre as variáveis dependentes com a variável independente formação formal (Field, 2017), categorizada em 3 níveis como descrito na secção das variáveis. A comparação entre grupos da variável independente desenvolveu-se com *pairwise comparisons*. Recorreu-se ao η^2 com o intuito de analisar a magnitude do tamanho do efeito dos resultados, sendo estes classificados em: sem efeito se $0 < \eta^2 \leq .04$; mínimo se $.04 < \eta^2 \leq 0.25$; moderado se $.25 < \eta^2 \leq .64$ e forte se $\eta^2 > .64$ (Ferguson, 2009).

Resultados

Na estatística descritiva sobre a LSS na versão autoperceção, os treinadores demonstram valores médios superiores no reforço (M=4.52 \pm σ = .34), seguido do treino instrução (M=4.12 \pm σ = .46), comportamento democrático

(M=3.96 \pm σ = .58), suporte social (M=3.19 \pm σ = .63) e comportamento autocrático (M=1.77 \pm σ = .88). Na versão perceção dos atletas sobre os treinadores, constata-se que os valores médios superiores são no reforço (M=4.80 \pm σ = .62), seguido de suporte social (M=4.73 \pm σ = .62), treino instrução (M=4.60 \pm σ = .60) comportamento democrático (M=4.60 \pm σ = .95) e comportamento autocrático (M=2.13 \pm σ = 1.28). No BRSQ, observa-se que os atletas demonstram valores médios superiores na motivação autónoma (M=6.70 \pm σ = .50), seguido da motivação controlada (M=2.04 \pm σ = 1.23) e amotivação (M=1.90 \pm σ = 1.20). No BPNES, verifica-se que os atletas demonstram valores médios mais elevados na competência (M=6.70 \pm σ = .50), depois na relação (M=4.74 \pm σ = .46) e autonomia (M=4.19 \pm σ = .73). Na SWLS, constata-se valores médios de M=6.15 \pm σ = 1.12; e no PANAS de M=4.17 \pm σ = .57 nos afetos positivos e M=1.86 \pm σ = .79 nos afetos negativos.

A tabela 2 representa respetivamente, os valores médios entre as variáveis dependentes em função da formação formal.

A tabela 3 apresenta os resultados do valor do teste correlação de Kruskal-Wallis, a *pairs comparisons* e o p-value entre os grupos da formação formal. Posteriormente, calculou-se a magnitude do efeito (η^2). Foram designados, consoante a formação formal, treinadores: (1) com formação técnica; (2) com formação em educação física e ciências do desporto e (3) com formação na área da deficiência.

Tabela 2
Estatística descritiva da relação entre as variáveis com a formação formal. Formação dos treinadores: Formação em Educação Física / Ciências do Desporto; Formação na área da deficiência; Formação Técnica.

	Formação Técnica		Educação Física / Ciências do Desporto		Formação na área da deficiência	
Liderança (LSS)- Autoperceção						
Treino-Instrução	M=3.53	σ =0.26	M=3.99	σ =0.37	M=4.38	σ =0.38
Suporte Social	M=2.25	σ =0.00	M=3.02	σ =0.61	M=3.42	σ =0.52
Reforço	M=3.80	σ =0.00	M=4.66	σ =0.24	M=4.58	σ =0.26
Comportamento Democrático	M=3.14	σ =.13	M=3.70	σ =0.86	M=4.21	σ =0.09
Comportamento Autocrático	M=1.00	σ =0.00	M=1.52	σ =0.45	M=2.01	σ =0.94
Liderança (LSS)- Perceção						
Treino-Instrução	M=4.75	σ =0.43	M=4.71	σ =0.44	M=4.53	σ =0.67
Suporte Social	M=5.00	σ =0.00	M=4.65	σ =0.93	M=4.72	σ =0.47
Reforço	M=5.00	σ =0.00	M=4.82	σ =0.43	M=4.76	σ =0.49
Comportamento Democrático	M=3.94	σ =0.88	M=3.83	σ =1.14	M=4.18	σ =0.84
Comportamento Autocrático	M=2.44	σ =1.53	M=2.76	σ =1.44	M=1.53	σ =1.04
Autodeterminação (BRSQ)						
Amotivação	M=1.97	σ =0.97	M=2.06	σ =1.31	M=1.81	σ =1.18
Motivação controlada	M=2.49	σ =1.46	M=2.50	σ =1.40	M=1.76	σ =1.03
Motivação autónoma	M=6.75	σ =0.37	M=6.77	σ =0.38	M=6.64	σ =0.56
Necessidade Psicológicas Básicas (BPNES)						
Competência	M=1.97	0.97	M=2.06	σ =1.31	M=1.81	σ =1.18
Relação	M=2.49	1.46	M=2.50	σ =1.40	M=1.76	σ =1.03
Autonomia	M=6.75	0.37	M=6.77	σ =0.38	M=6.64	σ =0.56
Bem-estar subjetivo (SWLS e PANAS)						
Satisfação com a vida	M=6.38	σ =0.64	M=6.16	σ =1.40	M=6.11	σ =1.04
Afetos Positivo	M=4.24	σ =0.52	M=4.35	σ =0.57	M=4.07	σ =0.55
Negativo	M=0.68	σ =1.86	M=2.02	σ =0.87	M=1.81	σ =0.77

Tabela 3
 Valor ρ , p-value e η^2 consoante a formação formal. (1) formação técnica; (2) formação em educação física e ciências do desporto; (3) formação na área da deficiência.

	ρ	Pairs Comparisons		η^2	
		Pair	p-value		
Liderança versão Auto Perceção	Treino Instrução	(1)-(2)	.034	.69	
		(1)-(3)	.000		
		(2)-(3)	.000		
	Suporte Social	(1)-(2)	.004	.62	
		(1)-(3)	.000		
		(2)-(3)	.015		
	Reforço	(1)-(2)	.000	.58	
		(1)-(3)	.000		
		(2)-(3)	.530		
	Democrático	(1)-(2)	.019	.72	
		(1)-(3)	.000		
		(2)-(3)	.001		
Autocrático	(1)-(2)	.059	.25		
	(1)-(3)	.001			
	(2)-(3)	.302			
Liderança versão Perceção	Treino Instrução	.771	-----	.02	
	Suporte Social	.082	-----	.06	
	Reforço	.106	-----	.47	
	Democrático	.273	-----	.23	
	Autocrático	(1)-(2)	.672	-----	.94
		(1)-(3)	.004		
Autodeterminação	Amotivação	(1)-(2)	.924	.73	
		(1)-(3)	.099		
		(2)-(3)	.017		
	Motivação controlada	(1)-(2)	.968	.17	
		(1)-(3)	.013		
		(2)-(3)	.119		
Motivação autónoma	(1)-(2)	.968	.126		
	(1)-(3)	.013			
	(2)-(3)	.119			
Necessidade Psicológicas Básicas	Competência	.338	-----	.581	
	Relação	(1)-(2)	.119	.126	
		(1)-(3)	.013		
		(2)-(3)	.968		
Bem estar subjetivo	Autonomia	.690	-----	.831	
	Satisfação com a vida	.709	-----	.842	
	Afetos Positivos	.051	-----	.226	
	Afetos Negativos	.490	-----	.7	

Na maioria dos resultados verifica-se, um efeito moderado e forte, à exceção do treino-instrução na versão perceção e dos afetos negativos que não produzem efeito. De realçar, que na perceção da liderança o suporte social apresenta um efeito mínimo.

Discussão

O estudo teve como principal objetivo caracterizar os treinadores quanto à sua perceção de liderança, caracterizar os atletas relativamente às suas determinantes motivacionais, bem como no que diz respeito às necessidades psicológicas básicas, satisfação com a vida e afetos dos atletas com DI e examinar a relação da formação formal dos treinadores nas variáveis referidas anteriormente.

No geral, os treinadores percecionam-se com uma liderança tendencialmente mais para o reforço e treino-instrução. Por sua vez, os atletas consideram que os seus treinadores exercem a sua liderança através do reforço, suporte social e treino instrução. Na autodeterminação os

desportistas apresentam valores superiores na motivação autónoma e nas necessidades psicológicas básica na componente da autonomia. Relativamente ao bem-estar subjetivo mostram-se com elevados valores na satisfação com a vida e nos afetos positivos.

Na liderança, os comportamentos são influenciados de forma consonante por fatores ambientais (Misasi et al., 2016). Neste sentido, os resultados demonstram que os treinadores percecionam a sua liderança mais associada ao reforço e de treino instrução, e menos de comportamento autocráticos. No entanto, os atletas consideram que os seus treinadores desenvolvem mais o reforço e suporte social, e menos de procedimentos democráticos e autocráticos. De destacar que todas as dimensões, excetuando a do comportamento autocrático, apresentam um efeito de moderado a forte. Estes aspetos são reveladores da importância para os atletas destas dimensões de liderança manifestados pelos seus treinadores. Os resultados aqui encontrados são corroborados por Hatamleh et. al. (2009), pois os 63 atletas jordanos com deficiência física presente na amostra

do estudo, perceberam os seus treinadores com comportamentos de liderança mais de reforço e suporte social. No desporto adaptado, este tipo de comportamento é um veículo facilitador na promoção da autonomia e bem-estar dos atletas (Cheon et al., 2015). Na relação entre a auto-perceção e percepção com a formação formal dos treinadores aferem-se diferenças estatisticamente significativas, em todos os grupos nos comportamentos de liderança na versão auto-perceção, sendo que os resultados têm um efeito mínimo e moderado. Na versão percepção apenas se verificam diferenças estatisticamente significativas no comportamento de liderança autocrático, onde os treinadores formados na área da deficiência são menos autocráticos comparativamente com os profissionais com formação técnica. Os resultados são expectáveis, uma vez que os treinadores com mais formação específica, promovem estilos de liderança mais democráticos, enquanto profissionais menos especializados adotam uma liderança mais autocrática (Jones et al., 2003).

Na autodeterminação (*continuum* motivacional) os atletas com DI presentes no estudo, apresentam valores de motivação autónoma mais elevada comparativamente aos restantes. O desporto constitui-se como uma atividade positiva para atletas com DI (Haigh et al., 2013), dado que para este tipo de desportista é necessário desenvolver condutas autodeterminadas, com o intuito de se efetuar uma *transfer* destas competências para o quotidiano, com vista à melhoria de qualidade de vida (Everett et al., 2019; Hernández et al. 2021., Martins et al., 2022). Na investigação realizada por Moltó e Bruna (2017), os desportistas com DI também demonstram maior relevância na motivação autónoma. Na ligação entre a autodeterminação e a formação formal, verificam-se diferenças estatisticamente significativas na motivação controlada e autónoma nomeadamente entre os grupos de treinadores com formação técnica e formação na área da deficiência. De evidenciar, que a motivação autónoma apresenta um efeito forte, demonstrando a importância desta dimensão da autodeterminação para os atletas analisados. Neste contexto, é essencial perceber que os elementos motivacionais são influenciados pelos ambientes desportivos (Harada & Siperstein, 2009).

Assim o desporto tem um efeito transformador na vida dos atletas dos *Special Olympics* (Everett et al., 2019). Deste modo torna-se necessário, aumentar a produção científica que examine a relação entre a teoria da autodeterminação, necessidades psicológicas básicas e bem-estar subjetivo (Frielink et al., 2018), cuja associação é um bom indicador de qualidade de vida dos atletas com deficiência intelectual (Frielink et al., 2018). No nosso estudo, observa-se que a motivação autonomia apresenta resultados mais relevantes, seguidos da relação e competência. Para reforçar este paradigma, o estudo de Komenda et al. (2021), demons-

tra que os atletas dos *Special Olympics* integrados em eventos mundiais também preferem um ambiente de apoio à motivação autónoma, independentemente do género dos atletas ou tipo de modalidade. Relativamente à formação, os autores anteriormente referidos, encontram diferenças estatisticamente significativas apenas na dimensão relação entre os treinadores com formação técnica e formação na área da deficiência, com maior proeminência para a formação técnica. Todas as dimensões revelam um efeito forte, sendo perceptível a importância de todas as dimensões analisadas.

Por último, os atletas com DI mostram-se satisfeitos na sua vida e esta premissa resulta claramente mais em afetos positivos que negativos. Os resultados não revelam diferenças estatisticamente significativas quando analisadas as formações formais dos treinadores, no entanto todas as dimensões revelam um forte efeito à exceção dos afetos negativos.

Conclusão

Os treinadores com conhecimentos específicos e especializados sobre o desporto adaptado, exercem um tipo de liderança que reforça mais os aspetos sociais e desportivos, possibilitando aos seus atletas aumentar os índices de autodeterminação e bem-estar com a vida. Desde modo, a formação específica torna-se um veículo facilitador para exercer uma liderança adequada e ir ao encontro das expectativas dos atletas. Para além destes aspetos, os atletas demonstram uma motivação autónoma para o desporto, sendo potencializada através do mecanismo de autonomia, que lhes permite adquirir mais competências e capacidades de relação com os demais. Este contexto, permite aos desportistas a melhoria da sua satisfação com a vida e em experienciar mais sentimentos positivos que negativos.

O desporto para os atletas com deficiência intelectual tem um efeito transformador, não só no contexto desportivo como social. Assim podemos concluir, que os atletas analisados consideram que os seus treinadores são agentes importantes na mudança paradigmática para a inclusão de desportistas com deficiência intelectual.

Em suma, um treino estruturado centrado nas necessidades específicas destes atletas proporciona a aquisição de um conjunto de competências no âmbito desportivo que podem também ser transportadas para o contexto da vida quotidiana. Um treino estruturado num modelo padronizado adequado à população com DI assente numa base científica, auxilia o treinador num processo de ensino-aprendizagem mais eficaz. Através deste paradigma torna-se cada vez mais possível que o desporto seja uma realidade de todos e para todos, tornando-o assim acessível a todos sem exceção.

Limitações

É importante compreender com maior profundidade e globalidade o desenvolvimento da aprendizagem dos treinadores, com o incremento da formação informal, reflexão e outras tipologias da deficiência em estudos futuros. Adicionalmente, torna-se interessante efetuar investigações que analisem as diferenças entre as modalidades, gênero e grau de incapacidade.

Aplicações Práticas

É essencial continuar a replicação deste estudo, como forma de otimizar modelos de treino na área do desporto adaptado, mais especificamente para a deficiência intelectual. Para os treinadores que trabalham nesta área, as conclusões podem servir como ponto de referência para elaborar os modelos de treino consoante os seus contextos específicos de trabalho, com o intuito de potenciar as capacidades dos atletas e assim ir ao encontro das necessidades específicas dos seus atletas.

A aplicabilidade ao modelo 3+1 Cs, é uma sugestão prática de modelo estruturado, visto que preconiza que o treino eficaz é resultado da interligação entre o conhecimento, liderança e a forma como estas premissas influenciam as componentes do bem-estar (Bloom et al., 2014). Consequentemente, a formação especializada dos treinadores consegue proporcionar ambientes de apoio à autonomia, o que consequentemente aumenta a perceção dos atletas com DI relativamente à aquisição de competência (Komenda et al., 2021). Este paradigma destaca a relevância que o desporto tem na vida e na promoção de emoções positivas deste tipo de atletas (Moltó e Bruna, 2017; Allan et al., 2019).

Financiación

Este estudio ha sido parcialmente subvencionado por las Ayudas a Grupos de Investigación (GR21149) de la Junta de Extremadura (Consejería de Economía, Ciencia y Agenda Digital), con una aportación de la Unión Europea procedente de los Fondos Europeos de Desarrollo Regional.

Referências

Allan, V., Evans, M. B., Latimer-Cheung, A. E., & Côté, J. (2019). From the athletes' perspective: A social-relational understanding of how coaches shape the disability sport experience. *Journal of Applied Sport Psychology*, 1–33. <https://doi.org/10.1080/10413200.2019.1587551>.

Banack, H. R., Sabiston, C. M. & Bloom, G. A. (2011). Coach Autonomy Support, Basic Need Satisfaction, and Intrinsic Motivation of Paralympic Athletes. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 82(4), 722–730. <https://doi.org/10.1080/02701367.2011.1059980>.

Bentzen, M., Alexander, D., Bloom, G. A. & Kenttä, G. (2020) What Do We Know About Research on Paraspport Coaches? A Scoping Review. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 38(1): 109-137. <https://doi.org/10.1123/apaq.2019-0147>.

Bloom, G.; Falcão, W. & Caron, J. (2014), Coaching high performance athletes: Implications for coach training. In Perspective; Gomes, A., Resende, R., Albuquerque, A., Eds *Positive Human Functioning from a Multidimensional*, 107-132. New York, USA, Nova Science Publishers.

Brooker, K., Van Dooren, K., McPherson, L., Lennox, N. & Ware, R. (2015). A systematic review of interventions aiming to improve involvement in physical activity among adults with intellectual disability. *Journal of Physical Activity & Health*, 12, 434–444. <https://doi.org/10.1123/apaq.2019-014710.1123/jpah.2013-0014>.

Burkett, B. (2013). Coaching athletes with a disability. In *Routledge Handbook of Sports Coaching*, Potrac, P., Gilbert, W., Denison, J., Eds.; Routledge: London, UK, 196–209.

Conroy, D. & Coatsworth, J. (2006). Coach training as a strategy for promoting youth social development. *The Sport Psychologist*, 20, 128–144. <https://doi.org/10.1123/tp.20.2.128>.

Cregan, K., Bloom, G. & Reid, G. (2007) Career Evolution and Knowledge of Elite Coaches of Swimmers with a Physical Disability. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78 (4), 339-350. <https://doi.org/10.1080/02701367.2007.10599431>.

Chelladurai, P. (2007). Leadership in Sports. *Handbook of Sport Psychology*, 111–135. <https://doi.org/10.1002/9781118270011.ch5>.

Cheon, S. H., Reeve, J., Lee, J. & Lee, Y. (2015). Giving and receiving autonomy support in a high-stakes sport context: A field-based experiment during the 2012 London Paralympic Games. *Psychology of Sport and Exercise*, 19, 59–69. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2015.02.007>.

Douglas, S., Falcão, W. R. & Bloom, G. A. (2018). Career Development and Learning Pathways of Paralympic Coaches With a Disability. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 35(1), 93–110. <https://doi.org/10.1123/apaq.2017-0010>.

Everett, J., Lock, A., Boggis, A. & Georgiades, E. (2019). Special Olympics: Athletes' perspectives, choices and motives. *British Journal of Learning Disabilities*. doi:10.1111/bld.12295.

Fairhurst E., Bloom G. & Harvey W. (2016). The Learning and Mentoring Experiences of Paralympic Coaches, *Disability and Health Journal*, 10(2), 240-246. <https://doi.org/10.1016/j.dhjo.2016.10.007>.

Ferguson, C. J. (2016). An effect size primer: A guide for clinicians and researchers. In A. E. Kazdin (Ed.), *Methodological issues and strategies in clinical research* (pp. 301–310). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/14805-020>

Feu, S., Ibáñez, S. J., & Gozalo, M. (2010). Influence of formal and non-formal training on coaching style. *Revista de Educación* (353), 321-322.

Field, A. (2017). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*. London: Sage.

Frieling, N., Schuengel, C., & Embregts, P. J. C. M. (2018). Autonomy support, need satisfaction, and motivation for support among adults with intellectual disability: Testing a self-determination theory model. *American Journal on Intellectual and Developmental Disabilities*, 123(1), 33–49. <https://doi.org/10.1352/1944-7558-123.1.33>.

Gamonales, J. M., Gómez-Carmona, C. D., Córdoba-Caro, L. G. & Ibáñez, S. J. (2019). Influencia del perfil de entrenador en el diseño de las tareas en el fútbol. Estudio de caso. *Journal of Sport and Health Research*, 11(1), 69-82.

Gilbert, W., Côté, J. & Mallett, C. (2006) Developmental Paths and Activities of Successful Sport Coaches. *International Journal of Sport Science & Coaching*. 1(1), 69-76. <https://doi.org/10.1260/174795406776338526>.

Haigh A., Lee D., Shaw C., Hawthorne M., Chamberlain S., Newman DW., Clarke Z. & Beail N. (2013). What things make people with a learning disability happy and satisfied with their lives: an inclusive research project. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 26(1), 26–33. doi: 10.1111/jar.12012. PMID: 23255376.

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO - IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

Retos, número 46 · 2022 (3º trimestre)

- Harada, C. M., & Siperstein, G. N. (2009). The sport experience of athletes with intellectual disabilities: A national survey of Special Olympics athletes and their families. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 26(1), 68–85. <https://doi.org/10.1123/apaq.26.1.68>.
- Hatamlch, M. R., Al-Ruz, H. H. A. & Hindawi, O. S. (2009). Coach's leadership behavior as a predictor of satisfaction with leadership: Perceptions of athletes with physical disabilities. *International Journal of Applied Educational Studies*, 4, 14–33.
- Hernández Roldán, R., Anderson Quiñonez, J., Arenas, J., Urrea, A. M., Barbosa-Granados, S., & Aguirre Loaiza, H. (2021). Características Psicológicas en Deportistas con Discapacidad Física. *Retos*, 40, 351-358. <https://doi.org/10.47197/retos.v4i40.83079>.
- Hill A. e Hill M. (2005). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Horn, T. S. (2008). Coaching effectiveness in the sport domain. In T. S. Horn (Ed.), *Advances in Sport Psychology*, 239-267. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Jones, L., Armour, M., & Potrac, P. (2003). Constructing expert knowledge: A case study of a top-level professional soccer coach. *Sport, Education and Society*, 8, 213–229. <https://doi.org/10.1080/13573320309254>.
- Jowett, S. (2017). Coaching effectiveness: the coach–athlete relationship at its heart. *Current Opinion in Psychology*, 16, 154–158. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2017.05.006>
- Jowett, S. & Lavallee, D. (2007). *Social Psychology in Sport*. Champaign, IL: Human Kinetics.
- Jowett, S., Kanakoglou, K., & Passmore, J. (2012). The application of the 3+1Cs relationship model in executive coaching. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 64(3), 183–197. <https://doi.org/10.1037/a0030316>.
- Jowett, S., Kanakoglou, K., & Passmore, J. (2012). The application of the 3+1Cs relationship model in executive coaching. *Consulting Psychology Journal: Practice and Research*, 64(3), 183–197. <https://doi.org/10.1037/a0030316>.
- Komenda, S., Springstein, T., Zrnić, I., Zeilinger, E., Franken, F. & Weber, G. (2021). Satisfaction with life in Special Olympic athletes: the role of autonomy support and basic need fulfilment. *International Journal of Developmental Disabilities*, 1–9. <https://doi.org/10.1080/20473869.2021.1917110>.
- León, G. & Montero, I. (2008). *Métodos de investigación en Psicología y Educación* (4ª ed.). Madrid: McGraw-Hill.
- MacDonald, J., Beck, K., Erickson, K. & Coté, J. (2014). Understanding Sources of Knowledge for Coaches of Athletes with Intellectual Disabilities. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, 29(3), 242-249. <https://doi.org/10.1111/jar.12174>.
- Mallett, C. J., Trudel, P., Lyle, J. & Rynne, S. B. (2009). Formal vs. Informal Coach Education. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(3), 325–364. <https://doi.org/10.1260/174795409789623883>.
- Martin, J. & Whalen, L. (2014). Effective Practices of Coaching Disability Sport. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 7(2), 13-23. <https://doi.org/10.5507/euj.2014.007>.
- Martins Domingues, A. M., Folgado dos Santos, J., Matos Serrano, J. J., Batista, M., & Duarte Petrica, J. M. (2022). Diferencias de género en la motivación autodeterminada y el bienestar subjetivo en deportistas de deportes adaptados con dificultades intelectuales y de desarrollo Miembros de Olimpiadas Especiales (Gender Differences in Self-Determined Motivation and Sub. *Retos*, 44, 328-334. <https://doi.org/10.47197/retos.v44i0.88827>.
- McMaster, S., Culver, D. & Werthner P. (2012) Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4(2), 226-243. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.686060>.
- Misasi, S. P., Morin, G. & Kwasnowski, L. (2016). Leadership: Athletes and coaches in sport. *The Sport Journal*, 22.
- Moltó, A.G. & Ovejero Bruna, M.O. (2017). Satisfacción vital, autodeterminación y práctica deportiva en las personas con discapacidad intelectual. *Revista de Psicología del Deporte*, 26, 13–19.
- Nelson, L. J., Cushion, C. J. & Potrac, P. (2006). Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 1(3), 247–259. <https://doi.org/10.1260/174795406778604627>
- Nunnally, J.C. & Bernstein, I.H. (1994) *The Assessment of Reliability*. Psychometric Theory, 3, 248-292.
- Pires, P., Batista, M., Marinho, D. A., Antunes, A., Mesquita, H. & Ibáñez, S.J (2021). Training and Profile of Special Olympics Portugal Coaches: Influence of Formal and Non-Formal Learning. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 18 (12), 6491. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126491>.
- Pires, P., Batista, M., Mesquita, H., & Ibáñez, S. J. (2022). Self-perception and perception of leadership behaviour of Special Olympics Portugal coaches. *E-balonmano com*, 18(1), 55-64.
- Pires, P., Ramalho, A., Antunes, A., Mesquita, H. & Ibáñez, S.J. (2021). Career Development of Adapted Sports Coaches Systematic Review of Qualitative Evidence Literature. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 18 (12), 6608. <https://doi.org/10.3390/ijerph18126608>.
- Schalock, R.L., Luckasson, R., & Tassé, M. J. (2021). *Intellectual disability: Definition, Classification, and Systems of Supports*. 11th Edition. Washington, D. C.: American Association on Intellectual and Developmental Disabilities.
- Schalock, R. L., Luckasson, R. & Tassé, M. J. (2021). *Intellectual disability: definition, diagnosis, classification, and systems of supports* (12ª ed.). AAIDD.
- Shirazipour, C. H., Evans, M. B., Caddick, N., Smith, B., Aiken, A. B., Martin Ginis, K. A., & Latimer-Cheung, A. E. (2017). Quality participation experiences in the physical activity domain: Perspectives of veterans with a physical disability. *Psychology of Sport and Exercise*, 29,40–50. <https://doi.org/10.1016/j.psychsport.2016.11.007>.
- Silva, J.E., Rosado, A., Silva, C. & Serpa, S. (2014). Relação entre inteligência emocional, satisfação com a vida e prática desportiva. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 9, 93-109.
- Son, S., Jeon, B., & Kim, H. (2016). Effects of a walking exercise program for obese individuals with intellectual disability staying in a residential care facility. *Journal of Physical Therapy Science*, 28, 788–793. <https://doi.org/10.1589/jpts.28.788>
- Special Olympics Portugal. Special Olympics. Acedido a 21 de novembro de 2021 :<https://media.specialolympics.org/resources/leading-a-program/program-profiles/SOEE/Portugal-FactSheet-2020>.
- Tawse, H., Bloom, G., Sabiston, C. & Reid, G. (2012). The role of coaches of wheelchair rugby in the development of athletes with a spinal cord injury. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 4, 206-225. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2012.685104>.
- Tay, L. & Diener, E. (2011). Needs and subjective well-being around the world. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(2), 354-365. <https://doi.org/10.1037/a0023779>
- Turnidge, J., Vierimaa, M. & Coté, J. (2012). An in-Depth Investigation of a Model Sport Program for Athletes with a Physical Disability. *Psychology*, 3, 1131-1141. <https://doi.org/10.4236/psych.2012.312A167>.
- United Nations.2006. Convention on the rights of persons with disabilities. General Assembly Resolution A/RES/61/106. New York: United Nations
- Verdugo, M. A., Gomez-Vela, M., Fernández-Pulido, R., Sánchez, E. V., Wehmeyer, M. L., Corbella, M. B., & Martín, V. G. (2013). ¿Cómo evaluar la autodeterminación? Escala ARC-INICO de evaluación de la autodeterminación. *Siglo Cero*, 44 (4), 21-39.
- Vieira, A., Dias, C., Real, N. & Fonseca, M. (2014). O conhecimento e ações do treinador em situações de competição: o estudo da percepção dos treinadores da superliga brasileira de voleibol. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 9 (2), 393-420.
- Weinberg, R. & McDermott, M. (2002). A comparative analysis of sport and business organizations: Factors perceived as critical for organizational success. *Journal of Applied Sport Psychology*, 14, 282–298.
- World Health Organization.2019. Acedido a 21 de novembro de 2021 ICD-11 for Mortality and Morbidity Statistics. <https://icd.who.int/browse11/lm/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fid%2fentity%2f605267007>.



CAPÍTULO 11
ANEXOS

Capítulo 11. Anexos

Anexo 1- Estabelecimento de ensino superior por ciclo de estudos (número de curso por ciclo) relacionados com as ciências do desporto e com a formação educacional geral em Ciências da Educação Física

Instituição de Ensino Superior	Ciclo de estudos				
	CTSP	Licenciatura	Mestrado	Doutoramento	Curso Especializado
Instituto Politécnico de Bragança - Escola Superior de Educação de Bragança	0	2	0	0	0
Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior de Educação	1	1	1	0	0
Escola Superior de Educação de Fafe (ESE - Fafe)	1	1	1	0	0
Universidade de Braga (UB)	0	0	0	1	0
Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia	0	1	2	1	0
Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação de	1	2	1	0	1

Castelo Branco						
Universidade da Beira Interior	0	1	3	1	0	
Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física	0	1	5	6	2	
Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação de Coimbra	1	2	1	0	0	
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes	0	1	0	0	0	
Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação e Comunicação	0	1	1	0	0	
Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto	2	3	2	0	0	
Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de	0	1	1	0	1	

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

Educação e Ciências Sociais					
Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana	0	5	4	2	1
Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões	0	1	0	0	0
Universidade Europeia	0	2	3	0	0
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias	0	2	6	2	0
Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo	1	1	1	0	0
Universidade do Porto - Faculdade de Desporto	0	4	4	5	0
Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Educação	1	1	0	0	0
Universidade da Maia	0	1	3	2	0
Escola Superior de Desporto e Educação Jean Piaget	2	3	2	0	0
Instituto Politécnico da Maia -	3	2	1	0	0

Escola Superior de Ciências Sociais, Educação e Desporto Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro	2	2	0	0	0
Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Desporto de Rio Maior	1	5	2	0	0
Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Educação	1	1	0	0	0
Instituto Politécnico de Viana do Castelo - Escola Superior de Desporto e Lazer	2	1	3	0	0
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Escola de Ciências da Vida e do Ambiente	0	4	6	1	0
Instituto Politécnico de Viseu - Escola	0	1	0	0	0

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

Superior de Educação de Viseu Universidade da Madeira - Faculdade de Ciências Sociais	1	1	2	0	0
Total	20	54	55	21	5

Instituição de Ensino Superior	Ciclo de estudos				
	CTeS P	Licenciatur a	Mestrad o	Doutorament o	Curso Especializad o
IPBragança -ESEB	0	2	0	0	0
IPBeja- ESE	1	1	1	0	0
ESE-Fafe	1	1	1	0	0
UBraga	0	0	0	1	0
UÉvora- ECT	0	1	2	1	0
IPCastelo Branco- ESECB	1	2	1	0	1
UBeira Interior	0	1	3	1	0
UCoimbra- FCDEF	0	1	5	6	2
IPCoimbra- ESEC	1	2	1	0	0
ISManue Teixeira Gomes	0	1	0	0	0
UAlgarve- ESEC	0	1	1	0	0
IPGuarda- ESECD	2	3	2	0	0
IPLeiria- ESECS	0	1	1	0	1
ULisboa- FMH	0	5	4	2	1
UAutónoma	0	1	0	0	0

UEuropeia	0	2	3	0	0
ULusófona	0	2	6	2	0
ISLisboa e Vale do Tejo	1	1	1	0	0
UPorto-FD	0	4	4	5	0
IPPorto- ESE	1	1	0	0	0
UMaia	0	1	3	2	0
ESDE Jean Piaget	2	3	2	0	0
IPMaia- ESCED	3	2	1	0	0
ISCE do Douro	2	2	0	0	0
IPSantarém -ESDRM	1	5	2	0	0
IPSetúbal- ESE	1	1	0	0	0
IPViana do Castelo- ESDL	2	1	3	0	0
UTAD- ECVA	0	4	6	1	0
IPViseu- ESEV	0	1	0	0	0
UMadeira- FCS	1	1	2	0	0
Total	20	54	55	21	5

Anexo 2- Estabelecimentos de ensino superior com UC relacionadas com o desporto adaptado no ciclo de estudo CTeSP

Instituição de Ensino Superior	CTSP	Nome da UC	Tipologia	ECTS UC	ECTS total
Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto	Treino desportivo	Desporto Adaptado	Obrigatória	4	
Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo	Turismo Desportivo e de Aventura	Desportos Adaptados	Obrigatória	6	120
Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro	Turismo Desportivo e de Aventura	Desportos Adaptados	Obrigatória	6	
Total de CTeSP analisados					20
Total de Cursos com UC relacionadas com o DA			3		

Anexo 3- Estabelecimentos de ensino superior com UC relacionadas com o desporto adaptado no ciclo de estudo de licenciatura

Instituição de Ensino Superior	Licenciatura	Nome da UC	Tipologia	ECTS UC	ECTS total
Instituto Politécnico de Beja - Escola Superior de Educação	Licenciatura em Desporto	Atividade Física e Desporto Adaptado	Opção	4	
Universidade de Évora - Escola de Ciências e Tecnologia	Licenciatura- Ciências do Desporto	Olimpismo e Paralimpismo	Opção	3*	
		Atividade Física Adaptada	Obrigatória	3	
		Necessidades Educativas Especiais Atividade Motora Adaptada	Obrigatória	5	
		Desportos Adaptados	Obrigatória	5	180
Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação de Castelo Branco	Licenciatura em Desporto e Atividade Física- <i>Minor em Desporto para Pessoas com Deficiência</i>	Didática das Atividades Físicas Adaptadas	Obrigatória	5	
		Projeto	Obrigatória	15	
		Intervenção prática I	Obrigatória	15	
Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação de Coimbra	Licenciatura em Desporto e Lazer- <i>Ramo em Condição Física, Desportos e</i>	Intervenção prática II	Obrigatória	15	
		Desporto e Atividades Adaptadas	Obrigatória	6	

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

	<i>Atividades de Ginásio</i>			
Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes	Licenciatura Ciências do Desporto	Desporto Adaptado	Obrigatória	6
Universidade do Algarve - Escola Superior de Educação e Comunicação	Licenciatura em Desporto	Desporto Adaptado	Obrigatória	5
Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto	Licenciatura em Desporto <i>Menor em Treino Desportivo</i>	Desporto Adaptado	Obrigatória	4
	Licenciatura em Desporto <i>Menor em Exercício Físico e Bem Estar</i>	Desporto Adaptado	Obrigatória	4
Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais	Licenciatura Desporto e Bem-Estar	Atividade Física Adaptada	Obrigatória	4
Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana	Ciências do Desporto <i>Menores Exercício e Saúde</i>	Atividade Física e Desportiva Adaptada	Obrigatória	6
	Ciências do Desporto <i>Menores Treino desportivo</i>	Atividade Física e Desportiva Adaptada	Obrigatória	6
Instituto Superior de	Licenciatura Desporto	Desporto Adaptados	Opção	6*

Lisboa e Vale do Tejo					
Universidade da Beira Interior	Licenciatura Ciências do Desporto	Desporto Adaptado	Obrigatória	4	
Instituto Politécnico do Porto - Escola Superior de Educação	Licenciatura em Desporto	Desporto Adaptado	Obrigatória	6*	
Universidade Lusófona do Porto	Licenciatura em Educação Física e Desporto	Desporto Adaptado	Obrigatória	3	
		Bases da Atividade Física Adaptada	Obrigatória	4	
		Metodologia da Atividade Física Adaptada	Obrigatória	4	
Universidade da Maia	Licenciatura Educação Física e Desporto	Atividade Física Adaptada	Opção	4*	
		Atividades Supervisionadas em atividade física adaptada	Opção	9*	
		Inclusão e Necessidades Educativas Especiais	Obrigatória	2	
Escola Superior de Desporto e Educação Jean Piaget	Licenciatura em Desporto	Atividade Motora Adaptada	Obrigatória	3	
	<i>Ramo Exercício e Saúde</i>	Atividade Motora Adaptada	Obrigatória	3	

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

	Licenciatura em Desporto <i>Ramo Treino Desportivo</i>	Atividade Motora Adaptada	Obrigatória	3
Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro	Licenciatura em Desporto <i>Opção I: Treino Desportivo</i>	Atividade Física Adaptada	Obrigatória	6
	Licenciatura em Desporto <i>Opção I: Condição Física</i>	Atividade Física Adaptada	Obrigatória	6
Instituto Politécnico de Santarém - Escola Superior de Desporto de Rio Maior	Licenciatura em treino desportivo	Desporto Adaptado	Opção	3*
	Licenciatura Atividade Física e Estilos de Vida Saudáveis	Desporto Adaptado	Opção	2*
Instituto Politécnico de Setúbal - Escola Superior de Educação	Licenciatura em Desporto	Atividade Física Adaptada	Obrigatória	6
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Escola de Ciências da Vida e do Ambiente	Licenciatura Ciências do Desporto <i>Ramo Desportos de Aventura, Recreação e Lazer</i>	Atividade Física Adaptada	Obrigatória	3
	Licenciatura Ciências do Desporto <i>Ramo Prescrição</i>	Atividade Física Adaptada	Obrigatória	3

<i>do Exercício e Atividades de Academia</i>				
Licenciatura Ciências do Desporto				
<i>Ramo Treino Desportivo com Variante em Desportos Individuais</i>	Atividade Física Adaptada	Obrigatória	3	
Licenciatura Ciências do Desporto				
<i>Ramo Treino Desportivo com Variante em Desportos Coletivos</i>	Atividade Física Adaptada	Obrigatória	3	
Total de Licenciaturas e variantes analisados			54	
Total de Cursos com UC relacionadas com o DA			28	

Anexo 4- Estabelecimentos de ensino superior com UC relacionadas com o desporto adaptado no ciclo de estudo Mestrado

Instituição de Ensino Superior	Mestrado	Nome da UC	Tipologia	ECTS UC	ECTS total
Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação de Castelo Branco	Mestrado em Atividade Física	Treino em Desporto Adaptado	Opção	8*	
Universidade da Beira Interior	Mestrado em Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário	Educação Física Adaptada	Obrigatória	4	120
Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física	Mestrado em Exercício e Saúde em Populações Especiais *funciona de 2 em 2 anos	Necessidades Educativas Especiais em Educação Física	Obrigatória	4	
		Psicopedagogia no contexto das Necessidades Educativas Especiais	Obrigatória	5	
		Atitudes Face à Deficiência em Contextos de Actividade Física Adaptada	Obrigatória	5	
		Técnicas de Avaliação em Atividade Física Adaptada	Opção	3*	

		Exercício e atividade física para indivíduos com perturbações cognitivas e de desenvolvimento	Opção	3*
		Exercício e Atividade Física em Indivíduos com Deficiências Físicas	Opção	3*
	Mestrado em Treino Desportivo	Treino de Atletas com Deficiência	Obrigatória	3
		- Temas Aprofundados em Populações com Deficiência	Obrigatória	4
		Avaliação e Intervenção em Perturbações do Desenvolvimento e da Aprendizagem	Obrigatória	5
Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana	Mestrado em Reabilitação Psicomotora	Temas Aprofundados em Perturbações do Desenvolvimento e da Aprendizagem	Obrigatória	5
		Estratégias de Inclusão em Educação Física	Opção	6*
		Psicopedagogia das Necessidades Especiais	Opção	3*
	Mestrado em Treino Desportivo	Treino Desportivo em Pessoas com Deficiência	Obrigatória	3
Universidade do Porto - Faculdade de Desporto	Mestrado em Atividade Física, Exercício e Saúde	Atleta Paralímpico: da Reabilitação ao Alto Rendimento	Obrigatória	6
		Educação Física e Práticas Inclusivas	Obrigatória	6
		História do Desporto Adaptado	Obrigatória	3
	<i>Especialização Atividade física adaptada</i>	Conhecimentos Avançados na Deficiência Motora, Intelectual e Sensorial	Obrigatória	9

		Aspetos Psicossociais da Atividade Física Adaptada	Obrigatória	3
		Seminários em Atividade Física Adaptada	Obrigatória	3
		Dissertação/Estágio/Projeto	Obrigatória	52
Escola Superior de Desporto e Educação Jean Piaget de Vila Nova de Gaia, Viseu e Almada	Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário	Inclusão em Educação Física Escolar	Obrigatória	5
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Escola de Ciências da Vida e do Ambiente	Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário	Estratégias de Inclusão em Educação Física e Desporto Escolar	Obrigatória	3
Universidade da Madeira - Faculdade de Ciências Sociais	Mestrado em Atividade Física e Desporto <i>Percurso em Treino Desportivo</i> Mestrado em Atividade Física e Desporto Percurso em	Atividade Física e Desportiva Adaptada	Obrigatória	7
		Atividade Física e Desportiva Adaptada	Obrigatória	7

Exercício e Saúde	
Total de Mestrados e variantes analisados	55
Total de Cursos com UC relacionadas com o DA	12

Anexo 5- Estabelecimentos de ensino superior com UC relacionadas com o desporto adaptado no ciclo de estudo Doutoramento

Instituição de Ensino Superior	Formação Específica	Nome da UC	Tipologia	ECTS UC	ECTS total
Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana	Doutoramento em motricidade humana <i>Especialidade em Educação Especial</i>	Seminário em Educação Estudos	Obrigatória	15	180
		Avançados em Didática da Educação Física e Desporto	Obrigatória	15	
		Tese	Obrigatória	30+60+60	
		Psicossociologia da deficiência	Obrigatória	10	
		Estudo Independente em Temáticas da Deficiência	Obrigatória	15	
Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física	Doutoramento Ciências do desporto <i>Ramo Necessidades Educativas Especiais — Atividade Física Adaptada</i>	Curso avançado em Atividade Física	Obrigatória	7.5	180
		Adaptada. Formação Complementar em Ciências do Desporto - RNEE-AFA	Obrigatória	7.5	
		Projeto de Dissertação - RNEE-AFA	Obrigatória	7.5	
		Seminário I - RNEE-AFA	Obrigatória	2.5	
		Tese de Doutoramento - RNEE-AFA	Obrigatória	105	
		Seminário II - RNEE-AFA	Obrigatória	2.5	
		Seminário III - RNEE-AFA	Obrigatória	2.5	

Total de Doutoramentos e variantes	21
Total de Cursos com UC relacionadas com o DA	2

Anexo 6- Estabelecimentos de ensino superior com formações especializadas na área do desporto adaptado

Instituição de Ensino Superior	Formação Específica	Nome da UC	Tipologia	ECTS UC	ECTS total
Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação de	Licenciatura em Desporto e Atividade Física- Minor em Desporto para Pessoas com Deficiência	Necessidades Educativas Especiais	Obrigatória	5	180
		Atividade Motora Adaptada	Obrigatória	5	
		Desportos Adaptados	Obrigatória	5	
		Didática das Atividades Físicas Adaptadas	Obrigatória	5	
		Projeto Intervenção de Intervenção prática I	Obrigatória	15	
		Projeto Intervenção de Intervenção prática II	Obrigatória	15	
		Meios e Tecnologias de Apoio à Deficiência	Obrigatória	3	
Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais	Pós-graduação Desporto e Atividade Física Adaptados	Psicologia do Desporto e da Atividade Física Adaptados	Obrigatória	3	32
		Propedêutica do Desporto Adaptado	Obrigatória	6	
		Fisiologia do Exercício no Desporto e Atividade Física Adaptados	Obrigatória	4	

		Intervenção Comunitária em Desporto e Atividade Física Adaptados	Obrigatória	3	
		Prescrição do Exercício no Desporto e Atividade Física Adaptados	Obrigatória	4	
		Inovação Tecnológica Aplicada ao Desporto e Atividade Física Adaptados	Obrigatória	3	
		Pedagogia do Desporto e da Atividade Física Adaptados	Obrigatória	6	
Universidade de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana	Doutoramento em motricidade humana <i>Especialidade em Educação Especial</i>	Seminário em Educação Estudos Avançados em Didática da Educação Física e Desporto	Obrigatória	15	180
		Tese	Obrigatória	30+60+60	
		Psicossociologia da deficiência	Obrigatória	10	
		Estudo			
Universidade de Coimbra - Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física	Doutoramento Ciências do desporto <i>Ramo Necessidades Educativas Especiais — Atividade Física Adaptada</i>	Independente em Temáticas da Deficiência	Obrigatória	5	180
		Curso avançado em Atividade Física Adaptada.	Obrigatória	15	
		Formação Complementar em Ciências do Desporto - RNEE-AFA	Obrigatória	7.5	

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO
- IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

	Projeto de Dissertação - RNEE-AFA	Obrigatória	7.5	
	Seminário I - RNEE-AFA	Obrigatória	2.5	
	Tese de Doutoramento - RNEE-AFA	Obrigatória	10	
	Seminário II - RNEE-AFA	Obrigatória	2.5	
	Seminário III - RNEE-AFA	Obrigatória	2.5	
Curso de Especialização Avançada - Pós- Doutoramento em Ciências do Desporto <i>Percurso Necessidades Educativas Especiais — Atividade Física Adaptada</i>	Relatório em Necessidades Educativas Especiais — Atividade Física Adaptada	Obrigatória	30	30
Total de Cursos com UC relacionadas com o DA				

Anexo 7- Coaches Training Profile Questionnaire

QUESTIONÁRIO : Coaches Training Profile Questionnaire (CTPQ)

Este questionário pergunta-lhe sobre a importância que dá à sua formação na hora de realizar as tarefas e funções como treinador.

PARA LEVAR A CABO AS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO UTILIZAR:

Totalmente de acordo	Totalmente em desacordo
1. As experiências que se adquirem como jogador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
2. A metodologia que eu mesmo criei com a minha própria experiência.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
3. A experiência adquirida através dos exercícios que eu mesmo invento	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
4. Os conhecimentos adquiridos com os treinadores que me treinaram	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
5. Os critérios metodológicos aprendidos em cursos de formação de treinadores	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
6. O que aprendi durante a minha formação académica	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
7. Métodos que utilizavam os treinadores que me treinaram	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
8. Os conhecimentos aprendidos nos cursos de formação a que assisti.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
9. Os exercícios e tarefas aprendidos durante os cursos de formação de treinadores	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
10. Pôr em prática as teorias elaboradas com base na minha experiência pessoal.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
11. O que aprendi com outros treinadores enquanto era jogador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
12. Os conhecimentos adquiridos ao longo do meu trabalho e da minha experiência como treinador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
13. Os exercícios e tarefas que aprendi quando era jogador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
14. O que aprendi durante a minha formação como treinador	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
15. O que aprendi por mim mesmo sem a ajuda de cursos ou de outras pessoas	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100

Certifique-se que respondeu a todos os itens. OBRIGADO

DADOS PESSOAIS E DA EQUIPA QUE TREINA: INSTRUÇÕES PARA RESPONDER

1. Leia atentamente as perguntas sobre os seus dados pessoais e da equipa que treina.
2. Marque nos quadros com um "x" a resposta que pretende.
3. Se se enganar rodeie com um círculo a resposta errada e marque com um "x" a resposta correta.
4. Escreva os dados que lhe solicitamos quando apareça uma linha continua.

d.1.- Que modalidade treina?

d.2.- Em que localidade treina? _____

d.3.- Distrito de: _____

d.4.- Data de nascimento: ____/____/____ Idade: _____

d.5.- Em que intervalo de idades se encontra a sua?

Entre 16 e 17 anos

Entre 18 e 20 anos

Entre 21 e 25 anos

Entre 26 e 30 anos Entre 41 e 45 anos

Entre 31 e 35 anos Entre 46 e 50 anos

Entre 36 e 40 anos Entre 51 e 55 anos

Entre 56 e 60 anos

61 ou mais anos

d.6.- Género: Homem (1): Mulher (2):

HISTORIAL COMO JOGADOR

d. 7. Foi praticante da modalidade de que é treinador? S N

d. 8. Quantas épocas jogou ou competiu?

1 época (1) entre 4 e 5 (3) entre 8 e 9 (5) mais de 11 (7)

entre 2 e 3 (2) entre 6 e 7 (4) entre 10 e 11 (6) Nenhuma (8)

d. 9. - Indique o nível ou categoria máxima em que competiu como jogador?

Escolas de Jogadores (1) Juvenil (5) 1ª Nacional (Sénior) (9)

Bambis/Benjamins (2) Júnior (6) Divisão de Honra(sénior) (10)

Infantil (3) 3ª Divisão (Sénior) (7) Liga/Elite (sénior) (11)

Cadete/Iniciados (4) 2ª Nacional (Sénior) (8) Outra (12)

HISTORIAL COMO TREINADOR

d.10. Há quantas épocas exerce a função de Treinador?

- 1 época (1) entre 6 e 7 (4) entre 11 e 12 (7)
 entre 2 e 3 (2) entre 8 e 9 (5) entre 13 e 14 (8)
 entre 4 e 5 (3) entre 10 e 11 (6) entre 15 e 20 (9)
 entre 21 e 25 (10)
 entre 25 e 30 (11)
 31 ou mais anos (12)

d.11.-Que habilitações literárias possui? Indique qual e o ano em que a terminou

Título académico	Ano
<input type="checkbox"/> Curso Superior, (1) qual?	
<input type="checkbox"/> Curso de Escola Profissional, (3) qual?	
<input type="checkbox"/> Curso de Formação Profissional (4) qual?	
<input type="checkbox"/> 12.º Ano, Ensino Secundário, (5) qual?	
<input type="checkbox"/> Escolaridade Obrigatória (6) qual?	
<input type="checkbox"/> Outra (7) qual?	

d.12. Qual o nível máximo de Formação de Treinadores concluído? Descreva-o, indique a entidade que o organizou e o ano em que o obteve.

	Ano		Ano
<input type="checkbox"/>		<input type="checkbox"/>	
<input type="checkbox"/> Não tem nenhum Curso (Passe à pergunta 14)			

d.13.- Indique o grau de adequação para exercer as suas funções de treinador dos conhecimentos e recursos que aprendeu nos CURSOS FEDERATIVOS de treinador. (marca a tua resposta com um x na casa correspondente a cada item:

Áreas de conhecimento	Nada adequados	Pouco adequado	Regular	Adequado	Muito adequados
Técnica – tática individual					
Meios coletivos (Tática)					
Fases e sistemas de jogo					
Preparação física					
Planificação e programação do treino					
Pedagogia / Metodologia					
Iniciação desportiva					
Psicologia desportiva					
Medicina desportiva					
Educação Física					
Novas tecnologias					

d.14. Possui Grau Académico relacionado com o Desporto? Indique o ano em que o concluiu.

Grau Académico	Ano
<input type="checkbox"/> Licenciado em Ciências da Atividade Física/desporto/Educação Física (1): - Opção ou Formação Especifica na sua Modalidade? (2) <input type="checkbox"/> S <input type="checkbox"/> N <input type="checkbox"/> S <input type="checkbox"/> N - Pediu Equivalência ao título de Treinador na Federação? (3)	
<input type="checkbox"/> Licenciado Ensino Básico – Variante Educação Física (4)	
<input type="checkbox"/> Ensino Secundário (12-º ano) com Formação Técnica Desporto, (5)	
<input type="checkbox"/> Outra (6). Qual?	

d.15.- Indique o grau de adequação para exercer as suas funções de treinador dos conhecimentos e recursos que aprendeu na sua FORMAÇÃO ACADÉMICA na modalidade. (marca a tua resposta com um x na casa correspondente a cada item:

Áreas de conhecimento	Nada adequados	Pouco adequado	Regular	Adequado	Muito adequados
Técnica – tática individual					
Meios coletivos (Tática)					
Fases e sistemas de jogo					
Preparação física					
Planificação e programação do treino					
Pedagogia / Metodologia					
Iniciação desportiva					
Psicologia desportiva					
Medicina desportiva					
Educação Física					
Novas tecnologias					

d.16. A quantos Cursos, Seminários ou Clínicas assistiu nos últimos dois anos?

A um Curso (1) Entre 4 e 5 Cursos (3) Mais de 7 (5)
 Entre 2 e 3 Cursos (2) Entre 6 e 7 Cursos (4) Nenhum (6)

d.17. Indique o âmbito dos Cursos a que assistiu. (Pode marcar várias respostas)

Técnica / Tática (1) Medicina Desportiva (5) Novas Tecnologias (8)
 Preparação Física (2) Pedagogia / Metodologia (6) Outros (9): _____
 Psicologia (3) Educação Física (7)
 Iniciação Desportiva (4)

REMUNERAÇÃO OU SUBSÍDIO POR TREINO OU DEDICAÇÃO

d.18. Recebe algum montante por treinar? S N

d.19. Recebe algum outro tipo de incentivo?..... S N

d.20. Recebe salário ou vencimento como Técnico Desportivo ou Treinador?..... S N

d.21.- Considera a compensação económica (ou em espécie) que recebe por treinar a sua equipa?

(1) Muito escassa ou nula (2) Escassa (3) Regular (4) Satisfatória (5) Muito satisfatória

d.22.Exerce a função de treinador em regime de exclusividade?..... S N

d.23. Se a sua dedicação não é exclusiva, a que outra coisa se dedica?

Estudo (1) Outro: _____
 Trabalho (2) ___(3)

d.24. Indique o número de horas semanais que dedica a treinar a sua equipa esta temporada?

Uma hora (1) Quatro horas (4) Sete horas (7)
 Duas horas (2) Cinco horas (5) Mais de Sete horas (8)
 Três horas (3) Seis horas (6)

d.25. Quantas sessões de treino tem a sua equipa por semana, habitualmente?

Uma sessão Quatro sessões Mais de seis sessões
 Duas sessões Cinco sessões Nenhuma sessão
 Três sessões Seis sessões

d.26. Quantos jogos faz a sua equipa por temporada, aproximadamente? (marcar com um x)

Menos de 10 De 21 a 25 De 36 a 40 De 51 a 55
 De 10 a 15 De 26 a 30 De 41 a 45 De 56 a 60
 De 16 a 20 De 31 a 35 De 46 a 50 Mais de 60

DADOS DA SUA EQUIPA

NOTA: A partir de agora responda às perguntas referindo-se sempre à equipa que treina.

d.27.- Que categoria treina atualmente, em função da idade?

Benjamin (1) Infantil (3) Juvenil (5) Sénior (7)
 Bambis (2) Iniciados (4) Júnior (6)

d.28.- Que categoria treina em função do género da equipa?

Masculina (1) Feminina (2) Misto (3)

d.29.-Em que tipo de Competição participa a sua equipa?

PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO - IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS

Escolar (1)

Distrital (2)

Divisão (3)

2ª Nacional (4)

1ª Nacional (5)

Divisão de Honra (6)

Liga/Elite (7)

Seleção
Regional/Distrital

Seleção Nacional (9)

Outras: _____
(10)

Outras: _____
(11)

Outras: _____

d.30.- Considera que a equipa que treina coloca problemas de disciplina durante os treinos?

(1) Nunca (2) Quase nunca (3) Às vezes (4) Quase sempre (5) Sempre

d.31.- Considera que a equipa que treina tem problemas de disciplina durante a competição?

(1) Nunca (2) Quase nunca (3) Às vezes (4) Quase sempre (5) Sempre

d.32.- Considera que a equipa que treina assimila os conteúdos dos treinos?

(1) Nunca (2) Quase nunca (3) Às vezes (4) Quase sempre (5) Sempre

d.33.- Considera que a equipa que treina aplica em competição os conteúdos aprendidos nos treinos?

(1) Nunca (2) Quase nunca (3) Às vezes (4) Quase sempre (5) Sempre

d.34.- Indique o valor, de 0 a 100, em que se situam os objetivos da modalidade no que diz respeito à equipa que treina (rodear com um círculo)

Educativo 0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100

Recreativo 0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100

Alto Rendimento 0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100

d.35. Tem ajudantes, adjuntos ou colaboradores na sua equipa?

SIM ⁽¹⁾ NÃO ⁽²⁾ AS VEZES ⁽³⁾ Não Sabe / Não responde ⁽⁴⁾

MEDIOS e INSTALACIONES QUE UTILIZA

d.36.- Assinale o grau de adequação e disposição dos meios e instalações rodeando com um círculo o valor que mais se ajuste

Muito adequados	Nada adequados
Material específico de desporto adaptado	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100
Material próprio do desporto	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100
Material musculação – ginásio	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100
Material para análise cinemática (vídeo.)	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100
Equipas informáticas para controle e análise do treino e competição	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100
Material tecnológico	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100
Pavilhão para treinar	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100
Pavilhão próprio para jogar	0 - 10 - 20 - 30 - 40 - 50 - 60 - 70 - 80 - 90 - 100

Certifique-se, por favor, que não deixou nenhuma pergunta sem resposta.

MUITO OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO

Pedro Rui Inês Pires

Anexo 8- Coaches' Orientation Questionnaire

QUESTIONÁRIO : Coaches' Orientation Questionnaire (COQ)

INSTRUÇÕES PARA RESPONDER AOS SEGUINTEs QUESTIONÁRIOS	
1. A seguir vamos-lhe apresentar quatro questionários.	
2. Leia atentamente o cabeçalho (em maiúsculas e negrito)	
3. Seguidamente leia atentamente cada item e rodeie com um círculo o valor que mais se ajuste com as suas preferências como treinador.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
4. Se se enganar marque com um "x" a resposta errada e rodeie com um círculo a resposta que julgue conveniente	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100
Por favor <u>responda a todos os itens o mais sinceramente possível</u>	OBRIGADO

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

	Totalmente em desacordo	Totalmente de acordo
1. Procurar meios e recursos materiais que melhorem o treino e abandonar os que não sirvam.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
2. Utilizar o discurso e a palavra como um meio para conduzir o treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
3. Criar nos jogadores um ambiente favorável à aceitação de novas tecnologias durante o treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
4. Inovar e procurar métodos e técnicas não habituais na minha modalidade.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
5. Analisar tudo até ao último detalhe de modo a eliminar todos os erros.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
6. Questionar os métodos de treino utilizados, procurando os mais perfeitos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
7. Dirigir pessoalmente todo o processo de treino.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
8. Ter jogadores que sigam fielmente as minhas instruções	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
9. Delegar funções e responsabilidades nos meus ajudantes	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
10. Planificar sozinho todo o processo de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

	Totalmente em desacordo											Totalmente de acordo
11. Inovar e experimentar na planificação do treino.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
12. Convencer os meus ajudantes através do diálogo sobre o melhor processo de treino a seguir.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
13. Fomentar um clima de treino onde todos saibam o que têm que fazer.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
14. Aplicar só métodos e técnicas de treino de reconhecida eficácia.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
15. Ter jogadores que sigam fielmente as minhas instruções.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
16. Dialogar com os jogadores de modo a favorecer a criação de um bom ambiente no grupo de trabalho.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
17. Utilizar meios e recursos materiais de cariz tecnológico	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
18. Ter jogadores com atitude crítica que analisem o seu trabalho e atitudes.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
19. Permitir que os meus ajudantes proponham coisas novas para o processo de treino	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
20. Provocar um clima de reflexão e análise do trabalho realizado	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
21. Envolver o jogador num clima receptivo às alternativas e novidades que lhe proponho.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
22. Ter ajudantes especialistas na utilização dos instrumentos que os avanços tecnológicos nos facilitam.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
23. Planificar o treino com o apoio da tecnologia	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
24. Convencer, através da palavra, ajudantes, jogadores, diretores, pais, das qualidades do projeto desportivo.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
25. Falar e convencer os jogadores sobre a planificação do treino	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
26. Expor aos meus ajudantes exatamente o que espero deles para que possam seguir as minhas instruções.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
27. Procurar e utilizar novos meios e recursos materiais para conduzir o treino.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	
28. Avaliar o processo de treino com a ajuda de instrumentos tecnológicos.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100	

NO DESEMPENHO DAS MINHAS FUNÇÕES COMO TREINADOR PREFIRO:

*PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO -
IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS*

	Totalmente em desacordo										Totalmente de acordo
29. Canalizar através dos meus auxiliares, se os tiver, a minha relação com os atletas.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
30. Ter auxiliares que analisem e reflitam sobre o processo de treino.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
31. Planificar, coordenando as capacidades de todo o corpo técnico.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
32. Fomentar um clima em que os jogadores se comuniquem inicialmente através dos meus auxiliares.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
33. Coordenar, com os meus auxiliares, a forma como vamos trabalhar durante os treinos.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
34. Ter jogadores que colaborem com as contínuas alternativas e inovações que se lhes propõem.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
35. Utilizar métodos e técnicas de treino apoiados em meios tecnológicos.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
36. Questionar criticamente o processo de planificação seguido.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
37. Utilizar a avaliação para fazer uma análise crítica do processo de treino.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
38. Dialogar com os jogadores de modo a convencê-los da utilidade da metodologia de treino empregue.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
39. Delegar funções nos meus auxiliares, se os tiver, e coordenar o seu trabalho.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
40. Utilizar meios e recursos materiais de eficácia comprovada para a minha modalidade.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
41. Coordenar com os meus auxiliares, se os tiver, a seleção e utilização de meios e recursos materiais.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
42. Ter jogadores que colaborem nas tarefas que realizamos com o auxílio de instrumentos e aparelhos tecnológicos.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
43. Inovar procurando novidades e alternativas para o processo de treino.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
44. Utilizar métodos alternativos e inovadores na avaliação do processo de treino.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
45. Utilizar o diálogo como meio de informação para avaliar o processo de treino.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100
46. Utilizar meios tecnológicos para a planificação, controle e avaliação do treino.	0	10	20	30	40	50	60	70	80	90	100

Anexo 9- Style Decision of Sport Questionnaire

QUESTIONÁRIO: *Style Decision of Sport Questionnaire (SDSQ)*.

Este questionário pretende recolher a opinião dos treinadores sobre o que fazem e pensam sobre o controle e a tomada de decisões no treino.

NO CONTROLE E/OU NA TOMADA DE DECISÕES DURANTE O TREINO E A COMPETIÇÃO GOSTO OU PREFIRO:

	Totalmente em	Totalmente desacordo de acordo
1. Estar em consenso com os jogadores sobre os objetivos a alcançar	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
2. Permitir que o jogador faça o que achar oportuno.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
3. Permitir que os jogadores expressem a sua opinião sobre as orientações pré-determinadas.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
4. Estabelecer pessoalmente os objetivos a alcançar	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
5. Deixar aos jogadores a responsabilidade das decisões sobre as estratégias a seguir	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
6. Não discutir nem ralhar com os jogadores para assim "ficar bem" com todos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
7. Tomar pessoalmente todas as decisões do processo de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
8. Deixar que os jogadores estabeleçam os seus próprios objetivos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
9. Tomar pessoalmente todas as decisões sobre o controle e a disciplina	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
10. Contar com a opinião dos jogadores na tomada de decisões	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
11. Que os jogadores façam exatamente o que lhes ordeno	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
12. Que os jogadores se impliquem no estabelecimento de normas para o controle da disciplina	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

Anexo 10- Planning Style of Sport Questionnaire

QUESTIONÁRIO: Planning Style of Sport Questionnaire (PSSQ)

Cerifique-se que respondeu a todos os itens. CONTINUE NA PÁGINA SEGUINTE COM O QUESTIONÁRIO PSSQ

Este questionário pretende averiguar como atuam os treinadores face às distintas circunstâncias ou situações que se lhe apresentam durante a planificação.

QUANDO PLANIFICO A TEMPORADA, OBJECTIVOS, METODOLOGÍA, SESSÕES E EXERCÍCIOS PREFIRO:

	Totalmente em	Totalmente desacordo de acordo
1. Modificar os objetivos em função dos acontecimentos que se vão produzindo	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
2. Modificar os exercícios e tarefas consoante os jogadores alcancem ou não o objetivo.	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
3. Não definir objetivos e adaptar-me às ocorrências	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
4. Modificar a sessão prevista se as circunstâncias o tornem necessário	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
5. Não modificar os exercícios previstos	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
6. Improvisar as sessões durante o treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
7. Improvisar os exercícios que se vão realizar	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
8. Não fazer alterações durante a sessão de treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
9. Não planificar no princípio da temporada e ir atuando conforme o que ocorra	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
10. Utilizar sempre a metodologia que estava prevista	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
11. Não modificar nada do que planifico no princípio da temporada	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
12. Manter os objetivos previstos até ao fim	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
13. Variar, se for necessário, a metodologia prevista	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
14. Utilizar a metodologia que me ocorra durante o treino	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	
15. Planear variações na planificação em função dos acontecimentos que se produzem durante a temporada	0 10 20 30 40 50 60 70 80 90 100	

Certifique-se que respondeu a todos os itens. OBRIGADO.

Anexo 11- Escala de Liderança no Desporto - Versão Auto-Perceção

ESCALA DE LIDERANÇA NO DESPORTO (ELD)**Versão Auto-perceção****P. CHELLADURAI & S.D. SALEH.**

Adaptação S. Serpa, P. Lacoste, I. Antunes, V. Pataco, F. Santos

Cada enunciado, descreve um comportamento específico que o treinador pode manifestar. Em cada um deles, existem cinco hipóteses de escolha:



NUNCA.



RARAMENTE (cerca de 25% das vezes)



OCASIONALMENTE (50% das vezes)





FREQUENTEMENTE (cerca de 75% das vezes)



SEMPRE

Indique, por favor, a sua preferência, colocando um "X", no espaço respetivo. Responda a todas as questões mesmo que hesite em certos casos. Note que isto não é uma avaliação do seu treinador atual, é a sua preferência pessoal que interessa marcar.

*PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO -
IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS*

EU, ENQUANTO TREINADOR,					
1. Procuo que os atletas obtenham o máximo rendimento					
2. Pergunto aos atletas as suas opiniões sobre as estratégias a utilizar em determinadas situações					
3. Auxílio os atletas nos seus problemas pessoais					
4. Felicito o atleta pelo seu bom resultado na presença de outros					
5. Explico a cada atleta os aspetos técnicos e tácitos do desporto praticado					
6. Planifico sem consultar os atletas					
7. Auxílio os membros do grupo a resolver os seus conflitos					
8. Presto atenção particular à correção dos erros dos atletas					
9. Obtenho a aprovação do grupo sobre questões importantes antes de prosseguir					
10. Informo o atleta quando ele tem uma boa execução					
11. Certifico-me que o meu papel de treinador na equipa é entendido por todos os atletas					
12. Não dou explicações sobre as minhas ações					
13. Zelo pelo bem-estar pessoal dos atletas					
14. Ensino individualmente as técnicas da modalidade					
15. Deixo os atletas participar na tomada de decisão					
16. Procuo que o atleta seja recompensado por um bom resultado					
17. Prevejo antecipadamente o que deve ser feito					
18. Encorajo os atletas a apresentar sugestões sobre o desenrolar dos treinos					
19. Presto favores pessoais aos atletas					
20. Explico a cada atleta o que este deve fazer e o que não deve fazer					
21. Deixo os atletas estabelecerem os seus próprios objetivos					
22. Exprimo o afeto que sinto pelos atletas					
23. Espero que cada atleta cumpra rigorosamente as suas tarefas					
24. Deixo os atletas executar à sua própria maneira mesmo que cometam erros					
25. Encorajo os atletas a confiar em mim					
26. Indico a cada atleta os seus pontos fortes e fracos					
27. Recuso qualquer tipo de compromisso					
28. Mostro a minha satisfação quando um atleta obtém um bom resultado					
29. Dou a cada atleta informações específicas sobre o que deverá ser feito em cada situação					
30. Peço a opinião dos atletas sobre aspetos importantes do treino					
31. Encorajo as relações amigáveis e informais com os atletas					

32. Procuo coordenar os esforços dos atletas					
33. Permito que os atletas trabalhem no seu próprio ritmo					
34. Mantenho uma distância na relação com os atletas					
35. Explico como a contribuição de cada atleta se integra nos objetivos gerais da equipa					
36. Convido os atletas para a minha casa					
37. Reconheço o mérito quando ele existe					
38. Explico detalhadamente o que se espera dos atletas					
39. Deixo os atletas decidir quais as tarefas a realizar durante um encontro					
40. Falo de forma a desencorajar perguntas					

Anexo 12- Escala de Liderança no Desporto – Versão Perceção

ESCALA DE LIDERANÇA NO DESPORTO (ELD)

Versão Perceção

P. CHELLADURAI & S.D. SALEH.

Adaptação S. Serpa, P. Lacoste, I. Antunes, V. Pataco, F. Santos

Cada enunciado, descreve um comportamento específico que o treinador pode manifestar. Em cada um deles, existem cinco hipóteses de escolha:



NUNCA.



RARAMENTE (cerca de 25% das vezes)



OCASIONALMENTE (50% das vezes)



FREQUENTEMENTE (cerca de 75% das vezes)



SEMPRE

Indique, por favor, a sua preferência, colocando um “X”, no espaço respetivo. Responda a todas as questões mesmo que hesite em certos casos. Note que isto não é uma avaliação do seu treinador atual, é a sua preferência pessoal que interessa marcar.

O MEU TREINADOR,					
1. Procura que os atletas obtenham o máximo rendimento					
2. Pergunta aos atletas as suas opiniões sobre as estratégias a utilizar em determinadas situações					
3. Auxilia os atletas nos seus problemas pessoais					
4. Felicita o atleta pelo seu bom resultado na presença de outros					
5. Explica a cada atleta os aspetos técnicos e táticos do desporto praticado					
6. Planifica sem consultar os atletas					
7. Auxilia os membros do grupo a resolver os seus conflitos					
8. Presta atenção particular à correção dos erros dos atletas					
9. Obtém a aprovação do grupo sobre questões importantes antes de prosseguir					
10. Informa o atleta quando ele tem uma boa execução					
11. Certifica-se que o seu papel de treinador na equipa é entendido por todos os atletas					
12. Não dá explicações sobre as suas ações					
13. Zela pelo bem-estar pessoal dos atletas					
14. Ensina individualmente as técnicas da modalidade					
15. Deixa os atletas participar na tomada de decisão					
16. Procura que o atleta seja recompensado por um bom resultado					
17. Prevê antecipadamente o que deve ser feito					
18. Encoraja os atletas a apresentar sugestões sobre o desenrolar dos treinos					
19. Presta favores pessoais aos atletas					
20. Explica a cada atleta o que este deve fazer e o que não deve fazer					
21. Deixa os atletas estabelecerem os seus próprios objetivos					
22. Exprime o afeto que sente pelos atletas					
23. Espera que cada atleta cumpra rigorosamente as suas tarefas					
24. Deixa os atletas executar à sua própria maneira mesmo que cometam erros					
25. Encoraja os atletas a confiar nele					
26. Indica a cada atleta os seus pontos fortes e fracos					
27. Recusa qualquer tipo de compromisso					
28. Mostra a sua satisfação quando um atleta obtém um bom resultado					
29. Dá a cada atleta informações específicas sobre o que deverá ser feito em cada situação					
30. Pede a opinião dos atletas sobre aspetos importantes do treino					
31. Encoraja as relações amigáveis e informais com os					








*PERFIL DE FORMAÇÃO E LIDERANÇA DE TREINADORES NA ÁREA DO DESPORTO ADAPTADO -
IMPLICAÇÃO NA AUTODETERMINAÇÃO E BEM-ESTAR DOS DESPORTISTAS*

atletas					
32. Procura coordenar os esforços dos atletas					
33. Permite que os atletas trabalhem no seu próprio ritmo					
34. Mantém uma distância na relação com os atletas					
35. Explica como a contribuição de cada atleta se integra nos objetivos gerais da equipa					
36. Convida os atletas para a sua casa					
37. Reconhece o mérito quando ele existe					
38. Explica detalhadamente o que se espera dos atletas					
39. Deixa os atletas decidir quais as tarefas a realizar durante um encontro					
40. Fala de forma a desencorajar pergunta					

Anexo 13- Behavioral Regulation in Sport Questionnaire

Behavioral Regulation in Sport Questionnaire (BRSQ)






Eu pratico o meu desporto...

	Discordo Totalmente 	Discordo Bastante 	Discordo 	Não Concordo, Nem Concordo 	Concordo 	Concordo Bastante 	Concordo Totalmente 
1) ... mas questiono-me por que razão continuo.	1	2	3	4	5	6	7
2) ... porque as pessoas me pressionam para praticar.	1	2	3	4	5	6	7
3) ... porque me sentiria culpado se desistisse.	1	2	3	4	5	6	7
4) ... porque os benefícios são importantes para mim.	1	2	3	4	5	6	7
5) ... porque é uma oportunidade para ser quem eu sou.	1	2	3	4	5	6	7
6) ... porque me dá prazer.	1	2	3	4	5	6	7
7) ... mas questiono-me por que razão me sujeito a isto.	1	2	3	4	5	6	7
8) ... para satisfazer todos aqueles que querem que eu pratique.	1	2	3	4	5	6	7
9) ... porque me sentiria envergonhado se desistisse.	1	2	3	4	5	6	7
10) ... porque valorizo os seus benefícios.	1	2	3	4	5	6	7
11) ... porque faz parte mim.	1	2	3	4	5	6	7
12) ... porque gosto.	1	2	3	4	5	6	7
13) ... mas as razões para tal já não são claras para mim.	1	2	3	4	5	6	7
14) ... porque me sinto pressionado por outras pessoas para praticar.	1	2	3	4	5	6	7
15) ... porque me sinto obrigado a continuar.	1	2	3	4	5	6	7
16) ... porque me ensina a ser autodisciplinado.	1	2	3	4	5	6	7
17) ... porque o que faço no desporto é uma expressão do que eu sou.	1	2	3	4	5	6	7
18) ... porque é divertido.	1	2	3	4	5	6	7
19) ... mas questiono-me se valerá a pena.	1	2	3	4	5	6	7
20) ... porque se não o fizer, as outras pessoas não ficarão satisfeitas comigo.	1	2	3	4	5	6	7
21) ... por me sentiria um falhado se desistisse.	1	2	3	4	5	6	7
22) ... porque é uma boa forma de aprender coisas que podem ser úteis na minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
23) ... porque me permite viver de acordo com os meus valores.	1	2	3	4	5	6	7
24) ... porque acho agradável.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo 14- Psychological Needs in Exercise Scale








Psychological Needs in Exercise Scale (BPNES)

Ao praticar o meu Desporto, geralmente...

	Discordo Totalmente 	Discordo 	Não Concordo, Nem 	Concordo 	Concordo Totalmente 
1) ... sinto que faço grandes progressos em relação ao(s) objectivo(s) que pretendo atingir.	1	2	3	4	5
2) ... sinto-me bem com os/as meus/minhas colegas de treino.	1	2	3	4	5
3) ... sinto que a forma como treino está de acordo com as minhas escolhas e os meus interesses.	1	2	3	4	5
4) ... sinto que realizo com sucesso as atividades dos treinos.	1	2	3	4	5
5) ... sinto que tenho uma relação amigável com os/as meus/minhas colegas de treino.	1	2	3	4	5
6) ... sinto que posso treinar da forma como pretendo.	1	2	3	4	5
7) ... sinto que o faço muito bem.	1	2	3	4	5
8) ... sinto que não tenho problemas em relacionar-me com os/as meus/minhas colegas de treino.	1	2	3	4	5
9) ... sinto que a forma como treino representa bem aquilo que eu quero fazer.	1	2	3	4	5
10) ... sinto que sou capaz de cumprir com as exigências dos treinos.	1	2	3	4	5
11) ... sinto que tenho uma relação de proximidade com o(a)s meus/minhas colegas de treino.	1	2	3	4	5
12) ... sinto que tenho a oportunidade de fazer escolhas em relação à forma como treino.	1	2	3	4	5

Anexo 15- Satisfaction with Life Scale





Satisfaction with Life Scale (SWLS)**Satisfação com a Vida**

	Discordo Totalmente	Discordo Bastante	Discordo	Não Concordo, Nem	Concordo	Concordo Bastante	Concordo Totalmente
							
1) Em muitos campos a minha vida está próxima do meu ideal.	1	2	3	4	5	6	7
2) As minhas condições de vida são excelentes.	1	2	3	4	5	6	7
3) Estou satisfeito com a minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
4) Até ao momento tenho alcançado as coisas importantes que quero para a minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
5) Se pudesse viver a minha vida de novo não mudaria quase nada.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo 16- Positive and Negative Affects Scale (PANAS)

Positive and Negative Affects Scale (PANAS)

De um modo geral, gostaríamos de saber como costuma sentir-se em cada uma das seguintes emoções, no seu dia-a-dia.

	Nada ou muito Ligeiramente	Um Pouco	Moderadamente	Bastante	Extremamente
					
1) Interessado(a)	1	2	3	4	5
2) Perturbado(a)	1	2	3	4	5
3) Excitado(a)	1	2	3	4	5
4) Preocupado(a)	1	2	3	4	5
5) Forte	1	2	3	4	5
6) Culpado(a)	1	2	3	4	5
7) Assustado(a)	1	2	3	4	5
8) Atento(a)	1	2	3	4	5
9) Zangado(a)	1	2	3	4	5
10) Entusiasmado(a)	1	2	3	4	5
11) Orgulhoso(a)	1	2	3	4	5
12) Irritado(a)	1	2	3	4	5
13) Alerta	1	2	3	4	5
14) Remorsos	1	2	3	4	5
15) Inspirado(a)	1	2	3	4	5
16) Nervoso(a)	1	2	3	4	5
17) Determinado(a)	1	2	3	4	5
18) Agitado(a)	1	2	3	4	5
19) Ativo(a)	1	2	3	4	5
20) Medo	1	2	3	4	5

Agradecemos a sua colaboração!

Anexo 17- Certificado Estância UBI

**Parecer do Orientador**

Eu, Daniel Almeida Marinho, Professor Associado com Agregação no Departamento de Ciências do Desporto da Universidade da Beira Interior, certifico que o estudante Pedro Rui Inês Pires, desenvolveu trabalho de investigação de acordo com a seguinte linha de pesquisa: “Perfil de Formação e Liderança do treinador de Desporto Adaptado, e implicação na autodeterminação dos atletas com deficiência Intelectual”, no âmbito do período de investigação do programa de Doutoramento em Ciências do Desporto, da Faculdade de Ciências de Desporto da Universidade da Extremadura, no período compreendido entre 1 e 29 de fevereiro de 2020. Mais se informa que o estudante cumpriu todas as tarefas previstas no programa de trabalhos proposto.

Covilhã e UBI, 13 de abril de 2020

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'DAM', is positioned above a horizontal line.

(Prof. Doutor Daniel Almeida Marinho)

Rua Marquês D'Ávila e Bolama
6201-001 Covilhã
Portugal
Tel.: +351 275 319 700 | E-mail: s.academicos@ubi.pt
www.ubi.pt

Anexo 18- Certificado Bioética 238/2019



**VICERRECTORADO DE INVESTIGACIÓN,
Y TRANSFERENCIA**

Campus Universitario
Avd^a de Elvas s/nº
06071 BADAJOZ

Tel.: 924 28 93 05
Fax: 924 27 29 83

NºRegistro: 238//2019

**D. JOÃO NUNO MEIRELES DA SILVA GONÇALVES RIBEIRO, SECRETARIO DE
LA COMISIÓN DE BIOÉTICA Y BIOSEGURIDAD DE LA UNIVERSIDAD DE
EXTREMADURA**

INFORMA: Que una vez analizada por esta Comisión, en su sesión celebrada el 18/12/2019, la solicitud de Proyecto de Tesis titulado “**Perfil de entrenamiento y liderazgo de entrenadores en el área de deporte adaptado-Implicación en la autodeterminación y el bienestar de los deportistas**”, cuyo Investigador Principal es D Pedro Ines Rui Pires, ha decidido por unanimidad, valorar positivamente el precitado proyecto por considerar que se ajusta a las normas éticas esenciales cumpliendo con la normativa vigente al efecto.

Y para que conste y surta los efectos oportunos firmo el presente informe.

MEIRELES DA
SILVA GONCALVES
RIBEIRO JUAN
NUNO -
088446425

Firmado digitalmente por MEIRELES
DA SILVA GONCALVES RIBEIRO JUAN
NUNO - 088446425
Nombre de reconocimiento (DN):
c=ES,
serialNumber=IDCES-088446425,
givenName=JUAN NUNO,
sn=MEIRELES DA SILVA GONCALVES
RIBEIRO, cn=MEIRELES DA SILVA
GONCALVES RIBEIRO JUAN NUNO -
088446425
Fecha: 2020.10.05 15:24:45 +01'00'

DE
FRANCISCO
MORCILLO
JAVIER -
28946338X

Firmado digitalmente por DE
FRANCISCO MORCILLO JAVIER -
28946338X
Nombre de reconocimiento
(DN): c=ES,
serialNumber=IDCES-28946338
X, givenName=JAVIER, sn=DE
FRANCISCO MORCILLO JAVIER -
28946338X
Fecha: 2020.10.05 18:26:14
+02'00'

V.º B.º

Fdo.: Javier de Francisco Morcillo
Presidente por delegación de la Comisión
de Bioética y Bioseguridad

Anexo 19- Pedido de Autorização SOP



- Pedido de autorização -

Exmo. _____

Assunto: Pedido de autorização para a realização de uma investigação subordinada ao tema: “Perfil de Formação e Liderança de Treinadores na Área do Desporto Adaptado – Implicação na Autodeterminação e Bem-estar dos Desportistas”

Eu, Pedro Rui Inês Pires, mestre em Atividade Física na especialidade de Desporto Adaptado, e aluno de doutoramento na Universidad de Extremadura, orientado pelo professor Doutor Sergio José Ibáñez Godoy e Professora Doutora Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita, venho por este meio, solicitar a autorização para a realização do estudo acima citado com os atletas e treinadores da sua instituição.

Este estudo tem como objetivo avaliar o perfil do treinador de desporto adaptado que trabalha com desportistas com DID, bem como o seu estilo de liderança. Para além dos aspetos mencionados, revela-se essencial perceber em que medida é que as premissas anteriores influenciam o grau de auto-determinação (satisfação das necessidades psicológicas básicas e motivação) e bem-estar subjetivo (satisfação com a vida e afetos positivos e negativos) dos atletas com deficiência intelectual.

Caso autorize, a recolha de dados será efetuada nos 6^{os} Jogos Regionais de Inverno do Special Olympics Portugal, onde serão utilizados inquéritos por questionário ao atletas e treinadores.

Assume-se o compromisso de total salvaguarda do anonimato tanto dos atletas, treinadores e instituição.

Adicionalmente, será apresentado um termo de explicação das condições de participação no estudo a todos os participantes, acompanhado de um termo de consentimento informado, no qual será, por nós, formalmente assumido o estrito cumprimento das regras de conduta ética em investigação.

Certo que compreenderá a pertinência desta investigação para nossa prática desportiva, agradeço desde já a atenção e disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos

Pedro Pires

Telefone: _____

E- mail: _____

_____ (local), _____ (dia e mês) de 20__

(assinatura)

Pedro Rui Inês Pires

Anexo 20- Consentimento Informado



- CONSENTIMENTO INFORMADO -

Eu _____
_____, como _____, aceito
participar no estudo de investigação “Perfil de Formação e Liderança de Treinadores na
Área do Desporto Adaptado – Implicação na Autodeterminação e Bem-estar dos
Desportistas” detidas pelos investigadores Sergio José Ibáñez Godoy, Maria Helena
Ferreira de Pedro Mesquita e Pedro Rui Inês Pires. Esta investigação respeita os
princípios éticos de acesso, consentimento informado, confidencialidade e anonimato
com os participantes

_____ (local), _____ (dia e mês) de 20__

(assinatura)